



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

MARIANA MAIA DA CRUZ FERNADES

**ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS DIALÓGICOS: A PRAÇA MATRIZ
O Caso da Praça Rui Barbosa, Bauru-SP**

BAURU
2019

MARIANA MAIA DA CRUZ FERNANDES

**ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS DIALÓGICOS: A PRAÇA MATRIZ
O Caso da Praça Rui Barbosa, Bauru-SP**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", câmpus de Bauru, como requisito final para a obtenção do título de Mestre.

Orientador(a): Prof^a Dr^a Rosío Fernández
Baca Salcedo

Coorientador: Prof. Dr. Marcelo Zárate

BAURU
2019

Fernandes, Mariana Maia da Cruz.
ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS DIALÓGICOS: A PRAÇA
MATRIZ: O caso da praça Rui Barbosa, Bauru-SP /
Mariana Maia da Cruz Fernandes, 2019
229f. : il.

Orientadora: Rosío Fernández Baca Salcedo
Coorientador: Marcelo Zárte

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação, Bauru, 2019

1. Ambiente físico. 2. Ambiente social. 3.
Ambiente Simbólico. 4. Praça matriz. I. Universidade
Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de Mariana Maia da Cruz Fernandes, discente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - Câmpus de Bauru.

Aos 29 dias do mês de abril do ano de 2019, às 14:00 horas, no(a) Sala de Reuniões Seção Técnica de Pós-graduação da FAAC, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. ROSIO FERNANDEZ BACA SALCEDO - Orientador(a) do(a) Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo / Unesp Câmpus de Bauru, Prof. Dr. NILSON GHIRARDELLO do(a) UNESP/Bauru / Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação, Professor Assistente Doutor JOSEPH MONTAÑOLA THORNBERG do(a) Departamento de Projectos Arquitectónicos / Universitat Politècnica de Catalunya, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE Mestrado de MARIANA MAIA DA CRUZ FERNANDES, intitulada **A PRAÇA MATRIZ DO DESUSO AO USO: ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS DIALÓGICOS O Caso da Praça Rui Barbosa, Bauru-SP**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


Profa. Dra. ROSIO FERNANDEZ BACA SALCEDO


Prof. Dr. NILSON GHIRARDELLO


Professor Assistente Doutor JOSEPH MONTAÑOLA THORNBERG

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe, Maria Lucília, que vibrou junto comigo com cada capítulo e etapas da pesquisa concluídos, mês a mês, durante esses dois anos de mestrado.

AGRADECIMENTOS

Na busca por um sonho distante e que de repente se tornou realidade, meus agradecimentos são muitos e tentarei elencá-los em uma ordem cronológica dos acontecimentos aos quais sou grata por hoje estar findando essa pesquisa de mestrado. Primeiramente sou grata a toda minha família, meus pais, irmã, marido, avô e principalmente minha falecida “vozinha” que fez questão de ler cada linha de meus trabalhos até onde ela pode, foram eles que nunca deixaram de me incentivar a buscar pelos meus objetivos de estudos. Ainda me referindo à família, sou grata à minha tia Paula, responsável por me apresentar o PPGARQ de Bauru e por me ajudar em diversos momentos, desde o período em que ainda cursava como aluna especial.

Agradeço à professora Rosio Salcedo, minha orientadora, por ter me aceito no programa de mestrado e ter me acompanhado por dois anos nesta pesquisa, apresentando todo um novo conhecimento extraordinário sobre a Arquitetura Dialógica, com boas discussões em nosso grupo de estudo, sendo a melhor parte o final de nossas reuniões, onde as guloseimas eram colocadas na mesa. E também, agradeço enormemente ao professor Marcelo Zárate, que aceitou o convite em ser meu coorientador e pode me conduzir (diria que com bastante paciência) durante a realização do método que propomos em nossa pesquisa.

Agradeço a todos os professores do PPGARQ aos quais pude ter o privilégio de assistir disciplinas e também aos que puderam me auxiliar em quaisquer dificuldades dentro do mestrado. Também agradeço a todos os funcionários da Seção de Pós e do DAUP, que nunca mediram esforços para tirar dúvidas e auxiliar em quaisquer eventos que participei e organizei.

Agradeço a todos os amigos que o mestrado me deu e a grande família “dialógica” que faço parte, pessoas tão queridas e que foram peças importantes para o meu caminhar nesses dois anos de mestrado. Agradeço com um carinho especial a Juliana Polidoro e ao Victor Lucredi que estiveram comigo diariamente durante um ano e meio.

E por fim, mas não menos importante, agradeço a todos os demais amigos que tenho em minha vida fora do mestrado, que sempre me apoiaram nesse percurso da pós-graduação e foram responsáveis por me incentivarem a continuar em frente mesmo nos momentos que achava que não conseguiria.

Muito obrigada a todos vocês, pessoas tão importantes, que fazem parte da minha história e contribuíram de diversas formas para o meu crescimento pessoal e profissional.

EPÍGRAFE

Sendo construída pelo homem segundo o próprio modelo e tendo como objetivo o atendimento de seus anseios objetivos e subjetivos, a qualidade das cidades não pode ser avaliada exclusivamente em função de eficiência de sua infra-estrutura, da vitalidade econômica ou do resultado de um conjunto bem elaborado de objetos artificiais. Sua importância reside, também e sobretudo, na relação afetiva com o cidadão, no significado de seus espaços e nas suas virtudes representativas da sociedade. Ela está vinculada aos valores do espírito, ao conjunto de tradições, de costumes, de sentimentos e de atitudes organizadas. Por ser humana, por excelência, é produtora de cultura, de conhecimento, de arte e de inteligência, assumindo, assim, o supremo encargo de representar o espírito da sociedade.

Paulo Casé, 2000, p.94.

RESUMO

As praças matrizes das cidades de médio porte do interior do estado de São Paulo, em geral, sofreram reformas diferenciadas daqueles referentes à sua gênese, alterando muitas vezes os usos dos grupos sociais, que podem muitas vezes qualificar ou desqualificar esses espaços públicos. Essas novas configurações quando valorizam a função da praça, a identidade e a memória das pessoas, acabam por propiciar os usos e permanências das mesmas; por outro lado, quando essa valorização não acontece, pode acarretar à pouca ou nenhuma permanência da população. O objetivo da pesquisa é identificar os ambientes físico, social e simbólico, e suas interrelações (conflitivas ou harmoniosas) da praça Rui Barbosa em Bauru, estado de São Paulo, na contemporaneidade, de forma a propor diretrizes projetuais para sua regeneração. Para a obtenção dos dados relativos à praça matriz foram realizadas pesquisas em acervos históricos, notícias de jornal e órgãos municipais; foi aplicado questionário, aprovado por comitê de ética, com a população (140 indivíduos, maiores de idade e usuários da praça matriz); e foram elaborados gráficos e esquemas apresentando a relação entre os ambientes físico-socio-simbólico. O método utilizado é do Urbanismo Ambiental Hermenêutico (ZÁRATE, 2014), visando o estudo do meio urbano e seu planejamento (projetos) como um campo interdisciplinar, diante da articulação de três ambientes: físico, social e simbólico, e suas relações. Sobre a praça Rui Barbosa foram realizados: a caracterização cronotópica (histórica e atual), o mapa heurístico, a relação hologramática dos elementos do mapa heurístico, as correspondências sócio-simbólicas, simbólico-físicas e congruências sócio-físicas, e por fim foram identificadas onze unidades ambientais. Como resultado, obtivemos: diretrizes (prefiguração de modelo projetual) para a requalificação das áreas identificadas como conflitivas de maneira a inserirmos três novas unidades ambientais na praça Rui Barbosa, elaboração do modelo exemplar com a existência das novas unidades ambientais e as interrelações sócio-física-simbólicas, e por fim, damos diretrizes em como proceder com um modelo de gestão para a obra de requalificação da praça. A pesquisa contribuiu tanto com os estudos dos espaços públicos urbanos de cidades de médio porte, como com os estudos do método do Urbanismo Ambiental Hermenêutico.

Palavras Chaves: ambiente físico; ambiente social; ambiente simbólico; praça matriz

RESUMEN

Las plazas matrices de las ciudades de mediano porte del interior del estado de São Paulo, en general, sufrieron reformas diferenciadas de aquellos referentes a su génesis, alterando muchas veces los usos de los grupos sociales, que a menudo pueden calificar o descalificar esos espacios públicos. Estas nuevas configuraciones cuando valoran la función de la plaza, la identidad y la memoria de las personas, acaban por propiciar los usos y permanencias de las mismas; por otro lado, cuando esa valoración no ocurre, puede acarrear a la poca o ninguna permanencia de la población. El objetivo de la investigación es identificar los ambientes físico, social y simbólico, y sus interrelaciones (conflictivas o armoniosas) de la plaza Rui Barbosa en Bauru, estado de São Paulo, en la contemporaneidad, para proponer directrices proyectivas para su regeneración. Para la obtención de los datos relativos a la plaza matriz se realizaron investigaciones en acervos históricos, noticias de periódico y órganos municipales; se aplicó cuestionario, aprobado por comité de ética, con la población (140 individuos, mayores de edad y usuarios de la plaza matriz); y se elaboraron gráficos y esquemas presentando la relación entre los ambientes físico-socio-simbólico. El método utilizado es del Urbanismo Ambiental Hermenéutico (ZÁRATE, 2014), visando el estudio del medio urbano y su planificación (proyectos) como un campo interdisciplinario, ante la articulación de tres ambientes: físico, social y simbólico, y sus relaciones. En la plaza Rui Barbosa se realizaron: la caracterización cronotópica (histórica y actual), el mapa heurístico, la relación hologramática de los elementos del mapa heurístico, las correspondencias socio-simbólicas, simbólico-físicas y congruencias socio-físicas, y por último fueron identificadas once unidades medioambientales. Como resultado, obtuvimos: directrices (prefiguración de modelo proyectual) para la recalificación de las áreas identificadas como conflictivas de manera a insertar tres nuevas unidades ambientales en la plaza Rui Barbosa, elaboración del modelo ejemplar con la existencia de las nuevas unidades ambientales y las interrelaciones socio-físicas-simbólicas, y por fin, damos directrices en cómo proceder con un modelo de gestión para la obra de recalificación de la plaza. La investigación contribuyó tanto con los estudios de los espacios públicos urbanos de ciudades de mediano porte, como con los estudios del método del Urbanismo Ambiental Hermenéutico.

Palabras Claves: ambiente físico; ambiente social; ambiente simbólico; plaza matriz

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Três dimensões significativas do lugar.	24
Figura 2: Tripla natureza do cronotopo sociofísico.	31
Figura 3: Ciclo Hermenêutico de Paul Ricoeur.	32
Figura 4: Relação entre texto e contexto – Praça Rui Barbosa.	33
Figura 5: Praças conformadas por uma via.	42
Figura 6: Praças conformadas por 2 vias.	43
Figura 7: Praças conformadas por 3 vias.	43
Figura 8: Praças conformadas por 4 vias.	43
Figura 9: Praças conformadas por 5 vias.	43
Figura 10: O Esquema Cognitivo de Mediação com o Ambiente a partir da Identidade de Lugar.	63
Figura 11: O Esquema Cognitivo de Mediação com o Ambiente a partir da Forma Urbana.	64
Figura 12: Definição de Lugar.	65
Figura 13: O Sistema de Esquemas Genéticos do Lugar.	68
Figura 14: Mapa Heurístico da Problemática.	74
Figura 15: Matriz para Identificar os Fatores da Problemática e sua Relação Hologramática de Dependência ou Autonomia.	75
Figura 16: Simbolismo das Atividades; Simbolismo dos Grupos; Simbolismo dos Cenários.	76
Figura 17: Combinação entre Simbolismos e Valorações.	76
Figura 18: Relação de Aceitação entre os Grupos Sociais.	77
Figura 19: Compatibilidade entre as Atividades Desenvolvidas.	77
Figura 20: Congruências e Incongruências entre Cenários e Atividades.	78
Figura 21: Correspondências Sócio-simbólicas.	79
Figura 22: Correspondências Simbólico-físicas.	79
Figura 23: Congruências Sócio-físicas.	79
Figura 24: Mapa de Sinergias (Modelo Exemplar).	81
Figura 25: a) Primeira doação de Bauru, 1884; b) Segunda doação de Bauru, 1893.	84
Figura 26: Planta Urbana de Bauru em 1896.	85
Figura 27: Praça Municipal, 1910.	86
Figura 28: Primeira Capela de Bauru, na Praça Municipal, 1913.	86
Figura 29: Linha do Tempo – primórdios de Bauru.	91

Figura 30: Crescimento Urbano de Bauru (1910 – 2010).	95
Figura 31: Grau de Urbanização de Bauru.	96
Figura 32: Nível de Coleta de Lixo de Bauru.	97
Figura 33: Nível de Abastecimento de Água de Bauru.	97
Figura 34: Nível de Esgoto Sanitário de Bauru.	97
Figura 35: IPRS – Dimensão de Riqueza de Bauru.	99
Figura 36: IPRS – 2014.	100
Figura 37: a) PIB de Bauru (2016); b) Trabalhos Formais de Bauru (2017).	100
Figura 38: Macrozoneamento de Bauru.	101
Figura 39: Áreas de Interesse Ambiental em Bauru.	102
Figura 40: Zoneamento de Bauru com detalhamento do Centro.	103
Figura 41: Localização da Praça Rui Barbosa no Centro de Bauru.	103
Figura 42: Uso e Ocupação do Solo do Entorno Imediato da Praça Rui Barbosa.	104
Figura 43: Localização dos Equipamentos de Saúde Coletivos.	107
Figura 44: Localização Equipamentos de Saúde Coletivos existentes no Centro.	108
Figura 45: Localização dos Estabelecimentos de Ensino no Centro de Bauru.	109
Figura 46: Produção e Atração das Viagens Coletivas em Bauru (período da manhã).	110
Figura 47: Mapa da Rede Proposta em 2014.	111
Figura 48: Igreja Matriz, 1947.	113
Figura 49: Redesenho da Autora - Projeto Implementado na Praça Municipal em 1914.	116
Figura 50: Gênese Praça Rui Barbosa – Cenário Físico.	117
Figura 51: Catedral de Bauru, 2018.	118
Figura 52: Gênese Praça Rui Barbosa – Ambiente Social.	121
Figura 53: Primeiro Cronotopo da praça Rui Barbosa.	122
Figura 54: Segundo Cronotopo da praça Rui Barbosa.	124
Figura 55: Possível projeto de restauração da praça Rui Barbosa, 1990.	127
Figura 56: Corte da praça Rui Barbosa, 1990.	127
Figura 57: Planta baixa reforma da praça Rui Barbosa, 1990.	128
Figura 58: Maquete para a reforma de 1991.	129
Figura 59: Projeto Paisagístico, (possivelmente 1990).	130
Figura 60: Terceiro Cronotopo da praça Rui Barbosa.	131
Figura 61: Praça Rui Barbosa em medição da Seplan antes da reforma de 2015.	132
Figura 62: a) Planta Baixa (2015) com informações de mobiliários urbanos da observação do pesquisador em 2018; b) Corte AA Esquemático.	135

Figura 63: Cenário Físico da praça Rui Barbosa, 2018.	140
Figura 64: Testadas das Quadras do Entorno Imediato da Praça Rui Barbosa.....	141
Figura 65: Nível de permanência e nível de passagem dos usuários na praça Rui Barbosa, 2018.	144
Figura 66: Faixa Etária dos Entrevistados.	147
Figura 67: Residentes em Bauru.	147
Figura 68: Cidade da Residência dos Visitantes.	147
Figura 69: Local de Moradia dos Visitantes da Praça Rui Barbosa Atualmente.	148
Figura 70: População que Frequenta a Praça Atualmente.	149
Figura 71: População que Frequentava a Praça antes de 1992.....	149
Figura 72: Motivo de NÃO Frequentar a Praça Atualmente.....	150
Figura 73: Motivo de NÃO Frequentar a Praça antes de 1992.	150
Figura 74: Motivo de Frequentar a Praça Atualmente.	151
Figura 75: Motivo de Frequentar a Praça antes de 1992.....	151
Figura 76: Atividades Realizadas na Praça Atualmente.	152
Figura 77: Atividades Realizadas na Praça antes de 1992.....	152
Figura 78: Dias em que a Praça é Frequentada Atualmente.	153
Figura 79: Dias em que a Praça era Frequentada antes de 1992.	153
Figura 80: Período Frequentado Atualmente.....	153
Figura 81: Período Frequentado antes de 1992.	153
Figura 82: Motivo do Horário de Visitação Atualmente.	154
Figura 83: Motivo do Horário de Visitação antes de 1992.	154
Figura 84: Atual Praça Agrada.....	154
Figura 85: Antes de 1992 Praça Agradava.	154
Figura 86: Motivos em Agradar (SIM) ou NÃO Atualmente.	155
Figura 87: Motivos em Agradar antes de 1992.	156
Figura 88: Memória.	157
Figura 89: Identidade.....	158
Figura 90: Expectativas.	160
Figura 91: Cenários da praça Rui Barbosa, 2018.....	161
Figura 92: Mapa Heurístico.	162
Figura 93: Unidades Ambientais do CE1.....	176
Figura 94: Mesas do Miranda’s.....	176
Figura 95: Ponto dos “Hippies”.	177
Figura 96: Mesas do Miranda’s e Ponto dos Hippies.	177

Figura 97: Ponto de Taxi.	178
Figura 98: Bancos de Madeira (1).	178
Figura 99: Unidades Ambientais do CE4.	179
Figura 100: Bancos de Madeira (2).	179
Figura 101: Ponto dos Taxistas.	180
Figura 102: Jardineiras Elevadas e proximidades.	181
Figura 103: Unidades Ambientais dos CE3 e CE6.	182
Figura 104: Ponto dos Camelôs.	182
Figura 105: Ponto do Carteadado e Passeio.	183
Figura 106: Panorâmica do CE3, com ênfase para os Camelôs (à esquerda) e o Ponto do Carteadado e Passeio (do centro à direita da imagem).	183
Figura 107: Barraca de Espetinhos.	184
Figura 108: Barraca de Lanches.	184
Figura 109: Primeiras Ideias para as Diretrizes de Requalificação.	190
Figura 110: Indicação de Mais Área Verde.	191
Figura 111: Indicação das Jardineiras a Serem Alteradas.	192
Figura 112: Indicação na Melhoria da Acessibilidade.	193
Figura 113: A Cidade com Oportunidades para a Criatividade.	194
Figura 114: Fontes Interativas da Petro Fontes.	195
Figura 115: Instalação e Funcionamento da Fonte Interativa.	196
Figura 116: A Montanha.	198
Figura 117: Espiral da Rui Barbosa.	199
Figura 118: Grafite em Árvore na praça Rui Barbosa.	200
Figura 119: Mural da Gentileza em Belo Horizonte – MG.	201
Figura 120: Praça Rui Barbosa Atualmente (a) e Proposta de Requalificação (b).	202
Figura 121: Proposta de Requalificação para a Praça Rui Barbosa.	203
Figura 122: Edificações nas Imediações da Praça Rui Barbosa com Potencial para Uso Misto.	205
Figura 123: Mapa de Sinergias das Unidades Ambientais da Praça Rui Barbosa.	207
Figura 124: Questionário de Opinião sobre a Praça Rui Barbosa.	229

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Correspondências entre os principais conceitos do culturalismo e do ambientalismo territorialista.	61
Tabela 2: Índices de crescimento de Bauru.	92
Tabela 3: Critério de Formação dos Grupos do IPRS.	99
Tabela 4: Identificação da praça Rui Barbosa pelo pesquisador, 2018.	134
Tabela 5: Levantamento quantitativo dos equipamentos e mobiliários da praça Rui Barbosa, 2018.	136
Tabela 6: Levantamento quantitativo estimado da vegetação da praça Rui Barbosa, com base na observação geral, 2018.	137
Tabela 7: Levantamento qualitativo dos equipamentos e mobiliários da praça Rui Barbosa, e também do uso da mesma, 2018.	137
Tabela 8: Atividades Sociais na praça Rui Barbosa durante manhã, tarde e noite, 2018.	143
Tabela 9: Fatores da Problemática e sua Relação Hologramática de Dependência ou Autonomia.	163
Tabela 10: Simbolismo das Atividades Realizadas na praça Rui Barbosa.	164
Tabela 11: Simbolismo dos Grupos Sociais Usuários da praça Rui Barbosa.	165
Tabela 12: Simbolismo dos Cenários da praça Rui Barbosa.	165
Tabela 13: Combinação Entre Simbolismos e Valorações.	166
Tabela 14: Relação de Aceitação entre os Grupos Sociais.	167
Tabela 15: Compatibilidade entre as Atividades Desenvolvidas.	168
Tabela 16: Congruências e Incongruências entre Cenários e Atividades.	169
Tabela 17: Correspondências Sócio-simbólicas.	170
Tabela 18: Correspondências Simbólico-físicas.	171
Tabela 19: Congruências Sócio-físicas.	171
Tabela 20: Identificação das Maiores Relações Sócio-simbólicas.	173
Tabela 21: Identificação das Maiores Relações Simbólico-físicas.	174
Tabela 22: Identificação das Maiores Relações Sócio-físicas.	175
Tabela 23: Características Físicas, Sociais e Simbólicas do “Mesas do Miranda’s”.	176
Tabela 24: Características Físicas, Sociais e Simbólicas do “Ponto dos Hippies”.	177
Tabela 25: Características Físicas, Sociais e Simbólicas do Ponto de Taxi.	178
Tabela 26: Características Físicas, Sociais e Simbólicas dos Bancos de Madeira (1).	178
Tabela 27: Características Físicas, Sociais e Simbólicas dos Bancos de Madeira (2).	179
Tabela 28: Características Físicas, Sociais e Simbólicas do Ponto dos Taxistas.	180

Tabela 29: Características Físicas, Sociais e Simbólicas das Jardineiras Elevadas e Proximidades.....	181
Tabela 30: Características Físicas, Sociais e Simbólicas do Ponto dos Camelôs.	182
Tabela 31: Características Físicas, Sociais e Simbólicas do Ponto dos Camelôs.	183
Tabela 32: Características Físicas, Sociais e Simbólicas da Barraca de Espetinhos. ..	184
Tabela 33: Características Físicas, Sociais e Simbólicas da Barraca de Lanches.	184
Tabela 34: Síntese dos Cronotopos da Praça Rui Barbosa.....	215
Tabela 35: Ficha de Identificação da praça.	226
Tabela 36: Ficha de Identificação dos Equipamentos / Mobiliários da Praça.	226
Tabela 37: Identificação da Vegetação da Praça.	227
Tabela 38: Estado de Conservação dos Mobiliários e Equipamentos e Qualidade do Uso da Praça.	227
Tabela 39: Atividades Sociais.....	228

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 DIÁLOGOS DA PAISAGEM CULTURAL DA PRAÇA MATRIZ NA CIDADE ENQUANTO MEIO URBANO CONSOLIDADO	20
1.1 DIALOGIA	20
1.1.1 Lugar	21
1.1.2 Cronotopo.....	28
1.2 CONTEXTO: A CIDADE ENQUANTO MEIO URBANO CONSOLIDADO.....	33
1.2.1 Gestão.....	35
1.3 TEXTO: PAISAGEM CULTURAL DA PRAÇA MATRIZ	38
1.3.1 Paisagem Cultural	39
1.3.2 Praça	41
1.3.3 Ambientes da Paisagem Cultural da Praça	44
1.3.3.1 <i>Ambiente Físico</i>	44
1.3.3.2 <i>Ambiente Social</i>	46
1.3.3.3 <i>Ambiente Simbólico</i>	47
1.4 URBANISMO AMBIENTAL HERMENÊUTICO	52
2 MÉTODO DO URBANISMO AMBIENTAL HERMENÊUTICO	70
2.1 FASE INTERPRETATIVA	70
2.1.1 Identificação do Contexto	70
2.1.2 Caracterização Cronotópica	71
2.1.2.1 <i>Caracterização do cenário contemporâneo</i>	71
2.1.2.2 <i>Caracterização do ambiente social contemporâneo</i>	72
2.1.2.3 <i>Caracterização do ambiente simbólico contemporâneo</i>	73
2.1.3 Mapa Heurístico	73
2.1.4 Relação Hologramática dos Elementos do Mapa Heurístico.....	74

2.1.5 Correspondências Sócio-simbólicas, Simbólico-físicas e Congruências Sócio-físicas	75
2.1.6 Unidades Ambientais.....	79
2.2 MODELO DE VISÃO OU CIDADE ANÁLOGA.....	80
2.2.1 Prefiguração de Modelo Projetual	80
2.2.2 Modelo Exemplar	80
2.2.3 Modelo de Gestão	81
3 CONTEXTO – ÁREA CENTRAL DE BAURU	82
3.1 FATOS HISTÓRICOS RELEVANTES	82
3.2 CRESCIMENTO URBANO DE BAURU	92
3.3 TERRITÓRIO E POPULAÇÃO.....	95
3.4 INFRAESTRUTURA URBANA.....	96
3.5 SOCIAL E ECONÔMICO	98
3.6 ZONEAMENTO - USO DO SOLO E PROTEÇÃO AMBIENTAL	101
3.7 EQUIPAMENTOS COLETIVOS	104
3.7.1 Saúde.....	104
3.7.2 Educação	108
3.7.3 Transporte	109
4 PRAÇA MATRIZ DE BAURU OU PRAÇA RUI BARBOSA.....	112
4.1 RECONHECIMENTO E CARACTERIZAÇÃO CRONOTÓPICA HISTÓRICA ..	112
4.1.1 Primeiro Cronotopo, Gênese – 1914 até década de 1970	113
4.1.2 Segundo Cronotopo – década de 1980 - 1990.....	123
4.1.3 Terceiro Cronotopo – década de 1990 - 2014.....	124
4.2 QUARTO CRONOTOPO – 2015 - 2019.....	132
4.2.1 Cenário Físico Contemporâneo.....	132
4.2.2 Ambiente Social Contemporâneo.....	141
4.2.3 Ambiente Simbólico Contemporâneo	146

4.2.4 Mapa Heurístico	160
4.2.5 Relação Hologramática dos Elementos do Mapa Heurístico.....	163
4.2.6 Correspondências Sócio-simbólicas, Simbólico-físicas e Congruências Sócio-físicas	164
4.2.7 Unidades Ambientais.....	172
5 PARÂMETROS PARA REQUALIFICAÇÃO	185
5.1 MODELO DE VISÃO OU CIDADE ANÁLOGA.....	185
5.1.1 Prefiguração de Modelo Projetual	189
5.1.1.1 <i>Mais área verde</i>	190
5.1.1.2 <i>Retirada das jardineiras elevadas</i>	192
5.1.1.3 <i>Maior acessibilidade</i>	193
5.1.1.4 <i>Fonte interativa</i>	193
5.1.1.5 <i>Atrativos para a família, crianças e jovens</i>	197
5.1.1.6 <i>Proposta Final para a praça Rui Barbosa</i>	201
5.1.1.7 <i>Paisagem urbana do entorno da praça</i>	204
5.1.2 Modelo Exemplar	206
5.1.3 Modelo de Gestão	208
5.1.3.1 <i>Desenvoltura com recursos captados</i>	208
5.1.3.2 <i>Planejamento prévio de todas as etapas da obra</i>	208
5.1.3.3 <i>Escolhas de pessoal especializado</i>	209
5.1.3.4 <i>Ensinamentos em canteiro de obras e fiscalização constante</i>	209
5.1.3.5 <i>Saúde, conforto e segurança</i>	209
5.1.3.6 <i>Educação patrimonial</i>	210
5.1.3.7 <i>Divulgação da obra</i>	210
5.1.3.8 <i>Registros digitais e físicos</i>	211
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	212
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	218

ACERVOS CONSULTADOS	222
HOMEPAGES ACESSADAS.....	224
IMAGEM EM MOVIMENTO	225
ANEXOS	226

INTRODUÇÃO

As praças matrizes das cidades de médio porte do interior do estado de São Paulo, em geral, apresentam atualmente uma configuração (projeto arquitetônico) e um uso social muito diferenciados daqueles referentes à sua gênese, que podem qualificar ou desqualificar esses espaços públicos. Essas novas configurações quando valorizam a função da praça, a identidade e a memória das pessoas, acabam por propiciar os usos e permanências das mesmas; por outro lado, quando essa valorização não acontece, pode acarretar a pouca ou nenhuma permanência da população.

A praça matriz é característica comum nas cidades brasileiras, lugares onde se iniciaram as formações urbanas, se manifestaram as expressões sociais, culturais, políticas e de identidade. Vários autores (MARX, 1980; ROBBA; MACEDO, 2003; ALEX, 2008) caracterizam as praças desde seu primeiro projeto, função e uso (gênese), e nos apresentam o percorrer histórico desses espaços até a contemporaneidade.

Diante disso, iniciamos a pesquisa a partir de alguns questionamentos: Por que os espaços públicos urbanos (em especial as praças matrizes) deixaram de ter a vivência de antigamente? Por que, atualmente, os espaços públicos urbanos são temidos pela maioria da população? Por que a praça matriz, “berço” das sociedades no interior paulista, estão em estado de degradação?

Dessa forma buscamos responder tais questionamentos com base na fundamentação teórica e filosófica de Muntañola (1995; 2006; 2009; 2010; 2011), Zárate (2014; 2015a; 2015b; 2015c; 2015d; 2018), Rapoport (2013), Bakhtin (1988; 1997), Ricoeur (2002; 2003), Salcedo et al (2015), dentre outros, que estudam a relação de um texto com seu contexto, ou seja, neste trabalho, a relação da praça matriz com a cidade e a gestão pública, desde seu cronotopo genético até seu cronotopo atual, segundo os ambientes: físico, social e simbólico.

Temos uma prévia hipótese de que a praça matriz perdeu sua função e valor com o decorrer dos anos, em partes, por função de requalificações ou remodelações que não condizem com o uso, necessidades e expectativas da população. Para buscarmos tais motivos é importante entendermos toda a trajetória desse espaço público, e principalmente, sua relação com a sociedade no decorrer desse mesmo arco temporal. Vale ressaltar que a sociedade não é estática, da mesma forma com

que mudam os costumes, mudam também os valores e a identidade dessa sociedade; estando assim o lugar (praça matriz) relacionado diretamente aos usos (ou não usos) contemporâneos.

Dessa forma podemos justificar a escolha em estudarmos a praça matriz de Bauru - São Paulo: primeiramente, escolhemos o tema praça matriz justamente pela importância desse espaço público para o crescimento das nossas cidades do interior paulista, que em sua gênese eram ponto de encontro de toda a população, caracterizando a vida social urbana; em segundo ponto, a escolha do município de Bauru, por ser uma cidade de médio porte e poder assim representar a grande parcela das cidades do interior paulista, podendo este estudo e método desenvolvidos serem aplicados às demais localidades.

O objetivo da pesquisa é identificar os ambientes físico, social e simbólico, e as interações (conflitivas ou harmoniosas) da praça Rui Barbosa em Bauru, estado de São Paulo, na contemporaneidade, de forma a propor diretrizes projetuais para sua regeneração.

O método utilizado é do Urbanismo Ambiental Hermenêutico desenvolvido por Marcelo Zárate (2014), que visa o estudo do meio urbano e seu planejamento (projetos) como um campo interdisciplinar, diante da articulação de três ambientes: físico, social e simbólico. Com a finalidade de chegar ao objetivo desta pesquisa, como suporte aos estudos realizados acerca do método do Urbanismo Ambiental Hermenêutico, demais bibliografias foram também utilizadas: para o levantamento quantitativo dos equipamentos e estruturas existentes (ANGELIS; CASTRO; NETO, 2004); para o levantamento qualitativo (conservação e uso) dos equipamentos e estruturas existentes (ANGELIS; CASTRO; NETO, 2004); e avaliação das atividades sociais (GEHL, 2010). E também, para obtermos os dados relativos à praça matriz foram realizadas pesquisas em acervos históricos, notícias de jornais e pesquisas em órgãos municipais; foi aplicado questionário com a população, aprovado por comitê de ética (140 indivíduos, maiores de idade); e foram elaborados gráficos, esquemas e matrizes apresentando a relação entre os ambientes físico-socio-simbólico.

Nossa pesquisa apresenta seis capítulos:

- O primeiro capítulo, DIÁLOGOS DA PAISAGEM CULTURAL DA PRAÇA MATRIZ NA CIDADE ENQUANTO MEIO URBANO CONSOLIDADO – onde mostramos a relação da praça matriz (texto) com a cidade de Bauru (contexto), definindo assim o estudo dialógico,

e apresentando o conceito de lugar, o que são os cronotopos, apresentando a gestão, conceito de paisagem cultural, a percurso histórico das praças brasileiras, e os ambientes (físico social e simbólico) da paisagem cultural da praça. O urbanismo ambiental hermenêutico, onde traçamos o percurso do urbanismo nas cidades latino-americanas e suas problemáticas, até o conhecimento de um urbanismo apropriado e sustentável para nossas cidades (Zárate, 2014).

- O segundo capítulo, MÉTODO DO URBANISMO AMBIENTAL HERMENÊUTICO – onde detalhamos todos os momentos da pesquisa, desde as coletas de dados até as formas de avaliação dos mesmos, proposto por Zárate (2014); sendo estes momentos: a identificação dos ambientes físico, social e simbólico, e então do ambiente físico-socio-simbólico da praça Rui Barbosa, a caracterização cronotópica, as relações hologramáticas da problemática, o modelo organizativo funcional dos grupos sociais, o modelo metafórico ou simbólico interpretativo, o mapa heurístico da problemática, as correspondências sociosimbólicas e congruências sociofísicas, a determinação das unidades ambientais, o modelo morfológico, a prefiguração de modelo projetual, a formulação de hipóteses projetuais e a articulação estratégica dos recursos.
- O terceiro capítulo, CENTRO URBANO CONSOLIDADO DE BAURU – onde apresentamos a praça matriz de Bauru segundo cada um dos momentos apresentados no método.
- O quarto capítulo, PRAÇA MATRIZ DE BAURU OU PRAÇA RUI BARBOSA – onde realizamos o reconhecimento cronotópico histórico da praça, em seus ambientes físico, social e simbólico; e, principalmente identificamos o cronotopo atual da mesma através da aplicação do método do urbanismo ambiental hermenêutico apresentado.
- O quinto capítulo, PARÂMETROS PARA REQUALIFICAÇÃO – diante de tudo o estudado e avaliado através do método, temos condições de traçar uma proposta coerente para a requalificação da praça, de forma a prezar pelos usos e pela identidade da população.

- O sexto capítulo, CONSIDERAÇÕES FINAIS – respondemos então ao objetivo proposto e aos questionamentos delineados acerca a praça matriz de Bauru sob o método do Urbanismo Ambiental Hermenêutico.

1 DIÁLOGOS DA PAISAGEM CULTURAL DA PRAÇA MATRIZ NA CIDADE ENQUANTO MEIO URBANO CONSOLIDADO

Neste primeiro momento abordaremos: a dialogia, com os conceitos de lugar e cronotopo; o contexto, tratado como o meio urbano consolidado; o texto, tratado como a paisagem cultural da praça matriz, com o conceito de paisagem cultural e apresentação dos ambientes da paisagem cultural (físico, social e simbólico); e por fim, abordaremos o urbanismo ambiental hermenêutico.

1.1 DIALOGIA

Para iniciarmos nosso trabalho, antes mesmo de mencionarmos a praça matriz, precisamos entender o que é a dialogia, ou estudo dialógico, que literalmente provém de diálogo. A dialogia de uma obra segundo Bakhtin (1997) é a relação entre o projeto, a sua leitura e o seu contexto; Muntañola (2006, p. 65) expressa a dialogia como “[...] las relaciones entre el cuerpo y la arquitectura [que] tienen una relación cronotópica, fenomenológica, descrita por Bajtín y teorizada por Pierre Kaufmann, Paul Ricoeur, Edmund Husserl y todos los autores aquí citados”¹. Muntañola (2006, p. 63-64) ainda cita Holquist² ao dizer:

[...] la noción «arquitectónica» está indisolublemente unida a la de «contestabilidad» («conversabilidad») (*answerability*), o sea, a la capacidad de dirigirse a alguien o a algo desde otro alguien u otro algo. Esta capacidad de «dirigirse a» (*to address*) es esencial en la teoría dialógica del «conversar» (*con-versar*) que presupone una intención de dirigirse, de comunicar, no «individual», sino «social»³

¹ [...] as relações entre o corpo e a arquitetura [que] têm uma relação cronotópica, fenomenológica, descrita por Bakhtin e teorizada por Pierre Kaufmann, Paul Ricoeur, Edmund Husserl e todos os autores aqui citados (MUTAÑOLA, 2016, p. 65; tradução nossa).

² Em: *Art and Answerability*, p. 267, Texas University Press, 1990.

³ [...] a noção «arquitectónica» está indissoluvelmente unida a de «contestabilidade» («conversabilidade») (*answerability*), ou seja, a capacidade de dirigir-se a alguém ou algo desde outro alguém ou outro algo. Esta capacidade de «dirigir-se a» (*to address*) é essencial na teoria dialógica do «conversar» (*com-versar*) que pressupõe uma intenção de dirigir-se, de comunicar, não «individual», mas «social» (HOLQUIST, 1990 apud MUTAÑOLA, 2006, p. 63-64; tradução nossa).

Salcedo et al (2015, p. 235) também menciona sobre o estudo dialógico:

O método dialógico apresenta-se como um processo de reflexão para o campo disciplinar da arquitetura, como pressuposto projetual marcado pela importância simbólica do conceito de lugar como resultado das expressões sociais, históricas, culturais, políticas, econômicas da sociedade e da interpretação desse contexto e da própria arquitetura (o texto). [...]

A aplicação do método dialógico na arquitetura possibilita a reflexão e interpretação do passado e do presente, na busca de um futuro melhor para todos os cidadãos, propondo uma vida com bem-estar, beleza e segurança, ou seja, uma arquitetura de qualidade.

Portanto, a dialogia é a relação do texto ou objeto de estudo com seu contexto (SALCEDO et al, 2015, p. 228 e 229). O objeto de estudo nesta pesquisa é a paisagem cultural da praça matriz Rui Barbosa, e seu contexto é a cidade de Bauru e gestão. Da maneira mais concisa que conseguimos nos expressar, entendemos então que o estudo dialógico se dá na **relação de um texto com o seu contexto**, tendo sempre em mente que ambos são variáveis.

O texto ou objeto de estudo é uma variável dependente, pois “[...] sua manifestação ou alteração (quantitativa ou qualitativa) decorre da participação de outra variável, ou seja, depende de outra variável” (VOLPATO, 2014, p. 71), a preservação ou alteração da praça matriz Rui Barbosa depende de seu contexto, mais especificamente das categorias sociais, culturais e da gestão. Assim, o contexto torna-se uma variável independente porque interfere na variável dependente.

1.1.1 Lugar

Por ser um lugar de intensa concentração de múltiplas atividades urbanas e o cerne no qual se produzem todas as formas do saber-arte, ciência e cultura, a cidade é a obra do homem que se distingue pela alta complexidade que encerra, que é composta por insumos objetivos e subjetivos (CASÉ, 2000, p. 44).

A discussão acerca do lugar é profunda e teve grandes divergências entre os pensadores de nosso mundo ao longo do tempo. Muntañola (1995) traça esse percurso de pensamento, apresentando o lugar de diversas maneiras, no entanto abordaremos aqui apenas três: **“a lógica da noção de lugar”**, **“a noção sociofísica do lugar”** e **“lugares simbólicos”**.

A **lógica da noção de lugar** segundo Aristóteles (apud Muntañola, 1995), o lugar não é uma forma e nem uma matéria, é um intervalo corporal que pode ser ocupado por diversos corpos físicos.

Así, el lugar se identifica con la *noción de contacto como límite de dos cuerpos en afinidad*, determinándose un equilibrio, por lo demás variable, y cada vez más difuso como noción a medida que nos alejamos de nuestra escala humana y nos sumergimos en el espaciotiempo gravitatorio o en el atómico elemental (MUNTAÑOLA, 1995, p. 25)⁴.

Para Platão, o lugar não se identifica como percepção e nem como razão. “Por lo tanto afirmo que: el ser, la generación y el espacio (la razón, la percepción y el espacio) existen de tres modos diferentes ante el cielo” (PLATÃO apud MUNTAÑOLA, 1995, p. 25)⁵. Já para Hegel, o espaço e o tempo não existem separadamente, “La negatividad del espacio es el tiempo, y gracias a este tiempo podemos construir en el espacio” (MUNTAÑOLA, 1995, p. 26)⁶.

Diante disso, Muntañola (1995, p. 31) conclui que a lógica do lugar nada mais é do que a relação do homem e o ambiente em cada época, apresentando uma estrutura dialética entre razão e história: “[...] la lógica del lugar marca siempre la medida bajo la cual la humanidad es capaz de representarse a sí misma. Y así empezamos a estar muy cerca del corazón de la arquitectura como lugar para vivir”⁷.

Muntañola (2009) salienta também que a razão do lugar tem seu início na percepção de que o lugar é oposto à história, e que somos nós humanos a ponte de ligação entre ambos, “*Sin el lugar [...] se rompe la razón entre la historia y el sujeto*; el lugar permite al sujeto navegar por la historia y permite a la historia «situar» al sujeto” (MUNTAÑOLA, 2009, p. 17)⁸, o autor afirma que essas três instâncias (sujeito, história e lugar), quando juntas, tem a capacidade de multiplicar e desenvolver, enquanto que separadas perecem de inanição.

Na **noção sociofísica do lugar**, o lugar é tido como acontecimento, segundo Muntañola (1995), Heidegger relaciona os termos “na mão” e “ante os olhos” de maneira a conceituar o “habitar”:

[...] el habitar de Heidegger sólo puede desarrollarse si: se construye desde el habitar y se piensa por el hecho de habitar. Con esta frase el mismo autor

⁴ Assim, o lugar se identifica com a *noção de contato como o limite de dois corpos em afinidade*, determinando um equilíbrio, de outra forma variável, e cada vez mais difuso como uma noção à medida que nos afastamos de nossa escala humana e nos submergimos no espaço-tempo gravitacional ou no atômico elementar (MUNTAÑOLA, 1995, p. 25; tradução nossa).

⁵ Por tanto afirmo que: o ser, a geração e o espaço (razão, percepção e espaço) existem de três maneiras diferentes perante o céu (PLATÃO apud MUNTAÑOLA, 1995, p. 25; tradução nossa).

⁶ A negatividade do espaço é o tempo, e graças a este tempo podemos construir no espaço (MUNTAÑOLA, 1995, p. 26; tradução nossa).

⁷ [...] a lógica do lugar marca sempre a medida sob a qual a humanidade é capaz de representar a si mesmo. E assim começamos a estar muito próximos do coração da arquitetura como lugar para se viver (MUNTAÑOLA, 1995, p. 32; tradução nossa).

⁸ *Sem o lugar [...] se rompe a razão entre história e sujeito*; o lugar permite ao sujeito navegar pela história, e permite à história situar o sujeito (MUNTAÑOLA, 2009, p. 17; tradução nossa).

nos ha indicado una aplicación a la arquitectura como lugar de su paradigma esencial del '*desalejar construyendo*', y del '*privilegiar pensando*', los cuales se estructuran simultáneamente en el 'habitar' (MUNTAÑOLA, 1995, p. 35)⁹.

Muntañola (1995) ressalta que Kaufmann acrescenta maior complexidade aos ditos de Heidegger, para Kaufmann dois corpos não ocupam simultaneamente o mesmo lugar, dessa forma:

[...] el lugar comunica en la 'ausencia del otro', o sea, en el silencio de la emoción. Hay que recordar que 'el otro' es aquí una categoría filosófica que tanto puede significar otra persona o yo en cuanto otro, o yo viéndome a mí mismo en otro tiempo, o en otro lugar (MUNTAÑOLA, 1995, p. 36)¹⁰.

À vista disso, Muntañola (1995) expõe a noção sociofísica do lugar como uma síntese progressiva entre acontecimento e estrutura, onde o meio físico e o meio social se relacionam, formando o lugar sociofísico, que é composto por três polaridades (dimensões significativas do lugar): habitar-falar (**A**); meio físico-meio social (**B**); figurar-conceituar (**C**).

A dimensão significativa **A** é todo processo comunicativo, está sempre em movimento (do espaço ao tempo e do tempo ao espaço). A dimensão significativa **B** tem um significado situacional (emocional ou simbólico – individual ou coletivo), que observa o tempo sobre um espaço fixo, a “forma” do lugar. A dimensão significativa **C** tem um significado formal (sintático ou semântico), uma importância lógica, apresentando um equilíbrio entre **A** e **B**, devendo identificar movimentos e lugares. “Ahora, las tres significaciones cumplen el mismo papel si las equiparamos a la historia, al lugar como situación y a la razón progresivamente integrada en las diferentes estructuras o sistemas comunicativos existentes en una cultura” (MUNTAÑOLA, 1995, p. 44)¹¹.

⁹ [...] o habitar de Heidegger só pode desenvolver se: for construída desde o habitar e for pensada pelo fato de habitar. Com esta frase o mesmo autor nos tem indicado uma aplicação da arquitetura como lugar de seu paradigma essencial do '*desafastar construindo*', e do '*privilegiar pensando*', os quais se estruturam simultaneamente o 'habitar' (MUNTAÑOLA, 1995, p. 35; tradução nossa).

¹⁰ O lugar comunica na “ausência do outro”, ou seja, no silêncio da emoção. Tem de recordar que “o outro” é aqui uma categoria filosófica, que tanto pode significar outra pessoa ou eu enquanto outro, ou eu vendo a mim mesmo em outro tempo, ou em outro lugar (MUNTAÑOLA, 1995, p. 36; tradução nossa).

¹¹ Agora, as três significâncias cumprem o mesmo papel se as equiparmos à história, ao lugar como situação e à razão, progressivamente integrada nas diferentes estruturas ou sistemas comunicativos existentes em uma cultura (MUNTAÑOLA, 1995, p. 44; tradução nossa).

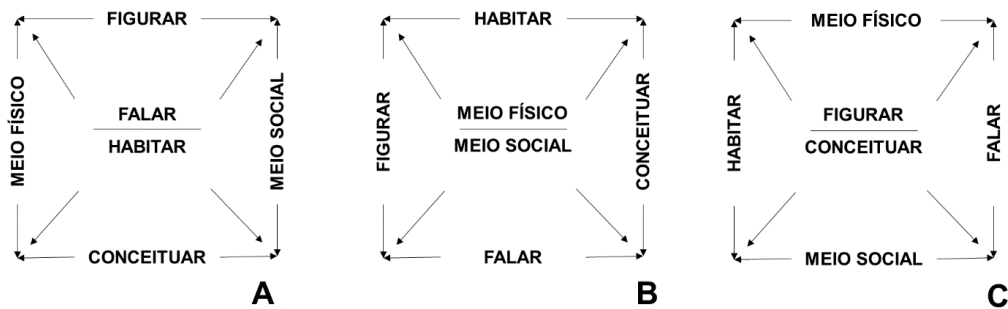


Figura 1: Três dimensões significativas do lugar.
 Fonte: MUNTAÑOLA, 1995, p. 43; tradução nossa.

Sobre a interpretação sociofísica do lugar, Muntañola (1995) ressalta que esta se estrutura de várias maneiras simultâneas, porém se equilibram duas a duas de três maneiras:

a) Cruzando el hablar y el habitar el lugar toma la forma de itinerarios sociofísicos, en los cuales los hechos físicos exteriores e interiores al cuerpo están relacionados 'a priori' en el relato mítico del hablar, transmitido oralmente de generación a generación. b) Cruzando el medio físico y el medio social el lugar toma forma de un campo funcional radiante, en el que las líneas de fuerza son las formas físicas del lugar, a la vez, los posibles itinerarios funcionales que permite este lugar. Estas líneas de fuerza expresan el orden y la jerarquía sociofísica que tiene el lugar, o si se quiere, su poder simbolicorreal y, ao mismo tiempo, emocional. c) Por último, el lugar puede estructurarse cruzando la conceptualización y la figuración en busca de un constante e inalcanzable equilibrio lógico entre la inteligibilidad conceptual y la figurativa en el lugar, y entre 'itinerancia' y 'radiancia' (MUNTAÑOLA, 1995, p. 55)¹².

Em referência ao lugar sociofísico, Magnaghi (2011, p. 58) menciona a existência do processo de desterritorialização, ou seja, quando acontece uma liberação progressiva dos limites territoriais de um determinado lugar ignorando a relação entre povoamento humano e ambiente, sendo que é esta relação a responsável por edificar os lugares e gerar a própria história do lugar.

La «liberación» de territorio consiste, por tanto, en no basar el poblamiento en la tradicional relación sostenible entre una sociedad establecida en un territorio y su ambiente, que es al mismo tiempo subsuelo, suelo, vegetación, agua, clima, luz, colores, y sabores que interaccionan de un modo no

¹² a) Cruzando o falar e o habitar, o lugar toma forma de itinerários sociofísicos, nos quais os acontecimentos físicos exteriores e interiores ao corpo estão relacionados 'a priori' no relato mítico do falar, transmitido oralmente de geração para geração. b) Cruzando o meio físico e o meio social, o lugar toma forma de um campo funcional radiante, no qual as linhas de força são as formas físicas do lugar, por sua vez, possíveis itinerários funcionais que este lugar permite. c) Por último, o lugar pode estruturar-se cruzando a conceituação e a figuração, em busca de um constante e inalcançável equilíbrio lógico entre a inteligibilidade conceitual e a figurativa no lugar, e entre 'itinerância' e 'radiância' (MUNTAÑOLA, 1995, p. 55; tradução nossa).

determinista pero constante con los materiales de construcción, los estilos de vida, las economías y las culturas (MAGNAGHI, 2011, p. 58)¹³.

A fragmentação entre a cidade e seu contexto vivo (sociedade) acaba por interromper os processos de produção e reprodução da paisagem, ou seja, a identidade; como por exemplo, o domínio das funções econômicas em virtude da ocupação espacial, que transforma o território em uma questão objetiva (MAGNAGHI, 2011, p. 59).

De este modo, la conurbación metropolitana deposita sus funciones (descentralizadas y difusas) como meteoritos que sepultan todo lo que queda debajo: el territorio de los lugares, de la comunidad, de la toponimia, del *genius loci*, de la cultura y de la lengua locales, de los estilos de vida, de los modelos culturales, etc. Establece una suerte de «topofagia» (la metrópoli engulle los lugares), que es complementada con un número creciente de prótesis temáticas que permiten viajes y paisajes imaginarios (MAGNAGHI, 2011, p. 59)¹⁴.

E sobre os **lugares simbólicos**, Muntañola (1995) discorre que é a definição de um lugar (sociofísico) em meio à natureza, onde “El simbolismo del espacio está más influido por la forma de la tierra natural que por los hechos técnicos-sociales” (MUNTAÑOLA, 1995, p. 48)¹⁵. Sendo assim, “La definición de lugar se consigue gracias a la coincidencia del lugar simbólico mítico y el espacio-tiempo físico natural” (MUNTAÑOLA, 1995, p. 49)¹⁶. Resumindo tudo o que foi abordado anteriormente, temos o conceito de lugar inferido por Muntañola:

El lugar en sí y la arquitectura no serían, así, más que un encuentro permanente entre este vaciarse y este llenarse, en el que coinciden, se ven y se tocan, nuestra intención física (esto y aquello, hoy u mañana) y nuestra alteridad social (yo-tú-el, hoy y mañana). Desde este punto de vista el lugar humano es un signo constante de reconciliación sócio-física no sólo de razones, sino también de emociones (MUNTAÑOLA, 1995, p. 57)¹⁷.

¹³ A «liberação» do território consiste, portanto, em não basear o povoamento na tradicional relação sustentável entre uma sociedade estabelecida e um território e seu ambiente, que ao mesmo tempo é subsolo, solo, vegetação, água, clima, luz, cor, e sabores que inter-relacionam de um modo não determinista mas constante com os materiais de construção, os estilos de vida, as economias e a cultura (MAGNAGHI, 2011, p. 58; tradução nossa).

¹⁴ Deste modo, a conurbação metropolitana deposita suas funções (descentralizadas e difusas) como meteoritos que enterram tudo o que resta abaixo: o território dos lugares, a comunidade, a toponimia, o *genius loci*, a cultura e a língua local, os estilos de vida, modelos culturais, etc. Estabelece uma espécie de «topofagia» (a metrópole engole lugares), que é complementada por um número crescente de próteses temáticas que permitem viagens e paisagens imaginárias (MAGNAGHI, 2011, p. 59; tradução nossa).

¹⁵ O simbolismo do espaço está mais influenciado pela forma natural da terra do que pelos feitos técnicos-sociais (MUNTAÑOLA, 1995, p. 48; tradução nossa).

¹⁶ A definição de lugar se consegue graças à coincidência do lugar simbólico mítico e o espaço-tempo físico natural (MUNTAÑOLA, 1995, p. 49; tradução nossa).

¹⁷ O lugar e a arquitetura não seriam, assim, mais do que um encontro permanente entre um esvaziar-se e um preencher-se no qual coincidem, se veem e se tocam, nossa intenção física (isto e

Tuan (2013, p. 11), ao relacionar espaço e lugar ressalta que o lugar, para nós humanos, é tido como a segurança, enquanto que o espaço é tido como a liberdade. Um lugar, para assim o tornar, precisa ser dotado de significados. Em consonância, Rapoport (2003, p. 48) afirma que “Es importante puntualizar que un lugar no es lo mismo que un espacio. Un espacio puede ser multiambiental, es decir, contener diferentes ambientes, o lugares al mismo tiempo” (RAPOPORT, 2003, p. 48)¹⁸, e ainda relata que essa multiplicidades de lugares podem vir a converter-se em outros com o decorrer do tempo.

Para exemplificarmos a assertiva de Rapoport, tomemos como exemplo uma cidade, qualquer que seja ela, podemos afirmar que é um espaço composto por um sistema de lugares. Isso porque durante o surgimento dessa cidade (tida como um espaço), houve uma estação ferroviária, uma praça matriz, uma câmara, etc. (ou seja, um sistema de lugares para compor uma cidade); e ainda, com o decorrer do tempo, esses lugares iniciais podem ter sofrido transformações dando vez à outros lugares, como por exemplo um museu no local da antiga estação ferroviária, ou uma agência bancária no local da antiga câmara, da mesma maneira que podem ter surgido novos lugares em decorrência do crescimento da cidade. Esse cruzamento entre tempo e espaço é onde se desenvolve a dialogia, é onde se articula o tempo do relato (projeto de arquitetura), com o tempo histórico (ambiente construído), constituindo assim o tempo humano: “[...] el ‘lugar humano’ propiamente dicho se desarrolla justamente a partir del *entrecruzamiento topogenético* entre estas dos aproximaciones (lugar como historia y lugar como relato) [...]” (MUNTAÑOLA, 2000, p. 86)¹⁹, dessa forma:

La idea de cómo un lugar se transforma es mucho más compleja que lo podría suponerse a primera vista. La lógica de esta transformación es ‘dialógica’ [...] La estética de este lugar en transformación [...] se estructura en poéticas y retóricas inmersas en ‘cultura’ que las crea (MUNTAÑOLA, 2000, p. 69)²⁰.

aquilo, hoje e amanhã) e nossa alteridade social (eu-tu-ele, hoje e amanhã). Deste ponto de vista o lugar humano é um signo constante de reconciliação socio-física, não somente de razões, mas também de emoções (MUNTAÑOLA, 1995, p. 57; tradução nossa).

¹⁸ É importante pontuar que um lugar não é o mesmo que um espaço. Um espaço pode ser multiambiental, ou seja, conter diferentes ambientes, ou lugares ao mesmo tempo (RAPOPORT, 2003, p. 48; tradução nossa).

¹⁹ [...] o ‘lugar humano’ propriamente dito se desenvolve justamente a partir do *cruzamento topogenético* entre essas duas aproximações (lugar como história e lugar como relato) [...] (MUNTAÑOLA, 2000, p. 86; tradução nossa).

²⁰ A ideia de como um lugar se transforma é muita mais complexa do que se pode supor à uma primeira vista. A lógica desta transformação é dialógica [...] A estética deste lugar em transformação [...] se estrutura em poéticas e retóricas imersas na ‘cultura’ que as cria (MUNTAÑOLA, 2000, p. 69; tradução nossa).

Retomando as três dimensões significativas do lugar, expostas anteriormente, concluímos que: a dimensão HABITAR-FALAR, diz respeito ao tempo histórico; a dimensão MEIO FÍSICO-MEIO SOCIAL, diz respeito ao tempo do relato; e a dimensão FIGURAR-CONCEITUAR, diz respeito à interação entre as duas anteriores, ou seja, cria vínculos (significados) entre a sociedade e o lugar. Concluído isso, entendemos então a arquitetura enquanto lugar, segundo Muntañola (2011, p. 34) o arquiteto pensa em possibilidades para o construir e o habitar para determinadas sociedades através de projetos, o arquiteto é capaz “[...] de imaginar ‘culturas’, con edificios y ciudades que estimulan unos intercambios sociales más que otros desde unos espaciotiempos concretos” (MUNTAÑOLA, 2011, p. 34)²¹; e ainda complementa:

Desde esta perspectiva de una imaginación dialógica, el proyecto [...] articula dos espaciotiempos, el de la construcción y el del uso social, [...] del objeto artístico, o sea un orden sociofísico que subyace el objeto y que responde a las decisiones del autor del proyecto. De esta manera se proyectan ‘lugares’ y no solamente ‘formas’ (MUNTAÑOLA, 2011, p. 35)²².

Podemos constatar então, que o passar do tempo em relação à um determinado lugar é necessário para que ele seja dotado de significados, no entanto Tuan (2013, p. 224) afirma que “[...] ‘sentir’ um lugar leva mais tempo: isso se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e ao longo dos anos”. Rapoport (2003, p. 44) explicita que o conceito tempo é de grande importância (em relação ao lugar, pois da mesma maneira que as pessoas vivem no espaço, também vivem no tempo).

Las actividades humanas están organizadas en el tiempo [...]. Esto trae varias consecuencias, imágenes de la misma ciudad varían en horas, días o estaciones diferentes; la privacidad se puede conseguir no solo mediante separaciones espaciales, artefactos físicos y otros mecanismos culturalmente específicos, sino también organizando actividades en el tiempo (RAPOPORT, 2003, p. 44 e 45)²³.

²¹ [...] de imaginar ‘culturas’, com edifícios e cidades que estimulam maiores trocas sociais desde espaço-tempos concretos (MUNTAÑOLA, 2011, p. 34; tradução nossa).

²² Desta perspectiva de uma imaginação dialógica, o projeto [...] articula dois espaço-tempos, o da construção e o do uso social, [...] do objeto artístico, ou seja, uma ordem sociofísica subjacente ao objeto e que responde às decisões do autor do projeto. Desta maneira se projetam ‘lugares’ e não somente ‘formas’ (MUNTAÑOLA, 2011, p. 35; tradução nossa).

²³ As atividades humanas estão organizadas no tempo [...]. Isto traz diversos impactos. Imagens da mesma cidade variam em diferentes horas, dias ou estações; a privacidade pode ser alcançada não só através de separações espaciais, artefatos físicos e outros mecanismos culturalmente específicos, mas também organizando atividades ao longo do tempo (RAPOPORT, 2003, p. 44 e 45; tradução nossa).

Essa experiência sobre o lugar acontece de forma diferenciada dependendo do meio social em que está inserida, ou seja, depende de cada cultura; dessa forma temos a relação entre **lugar e cultura**. Para Rapoport:

Un lugar es, antes que nada, un medio que define la situación en la que se realiza el comportamiento ordinario (es decir, regular y predecible). Los límites de este medio, la forma de marcar estos límites, las personas que pueden penetrarlo, etc. varían con la cultura. De esta manera, los ambientes son culturalmente variables. [...] El medio y el comportamiento dentro de él son vinculados por las reglas respecto a lo que es apropiado y lo que se espera en el determinado lugar. Estas reglas son específicas de cada lugar y la situación que éste define; el comportamiento apropiado viene, a su vez, definido por la situación. Todos estos fenómenos son extremadamente variables culturalmente (RAPOPORT, 2003, p. 46)²⁴.

Assim sendo, tanto texto como contexto, ou lugar, não se mantêm engessados, sofrem alterações ao longo do tempo, sendo pela ação da natureza ou do homem.

1.1.2 Cronotopo

A relação do tempo com o espaço se torna imprescindível para o estudo dialógico, Bakhtin (1997, p. 243) assim a define:

A aptidão para *ver o tempo*, para *ler o tempo* no espaço, e, simultaneamente, para perceber o preenchimento do espaço como um todo em formação, como um acontecimento, e não como um pano de fundo imutável ou como um dado preestabelecido. A aptidão para ler, em tudo — tanto na natureza quanto nos costumes do homem e até nas suas idéias (nos seus conceitos abstratos) -, os *indícios da marcha do tempo*.

Também Bakhtin (1997, p. 243), distingue a passagem do tempo como “tempo cíclico” e “tempo histórico”; o tempo cíclico é representado pela vida humana (cultura, costumes, atividades sociais, etc.), e o tempo histórico é representado pelas marcas deixadas pelo homem no espaço (monumentos, cidades, casas, etc.). “[...] é nesse terreno revolvido pelos tempos cíclicos que começam a surgir os indícios do tempo histórico” (BAKHTIN, 1997, p. 244). Dessa forma, toda a materialidade existente em

²⁴ Um lugar é, antes de tudo, um meio que define a situação na qual se realiza o comportamento ordinário (regular e previsível). Os limites desse meio, a forma de marcar esses limites, as pessoas que podem penetrá-lo, etc., variam com a cultura. Desta maneira, os ambientes são culturalmente variáveis. [...] O meio e o comportamento dentro dele estão vinculados por regras que dizem respeito ao que é apropriado e o que se espera em determinado lugar. Essas regras são específicas de cada lugar e de cada situação que as define; o comportamento apropriado vem, por sua vez, definido pela situação. Todos esses fenômenos são variáveis culturalmente (RAPOPORT, 2003, p. 46; tradução nossa).

um determinado espaço é responsável por mostrar a passagem do tempo: “Tudo, neste universo, é *espácio-temporal*, tudo é *cronotopo* autêntico” (Ibidem, p. 263).

Bakhtin (1988) fala sobre o cronotopo em relação à crítica literária, de forma a ser uma metáfora, “What counts for us is the fact that it expresses the inseparability of space and time (time as the fourth dimension of space)” (BAKHTIN, 1988, p. 84)²⁵. Essa metáfora é formada pela imagem da estrada como um percurso, sendo sempre um território familiar e não um mundo desconhecido. “Time, as it were, fuses together with space and flows in it (forming the road); [...] varied and multi-leveled are the ways in which road is turned into a metaphor, but is fundamental pivot is the flow of time” (BAKHTIN, 1988, p. 244)²⁶.

Bakhtin ressalta também que a “estrada” é um lugar de encontros ocasionais entre pessoas de diversas origens:

The road is a particularly good place for random encounters. On the road (“the high road”), the spatial and temporal paths of the most varied people – representatives of all social classes, estates, religions, nationalities, ages – intersect at one spatial and temporal point. People who are normally kept separate by social and spatial distance can accidentally meet; any contrast may crop up, the most various fates may collide and interweave with one another. On the road the spatial and temporal series define human fates and lives combine with one another in distinctive ways, even as they become more complex and more concrete by the collapse of *social distances* (BAKHTIN, 1988, p. 243)²⁷.

Quando Bakhtin relaciona o cronotopo (tempo-espaço) com a sociedade, percebemos então a relação dialógica; Muntañola (2010) relata que a relação entre forma física de um projeto arquitetônico e o comportamento social, ou até mesmo a relação do projeto arquitetônico com a própria história da arquitetura são temas pouco estudados, e dessa forma:

[...] las teorías dialógicas son iluminadoras, ya que, si bien los cronotopos se sitúan entre la representación y la realidad, nada impide crear nuevos

²⁵ O que conta para nós é o fato de que o termo expressa a inseparabilidade do espaço e do tempo (o tempo como a quarta dimensão do espaço) (BAKHTIN, 1988, p. 84; tradução nossa).

²⁶ O tempo, de certo modo, funde-se junto com o espaço e flui nele (formando a estrada); [...] variados e diversos níveis são os caminhos nos quais a estrada se transforma numa metáfora, mas o pivô fundamental da metáfora é o fluxo do tempo (BAKHTIN, 1988, p. 244; tradução nossa).

²⁷ A estrada é particularmente um bom lugar para encontros aleatórios. Na estrada (“a alta estrada”), os caminhos, espacial e temporal, das pessoas mais variadas – representantes de todas as classes sociais, estados, religiões, nacionalidades, idades – interagem no mesmo ponto do espaço e tempo. Pessoas que normalmente são separadas pela distância social e espacial podem acidentalmente se encontrar; qualquer contraste pode surgir, os destinos mais variados podem colidir e entrelaçar um com o outro. Na estrada, as séries espaciais e temporais que definem destinos e vidas humanas combinam-se umas com as outras de maneiras distintas, mesmo que elas se tornem mais complexas e mais concretas pelo colapso das distâncias sociais (BAKHTIN, 1988, p. 243; tradução nossa).

cronotopos en los lugares ya construídos, estableciendo una “web” de cronotopos de enorme importancia para nuestra supervivencia como individuos y como especie, [...] Desde una perspectiva cronotópica el crecimiento individual y el social se entrecruzan y, este mismo cruce, articula realidad y ficción, naturaleza y artificio (MUNTAÑOLA, 2010, p. 9)²⁸.

Sobre a arquitetura, Pallasmaa (2011, p. 29) menciona que é uma arte que cada vez mais perde sua plástica para experiências espaciais em detrimento de uma arte que busca imagens monumentais; a arquitetura tem sido vista como uma forma de publicidade, “desconectados da profundidade existencial e da sinceridade”; esse acontecimento é extremo oposto ao estudo dialógico, uma vez que a arquitetura enquanto texto, não apresenta uma relação com seu contexto. Espósito-Galarce (2013, p. 38) ao se referir ao papel do arquiteto, diz que este é o responsável pela relação entre o habitante e o contexto, ou melhor, entre a sociedade e o lugar de vida (a cidade).

Pallasmaa ainda faz uma reflexão da relação da experiência humana com a arquitetura: “Ao experimentar a arte, ocorre um intercâmbio peculiar: eu empresto minhas emoções e associações ao espaço e o espaço me empresta sua aura, a qual incita e emancipa minhas percepções e pensamentos” (PALLASMAA, 2011, p. 11), associando-se satisfatoriamente aos dizeres de Espósito-Galarce: “[...] la actitud dialógica podemos entenderla como un proceso por el cual el arquitecto se deja ‘afectar’ por el contexto antes de, él mismo, ‘afectarlo” (ESPÓSITO-GALARCE, 2013, p. 39)²⁹.

Espósito-Galarce (2013, p. 40) também se refere ao papel do habitante em relação ao arquiteto, aquele deve motivar o arquiteto no momento da concepção de um projeto, ajudando-o a entender as experiências “do outro” (a sociedade que usa o espaço), para que então, o próprio arquiteto possa interpretar tais experiências; resumindo assim que “[...] la dialogía, es la originalidade arquitectónica, pero

²⁸ [...] as teorias dialógicas são iluminadoras, embora os cronotopos se situam entre a representação e a realidade, nada impede criar novos cronotopos nos lugares já construídos, estabelecendo uma rede de cronotopos de enorme importância para nossa sobrevivência como indivíduos e como espécie [...] Desde uma perspectiva cronotópica, o crescimento individual e o social se entrecruzam e, este mesmo cruzamento, articula realidade e ficção, natureza e artificio (MUNTAÑOLA, 2010, p. 9; tradução nossa).

²⁹ [...] Podemos entender a atitude dialógica como um processo pelo qual o arquiteto se deixa ‘afetar’ pelo contexto antes, dele mesmo, ‘afetá-lo’ (ESPÓSITO-GALARCE, 2013, p. 39; tradução nossa).

entendida desde la autenticidade y la responsabilidad del arquitecto ante lo que proyecta” (ESPÓSITO-GALARCE, 2013, p. 45)³⁰.

Para concluirmos então o estudo dialógico, tomemos novamente a palavra de Muntañola (2006), o autor explana que a base teórica e filosófica para a dialogia é a construção do espaço sociofísico, de forma que o construir e o habitar se relacionam cronotopicamente, correspondendo ainda com a hermenêutica de Paul Ricoeur. Muntañola define o cronotopo sociofísico com uma tripla natureza, como podemos observar na Figura 2:

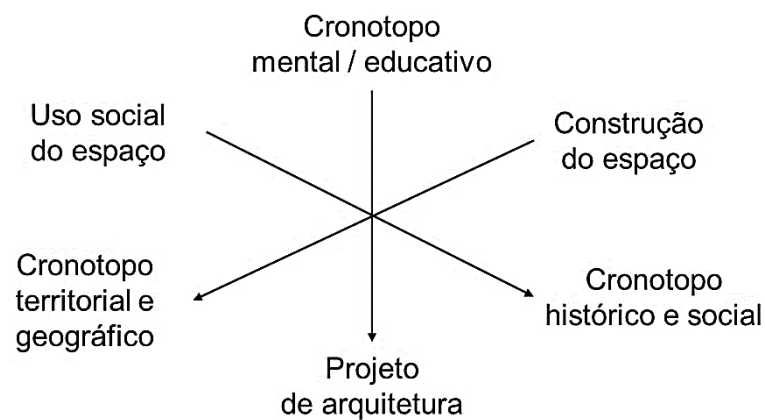


Figura 2: Tripla natureza do cronotopo sociofísico.
Fonte: MUNTAÑOLA, 2006, p. 74; tradução nossa.

Essa tripla natureza do cronotopo (o projeto de arquitetura, a construção do espaço e o uso social) é o que corresponde à hermenêutica de Ricoeur (2002), sendo a prefiguração, a configuração e a refiguração. Ricoeur (2002, p.14) ao discutir se o homem constrói porque habita ou se habita porque constrói, chega à conclusão de que o habitar é vital, gerando assim o hábito do construir, devendo então ser tratado como um binômio “habitar-construir”.

Dessa forma, quando relacionamos o binômio habitar-construir com a arquitetura, temos o momento da idealização do projeto arquitetônico (a prefiguração), “En esta fase el relato está realmente implicado en nuestra propia toma de conciencia más inmediata” (RICOEUR, 2002, p. 14)³¹; por relato entendemos o ato humano no espaço. Em sequência, temos o momento da construção do projeto arquitetônico (a

³⁰ [...] a dialogia, é a originalidade arquitetônica, porém entendida desde a autenticidade e a responsabilidade do arquiteto ante ao que projeta (ESPÓSITO-GALARCE, 2013, p. 45; tradução nossa).

³¹ Nesta fase o relato está realmente implicado em nossa própria tomada de consciência imediata (RICOEUR, 2002, p. 14; tradução nossa).

configuração), “[...] en el ámbito del construir, a la elevación del relato de la vida cotidiana [...]” (RICOEUR, 2002, p. 17)³². E por fim, temos o momento do uso social (a refiguração), “[...] punto de intercambio de significaciones entre el tiempo narrado y el espacio construido” (RICOEUR, 2002, p. 26)³³.

A hermenêutica de Ricoeur é representada por Martins (2016) em um ciclo infinito conforme Figura 3, assim sendo, entendemos que um mesmo lugar pode ser formado por diferentes cronotopos ao longo da história.

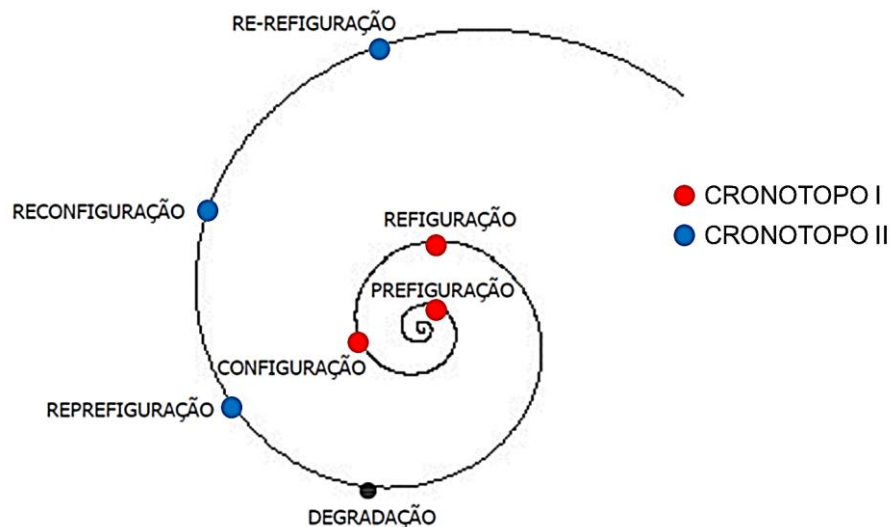


Figura 3: Ciclo Hermenêutico de Paul Ricoeur.
Fonte: MARTINS, 2016, p. 41; editado pelo autor, 2018.³⁴

Finalizando as assertivas sobre o estudo dialógico, tomemos as palavras de Ricoeur: “Lo que hemos encontrado aquí al mismo tiempo es, en lo que concierne a lo construido, la posibilidad de leer y releer nuestros lugares de vida a partir de nuestra manera de habitar” (RICOEUR, 2002, p. 27)³⁵.

Tendo apreendido o estudo dialógico, podemos delimitar então como se dá o estudo em relação à paisagem cultural da praça matriz de Bauru, chamada Praça Rui

³² [...] no âmbito do construir, a elevação do relato à vida cotidiana [...] (RICOEUR, 2002, p. 17; tradução nossa).

³³ [...] ponto de intercâmbio de significações entre o tempo narrado e o espaço construído (RICOEUR, 2002, p. 26; tradução nossa).

³⁴ MARTINS, Juliana Cavalini. **Habitação social em centros urbanos consolidados: análise dialógica desde o percurso do projeto ao uso social: São Paulo (Brasil) e Roma (Itália)**. 2016. 165f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru.

³⁵ O que temos encontrado aqui ao mesmo tempo é, o que concerne ao construído, a possibilidade de ler e releer nossos lugares de vida a partir de nossa maneira de habitar (RICOEUR, 2002, p. 27; tradução nossa).

Barbosa. A paisagem cultural da Praça Rui Barbosa, em três ambientes (físico, social e simbólico) é aqui tida como o **texto**; enquanto que a cidade de Bauru e suas categorias históricas, urbanas, sociais, culturais, ambientais e a gestão conformam o **contexto**. No decorrer do trabalho apresentaremos especificamente cada um dos conceitos a serem abordados, assim como os ambientes físico, social e simbólico. Podemos visualizar na Figura 4 uma síntese da relação entre **texto** e **contexto** da Praça Rui Barbosa.

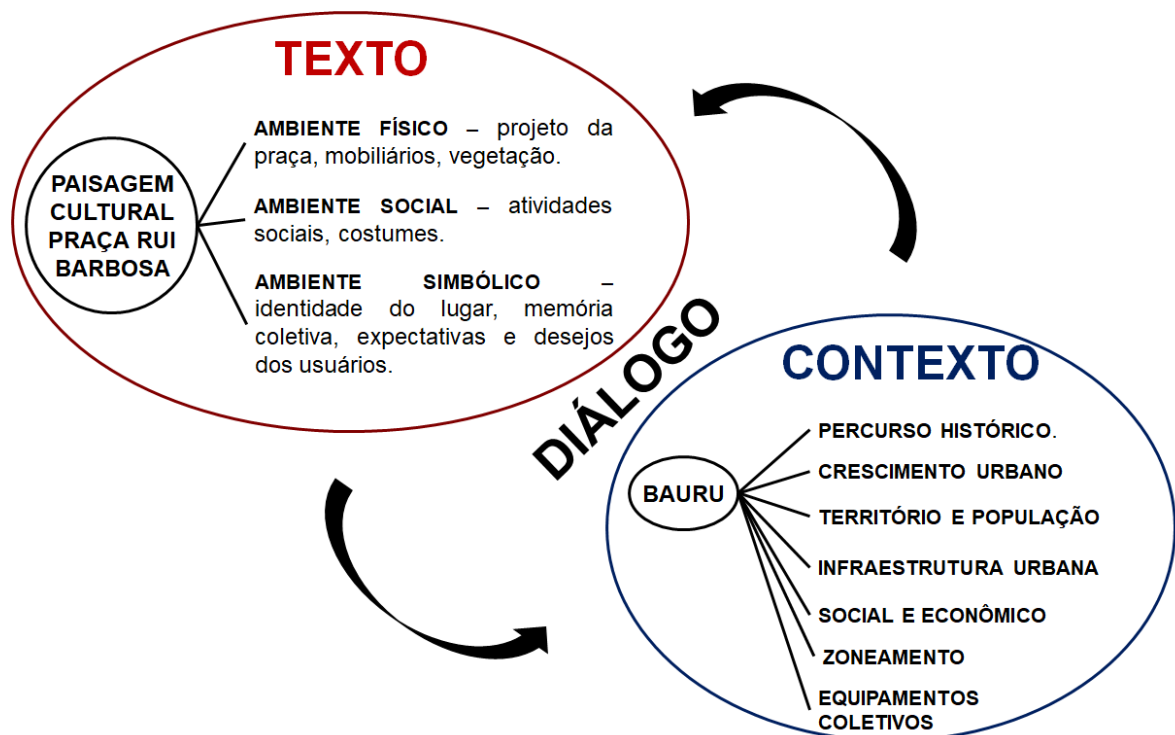


Figura 4: Relação entre texto e contexto – Praça Rui Barbosa.
Fonte: Realizado pelo autor, 2018.

1.2 CONTEXTO: A CIDADE ENQUANTO MEIO URBANO CONSOLIDADO

Sendo construída pelo homem segundo o próprio modelo e tendo como objetivo o atendimento de seus anseios objetivos e subjetivos, a qualidade das cidades não pode ser avaliada exclusivamente em função da eficiência de sua infra-estrutura, da vitalidade econômica ou do resultado de um conjunto bem elaborado de objetos artificiais. Sua importância reside, também e sobretudo, na relação afetiva com o cidadão, no significado de seus espaços e nas suas virtudes representativas da sociedade. Ela está vinculada aos valores do espírito, ao conjunto de tradições, de costumes, de sentimentos e de atitudes organizadas. Por ser humana, por excelência, é produtora de cultura, de conhecimento, de arte e de inteligência, assumindo, assim, o supremo encargo de representar o espírito da sociedade (CASÉ, 2000, p. 94).

A origem da formação urbana da cidade constitui o centro urbano consolidado, que por sua vez abriga a praça matriz. Os centros urbanos, em geral, são caracterizados pelo início da formação e vida das cidades brasileiras, onde inicialmente concentravam-se os comércios, os serviços, as residências e a vida social. Dessa forma, Vargas e Castilho (2009) afirmam que:

Os centros urbanos das cidades têm sido identificados como o lugar mais dinâmico da vida urbana, animados pelo fluxo de pessoas, veículos e mercadorias decorrentes da marcante presença das atividades terciárias, transformando-se no referencial simbólico das cidades. Historicamente eleitos para a localização de diversas instituições públicas e religiosas, os centros têm a sua centralidade fortalecida pela somatória de todas essas atividades, e o seu significado, por vezes, extrapola os limites da própria cidade (VARGAS E CASTILHO, 2009, p. 01).

Salcedo (2009, p. 70) relata que tais centros, muitas vezes tidos como históricos, sofrem atualmente grande deterioração e descaracterização, devido a “[...] concentração crescente dos serviços e comércio e ainda a expulsão crescente da função residencial [...]”. Essa perda da função dos centros também é defendida por Vargas e Castilho (2009, p. 3), que ainda complementam afirmando que não só as edificações de valor monumental devem ser preservadas, mas também as de classes sociais mais baixas, pois todas elas fazem parte da história da cidade. Salcedo (2007; 2009) defende que o centro urbano é composto por categorias: administrativa, histórica, urbana, arquitetônica, econômica e social.

Conforme Salcedo (2007), a categoria administrativa é aquela regida pela legislação, ou seja, as decisões que ficam a cargo da gestão pública, referentes ao planejamento urbano:

Essa gestão deve atuar na regulamentação do uso do solo, das fachadas e dos volumes; avaliar tipologias e gabaritos das edificações; promover financiamento, fiscalização, reabilitação e controle da especulação imobiliária; e garantir a participação da população organizada (SALCEDO, 2007, p. 234).

A categoria histórica diz respeito à vida social de uma dada comunidade, levando em consideração até mesmo os acontecimentos cotidianos; a categoria urbana é referente ao traçado inicial das cidades, compondo as “[...] edificações de valor histórico, arquitetônico, cultural e afetivo [...]” (SALCEDO, 2009, p. 70); a categoria arquitetônica condiz com os vários estilos e períodos pelos quais a cidade passou; a categoria econômica é quando a importância do centro não limita-se à própria população, sendo importante também para os visitantes; e a categoria social

preza que a preservação dos centros é um acontecimento que visa a sociedade em si e não só a cultura (SALCEDO, 2007).

Diante disso entendemos que o centro urbano não se limita somente à sua composição física, com suas construções, ruas, calçadas e acessos; o centro é o lugar da vida urbana, dos acontecimentos sociais, e é marcado pela composição de várias épocas que fez uso de um mesmo espaço.

Dessa forma, o centro urbano é um lugar, altamente influenciado por uma cultura, que gera uma memória para uma dada comunidade.

A Praça Rui Barbosa localizada no centro urbano consolidado de Bauru, também consideramos a gestão urbana como uma das categorias a serem estudadas, pois influi diretamente nas tomadas de decisões em relação à mesma.

1.2.1 Gestão

Para falarmos de gestão urbana, Ling (2017, p. 112) ressalta:

Uma gestão urbana responsável deve saber o que está acontecendo com a cidade. No entanto, ainda não é prática comum o acompanhamento de indicadores urbanos na gestão municipal de cidades brasileiras. Algumas prefeituras até realizam a coleta de dados, mas não relacionam tais dados com as políticas urbanas implementadas nas suas cidades. Assim, prefeituras devem monitorar constantemente indicadores, definindo quais as áreas mais críticas para a realização de políticas e investimentos urbanos, assim como devem acompanhar tais índices após a conclusão de cada projeto. Entendemos que qualquer projeto deve ser submetido a uma prova de custo, verificando-se quantitativamente seu impacto no desenvolvimento urbano. Também é importante realizar uma auditoria regulatória, eliminando regulamentações cujos objetivos são desconhecidos ou foram esquecidos.

Sobre as cidades da América Latina, Zárate (2014) expressa algumas problemáticas características, que apresentam um conhecimento projetual provindo de moldes europeus, e que não se adaptam ao contexto cultural das mesmas.

A problemática de ordem política e de gestão se dá por diversos fatores, sendo eles: surgimento de autogestão dos setores mais pobres devido a insatisfações com a gestão municipal; desarticulação de interesse político em relação ao urbano nos níveis local, provincial e nacional; falta de recursos para ONGs que desempenham serviços auxiliares básicos para a população; atitude pouco dialógica entre partidos políticos; políticos que não constam com uma trajetória política e tomam decisões individualistas; candidatos populares desacreditados por partidos tradicionais; alianças políticas exclusivamente com fins eleitorais; fisiologismo; equipes de governo

que nem sempre apresentam pessoas idôneas e profissionais; instituições comunitárias que muitas vezes confrontam a política de governo local; falta de credibilidade por parte da população devido à promessas não cumpridas; políticas descentralizadas; corpos técnicos dos governos locais com formação científica insuficiente para o planejamento urbano e gestão urbana; falta de políticas urbanas inteligentes que visem o bem-estar geral (ZÁRATE, 2014, p. 19).

Em decorrência das problemáticas providas da ordem política e de gestão, outras dificuldades surgem na ordem social, na ordem urbanística e na ordem do planejamento. Na ordem social dá-se a marginalização e pobreza; surgimento de áreas urbanas ilegais; projetos socioeconômicos insuficientes; ambiente social inseguro e violento (ZÁRATE, 2014, p. 18).

Na ordem urbanística têm-se a existência de projetos inconclusos e trocas de gestão urbana; dificuldade em se controlar a forma da cidade devido ao mercado privado; espaços públicos com ações projetuais apenas paliativas; deficiência na infraestrutura urbana, mobiliários públicos e serviços; novas construções e novos bairros regidos ilegalmente pela população menos favorecida; setores economicamente importantes vinculados à interesses políticos; espaços públicos com apropriações indevidas e abusivas, de difícil preservação ao longo do tempo (ZÁRATE, 2014, p. 18).

Na ordem do planejamento acontece a falta de uma política urbana contínua, que exceda as trocas de gestão e reconheça as problemáticas reais do urbano; confrontos políticos que impedem uma visão ampla e compartilhada da cidade; falta de ato institucional que vincule planejamento urbano, gestão pública e recursos econômicos; diferentes políticas públicas para regiões metropolitanas; dificuldade em dar destino legal e economicamente proveitoso aos solos urbanos relevantes para a cidade, e em posse de empresas (áreas portuárias ou ferroviárias); e falta de políticas ambientais que visem a preservação do meio natural (ZÁRATE, 2014, p. 20).

Zárate (ZÁRATE, 2014, p. 133) menciona que o bairro, como um lugar urbano, é composto por moradores, serviços e até mesmo comércios, apresentando um “sentimento de comunidade”, ou seja, a comunidade desse bairro está intrinsecamente relacionada com uma identidade de vizinhança, uma história ambiental da constituição desse bairro e os diversos relatos de vida que juntos conformam a vivência do bairro. Dessa forma, tomando o bairro em relação a gestão, Zárate aponta que:

La gestión urbana **local** tiene en este conjunto de instituciones comunitarias un recurso estratégico de acceso al conocimiento profundo de la realidad de un barrio que es permanentemente monitoreado por las mismas desde sus objetivos de mejorar la calidad de vida en el lugar. En este sentido, esas instituciones muchas veces están en mejores condiciones de proponer soluciones mas apropiadas a los problemas barriales particulares, que el propio **municipio** a través de soluciones generales, descontextualizadas que muchas veces tienen una visión superficial o equivocada de la realidad de un barrio (ZÁRATE, 2014, p. 134)³⁶.

Complementando, Ling (2017, p. 61) explana sobre o espaço público urbano, “[...] que permite livre acesso e permanência irrestrita àqueles que gostariam de usá-lo. Nesse sentido, espaços públicos podem ser de propriedade pública ou privada ou podem, ainda ser geridos de ambas formas”. Esses espaços são caracterizados pelas praças, parques e demais espaços que se situam entre os espaços privados (calçadas, ruas e áreas de preservação).

A gestão pública municipal é a responsável pela manutenção desses espaços, no entanto, conforme Ling (2017, p. 72), a municipalidade muitas vezes deixa de levar em consideração itens que influem na qualidade desse espaço. Segundo o autor:

Uma estratégia a ser guiada é identificar os parques existentes, desde pequenas pracinhas, e identificar quais dessas características positivas estão faltando, pensando como reintegrá-los ao meio urbano de forma a possibilitar o uso diário do cidadão (LING, 2017, p. 73).

Ling (2017, p. 74) ainda relata que a sustentabilidade econômica dessas áreas pode ser dada através de programas de adoção, já existentes em diversas cidades brasileiras, dessa forma há a chance de apropriações criativas, que vão muito além de uma simples manutenção de canteiros ou plantio de árvores. Outro ponto que também é interessante, é a permissão da exploração comercial, de forma a aumentar o uso desses espaços assim como incentivar a permanência de diversos grupos sociais em horários díspares.

Diante dessa problemática muito evidente em nossas cidades latino-americanas, é então, que Zárate (2014) propõe um novo tipo de gestão urbana, onde haja o diálogo entre as lógicas particulares (dos habitantes e usuários dos espaços urbanos) e as lógicas gerais (do governo), deixando de lado a ideia de que o

³⁶ A gestão urbana **local** tem no conjunto de instituições comunitárias um recurso estratégico de acesso ao conhecimento aprofundado da realidade do bairro, que é permanentemente monitorado pelas mesmas, desde seus objetivos em melhorar a qualidade de vida no lugar. Neste sentido, tais instituições muitas vezes estão em melhores condições de propor soluções adequadas aos problemas do bairro, do que a própria **gestão municipal** através de soluções gerais, descontextualizadas, que muitas vezes apresentam uma visão superficial ou equivocada da realidade do bairro (ZÁRATE, 2014, p. 134; tradução nossa).

urbanismo, ou o planejamento urbano, seja uma dimensão apenas técnica e prática que visam projetos físicos, de forma que “[...] la población sea actor y no espectador del proceso, un habitante y no un visitante” (ZÁRATE, 2014, p. 135)³⁷. E assim surge o cenário estratégico e sustentável para a proposta do Urbanismo Ambiental Hermenêutico:

- 1) La política de gobierno. Implica la construcción participativa y representativa de las políticas públicas.
- 2) Una administración pública apropiada a los nuevos retos de gestión urbana local participativa.
- 3) El desarrollo socioeconómico a partir de producir sinergias entre valores socioculturales, territoriales y ambientales, que aumenten el patrimonio territorial.
- 4) El desarrollo social a partir de la representatividad de todos los sectores sociales y la equidad social.
- 5) El reconocimiento simbólico de los procesos de interacción social y territorialización.
- 6) La integración del escenario territorial en sus dimensiones de ambiente natural (a través de las reglas virtuosas que produzcan la autosostenibilidad del desarrollo) y el medio construido (a través de la capacidad del modelo de asentamiento, de sus reglas virtuosas de producir territorio) (ZÁRATE, 2014, p. 137).³⁸

A gestão como variável independente interfere na regulamentação através do plano diretor e da construção dos espaços públicos, considerando que a cidade é composta por um sistema de paisagens, abordamos então a paisagem cultural da praça Rui Barbosa.

1.3 TEXTO: PAISAGEM CULTURAL DA PRAÇA MATRIZ

Em nossa pesquisa abordamos a praça e sua área envoltória, que configuram a paisagem cultural da praça. Este entendimento se faz por que a praça está

³⁷ [...] a população seja um ator e não espectador do processo, um habitante e não um visitante (ZÁRATE, 2014, p. 135; tradução nossa).

³⁸ 1) A política de governo. Implica a construção participativa e representativa das políticas públicas.

2) Uma administração pública apropriada aos novos traços de gestão urbana local participativa.

3) O desenvolvimento socioeconômico a partir da produção de sinergias entre valores socioculturais, territoriais e ambientais, que aumentem o patrimônio territorial.

4) O desenvolvimento social a partir da representatividade de todos os setores sociais e a equidade social.

5) O reconhecimento simbólico dos processos de interação social e territorialização.

6) A integração do cenário territorial em suas dimensões do ambiente natural (através das regras virtuosas que produzam a auto sustentabilidade do desenvolvimento) e o meio construído (através da capacidade do modelo de estabelecimento, de suas regras virtuosas de produzir território) (ZÁRATE, 2014, p. 137; tradução nossa).

condicionada pelos ambientes físicos, sociais e simbólicos da mesma, e de seu entorno.

Num primeiro momento iremos abordar o conceito de paisagem cultural, depois o percurso histórico sobre a praça no Brasil, e então a paisagem cultural da praça.

1.3.1 Paisagem Cultural

Rapoport (2003, p. 53) afirma que “El concepto «paisaje cultural» proviene de la geografía cultural. Se refiere a los resultados de interacción entre acciones humanas y el paisaje «primario» que se desarrolla en el tiempo”³⁹. Com a assertiva de Rapoport podemos notar a inserção do elemento tempo, tornando a relação lugar-cultura um pouco mais complexa, sendo necessários lugar-cultura-tempo para originar a paisagem cultural.

É importante ressaltarmos que paisagem cultural é um dos elementos que englobam o **entorno**, ou **contexto**. O entorno é compreendido por: organização de espaço, tempo, significado e comunicação (como já vimos na definição de lugar); sistema de lugares (também vista anteriormente); paisagem cultural; e elementos fixos, semifixos e não fixos (RAPOPORT, 2003, p. 44).

Neste ponto é claro que a paisagem cultural é definida pela intervenção do homem na paisagem primária, dessa forma, “[...] cuanto más modificado está el paisaje por los hombres, tanto más «cultural» es. Los paisajes más modificados – poblaciones – son culturales *par excellence*” (RAPOPORT, 2003, p. 53)⁴⁰. Ribeiro (2007, p. 9) parte da mesma ideia, afirmando que “Em meio a múltiplas interpretações, há um consenso de que a paisagem cultural é fruto do agenciamento do homem sobre o seu espaço”; e também reconhece a paisagem cultural como **documento** da relação do homem com o meio natural e as transformações com o decorrer do tempo, **testemunho** dos grupos que ocuparam um mesmo espaço, **produto da sociedade e base material** para representações simbólicas.

³⁹ O conceito de «paisagem cultural» provém da geografia cultural. Referindo aos resultados da interação entre ações humanas e a paisagem «primária» que se desenvolvem ao longo do tempo (RAPOPORT, 2003, p. 53; tradução nossa).

⁴⁰ [...] quanto mais modificada pelos homens está a paisagem, mais «cultural» ela é. As paisagens mais modificadas – populações – são culturais *por excelência* (RAPOPORT, 2003, p. 53; tradução nossa).

Ribeiro (2007, p. 42-44) nos apresenta a classificação das paisagens culturais pela Unesco a partir de 1992, são elas:

- **Paisagens claramente definidas** – desenhadas e criadas intencionalmente (como por exemplo a cidade de Sintra, Portugal – tombada pela Unesco).
- **Paisagem evoluída organicamente** – meio social, econômico, administrativo e religioso em relação ao meio natural.
 - *Paisagem relíquia ou fóssil* – processo de construção já encerrado, porém os vestígios são vistos até hoje (como por exemplo os terraços de arroz da Filipinas – tombados pela Unesco).
 - *Paisagem contínua* – apresenta ativo papel na sociedade contemporânea (como por exemplo a cidade de Hallstatt-Danchstein Salzkamergut, Áustria – tombada pela Unesco).
- **Paisagem cultural associativa** – sem manifestações materiais da ação humana, apenas com associações religiosas, artísticas ou culturais com elementos naturais (como por exemplo o Parque Nacional Uluru – Kata Tjuta, Austrália – tombado pela Unesco).

A Recomendação Europa (IPHAN, 1995, p. 7), nos apresenta como deveriam ser os procedimentos de avaliação da paisagem cultural, para que ela permaneça conservada ao longo do tempo. São eles: divulgação de valores culturais, históricos, arqueológicos, estéticos, simbólicos, etnológicos, econômicos e sociais que as sociedades atribuem às paisagens em vários níveis territoriais; considerar as condições históricas em que a paisagem foi configurada e incluir um estudo detalhado dos atributos culturais e naturais; delimitar zonas autorizadas para a implementação da conservação legal e/ou procedimentos de controle do solo; assegurar participação efetiva da população.

O mesmo documento também se refere à proteção, conservação, evolução controlada e conscientização sobre a paisagem cultural. Alguns pontos de destaque são: permissão para construção, demolição ou realização de obras por autoridade responsável; recursos sócio-econômicos de uma paisagem não são renováveis, portanto deve-se assegurar sua integridade; incentivos aos usos apropriados à área de paisagem cultural; incentivar acesso público, porém com controle do fluxo de turistas; apresentação da importância da área por parte das autoridades competentes;

introdução de programas de treinamento e pesquisa no campo do patrimônio cultural (RECOMENDAÇÃO EUROPA, 1995).

Ao chegarmos neste ponto da pesquisa, compreendemos a importância do lugar, que relacionado com a cultura e o tempo forma a paisagem cultural. No entanto devemos também levar em consideração a relação do lugar e da cultura com mais elementos, a memória e a identidade, que são formadas com o passar do tempo.

1.3.2 Praça

Como o tema de nossa pesquisa é caracterizado por um dos espaços públicos de grande importância para nossas cidades, mostramos então, brevemente, a trajetória da praça matriz no Brasil. Como bem afirma Marx (1980) sobre o início das cidades brasileiras, “Uma igreja, uma praça; regra geral nas nossas povoações antigas” (MARX, 1980, p. 54), podemos perceber que a praça matriz é muito importante para o desenvolvimento e crescimento de nossas cidades. Nos primórdios da colonização de nosso país, ao surgirem as igrejas, surgiam também os adros, e ao entorno deles localizavam-se casas, vendas e até mesmo a câmara; além das atividades religiosas, a praça era responsável também por abrigar as atividades “mundanas” de diversão, comércio, política e militar; constituindo o principal polo urbano (MARX, 1980); “[...] era o espaço de interação de todos os elementos da sociedade, abarcando os vários estratos sociais. Era ali que a população da cidade colonial manifestava sua territorialidade [...]” (ROBBA; MACEDO, 2003, p. 22).

O espaço característico das praças era aquele deixado em frente aos templos, que ia sendo definido conforme iam-se erguendo os casarios, criando um vínculo entre a comunidade e a paróquia (ROBBA; MACEDO, 2003, p. 22). Para Alex (2008, p. 61), as “Praças, ruas, jardins e parques constituem o cerne do sistema de espaços abertos na cidade. [...] reflexo de um ideal da vida urbana em determinado momento histórico”. Lamas (2014, p. 100 e 102) ressalta também que:

A praça pressupõe a vontade e o desenho de uma forma e de um programa. Se a rua, o traçado, são os lugares de circulação, a praça é o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas.

Carvalho et al (2004), ao citarem Habermas⁴¹, relatam que o espaço público é o local onde a “opinião pública” se forma, sendo a praça um intermédio entre a sociedade e o estado. Complementando que:

[...] devemos entender a praça como o espaço público por excelência, o lugar onde o individual torna-se coletivo, o privado torna-se público e o público forma a opinião pública. Mais que lugar de lazer, a praça é o lugar da cidadania. **O declínio da praça é o declínio da esfera pública, da política e do cidadão** (CARVALHO et al, 2004, p. 12; grifo nosso).

Atualmente as praças (em um âmbito geral do espaço urbano) são definidas por valores: ambientais (auxílio na ventilação, insolação, controle da temperatura, drenagem pluvial e proteção do solo contra erosão); funcionais (lazer e recreação urbana); estéticos e simbólicos (pontos de referência e identidade de uma localidade) – (ROBBA; MACEDO, 2003, p. 44 e 45).

Angelis e Angelis Neto (2000) afirmam também que com o crescimento das cidades e a modernidade, com medidas sanitaristas e de embelezamento, as praças passaram a compor esse ambiente urbano, sendo circundadas por vias de tráfego, passeios e edificações. Dessa forma, podemos entender a inserção da praça na trama urbana, sendo elas:

- Praças conformadas por uma única via: praças redondas (a) ou ovais (b).

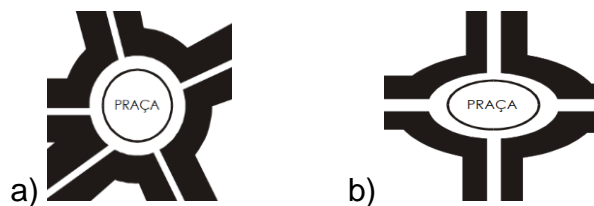


Figura 5: Praças conformadas por uma via.
Fonte: ANGELIS; ANGELIS NETO, 2000, p. 1448.

- Praças conformadas por 2 vias: praça circular que é interceptada por 2 vias de forma a ser criada “2 bolsões” (c); praça em forma de semicírculo, que comportam como “alças” na via urbana (d); praças conformadas por 2 vias em 90° (e).

⁴¹ HABERMAS, Jurgen. Mudança estrutural na esfera pública. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

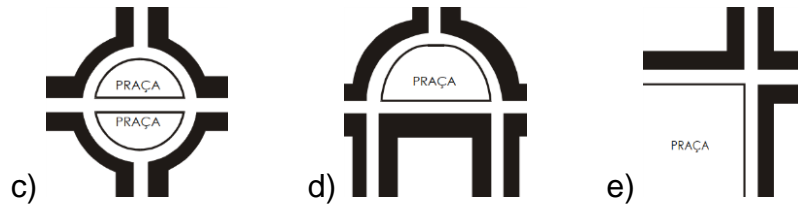


Figura 6: Praças conformadas por 2 vias.
Fonte: ANGELIS; ANGELIS NETO, 2000, p. 1449.

- Praças conformadas por 3 vias: praças triangulares (f); praça quadrangular tendo uma das faces ocupada por edificações (g).



Figura 7: Praças conformadas por 3 vias.
Fonte: ANGELIS; ANGELIS NETO, 2000, p. 1449.

- Praças conformadas por 4 vias: quadrangulares ou retangulares (h); praças triangulares bipartidas (i).

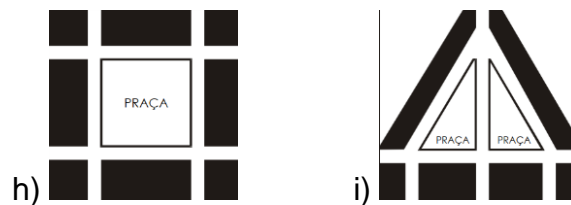


Figura 8: Praças conformadas por 4 vias.
Fonte: ANGELIS; ANGELIS NETO, 2000, p. 1450.

- Praças conformadas por 5 vias: praças quadrangulares ou retangulares seccionadas por uma via (j).

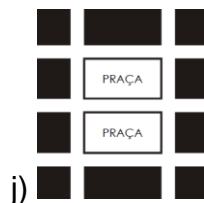


Figura 9: Praças conformadas por 5 vias.
Fonte: ANGELIS; ANGELIS NETO, 2000, p. 1450.

Retomando o já mencionado anteriormente, o processo de desterritorialização de Magnaghi (2011, p. 60), é um fator recorrente na atualidade de nossas cidades, fazendo com que haja a dissolução do espaço público, reduzindo as funções desses espaços e tornando-os marginalizados de forma a não constarem nem mesmo nos planos urbanísticos das cidades. Isso faz com que as pessoas não se sintam pertencentes à um lugar, não tenham um lugar onde possam viver e socializar. Dessa forma, “Existen aquí dos problemas que se entrecruzan: la desaparición física del espacio público corresponde a la pérdida progresiva de poder sobre lo público por parte de la comunidad local” (MAGNAGHI, 2011, p. 60)⁴². Magnaghi (2011, p. 60) ainda menciona que os espaços públicos vêm desaparecendo em função de espaços funcionais (organização de tráfico e passagem), estes espaços já não mais são projetados, tendo uma perda de significados.

Com isso, conseguimos no decorrer deste trabalho buscar as informações necessárias sobre a Praça Rui Barbosa.

1.3.3 Ambientes da Paisagem Cultural da Praça

A paisagem cultural da praça pode ser entendida e analisada pelos ambientes físicos, sociais e simbólicos, como podemos ver na sequência.

1.3.3.1 *Ambiente Físico*

O ambiente físico da praça é constituído por tudo aquilo que faz parte do projeto da praça e seu entorno, Rapoport (2003, p. 54 e 55) os classificam como elementos fixos e semifixos, sendo eles:

- Elementos fixos: toda a infraestrutura da praça (como por exemplo as redes de água e esgoto), os edifícios do entorno, os pavimentos, as colunas, os muros, etc. – que podem sofrer alterações no decorrer do tempo, porém com menor frequência.
- Elementos semifixos: são os mobiliários urbanos (como por exemplo bancos, lixeiras, obras de arte, monumentos, postes de iluminação,

⁴² Há dois problemas aqui que se entrelaçam: o desaparecimento físico do espaço público correspondendo à perda progressiva de poder sobre o público por parte da comunidade local (MAGNAGHI, 2011, p. 60; tradução nossa).

placas de sinalização e letreiros comerciais), a vegetação, os comércios móveis (como por exemplo “camelôs” e quiosques de alimentação), etc. – que podem sofrer alterações mais frequentemente do que os anteriores.

Quando falamos do ambiente físico em meio ao urbano, Lamas (2014) relata sobre os elementos morfológicos, que podem ser vistos desde uma escala macro (urbano) até uma escala micro (arquitetura). Sendo eles:

O **solo** ou **pavimento**, de grande importância para a cidade, é o que oferece comodidade para a mesma; segundo Lamas (2014, p. 80) é a partir do território e da topografia que ele surge, “[...] mas são também os revestimentos e pavimentos, os degraus e passeios empedrados, os lancis, as faixas asfaltadas, os carris dos eléctricos e tantos outros aspectos”.

O **edifício** é o que faz com que surjam as formas urbanas e “[...] agrupam-se em diferentes tipos, decorrentes da sua função e forma, estabelecendo relações biunívocas e dialéticas com as formas urbanas” (LAMAS, 2014, p. 80).

Os **letreiros luminosos**, chamados por Lamas (2014, p. 84) de “objetos parasitários”, que são muito utilizados nas cidades capitalistas, “[...] que sucedem-se em profusão, com variações que alteram a imagem da cidade”.

O **quarteirão**, delimitado por vias e composto por um agrupado de edifícios também compõe os elementos morfológicos essenciais para a formação do meio urbano, segundo Lamas (2014, p. 88). É ele que “[...] organiza funções habitacionais, comerciais, de serviços e trabalho – artesanato e pequenas indústrias em função de práticas sociais de utilização do espaço público: a rua da frente, a fachada principal, a entrada principal [...]” (LAMAS, 2014, p. 94).

A **fachada** também é um desses elementos, já que é ela que realiza a ligação entre o público e o privado, Lamas (LAMAS, 2014, p. 94 e 95) assim afirma:

São as fachadas que vão exprimir as características distributivas (programas, funções, organização), o tipo edificado, as características e linguagem arquitectónica (o estilo, a expressão estética, a época), em suma, um conjunto de elementos que irão moldar a imagem da cidade.

O **traçado** ou a **rua** que relacionam-se com a formação e crescimento das cidades, apresentando importante função para os deslocamento em meio ao urbano (LAMAS, 2014, p. 100).

O **monumento** podendo ser uma construção (arquitetônica, escultura ou obra de arte) são elementos morfológicos que carregam significados, assim relata Lamas (2014, p. 104): “A existência do monumento situa-se muito para lá do desempenho de uma função e assume significados culturais, históricos e estéticos bem precisos, mesmo quando a sua função primitiva já não existe”.

A **vegetação** segundo Lamas (2014, p. 106) é um elemento morfológico tão importante quanto as edificações, para delimitarem o desenho urbano; “Uma rua sem as suas árvores mudaria completamente de forma e de imagem [...] são de grande importância na forma urbana, controlo do clima e qualificação da cidade, e como tal deveriam ser entendidas no urbanismo e gestão urbana”.

E por fim, o **mobiliário urbano**, que é constituído por elementos móveis, que mobíliam a cidade e também trazem conforto e comodidade para a mesma, segundo Lamas (2014, p. 108).

1.3.3.2 *Ambiente Social*

O ambiente social é conformado pelos diversos grupos sociais que atuam na praça segundo suas necessidades, valores, crenças, entre outros, isto é, segundo a cultura.

Rapoport (2003, p. 132) define que a cultura é: o modo de vida das pessoas; os ideais dessas mesmas pessoas; as normas e regras que gerem uma sociedade; os costumes (simbólicos) passados de geração em geração; e a forma de adaptação ecológica e uso de recursos (exploração de diversos ecossistemas). Para Casé (2000, p. 110):

[...] o indivíduo adquire um idioma, assimila costumes e crenças, aprende o significado das coisas e constrói uma visão do mundo, apropriação que o incorpora a uma determinada sociedade, o outorga uma identidade nacional e o metamorfoseia num indivíduo representativo. Trata-se do elo cultural.

Rapoport (2003, p. 132 e 133) reitera também que a cultura é responsável por: proporcionar um “projeto de vida” mediante diversas regras; dar significado às coisas; e definir diversos grupos (“pseudoespécies”). Sendo assim,

[...] la cultura evolucionó como un modo de vivir explotando los recursos de los ecosistemas, de ahí surgieron las maneras concretas de hacer las cosas o, en otras palabras, los modos de vida. Mediante las transmisiones simbólicas, este modo de vida se perpetúa a través de las generaciones. De forma similar, el «proyecto de vida» conduce a la creación de entramados

(estructuras) en el seno de los cuales las particularidades adquieren significado. Los diferentes entramados entonces llevan a las diferencias entre los grupos (RAPOPORT, 2003, p. 133)⁴³.

Nos referindo ainda à Rapoport (2003), cultura é uma ideia, um conceito, é aquilo que mostra a forma como as pessoas pensam, creem e agem. Em conformidade, a Declaração do México (IPHAN, 1985, p. 1) ressalta que:

[...] a cultura pode ser considerada atualmente como o conjunto dos traços distintivos espirituais, materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade e um grupo social. Ela engloba, além das artes e das letras, os modos de vida, dos direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. Concorde também que a cultura dá ao homem a capacidade de refletir sobre si mesmo. É ela que faz de nós seres especificamente humanos, racionais, críticos, e eticamente comprometidos. Através dela discernimos os valores e efetuamos opções.

Reconhecemos assim que a relação entre lugar e cultura resulta no que chamamos de paisagem cultural. As praças são os lugares de encontro, permanência, lazer, dentre outros, dos vários grupos sociais.

Barros (2010, p. 03) ainda ressalta que a formação dos espaços relativos às praças está extremamente ligada às atividades sociais realizadas, e que não necessariamente “[...] as práticas sociais que colonizam um determinado espaço se coadunam com os usos esperados e projetados para determinados fins”.

1.3.3.3 *Ambiente Simbólico*

A praça também é tida como um lugar de encontro e passagem, “[...] é constituída a partir da história que ela carrega, de seu desenho paisagístico e de seu conjunto urbano. A integração entre morfologia, estética e apropriação é que permitem a formação das praças como espaços simbólicos, lugares de memória” (BARROS, 2010, p. 1). Agregando valor às praças, Casé discorre:

A importância de uma cidade, avaliada pela sua dimensão social e humana, é proporcional aos atributos urbanos de suas praças e aos predicados arquitetônicos das edificações que a delimitam. Este espaço público, síntese da cultura urbana de uma comunidade, traduzida em símbolos materializados em sólidos, se constitui num legado pleno de ensinamentos e exerce a função insubstituível de aglutinador do

⁴³ [...] a cultura evoluiu como uma forma de viver explorando os recursos dos ecossistemas, dos quais surgiram as maneiras concretas de fazer as coisas, ou em outras palavras, os modos de vida. Através de transmissões simbólicas, este modo de vida é perpetuado através das gerações. Da mesma forma, o «projeto de vida» conduz à criação de redes (estruturas) dentro das quais as particularidades adquirem significado. As diferentes redes levam a diferenças entre os grupos (RAPOPORT, 2003, p. 133; tradução nossa).

encontro e da convivência. Ela funciona como uma assembléia, onde se desenvolve sua consciência da comunidade.

Penetrar em seus domínios através das ruas que nela desembocam representa o mais emocionante ritual que uma obra arquitetônica pode oferecer. A emoção que esse espaço contido promove será tanto mais significativa quanto mais sua arquitetura, incólume a extravios, for capaz de retratar os diferentes períodos históricos de uma determinada sociedade.

Para colecionar este tipo de experiência enriquecedora, persigo-as, empreendendo, por vezes, verdadeiras romarias (CASÉ, 2000, p. 56 e 57).

Os desejos da população, a percepção sobre a paisagem cultural da praça, as expectativas dos usuários, a memória coletiva e a identidade representam o que chamamos de Ambiente Simbólico.

Da relação entre cultura e memória, Meneses salienta que “A memória nacional é o caldo de cultura, por excelência, para a formulação e desenvolvimento da identidade nacional, das ideologias da cultura nacional e, portanto, para o conhecimento histórico desses fenômenos” (MENESES, 1992, p. 15). Da relação entre lugar e memória, Ruskin reconhece que “[...] a Arquitetura deve ser considerada por nós com maior seriedade. Nós podemos viver sem ela, e orar sem ela, mas não podemos rememorar sem ela” (RUSKIN, 2008, p. 54). E da relação entre tempo e memória, Chaui (2009, p. 142) menciona que “A memória não é um simples lembrar ou recordar, mas revela uma das formas fundamentais de nossa existência, que é a relação com o tempo, e, no tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é, o passado”.

Além das relações acima citadas, a memória também está intimamente associada à história. Ricoeur (2003) relata que a memória deixa uma herança histórica, reconhecendo o passado como o “tendo estado”, “Esse ‘tendo estado’ é o que a memória se esforça por reencontrar. Ela reivindica a sua fidelidade a esse ‘tendo estado’” (RICOUER, 2003, p. 2). O autor afirma que pode ser colocada em questão a veracidade desse “tendo estado”, no entanto, somente a memória nos dá a certeza de que algo aconteceu antes de que possamos afirmar a existência de uma lembrança.

Meneses (1992, p. 23) chega à conclusão de que a memória deve ser tratada como um objeto da história, e para que assim seja, Ricoeur (2003, p. 3) menciona que são tomadas as formas de relato da história e a experiência humana externa ao corpo, ou seja, os materiais que permitam a escrita ou os materiais que remetam à épocas

passadas (como diz Ruskin em relação à arquitetura, e como diz Henri Atlan em relação à escrita⁴⁴). Esse raciocínio pode ser complementado ao que explicita Chauí:

Como consciência da diferença temporal – passado, presente e futuro –, a memória é uma forma de percepção interna chamada **introspecção**, cujo objeto é interior ao sujeito do conhecimento: as coisas passadas lembradas, o próprio passado do sujeito e o passado relatado ou registrado por outros em narrativas orais e escritas.

Além dessa dimensão pessoal e instrospectiva (interior) da memória, é preciso mencionar sua dimensão coletiva ou social, isto é, a memória objetiva gravada nos monumentos, documentos e relatos da história de uma sociedade (CHAUI, 2009, p. 138).

Chauí (2009, p. 141) nos apresenta seis tipos de memórias, sendo três delas relevantes para nós neste momento: **memória perceptiva** – indispensável à vida cotidiana, nos permite reconhecer lugares e pessoas; **memória-fluxo-de-duração-pessoal** – relacionada àquilo que traz significados para nós, sejam afetivos ou de nosso conhecimento; e **memória social ou histórica** – relatos, registros e monumentos de uma sociedade. Em relação à memória social ou histórica, podemos identificar um paralelismo à memória coletiva, Le Goff (1990, p. 475) assim a caracteriza:

[...] a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção.

A memória ainda apresenta uma importante relação com o esquecimento, uma vez que o dever da memória é tido como o dever de não se esquecer (RICOEUR, 2003, p. 6), no entanto, “Se somos incapazes de nos lembrar de tudo, somos ainda mais incapazes de tudo narrar [...]” (RICOEUR, 2003, p. 7); ao que complementa Le Goff (1990, p. 426; grifo nosso):

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento.

⁴⁴ “A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento de nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas.” (HENRI ATLAN apud LE GOFF, 1990, p. 425).

Encerrando e concluindo o assunto memória e identidade, nos permitimos mais uma vez citar Le Goff (1990, p. 476):

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição [...]

Diante das abordagens sobre lugar, cultura, paisagem cultural e, memória e identidade, convidamos o leitor a realizar associações entre esses elementos e centros urbanos consolidados de seu prévio conhecimento; dessa maneira torna-se interessante a forma como cada um de nós apreendemos tais princípios de extrema significância em nossas sociedades.

Compreendemos então que a cidade, enquanto um centro urbano, para assim ser denominada, sofreu a interrelação de diversos agentes. Primeiramente como um espaço natural primário (sem as ações humanas), que ao sofrer a interação humana, passa a ser caracterizado como um lugar dotado de significados, transformando-se assim em uma paisagem cultural; essa paisagem cultural (lugar + cultura + ação humana) sofrendo a ação do fator tempo é o que causa o surgimento de nossa memória e nossa identidade enquanto seres vivendo em sociedade. Sergi Valera Pertergàs (2010) apresenta um apontamento bastante interessante sobre este assunto:

Así, al dotar de significado a un espacio nos apegamos a los lugares emocionalmente a los lugares, nos sentimos seguros y obtenemos bienestar psicológico, transformamos el espacio para nuestros intereses funcionales y simbólicos, lo delimitamos, gestionamos y defendemos, nos identificamos con él, nos une grupal o socialmente y lo incorporamos como un elemento más de nuestra interacción social. En conclusión:

- El ser humano tiende a establecer vínculos identitarios con sus entornos, específicamente con aquellos más relevantes para su cotidianidad y para su desarrollo como persona.
- Estos vínculos pueden ser considerados en términos de necesidad psicosocial, al mismo nivel que la necesidad de establecer contactos y vínculos sociales con nuestros semejantes.
- Por su propia condición humana, estos vínculos se articulan según a significados que elaboramos y que “tiñen” a los espacios físicos los cuales, como resultado de esta operación, pasan de ser “espacio” a ser “lugar”.
- Cuando esos espacios, esos lugares, son violados, agredidos o destruidos la gente sufre, y ello pone en evidencia que ese vínculo al que hacía referencia es, en buena parte, un vínculo afectivo.

- Este vínculo afectivo con el entorno es, finalmente, un importante factor de desarrollo del bienestar psicológico y psicosocial de las personas (SERGI VALERA PETERGÀS, 2010, p. 128)⁴⁵.

Diante do entendimento da cidade com complexa articulação de lugares (ou sistema de lugares), e esta pesquisa terá como foco apenas um desses lugares, a praça matriz, como veremos no decorrer desse texto. Sergi Valera Petergàs (2010, p. 126) menciona também, sobre a relação desses lugares com a sociedade, que “La identidad es un fenómeno que presenta una **dinámica dialógica** entre diversos niveles de representación de uno mismo en relación con su contexto socioambiental”⁴⁶.

Dessa forma, assim como as pessoas possuem a necessidade de identificarem-se como únicas perante à sociedade, também necessitam relacionar-se com seus semelhantes, de sentirem-se iguais aos outros, ao que Sergi Valera Petergàs assim identifica: “La tensión dialógica que se genera entre la necesidad de sentirnos diferentes y, a la vez, sentirnos iguales, es una de las principales características que explican la complejidad de los procesos identitarios” (SERGI VALERA PETERGÀS, 2010, p. 127)⁴⁷. Ao ponderarmos tais conhecimentos, entendemos a dialogia.

⁴⁵ Assim, ao dotar de significado um espaço, nos apegamos emocionalmente aos lugares, nos sentimos seguros e obtemos bem-estar psicológico, transformamos o espaço para nossos interesses funcionais e simbólicos, o delimitamos, administramos e defendemos, nos identificamos com ele, nos unimos grupal ou socialmente e o incorporamos como mais um elemento de nossa interação social. Concluindo:

- O ser humano tende a estabelecer vínculos identitários com seus entornos, especificamente com aqueles de maior relevância para sua cotidianidade e para seu desenvolvimento como pessoa.
- Estes vínculos podem ser considerados em termos de necessidade psicossocial, ao mesmo nível que a necessidade de estabelecer contatos e vínculos sociais com nossos semelhantes.
- Por sua própria condição humana, estes vínculos se articulam segundo significados que elaboramos e que ‘tingem’ os espaços físicos que, como resultado dessa operação, passam de ‘espaço’ a ‘lugar’.
- Quando esses espaços, esses lugares, são violados, agredidos ou destruídos, as pessoas sofrem, e evidencia que esse vínculo ao qual me referi é, em grande parte, um vínculo afetivo.
- Este vínculo afetivo com o entorno é, finalmente, um importante fator de desenvolvimento do bem-estar psicológico e psicossocial das pessoas (SERGI VALERA PETERGÀS, 2010, p. 128; tradução nossa).

⁴⁶ Identidade é um fenômeno que apresenta uma **dinâmica dialógica** entre diferentes níveis de auto representação em relação ao seu contexto socioambiental (SERGI VALERA PETERGÀS, 2010, p. 126; tradução nossa; grifo nosso).

⁴⁷ A tensão dialógica que se expressa entre a necessidade de nos sentirmos diferentes e, por sua vez, nos sentirmos iguais, é uma das principais características que explicam a complexidade dos processos identitários (SERGI VALERA PETERGÀS, 2010, p. 127; tradução nossa).

1.4 URBANISMO AMBIENTAL HERMENÊUTICO

O Urbanismo Ambiental Hermenêutico (UAH), desenvolvido por Zárate (2014) parte do pressuposto de conceber o urbanismo como uma área do conhecimento transdisciplinar, sob uma concepção “ambiental-culturalista” da cidade; na sequência apresentamos a concepção ambiental e a concepção cultural da cidade. Dessa forma, o trabalho de Zárate “[...] conceberá al urbanismo como un campo disciplinar virtual conformado por la dialogía entre distintas disciplinas convocadas para interpretar la dimensión proyectual del ambiente del hombre” (ZÁRATE, 2014, p. 8)⁴⁸, considerando o lugar como projeto.

De todos modos, la propuesta define una estrategia de proyectación interdisciplinar posible que permite orientar el diseño a nivel de proyecto urbano desde una articulación complementaria entre patrones articulados a tres dimensiones: social, física y simbólica (ZÁRATE, 2014, p. 9)⁴⁹.

Antes de definirmos o UAH, faremos uma breve síntese do percurso traçado por Zárate (2014). O autor inicialmente aborda três desconformidades e uma problemática acerca das características das cidades latino-americanas; sendo as desconformidades:

Primera desconformidad: necesidad de construir conocimiento proyectual apropiado a las particularidades culturales de las ciudades, frente a teorías forzadas a adaptarse a contextos culturales distintos al de origen.

Segunda desconformidad: necesidad de asumir un ambientalismo antropobiocéntrico focalizado en el ambiente del hombre, como perspectiva cognoscitiva superadora del enfoque biocéntrico, paisajista.

Tercera desconformidad: necesidad de superar el conocimiento como representación objetiva y distanciada de la realidad para afrontar el ambiente del hombre desde un conocimiento situado fundado en el habitar cotidiano, histórico y cultural particular (ZÁRATE, 2014, p. 3)⁵⁰.

⁴⁸ [...] conceberá o urbanismo como um campo disciplinar virtual conformado pela dialogia entre disciplinas convidadas a interpretar a dimensão projetual do ambiente do homem (ZÁRATE, 2014, p. 8; tradução nossa).

⁴⁹ De todos os modos, a proposta define uma estratégia de projeto interdisciplinar possível, que permite orientar o desenho à nível de projeto urbano desde uma articulação complementar entre padrões articulados em três dimensões: física, social e simbólica (ZÁRATE, 2014, p. 9; tradução nossa).

⁵⁰ **Primeira desconformidade:** necessidade de construir conhecimento projetual apropriado às particularidades culturais das cidades, frente a teorias forçadas a adaptarem-se a contextos culturais distintos ao de origem.

Segunda desconformidade: necessidade de assumir um ambientalismo antropobiocêntrico focado no ambiente do homem, como perspectiva cognitiva superadora do enfoque biocêntrico, paisagista.

Terceira desconformidade: necessidade de superar o conhecimento como representação objetiva e distância da realidade para afrontar o ambiente do homem desde um conhecimento situado, fundado no habitar cotidiano, histórico e cultural particular (ZÁRATE, 2014, p. 3; tradução nossa).

Sobre a **primeira desconformidade** Zárte (2014, p. 10) reconhece que as cidades latino-americanas sofrem grande influência de teorias provindas do contexto europeu e americano, o que gera consequências às mesmas, tais como: impedimento de uma interpretação urbanística e cultural apropriada ao contexto latino-americano; produção teórica desequilibrada (recursos intelectuais que não se adaptam às problemáticas urbanísticas próprias); tentativas iniciais em se ter um urbanismo latino-americano a partir de experiências práticas, abordando problemáticas referentes à melhora da qualidade do habitat sociofísico; tendência à implementação técnica-política do urbanismo sob a reflexão de modelos europeus e americanos; e, a insuficiência ou inexistência de um quadro jurídico institucional e econômico que articulem os governos locais, regionais e nacionais de forma a se ter um urbanismo eficaz. As indagações sobre essa situação das cidades latino-americanas são inúmeras, e diante disso, Zárte reconhece que o urbanismo deve ser tomado como uma disciplina que:

[...] construya estrategias de conocimiento proyectual desde contextos culturales particulares dentro de los cuales encontrará las mayores probabilidades de validez teórica y práctica a partir del nivel de profundidad interpretativa que estas puedan alcanzar sobre los problemas urbanos particulares dentro de su contexto genético cultural. [...] [que pueda] asumir al territorio como un proceso coevolutivo entre naturaleza y sociedad; considerar a la ciudad como un sistema complejo autoorganizado; concebir el conocimiento como una construcción social situada; concebir la interdisciplinariedad a partir de una articulación dialógica entre distintos campos del conocimiento; asumir que el territorio es una compleja articulación de lugares; asumir que cada lugar urbano o parte, se encuentra en una relación hologramática con la ciudad o el todo. [...] De este modo, al tiempo que desentrañamos las reglas genéticas del lugar, vamos desarrollando los recursos de proyectación del mismo, o sea, elaboramos una respuesta a cómo proceder en este caso particular una vez conocidas las reglas genéticas (ZÁRATE, 2014, o. 11)⁵¹.

Ainda a cidade latino-americana, quando tomada por uma perspectiva cronotópica, pode dar chances de questionar seus traços culturais articulados aos

⁵¹ [...] construa estratégias de conhecimento projetual desde contextos culturais particulares dentro dos quais se encontrará as maiores probabilidades de validez teórica e prática a partir do nível de profundidade interpretativa que estas possam alcançar sobre os problemas urbanos particulares dentro de seu contexto genético cultural. [...] [que possa] assumir o território como um processo coevolutivo entre natureza e sociedade; considerar a cidade como um sistema complexo autoorganizado; conceber o conhecimento como uma construção social situada; conceber a interdisciplinaridade a partir de uma articulação dialógica entre distintos campos do conhecimento; assumir que o território é uma complexa articulação de lugares; assumir que cada lugar urbano ou parte, se encontra em uma relação hologramática com a cidade ou o todo. [...] Deste modo, ao tempo que desvendamos as regras genéticas do lugar, vamos desenvolvendo os recursos de projeto do mesmo, ou seja, elaboramos uma reposta sobre como proceder neste caso particular, uma vez conhecidas as regras genéticas (ZÁRATE, 2014, o. 11; tradução nossa).

princípios epistemológicos de maior pertinência ao urbanismo atual. Dessa forma, o cronotopo é articulado em: atores que protagonizam o projeto, construção e gestão do meio urbano (atividades sociais que se inter-relacionam); cada tempo característico do desenvolvimento das práticas sociais; espaços construídos em razão dos espaços sociais (interação social); e, por fim, a relação entre os espaços sociais e os espaços construídos (articulação simbólica do espaço) – (ZÁRATE, 2014, p. 12).

Como problemáticas características da primeira desconformidade, Zárate (2014) faz apontamentos referentes a gestão de nossas cidades, amplamente observados anteriormente, sendo eles: de ordem política e de gestão, que desencadeiam demais problemáticas de ordem social, ordem urbanística e na ordem de planejamento.

Sobre a **segunda desconformidade** Zárate (2014, p.13) ressalta que o paradigma ambiental adentra o campo do Urbanismo devido à crise dos recursos tradicionais e ao surgimento dos problemas ambientais. Essa suposição relaciona dois aspectos, o primeiro, a concepção do urbanismo sob o enfoque territorialista italiano, que:

[...] focalizado sobre el ambiente del hombre caracterizado como un sistema complejo y multidimensional definido a partir de la rica articulación de factores naturales y culturales que deben ser estudiados para generar procesos de planificación y gestión sustentable em términos sociofísicos del territorio y sus lugares (ZÁRATE, 20114, p. 13)⁵².

Podendo contemplar uma sustentabilidade funcional ecológica, uma vez que as atividades sociais acontecem em determinado meio físico natural ou artificial, gerando uma inter-relação social (culturas diferentes), que dão valor e significado a esses ambientes.

Implica superar la concepción representacional que toma al paisaje físico como el depositario de la síntesis entre soporte natural y cultural para asumirlo en cambio, como una vía de ingreso, como un vestigio o dato incompleto de la comprensión profunda de su valor cultural como sistema de *lugares* (ZÁRATE, 2014, p. 13)⁵³.

⁵² [...] foca no ambiente do homem, caracterizado como um sistema complexo e multidimensional, definido a partir da rica articulação de fatores naturais e culturais que devem ser estudados para gerar processos de planejamento e gestão sustentáveis em termos sociofísicos do território e seus lugares (ZÁRATE, 20114, p. 13; tradução nossa).

⁵³ Implica superar a concepção representacional que toma a paisagem física como repositório da síntese entre o apoio natural e cultural para assumi-la como uma via de ingresso, como um vestígio ou dado incompleto da compreensão profunda de seu valor cultural como sistema de *lugares* (ZÁRATE, 2014, p. 13; tradução nossa).

O segundo aspecto refere-se à problemas cognitivos provindos das estratégias de conhecimento projetual do urbanismo ambiental contemporâneo, de matriz biocêntrica; que somente passa a ter uma matriz antropocêntrica do ambiente, com o enfoque territorialista de Magnaghi (2011).

El enfoque *territorialista*, aunque integra numerosas cuestiones teóricas y prácticas del enfoque ambientalista, difiere de su «parcialidad» (que asume el punto de vista del ambiente natural como epicentro normativo de la sostenibilidad) en lo que se refiere a la sostenibilidad del desarrollo con respecto al territorio, entendido éste como un neoeosistema producido por las personas. La sostenibilidad para el ambiente humano se refiere a la construcción de sistemas de relaciones virtuosas entre los componentes del propio territorio: *el ambiente natural, el ambiente construido y el ambiente antrópico*. La designación de «territorio» en vez de «ambiente natural» (que se considera un componente del primero), como referente de la sostenibilidad, modifica ulteriormente los requisitos de ésta e incluye la valoración de las relaciones entre cultura, naturaleza e historia.

La degradación del territorio *comprende* la degradación ambiental, pero se refiere también a la degradación del territorio construido y a la degradación social, que es consecuencia de ambas; por consiguiente, si nos referimos a la sostenibilidad del desarrollo en el territorio y no sólo en la naturaleza, debemos tratar de buscar equilibrios virtuosos entre las reglas de construcción de los lugares y el ambiente (MAGNAGHI, 2011, p. 92)⁵⁴.

Considerando o enfoque territorialista somado à topogênese e conceituação de lugar (MUNTAÑOLA, 1995; 2009) – “**noção sociofísica do lugar**” (abordada anteriormente), forma-se uma base teórica fundamental para se ter um estudo cognitivo a partir do caráter culturalista do ambiente do homem. Dessa maneira, “El territorio actúa como articulador de procesos naturales, sociales y de significación reconocibles en los procesos de territorialización, desterritorialización y reterritorialización [...]” (REFFESTIN, 1986 apud ZÁRATE, 2014, p. 13)⁵⁵. Assim, Zárate (2014) aborda a importância da visão de lugar (MUNTAÑOLA, 1995; 2009)

⁵⁴ O enfoque *territorialista*, embora integre numerosas questões teóricas e práticas do enfoque ambientalista, difere de sua «parcialidade» (que assume o ponto de vista do ambiente natural como epicentro normativo da sustentabilidade) no que se refere à sustentabilidade do desenvolvimento em relação ao território, entendido como um neoeosistema produzido pelas pessoas. A sustentabilidade para o ambiente humano se refere à construção de sistemas de relações virtuosas entre os componentes do próprio território: *o ambiente natural, o ambiente construído e o ambiente antrópico*. A designação de «território» ao invés de «ambiente natural» (que se considera um componente do primeiro), como referente à sustentabilidade, modifica posteriormente os requisitos desta, e inclui a valoração das relações entre cultura, natureza e história.

A degradação do território *comprende* a degradação ambiental, mas se refere também à degradação do território construído e à degradação social, que é consequência de ambas; por conseguinte, se nos referirmos à sustentabilidade do desenvolvimento no território e não somente na natureza, devemos tratar de buscar equilibrios virtuosos entre as regras de construção dos lugares e o ambiente (MAGNAGHI, 2011, p. 92; tradução nossa).

⁵⁵ O território atua como articulador de processos naturais, sociais e de significação reconhecíveis nos processos de *territorialização, desterritorialização e reterritorialização* [...] (REFFESTIN, 1986 apud ZÁRATE, 2014, p. 13; tradução nossa).

para seus estudos, em especial o triplo encontro já mencionado anteriormente em nosso trabalho, os pares: falar-habitar; conceituar-figurar; meio físico-meio social.

O planejamento ambiental tem como um de seus conceitos a paisagem, sendo assim abordado por Zárate:

Desde estas perspectivas se lo considera el resultado de la síntesis entre Medio Físico Natural y Medio Social a partir del intercambio de flujos de materia, energía e información, capaces de determinar configuraciones territoriales, los patrones y tipologías, que dotan de sentido a un determinado ambiente, con estructura, funcionalidad y cambio (Ecología del Paisaje). Desde el punto de vista de los enfoques ambientales más sensibles con el ambiente del hombre tal como el de la *proyección ambiental* y el *enfoque territorialista* (Alberto Magnaghi) el concepto de paisaje es asimilado al de territorio. Desde una perspectiva más antropológica, se lo considera como *paisaje cultural* en tanto resultado de la interacción entre acciones humanas y del paisaje primario (la naturaleza sin la presencia del hombre) que se desarrolla en el tiempo (ZÁRATE, 2014, p. 64)⁵⁶.

Com todos esses aportes, Zárate (2014, p. 64) define o território:

Si se asume al territorio como el resultado de un proceso coevolutivo (dialéctico y complejo) entre cultura y soporte natural, que está en constante transformación y cambio (de allí su condición genética), dentro del cual se reconocen momentos, cronotópicos característicos de equilibración dinámica, a partir de particulares estructuraciones entre escenario físico, interacciones sociales, significaciones a ellos relacionadas, en un determinado espacio geográfico y tiempo histórico, que no pueden escapar a una necesaria interpretación hermenéutica complementaria a la materialista histórica; nos veremos tensionados en lo cognoscitivo a abordar un objeto de estudio complejo, multidimensional, con la consecuente repercusión en cuanto a las estrategias de conocimiento más apropiadas para ello⁵⁷.

Fica claro a importância da paisagem cultural, para o UAH, e também a relação que ela tem com a sociedade; que mais do que uma relação entre as ações do homem e os espaços físicos, é a importante e necessária relação entre a sociedade

⁵⁶ Destas perspectivas se considera o resultado da síntese entre Meio Físico Natural e Meio Social a partir da troca de fluxos de matéria, energia e informação, capazes de determinar configurações territoriais, padrões e tipologias, que dotam de sentido um determinado ambiente, com estrutura, funcionalidade e troca (Ecologia da Paisagem). Do ponto de vista dos enfoques ambientais mais sensíveis com o ambiente do homem, tal como do *planejamento ambiental* e *enfoque territorialista* (Alberto Magnaghi), o conceito de paisagem é associado ao de território. Desde uma perspectiva antropológica, se considera como *paisagem cultural* tanto em resultado de interação entre ações humanas e de paisagem primária (a natureza sem a presença do homem) que se desenvolve no tempo (ZÁRATE, 2014, p. 64; tradução nossa).

⁵⁷ Assume-se o território como o resultado de um processo coevolutivo (dialético e complexo) entre cultura e suporte natural, que está em constante transformação e troca (daqui a sua condição genética), dentro do qual se reconhecem momentos cronotópicos característicos de equilíbrio dinâmico, a partir de estruturas particulares entre cenário físico, interrelações sociais, significados a eles relacionados, em um determinado espaço geográfico e tempo histórico, que não podem escapar a uma interpretação hermenéutica necessária complementar ao materialismo histórica; nos veremos tensionados no cognitivo, a abordar um objeto de estudo complexo, multidimensional, com a repercussão consequente em quanto às estratégias de conhecimento mais apropriadas para ele (ZÁRATE, 2014, p. 64; tradução nossa).

e os significados existentes em relação à um determinado espaço físico, responsáveis pelos processos cognitivos da construção do lugar, ou seja, os “**lugares simbólicos**” apresentados anteriormente. Ao que Zárte (2014, p. 65) afirma:

De allí la necesidad de establecer las condiciones necesarias para el dialogo y la articulación de disciplinas, desde momentos de condensación o equilibración dinámica del proceso continuo de transformación espacial y transespacial (sociosimbólico) que caracteriza al ambiente humano en general, y al ambiente urbano en particular, a partir de una articulación compleja entre lo social y lo físico natural y construido, mediando entre ellos los procesos simbólicos⁵⁸.

Finalizando o assunto referente à segunda desconformidade, Zárte deixa explícita a importância das relações já mencionadas para a concepção do UAH, podendo dessa forma abordar o conceito de lugar com um sentido cultural. Com isso, o mesmo autor identifica o problema ambiental de nossas cidades contemporâneas:

Ésta se basa en alentar solidaridades positivas, que los agentes sociales, en sus lugares, manifiesten hacia articulaciones exitosas entre *correspondencias sociosimbólicas* (relación entre *prácticas sociales* y sus *representaciones sociales*, *percepciones*, *identidad de lugar*, *territorialidad*) y *congruencias sociofísicas* (localización y uso sustentable de actividades humanas sobre el medio natural) generadas por las *prácticas sociales* dentro de un específico *lugar*, contribuyendo a una territorialización sustentable, al enriquecimiento del territorio, a la calidad ambiental.

Así, el problema ambiental es conceptualizado como un modo particular de articulación no exitosa entre *correspondencias sociosimbólicas* y *congruencias sociofísicas* (ZÁRATE, 2014, p. 68; grifo nosso)⁵⁹.

Na **terceira desconformidade**, Zárte (2014, p. 16) afirma que ao tratarmos a paisagem como objeto de estudo para o UAH, ficam circunscritas as dimensões referentes aos sistemas físicos, a representação da paisagem como um fenômeno sensível, as decisões humanas a partir da cultura, as atividades e uma significação implícita.

⁵⁸ Daqui a necessidade de estabelecer as condições necessárias para o diálogo e a articulação de disciplinas, desde momentos de condensação ou equilíbrio dinâmico do contínuo processo de transformação espacial e transespacial (sociosimbólico) que caracteriza o ambiente humano em geral, e o ambiente urbano em particular, a partir de uma articulação complexa entre o social e o físico natural e construído, mediado pelos processos simbólicos (ZÁRATE, 2014, p. 65; tradução nossa).

⁵⁹ Isto é baseado no encorajamento de solidariedades positivas, que agentes sociais, em seus lugares, manifestam-se em articulações bem sucedidas entre *correspondências sóciosimbólicas* (relação entre *práticas sociais* e suas *representações sociais*, *percepções*, *identidade de lugar*, *territorialidade*) e *congruências sociofísicas* (localização e uso sustentável das atividades humanas sobre o ambiente natural) geradas pelas *práticas sociais* em um *lugar* específico, contribuindo para uma territorialização sustentável, para o enriquecimento do território, para a qualidade ambiental.

Assim, o problema ambiental é conceituado como um modo particular de articulação malsucedida entre *correspondências sociossimbólicas* e *congruências sociofísicas* (ZÁRATE, 2014, p. 68; grifo nosso; tradução nossa).

La inclusión de las interferencias propias de procesos culturales tales como las representaciones sociales, las percepciones ambientales, la identidad de lugar, la territorialidad, que se articulan a las manifestaciones físicas de sistemas productivos, mediaciones tecnológicas, procesos de ocupación, subdivisión, construcción y propiedad del territorio, flujos de intercambio de personas y bienes, y procesos ecológicos propios de los sistemas naturales, contribuyen en gran medida a complejizar las lecturas y asunciones hechas sobre los paisajes en tanto escenarios expresivos de supuestos modos de adaptación cultural a un medio natural. Ello implica la necesaria consideración de otros aspectos no manifiestos que también hacen al proceso de apropiación de un grupo humano de su medio natural y construido, en el cual el paisaje actuaría sólo como una infraestructura posibilitante y según la perspectiva que aquí se propone, no determinante sino probable. Con lo cual se pone en discusión la concepción que asigna un rol fundamental a la configuración del paisaje como garantía de interpretación de una correcta o incorrecta adaptación cultural al soporte natural, desde una perspectiva de desarrollo sustentable no sólo en sentido ecológico sino también social de un asentamiento (ZÁRATE, 2014, p. 16)⁶⁰.

Assim sendo, a cultura é de extrema importância para a comunicação, reprodução e vivência de uma dada sociedade, conseqüentemente, a cultura é uma somatória de produtos materiais de uma sociedade e seus simbolismos, que resultam nas práticas sociais. “Las prácticas culturales se configuran a partir de un entorno simbólico que no es ajeno al orden social constituido que las individualiza y les otorga un carácter específico” (ZÁRATE, 2014, p. 69)⁶¹.

A partir das três desconformidades, Zárate (2014, p. 71-75) menciona condições do ambiente epistêmico contemporâneo que incentivam o desenvolvimento de um urbanismo ambiental alternativo, são elas:

- A crise da modernidade – o atual ambiente urbano não se caracteriza somente pelas ordens econômica, social e ambiental, mas também pelo diálogo e a hibridação de saberes.

⁶⁰ A inclusão das interferências próprias dos processos culturais, tais como as representações sociais, percepções ambientais, identidade de lugar e territorialidade, que se articulam às manifestações físicas de sistemas produtivos, mediações tecnológicas, processos de ocupação, subdivisão, construção e propriedade do território, fluxos de intercâmbio de pessoas e bens, e processos ecológicos próprios dos sistemas naturais, contribuem para dar complexidade às leituras e suposições feitas sobre as paisagens tanto em cenários expressivos de supostos modos de adaptação cultural a um meio natural. Isto implica a necessária consideração de outros aspectos não manifestantes, que também fazem o processo de apropriação de um grupo humano em seu meio natural e construído, no qual a paisagem atuaria apenas como uma infraestrutura possível, e segundo a perspectiva aqui proposta, não determinante, mas provável. Com isso, coloca-se em discussão a concepção que atribui um papel fundamental na formação da paisagem como garantia de interpretação, de uma correta ou incorreta, adaptação cultural ao suporte natural, desde uma perspectiva de desenvolvimento sustentável, não só no sentido ecológico, mas também social de um assentamento (ZÁRATE, 2014, p. 16; tradução nossa).

⁶¹ As práticas culturais são configuradas a partir de um ambiente simbólico que não é alheio à ordem social constituída, que as individualiza e lhes confere um caráter específico (ZÁRATE, 2014, p. 69; tradução nossa).

- Visão complexa e construtivista do ambiente do homem – ter a cidade a partir do conceito de lugar e dos pares (habitar-falar, conceituar-refigurar, meio físico-meio social, psicogênese-sociogênese), buscando conhecer o ambiente do homem como suas experiências vividas a partir da mente e representações, o mundo como experimentado e significado, e a relação entre ambos.
- A sustentabilidade socioambiental do desenvolvimento – requer a existência de uma sociedade, e requer que seus habitantes hajam conforme cidadãos de fato, com cidadania e valorização pelos lugares, valorizando assim a identidade local à qual refere-se o enfoque territorialista.
- O resgate do conceito de território na contemporaneidade – o conceito reaparece após 1970 com a nova economia capitalista pós fordista, com interesse nas ciências sociais (economia, sociologia e política); e a partir do enfoque territorialista o Estado entra em crise tendo a valorização da participação ativa da sociedade (surgimento das ONGs).
- A “refocalização” de lugar – interpretar a arquitetura e o urbano a partir do ambiente do homem.
- Interpretação profunda do lugar – considerar o território como um complexo sistema de lugares, com construções simbólicas entrelaçadas à cultura e às práticas sociais.
- Planejamento descentralizado – com o crescimento da organização social e institucional do território, entende-se que as forças de desenvolvimento atuam conjuntamente condicionando a economia; assim as políticas públicas e o desenvolvimento social baseiam-se no conceito de território como uma complexa construção provinda da cultura (identidade).
- Necessidade de revisão dos fundamentos epistêmicos do urbanismo tradicional – paradigma da complexidade (relação dialógica); paradigma dialético genético (gênese, forma, estrutura, sociedade, dialética); paradigma hermenêutico (interpretação do mundo a partir da linguagem e a temporalidade histórica).

Para chegar então ao urbanismo alternativo, Zárte (2015a) expõe sobre articulações entre culturalismo e ambientalismo territorialista. Pelo enfoque territorialista têm-se o predomínio de uma “[...] intención transdisciplinar para interpretar *el territorio y su proceso de territorialización* a partir del concepto central de *lugar* [...]” (ZÁRATE, 2015a, p. 46)⁶²; e pelo enfoque do culturalismo o desenvolvimento se dá por uma “[...] estrategia de conocimiento proyectual del territorio basada en una interpretación hermenéutica del proceso de articulación de su *morfogénesis, sociogénesis y semiogénesis* en el intento de interpretar la lógica cultural subyacente” (ZÁRATE, 2015a, p. 46)⁶³. Dessa forma:

El principal postulado que comparten el culturalismo y el ambientalismo es la **visión sociofísica del territorio, asumido como un sistema complejo de lugares**; la vida del territorio entendida como un lenguaje sociofísico; interpretación del territorio como un **texto** en el sentido que [...] un dispositivo formado como un sistema de espacios semióticos heterogéneos en cuyo continuum circula algún mensaje inicial a partir de múltiples lenguajes y ordenamientos estructurales de diverso género, lo cual le confiere al texto posibilidades de sentido mayores que aquellas de que dispone cualquier lenguaje tomado por separado. El territorio y sus lugares conformarían una trama de fragmentos narrativos sociofísicos en las cuales interpretar hermenéuticamente los múltiples discursos en ellos inscriptos a partir del proceso de territorialización; de la estructuración de los cronotopos de territorialidad (anudamientos de espacio-tiempo y sentido sociosimbólico; de la identidad y del patrimonio del territorio en tanto recursos indispensables para la sustentabilidad sociofísica del mismo (ZÁRATE, 2015a, p. 46 e 47)⁶⁴.

Isto posto, Zárte (2015a) apresenta uma tabela onde encontra-se a relação entre o culturalismo e o ambientalismo territorialista elencados, ponto a ponto, de maneira a formar o ambiente do homem, conforme Tabela 1 a seguir:

⁶² [...] intenção transdisciplinar para interpretar *o território e seu processo de territorialização* a partir do conceito central de *lugar* [...] (ZÁRATE, 2015a, p. 46; tradução nossa).

⁶³ [...] estratégia de conhecimento projetual do território baseada em uma interpretação hermenéutica do processo de articulação de sua *morfogênese, sociogênese e semiogênese* na tentativa de interpretar a lógica cultural subjacente. (ZÁRATE, 2015a, p. 46; tradução nossa).

⁶⁴ O principal postulado que compartilham o culturalismo e o ambientalismo é **a visão sociofísica do território, assumido como um sistema complexo de lugares**; a vida do território entendida como uma linguagem sociofísica; interpretação do território como um **texto** no sentido que [...] um dispositivo formado como um sistema de espaços semióticos heterogêneos em cujo continuum circula uma mensagem inicial a partir de múltiplas linguagens e ordenamentos estruturais de diversos gêneros, os quais conferem ao texto possibilidades de sentido maiores do que aquelas que dispõem quaisquer linguagens tomadas em separado. O território e seus lugares conformariam uma trama de fragmentos narrativos sociofísicos onde interpretam hermeneuticamente os múltiplos discursos nela inscritos a partir do processo de territorialização; da estruturação dos cronotopos de territorialidade (amarrações do espaço-tempo e sentido sociosimbólico); da identidade e do patrimônio do território em recursos indispensáveis para a sustentabilidade sociofísica do mesmo. (ZÁRATE, 2015a, p. 46 e 47; grifo nosso; tradução nossa).

Tabela 1: Correspondências entre os principais conceitos do culturalismo e do ambientalismo territorialista.

CULTURALISMO	CONCEITOS QUE ATUAM COMO MEDIADORES DIALÓGICOS ENTRE CULTURALISMO E AMBIENTALISMO TERRITORIALISTA	AMBIENTALISMO TERRITORIALISTA
Território	Topogênese	Lugares
Identidade social	Identidade social múltipla	Sedimentos cognitivos
Identidade de lugar	Sistema de lugares identitários	Identidade territorial
Esquemas “disposicionais”	Repertório de capacidades Estratégias de ação da vida diária	Energias de continuidade, inovadoras e de contradição; Cenário estratégico territorial
Cenário físico	Matéria cultural, configurada e significada	Sedimento material (Paisagem cultural)
Representações sociais Comunidades simbólicas	Repertório simbólico	Sedimentos da sabedoria cognitiva (“meio”)
Campos e mundos sociais	Fora do campo, contra campo	“Meio”
Territorialidade	Multiterritorialidade Globalização	Territorialização Desterritorialização Reterritorialização
Interações sociais interpretadas através de: locais; estratégias; regras; capitais sociais; bens envolvidos nos locais, associados a determinados entornos	Cronotopos característicos nas distintas fases de territorialização do lugar a partir de articulações características entre interação social, cenário, simbolismos no tempo	Energias de contradição e inovação geradas pelos atores sociais dentro do processo de produção e reprodução do lugar

Fonte: ZÁRATE, 2015a, p. 50; tradução nossa.

Ao chegarmos neste momento da pesquisa já está claro que o ambiente do homem é formado então pelos ambientes físico, social e simbólico e as interrelações entre eles. Porém, Zárte (2014) não se limita à esta definição, o autor pretende chegar nas características mais profundas sobre o lugar, ou seja, código genético do lugar. Para tanto, Zárte (2014, p. 86) fala sobre objetos de estudo empíricos e teóricos do lugar.

- Os objetos empíricos são: no ambiente físico, elementos construídos e naturais, o cenário material; no ambiente social, atividades sociais que se desenvolvem em um cenário em específico; no ambiente simbólico, expressões verbal e escrita, construção de valores, significados, representações e expectativas sociais.
- Os objetos teóricos são: no ambiente físico, tipologias arquitetônicas; no ambiente social, os diversos grupos sociais, identidade; no ambiente simbólico, representações sociais, mapas mentais, valoração e símbolos do espaço.

Os objetos teóricos conformam uma lógica que suportam uma **ordem explícita**, que articula os três ambientes de forma a determinar uma **ordem implícita**. Os objetos teóricos sustentam os objetos empíricos que são responsáveis por desenvolver respostas projetuais a partir da **ordem explícita**. A partir dessa relação entre **ordem explícita** e **ordem implícita** que são produzidos os **lugares** com uma determinada identidade (ZÁRATE, 2014, p. 86).

La estrategia cognoscitiva del UAH se focaliza en la interpretación de las relaciones mismas entre los dos tipos de ordenes que constituyen un lugar: el *orden explícito* y el *orden implícito*, por considerar que en ellas se encuentra el *código genético*, las reglas productoras y de identidad del lugar, a las que se desea interpretar con fines proyectuales. De esta manera, el *código genético* del lugar, o sea, las relaciones mismas entre los tres tipos de ambientes, serán el objeto de estudio teórico del tipo de urbanismo que aquí se propone. Se trata de un objeto de estudio complejo, ya que surge de las articulaciones sociofísicas, o congruencias entre ambiente físico y ambiente social; articulaciones sociosimbólicas, o correspondencias entre ambiente social y ambiente simbólico; y articulaciones simbólico-físicas, o correspondencias entre ambiente simbólico y ambiente físico (ZÁRATE, 2014, p. 87)⁶⁵.

⁶⁵ A estratégia cognitiva do UAH foca na interpretação das relações entre os dois tipos de ordens que constituem o lugar: a *ordem explícita* e a *ordem implícita*, por considerar que nelas se encontra o *código genético* as regras produtoras e a identidade do lugar, o que se deseja interpretar com fins projetuais. Desta maneira, o *código genético* do lugar, ou seja, as relações entre os três ambientes, serão o objeto de estudo teórico do tipo de urbanismo aqui proposto. Se trata de um objeto

Zárate (2015b) ainda complementa afirmando que o simbolismo é a representação social, o que gera as atividades sociais realizadas em determinados cenários, ou seja, a territorialidade nesse dado cenário. Dessa forma, a **ordem implícita** é o **mundo simbólico**, que se explica na **ordem explícita** ou **mundo das atividades e cenários**, sendo esta a principal questão que o UAH pretende definir – as articulações entre correspondências sociosimbólicas e congruências sociofísicas, “Se trataria de una coordinación entre ESQUEMAS, por ej. El que genera la Identidad de Lugar con el que genera la Territorialidad, con el que genera las Representaciones Sociales” (ZÁRATE, 2015b, p. 133)⁶⁶.

Dessa forma, a questão chave do UAH é comparar os diversos grupos que utilizam o mesmo cenário a partir de esquemas que conferem maior ou menor grau de correspondências sociosimbólicas e congruências sociofísicas. Em um primeiro momento, Zárate (2015b, p. 133) traça um mapa onde há a mediação entre o esquema cognitivo e o ambiente a partir da identidade social (Figura 10), e na sequência apresenta um segundo mapa onde a forma urbana também tem sua importância (Figura 11).

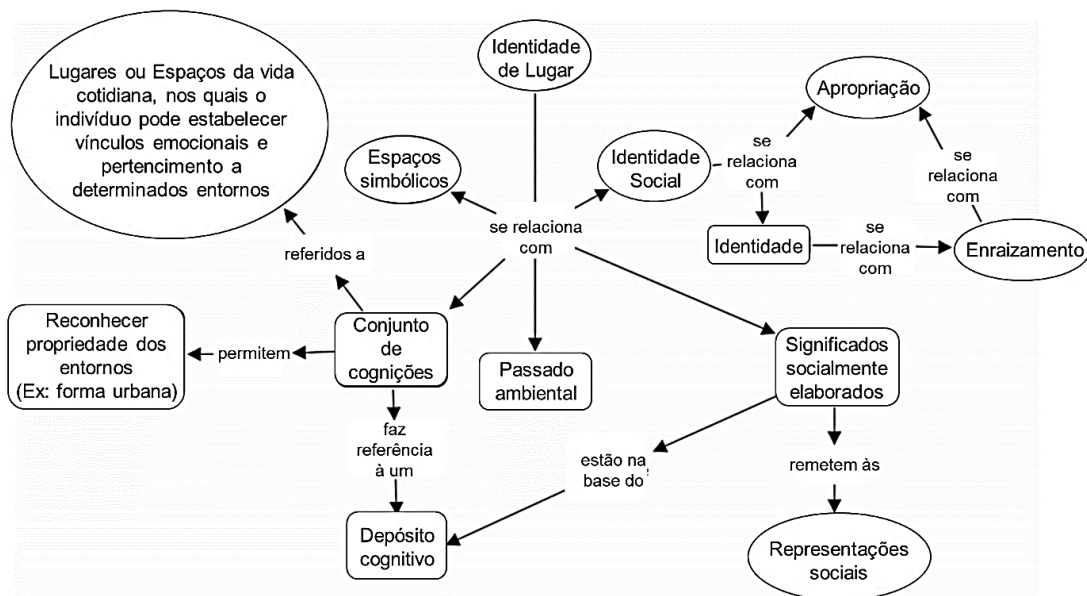


Figura 10: O Esquema Cognitivo de Mediação com o Ambiente a partir da Identidade de Lugar.
Fonte: ZÁRATE, 2015b, p. 133; tradução nossa.

de estudo complexo, surgindo as articulações sociofísicas, ou congruências entre ambiente físico e ambiente social; articulações sociosimbólicas, ou correspondências entre ambiente social e ambiente simbólico; e articulações simbólico-físicas, ou correspondências entre ambiente simbólico e ambiente físico. (ZÁRATE, 2014, p. 87; tradução nossa).

⁶⁶ Se trataria de uma coordenação entre ESQUEMAS, por exemplo o que gera a Identidade de Lugar com o que gera a Territorialidade, com o que gera as Representações Sociais (ZÁRATE, 2015b, p. 133; tradução nossa).

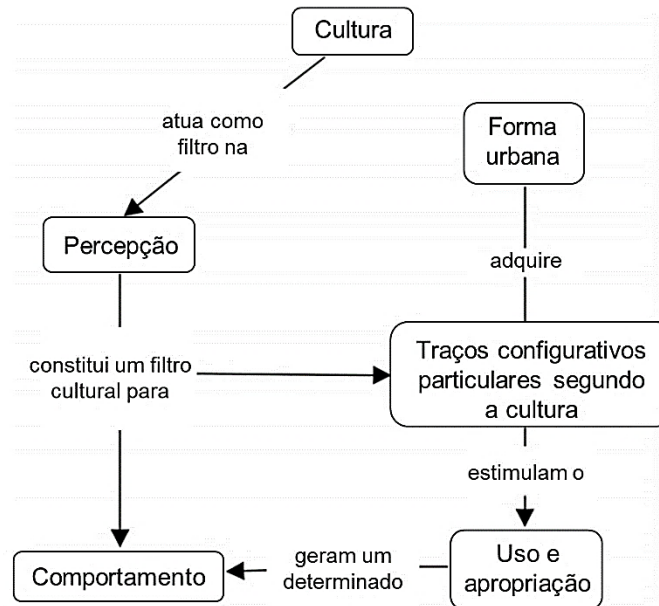


Figura 11: O Esquema Cognitivo de Mediação com o Ambiente a partir da Forma Urbana.
Fonte: ZÁRATE, 2015b, p. 135; tradução nossa.

No entanto, para chegarmos ao código genético do lugar é necessário compreendermos que cada lugar urbano possui o seu código genético próprio, com cenários específicos, atividades sociais condizentes e possíveis problemáticas que devem ser estudadas pontualmente. É aqui onde podemos perceber a fundamental colaboração de Muntañola (1995; 2009) em relação ao lugar e sistema de lugares, para que Zárate (2014) concebesse o Urbanismo Ambiental Hermenêutico.

Tomando então a cidade como uma complexa articulação de lugares, Zárate (2014, p. 99) ressalta que o Ambiente Social é caracterizado por padrões **organizativos funcionais (*ordem explícita*)**, o Ambiente Simbólico é caracterizado por padrões **conceituais e de significação (*ordem implícita*)**, e o Ambiente Físico é caracterizado por padrões **configurativos espaciais (*ordem explícita*)**.

No se trata de dos realidades externas una de la otra, no existe desvinculación alguna entre orden *implícito* y *explícito*, sino que se trata de un *continuum* en el nivel del pensamiento, de las ideas y conceptos, de las representaciones y significaciones en diálogo con el escenario material a partir de la interfase del territorio y sus lugares. *Forma, Materia* y *Contenido* constituyen tres unidades solidarias que sólo cobran sentido pleno a los efectos de interpretar el lugar, dentro de una relación de complementariedad funcional y simbólica entre ellas (ZÁRATE, 2014, p. 99)⁶⁷.

⁶⁷ Não se trata de duas realidades externas uma à outra, não existe separação alguma entre ordem *implícita* e *explícita*, se trata de um *continuum* no nível do pensamento, das ideias e conceitos, das representações e significados no diálogo com o cenário material a partir da interface do território e seus lugares. *Forma, Matéria* e *Conteúdo* constituem três unidades solidárias, que só têm sentido pleno

Segundo Zárata (2014, p. 100), a qualidade mais interessante em se interpretar o lugar segundo as ordens implícita e explícita é que independente de onde parte a interpretação, sendo pela lógica social do espaço ou pela lógica espacial da sociedade, sempre se encontrará conexões entre elas, e essas interrelações estão dispostas na dinâmica do cronotopo, caracterizando assim articulações entre os ambientes físico, social e simbólico, conforme Figura 12.

Así, la cuestión más relevante desde lo cognoscitivo sería identificar dentro de un lugar particular, los elementos claves a partir de los cuales se generan las articulaciones entre los tres tipos de ambientes y se intercambia información entre ellos, dando origen a un determinado orden implícito y otro explícito, que lo convierten en un lugar característico y autoorganizado capaz de seguir prolongando su existencia y reproducción en el tiempo (ZÁRATE, 2014, p. 100)⁶⁸.

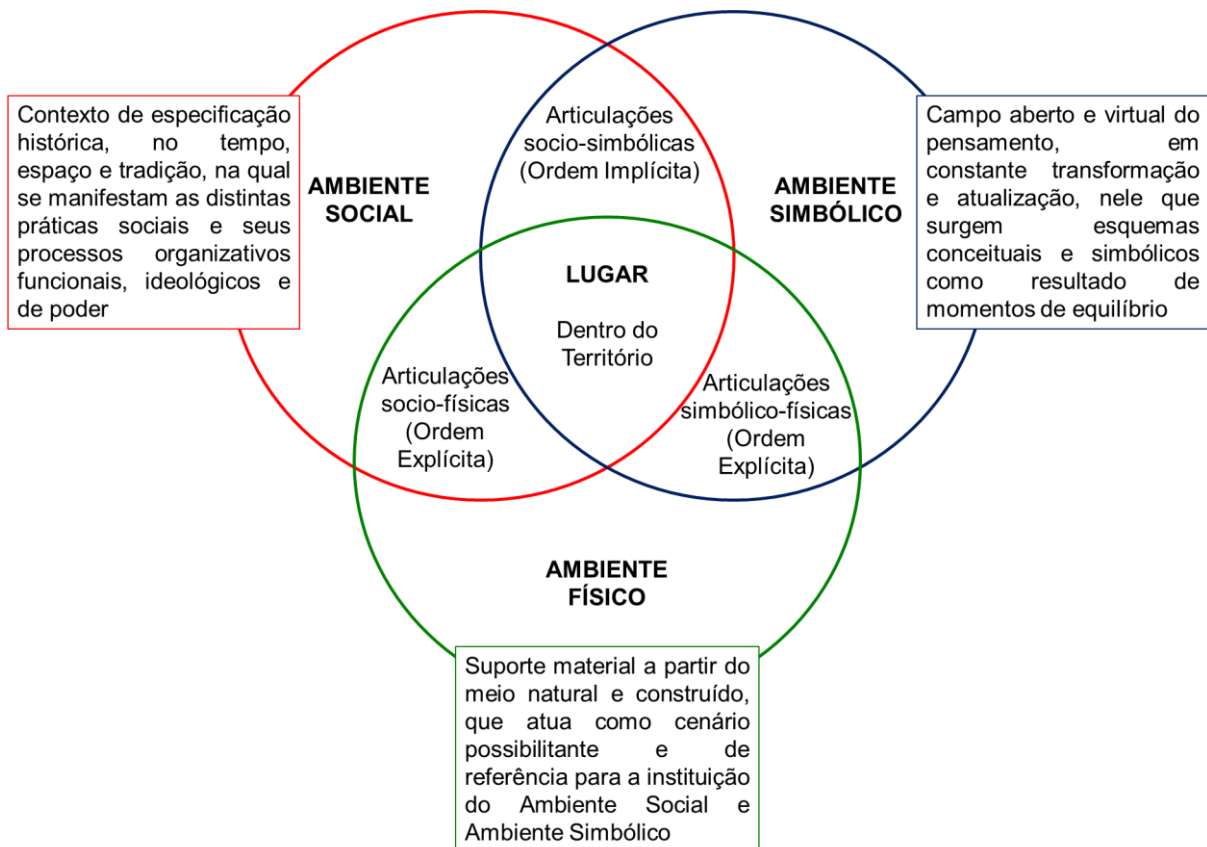


Figura 12: Definição de Lugar.

Fonte: ZÁRATE, 2014, p. 100; editado pelo autor, 2018; tradução nossa.

aos efeitos de interpretar o lugar dentro uma relação de complementariedade funcional e simbólica entre elas. (ZÁRATE, 2014, p. 99; tradução nossa).

⁶⁸ Assim, a questão mais relevante do ponto de vista cognitivo seria identificar, dentro de um lugar particular, os elementos chave a partir dos quais geram as articulações entre os três tipos de ambientes e a troca de informação entre eles, dando origem à uma determinada ordem implícita e outra explícita, que os convertem em um lugar característico e autoorganizado capaz de continuar prolongando sua existência e reprodução ao longo do tempo (ZÁRATE, 2014, p. 100; tradução nossa).

Diante então das correspondências sociosimbólicas e das congruências sociofísicas entre os diversos grupos humanos e suas atividades, que acontecem em um determinado cenário e apresentam significações diferenciadas, Zárte (2014, p. 101.) acredita que estas possam gerar os componentes genéticos do lugar para o UAH. Assim, o reconhecimento entre os diversos grupos humanos a partir da ordem implícita representa uma forte identidade do lugar, e caso esse reconhecimento não aconteça, ocorre um “conflito ambiental”. Zárte assim define essas relações:

Las correspondencias sociosimbólicas refieren a aquellas situaciones de un alto grado de coherencia entre representaciones sociales, imaginarios urbanos, espacios simbólicos, mapas mentales, esquemas territoriales y valoraciones, generados desde las prácticas sociales de distintos grupos humanos en relación a un determinado lugar común, en este caso, un lugar de asentamiento residencial dentro de la ciudad, que pudiera actuar como ambiente de referencia de una historia ambiental común. Por su parte, las *congruencias sociofísicas* refieren a aquellas situaciones de alto grado de adaptabilidad de un escenario o medio físico construido y natural, en relación a una o varias prácticas sociales generadas por uno o varios grupos humanos dentro de un lugar que actúe como ambiente de referencia de una histórica ambiental común (ZÁRATE, 2014, p. 101)⁶⁹.

O código genético de um lugar está então diretamente relacionado com as articulações acima dispostas no decorrer do tempo, ou seja, numa relação cronotópica definida por Zárte, em três tempos:

- El tiempo cosmológico de nuestro entorno, en términos de la ecología, la tecnología, etc. Es el origen físico del lugar que se cuestiona aquí, es decir, el relacionado a la **construcción** del lugar.
- El tiempo mental de nuestro cuerpo en términos de la ciencia cognitiva y del origen psicológico del lugar, es decir, el relacionado al **proyecto** del lugar.
- El tiempo histórico y social, de nuestra cultura y la apropiación social del lugar, es decir, el relacionado al **uso** del lugar (ZÁRATE, 2014, 102)⁷⁰.

Ainda sobre a interpretação do código genético, Zárte (2014; 2015b) diz que este se dá na junção dos processos **morfogenéticos** (processos de territorialização

⁶⁹ As *correspondências sociosimbólicas* referem-se às situações de alto grau de coerência entre representações sociais, imaginários urbanos, espaços simbólicos, mapas mentais, esquemas territoriais e valorações, gerados pelas práticas sociais de distintos grupos humanos relacionados a um determinado lugar comum, neste caso, um lugar residencial dentro da cidade, que que posso atuar como ambiente de referência de uma história ambiental comum.

Por outro lado, as *congruencias sociofísicas* referem-se às situações de alto grau de adaptabilidade de um cenário ou meio físico construído e natural, em relação à uma ou várias práticas sociais geradas por um ou vários grupos humanos dentro de um lugar que atue como ambiente de referência de uma história ambiental comum (ZÁRATE, 2014, p. 101; tradução nossa).

⁷⁰ • O tempo cosmológico de nosso entorno, em termos da ecologia, da tecnologia, etc. É a origem física do lugar que se questiona aqui, ou seja, em relação à **construção** do lugar.

• O tempo mental de nosso corpo em termos da ciência cognitiva e da origem psicológica do lugar, ou seja, em relação ao **projeto** do lugar.

• O tempo histórico e social de nossa cultura e apropriação social do lugar, ou seja, em relação ao **uso** do lugar (ZÁRATE, 2014, 102; tradução nossa).

– padrões do entorno e paisagem cultural), **sociogenéticos** (ações sociais – identidade social, grupos sociais, padrões de comportamento, redes sociais, distinção de classes, reconhecimento e apropriação) e **semiogenéticos** (mundo simbólico a partir da cultura – representações sociais, imaginários urbanos, espaços simbólicos, identidade do lugar, territorialidade e mapas cognitivos), conforme Figura 13.

A partir da interpretação do código genético do lugar é possível ter uma visão geral em relação ao lugar, e ainda,

Según sea la característica configurativa del Código Genético de un lugar particular directamente vinculado al Sistema de Esquemas Cognoscitivos de cada grupo social de un lugar particular, a partir de los contenidos específicos que definan cada esquema componente, se puede llegar a obtener un panorama con alta probabilidad de suceso respecto al nivel de interés, compromiso, valoración, de la población de un lugar particular por los problemas urbanos propios de su lugar y por los problemas o proyectos urbanos de la ciudad en su conjunto (ZÁRATE, 2015b, p. 141 e 142)⁷¹.

Dessa forma, é possível se propor projetos urbanos que constituam “[...] un cronotopo alternativo y posible que interprete los deseos y visión de los distintos grupos sociales de un determinado lugar, desde el compromiso ético y social del urbanista [...]” (ZÁRATE, 2014, p. 112)⁷²; e também, levando em consideração a história, comparando os relatos e experiências de vida dos habitantes de cada lugar, se pode “[...] realizar en una última fase de análisis, una interpretación hermenéutica sobre el sentido profundo de esta configuración de esquemas [...]” (ZÁRATE, 2014, p. 114)⁷³.

⁷¹ Dependendo da característica configurativa do Código Genético de um lugar particular diretamente vinculado ao Sistema de Esquemas Cognitivos de cada grupo social de um lugar particular, a partir dos conteúdos específicos que definem cada esquema componente, pode-se obter um panorama com alta probabilidade de sucesso em relação ao nível de interesse, comprometimento e valorização da população de um determinado lugar devido aos problemas urbanos próprios e os problemas ou projetos urbanos da cidade como um todo (ZÁRATE, 2015b, p. 141 e 142; tradução nossa).

⁷² [...] um cronotopo alternativo e possível que interprete os desejos e visões dos diferentes grupos sociais de um determinado lugar, a partir do compromisso ético e social do urbanista [...] (ZÁRATE, 2014, p. 112; tradução nossa).

⁷³ [...] realizar em uma última fase de análise, uma interpretação hermenêutica sobre o sentido profundo desta configuração de esquemas [...] (ZÁRATE, 2014, p. 114; tradução nossa).

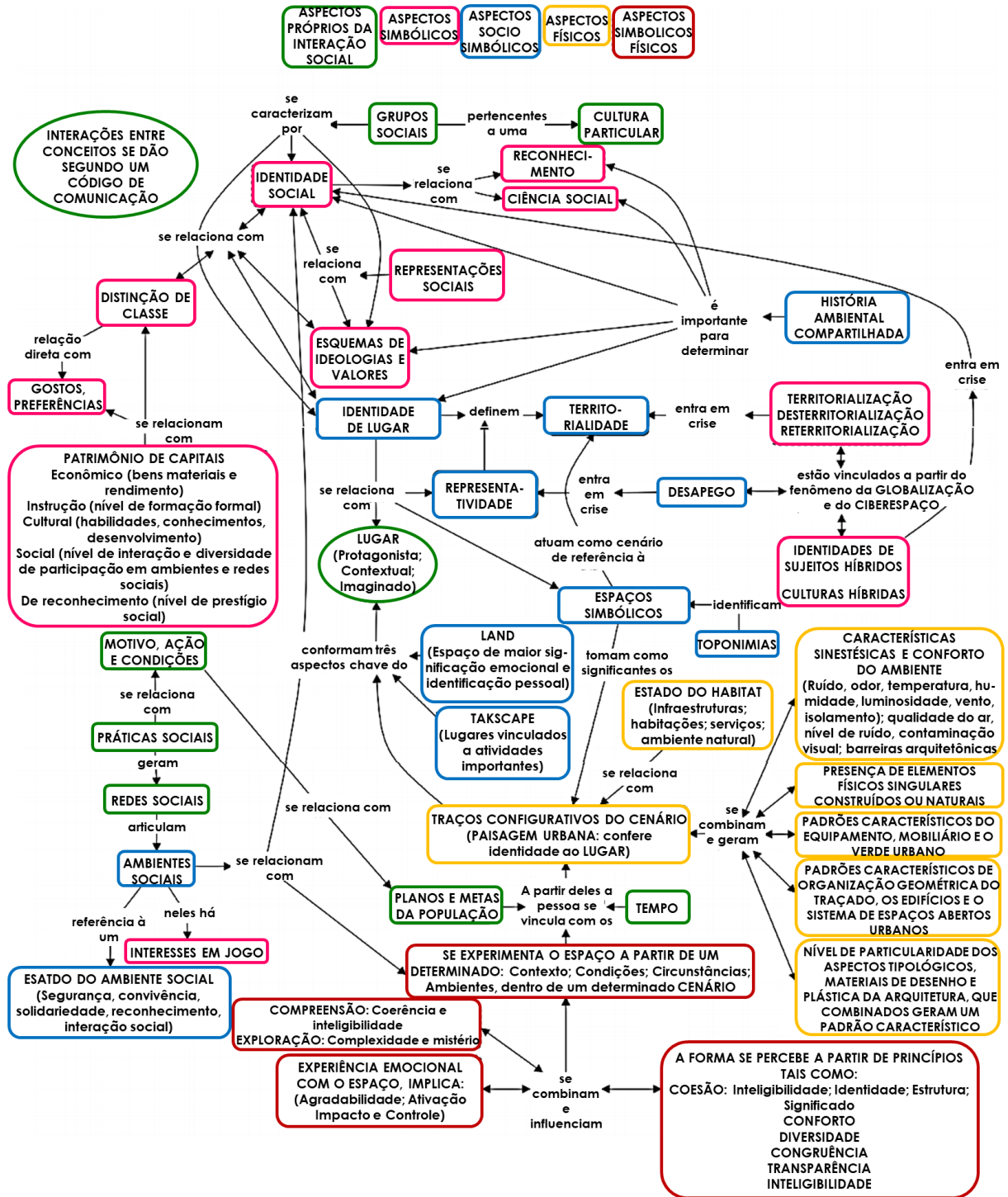


Figura 13: O Sistema de Esquemas Genéticos do Lugar.
 Fonte: ZÁRATE, 2015b, p. 140; editado pelo autor, 2018; tradução nossa.

Nos referindo novamente ao lugar, constituído pelos ambientes físico, social e simbólico, vale ressaltar que em uma dinâmica cronótica não é ordinariamente que os três ambientes sofram alterações, como especifica Zárate:

Subyace en esta situación el reconocimiento de que los tiempos de duración de las regularidades de cada elemento en particular, o sea, la forma del escenario, las prácticas sociales, los simbolismos, son distintos, ya que algunos pueden permanecer inalterables mientras los otros van cambiando. Sería el caso de un mismo escenario resignificado y refuncionalizado sin haber cambiado sus rasgos físicos, o una determinada práctica social que perdura en el tiempo dentro de un determinado escenario, a pesar de que este haya cambiado sus rasgos configurativos; o bien la permanencia de la significación de un lugar, a pesar de que ya no se desarrollen las prácticas sociales características del mismo, ni se mantengan los rasgos configurativos asociadas a las mismas, en cuyo caso puede que solo perdure la toponimia proyectada sobre ese lugar, su posicionamiento topológico y referencial en lo geográfico respecto de otros lugares (ZÁRATE, 2015c, p. 153)⁷⁴.

Após termos compreendido como interpretar o código genético do lugar e conseqüentemente a sua grande importância para a manutenção dos espaços urbanos, entramos em um contraponto com a gestão urbana, que na grande maioria dos casos age de maneiras inadequadas ou insuficientes para determinadas localidades, como já abordamos anteriormente.

Ao termos apresentado o UAH desenvolvido por Zárate (2014), delimitamos então a importância em entendê-lo para a presente pesquisa. Não pretendemos aqui realizar um estudo com a abrangência de um bairro, como proposto pelo autor em seu trabalho, mas sim, sobre uma parcela mais restrita do ambiente urbano, caracterizada como espaços públicos, ou mais especificamente, a praça da matriz. Apesar da praça ser uma parcela bastante ínfima quando em relação ao bairro, acreditamos que a base teórica e metodológica do UAH será de extremo mérito para compreendermos os questionamentos realizados no início deste trabalho.

⁷⁴ Subjacente a esta situação está o reconhecimento de que os tempos de duração das regularidades de cada elemento em particular, ou seja, a forma do cenário, as práticas sociais e os simbolismos, são diferentes, uma vez que alguns podem permanecer inalterados enquanto os outros sofrem alterações. Seria o caso de um mesmo cenário resignificado e refuncionalizado sem que tenha mudado suas características físicas, ou uma certa prática social que perdure ao longo do tempo dentro de um determinado cenário que tenha mudado suas características configurativas; ou a permanência da significância de um lugar, apesar do fato de que as práticas sociais características do mesmo não sejam mais desenvolvidas, nem as características configurativas associadas a ela sejam mantidas, caso em que somente a toponímia projetada sobre esse lugar perdure, seu posicionamento topológico e referencial geográfico em relação a outros lugares (ZÁRATE, 2015c, p. 153; tradução nossa).

2 MÉTODO DO URBANISMO AMBIENTAL HERMENÊUTICO

O método que utilizamos nesta pesquisa é o método do Urbanismo Ambiental Hermenêutico, desenvolvido por Zárte (2014) com base na fundamentação teórica e filosófica de Bakhtin (1988; 1997), Ricoeur (2002; 2003), Muntañola (1995; 2006; 2009; 2010; 2011) e Magnaghi (2011). Além da base teórica fornecida por Zárte, outros autores serão aqui utilizados para outras etapas que respaldarão o objetivo final de nossa pesquisa (ANGELIS; CASTRO; ANGELIS NETO, 2004 e GEHL, 2015). O método consta de 2 fases: a primeira é uma fase interpretativa; e a segunda, já com caráter propositivo hipotético, é um modelo de visão, ou cidade análoga.

À fins de esclarecimento, nossa pesquisa apresenta aprovação em comitê de ética, sob número do parecer: 2.518.878. Na sequência apresentamos as etapas referente ao método.

2.1 FASE INTERPRETATIVA

A fase interpretativa compreende a identificação do contexto, a caracterização cronotópica nos ambientes físico, social e simbólico (desde a gênese da praça Rui Barbosa, até os dias atuais); elaboração do Mapa Heurístico; identificação das relações hologramáticas dos elementos do mapa heurístico; identificação das correspondências sócio-simbólicas, simbólico-físicas e congruências sócio-físicas; e a identificação das unidades ambientais existentes atualmente na praça.

2.1.1 Identificação do Contexto

A identificação do contexto, ou seja, a área central de Bauru, se dá pelo levantamento de dados históricos relevantes para o município, através de pesquisas em acervos históricos da cidade. Também são apresentados dados sobre o crescimento urbano de Bauru, sobre seu território e população, infraestrutura urbana, questões sociais e econômicas, zonemaneto urbano e equipamentos coletivos (saúde, educação e transporte).

2.1.2 Caracterização Cronotópica

Realizamos o reconhecimento e caracterização cronotópica da praça segundo Bakhtin (1988; 1997) e Zárte (2014), ou seja, realizamos uma leitura do processo de territorialização do lugar em estudo. Neste momento identificamos os diversos cronotopos pelos quais a praça passou; desde sua gênese (primeiro projeto implementado, usos sociais da época e relevância do lugar – 1914 a década de 1970), passando por suas diversas regenerações de projeto (década de 1880 a 1990; 1990 a 2015; e 2015 até a contemporaneidade), que conseqüentemente podem vir a alterar os usos sociais e também a significância do lugar, até o projeto atualmente existente, com seus usos e identidade, tendo como base as pesquisas em acervos.

A caracterização cronotópica é um dado temporal, que nos ajuda a conhecer momentos chave do espaço a ser estudado, de forma a identificar quais os elementos que permaneceram e quais que sumiram, sejam eles físicos (projeto arquitetônico ou mobiliário urbano, por exemplo), sociais (grupos sociais que utilizam o espaço e as atividades realizadas no mesmo), ou simbólicos (a representatividade do espaço).

Vale ressaltar que o modelo simbólico é o mais difícil de ser identificado em cronotopos passados, pois este só pode ser identificado através de documentos antigos como reportagens de jornais ou livros de memorialistas, que possam ter explicitado sobre a identidade da população naquela época, ou as expectativas e desejos da mesma em relação à praça. Diante disso, é que o cronotopo contemporâneo será mais amplamente abordado.

2.1.2.1 *Caracterização do cenário contemporâneo*

Neste momento do método, abordaremos o cenário físico da praça Rui Barbosa na contemporaneidade, segundo Zárte (2014, p. 153). Assim definimos tudo o que é referente às características físicas e morfológicas da praça: projeto arquitetônico, elementos naturais que constituem o cenário, o terreno, os materiais construtivos, a vegetação, os mobiliários urbanos, dentre outros.

Para dar auxílio à investigação dos dados acerca o cenário físico, realizamos um levantamento quantitativo e qualitativo dos mobiliários e equipamentos da praça segundo Angelis, Castro e Angelis Neto (2004), elaborando fichas a serem preenchidas in loco pelo pesquisador.

Na primeira ficha consta características gerais: nome da praça, município e estado, forma geométrica da praça, conformação da praça por quantidade de vias, topografia e traçado dos caminhos, conforme Anexo 1.

Na segunda ficha consta a identificação dos mobiliários e equipamentos a serem observados se existem na praça, assim como a quantidade de cada um deles, conforme Anexo 2.

Na terceira ficha consta a identificação da vegetação em: forração, pequeno porte, médio porte, grande porte e palmeiras. A forração será quantificada por estimativas percentuais em relação a área total da praça, e os arbusto e árvores serão quantificados por uma estimativa entre 0 a 10, 11 a 20, 21 a 30 e mais de 31, conforme Anexo 3.

Na quarta ficha consta o estado de conservação dos equipamentos e mobiliários identificados na praça, e a qualidade de uso do espaço, caracterizados em: péssimo, ruim, regular, bom e ótimo, conforme Anexo 4.

2.1.2.2 Caracterização do ambiente social contemporâneo

Aqui identificamos o Ambiente Social da praça Rui Barbosa na contemporaneidade, segundo Zárte (2014, p. 155). O Ambiente Social é definido pelas redes sociais existentes, ou grupos sociais, que desenvolvem determinadas atividades em um determinado cenário da praça, essa relação é chamada por ambiente espacial da praça (cenário + social).

Para contribuir na identificação desse ambiente, efetuamos uma avaliação in loco, onde o pesquisador observa e identifica os grupos sociais existentes e as atividades desenvolvidas na praça durante três períodos (manhã, tarde e noite), segundo Gehl (2015, p. 19-23).

Dessa forma, desenvolvemos uma tabela onde as atividades são classificadas como necessárias, opcionais e sociais. As atividades necessárias são aquelas que as pessoas devem realizar independente de condições adversas (como por exemplo as mudanças climáticas); as atividades opcionais são aquelas em que precisa ter um ambiente convidativo e agradável para que aconteçam, ou seja, as pessoas realizam essas atividades porque assim desejam; e as atividades sociais são aquelas que além de dependerem de um ambiente propício, também dependem de um bom uso do espaço, onde possam ocorrer as interações entre as pessoas, conforme Anexo 5.

2.1.2.3 *Caracterização do ambiente simbólico contemporâneo*

Neste momento, identificamos o Ambiente Simbólico da praça Rui Barbosa na contemporaneidade, segundo Zárte (2014, p. 157). O ambiente simbólico, por permear o cenário físico e o ambiente social é caracterizado por um estudo intangível, onde encontramos o mundo das significações, os mapas ou esquemas mentais, os relatos de vida, identidade e memória.

Para subsidiar a investigação dessa etapa aplicamos um questionário com a população, in loco e online. O questionário aplicado foi previamente aceito em comitê de ética, sendo restrito a maiores de 18 anos e sem a identificação dos entrevistados. Com ele, visamos atingir a população atualmente usuária do espaço da praça (in loco), e também aquela parcela da população que atualmente não utiliza mais a praça, mas que no passado utilizou (online), além de buscar conhecer os motivos para que essa parcela da população tenha deixado de utilizar a praça, conforme Anexo 6.

O conhecimento do ambiente simbólico, segundo Zárte (2018) é importante para interpretarmos profundamente o lugar; quando realizamos somente observações referentes às condutas sociais obtemos somente uma “ordem explícita” do lugar, enquanto que entrevistas com a população nos dão a chance de obter relatos verbais, escritos e até mesmo gráficos, ou seja, a “ordem implícita” do lugar.

2.1.3 Mapa Heurístico

Com o mapa heurístico podemos apresentar as unidades ambientais da praça Rui Barbosa, que são a territorialidade dentro do espaço, ou seja as articulações chave entre os modelos físico, social e simbólico; esse mapa é a melhor forma de representar o código genético do lugar. As unidades ambientais são as autênticas inter-relações entre a sociedade e um espaço carregado de significados, que estão atrelados à uma problemática.

De forma a visualizar as unidades ambientais e as problemáticas, em síntese, chegamos à representação do mapa heurístico da problemática, segundo Zárte (2015d, p. 265). Dessa forma, o mapa é capaz de apresentar inter-relações entre cenários, grupos sociais, atividades e os significados existentes na praça, conforme Figura 14.

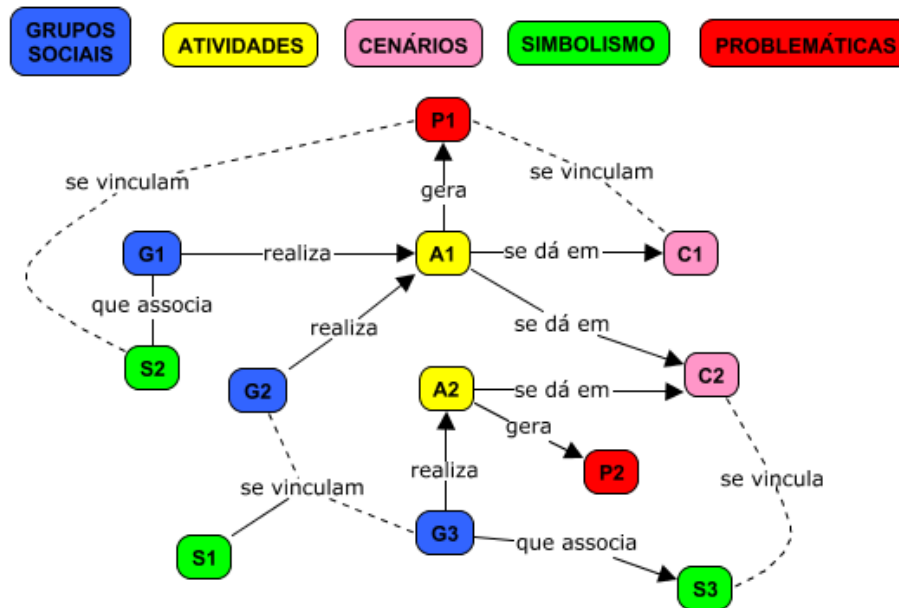


Figura 14: Mapa Heurístico da Problemática.
Fonte: Realizado pelo autor, 2018.

2.1.4 Relação Hologramática dos Elementos do Mapa Heurístico

Na sequência, após efetuar o mapa heurístico, conseguimos realizar a matriz das relações hologramáticas dos elementos constituintes do mesmo, segundo Zárte (2014).

Nessa matriz identificamos os fatores responsáveis pelas problemáticas existentes e os classificamos como dependentes ou autônomos e o nível de impacto que eles causam no lugar em estudo. Fator dependente é quando os comportamentos e possibilidades de atuar sobre o mesmo estão alheios aos estudos e propostas de requalificação deste trabalho, ou seja, esse fator não pode ser modificado somente pela alteração de um novo projeto.

O fator autônomo já é quando os comportamentos e possibilidades de atuar sobre o mesmo apresentam bons indícios de serem alterados pelos estudos e propostas desse trabalho, ou seja, esse fator pode ser modificado pela alteração de um novo projeto proposto.

O impacto dos fatores da problemática em relação ao lugar de estudo podem ser: alto positivo (A+), alto negativo (A-), médio positivo (M+), médio negativo (M-), baixo positivo (B+) e baixo negativo (B-), conforme Figura 15.

		Dependente	Autônoma	Impacto
PROBLEMATICA	F1	X		A+
	F2		X	M-
	F3		X	B+

LEGENDA

Fatores que geram a problemática: demarcados pela letra "F"

Níveis de impacto: A+; A-; M+; M-; B+; B-

Figura 15: Matriz para Identificar os Fatores da Problemática e sua Relação Hologramática de Dependência ou Autonomia.

Fonte: ZÁRATE, p. 149, 2014.

2.1.5 Correspondências Sócio-simbólicas, Simbólico-físicas e Congruências Sócio-físicas

Neste ponto de nosso método, para identificarmos as correspondências e as congruências, realizamos primeiramente matrizes para a identificação do simbolismo assinalado para as atividades desenvolvida na Praça Rui Barbosa, para os grupos sociais que utilizam o lugar e para os cenários onde locam-se os grupos e desenvolvem-se as atividades, conforme Figura 16 (ZÁRATE, 2018).

Na sequência, tendo identificados significâncias positivas e negativas, realizamos uma quarta matriz onde identificamos as valorações entre os agentes anteriormente mencionados, podendo ser valorações positivas e negativas, conforme Figura 17.

Simbolismo de las Actividades			Simbolismo de los Grupos			Simbolismo de los Escenarios					
	Sa+	Sb+	Sc-		S1+	S2+	S3-		Se1+	Se2+	Se3-
A1		X	X	G1	X			E1		X	X
A2	X		X	G2		X		E2		X	
A3	X	X		G3	X		X	E3	X		

LEGENDA

Atividades: demarcados pela letra "A"

Simbolismo: demarcados pela letra "S"

Grupos Sociais: demarcados pela letra "G"

Cenários: demarcados pela letra "E"⁷⁵

Figura 16: Simbolismo das Atividades; Simbolismo dos Grupos; Simbolismo dos Cenários.
Fonte: Zárate, 2018.

**Los simbolismos + o -
se combinan con
valoraciones + o -**

	A1	A2	A3	E1	E2	E3	G1	G2	G3
G1	V+	V-	V+	V-	V+	V-		V+	V+
G2	V+	V+	V-	V-	V+	V-	V+		V+
G3	V+	V-	V-	V+	V-	V+	V+	V+	

LEGENDA

Atividades: demarcados pela letra "A"

Grupos Sociais: demarcados pela letra "G"

Cenários: demarcados pela letra "E"

Valoración positiva: V+

Valoración negativa: V-

Figura 17: Combinação entre Simbolismos e Valorações.

Fonte: Zárate, 2018.

A identificação das correspondências e congruências são o momento central do método aqui abordado, onde podemos identificar se o lugar em estudo está em equilíbrio ambiental ou em conflito ambiental. Mas para realizarmos tais matrizes, é necessário antes realizamos algumas outras matrizes iniciais, sendo elas:

- para a identificação de reconhecimento e aceitação entre os diversos grupos sociais usuários do espaço da praça Rui Barbosa, conforme

⁷⁵ Em nosso trabalho, na elaboração das matrizes, o cenário será demarcado pelas letras CE – conforme grafia em português.

Figura 18, onde o reconhecimento (R), a aceitação (A) e a não aceitação (NA) entre os grupos se darão através de significações positivas ou negativas e valorações, também positivas ou negativas.

De aquí se pueden obtener tipos de Reconocimientos y Aceptación o Rechazo entre grupos sociales

	G1	G2	G3
G1			R S1+ A V+
G2			
G3	R S1+ A V+		

LEGENDA

Grupos Sociais: demarcados pela letra "G"

Reconhecimento: demarcado pela letra "R"

Aceitação: demarcado pela letra "A"

Não Aceitação: demarcado pelas letras "NA"

Valoração positiva: V+

Valoração negativa: V-

Figura 18: Relação de Aceitação entre os Grupos Sociais.

Fonte: Zárate, 2018.

- para a identificação da compatibilidade entre as atividades desenvolvidas pelos diversos grupos sociais existentes, podendo estas serem compatíveis (Com) ou não compatíveis (Ncom), conforme Figura 19.

Compatibilidad entre Actividades
Com = Compatible
Ncom = No Compatible

	A1	A2	A3
A1		Com	Com
A2			Ncom
A3			

LEGENDA

Atividades: demarcados pela letra "A"

Compatíveis: demarcados pelas letras "COM"

Não compatíveis: demarcados pelas letras "NCOM"

Figura 19: Compatibilidade entre as Atividades Desenvolvidas.

Fonte: Zárate, 2018.

- para a identificação das relações de congruência (C) ou incongruência (I) entre as atividades e os cenários da Praça Rui Barbosa, segundo Figura 20.

**Congruencias e
Incongruencias entre
Escenarios y Actividades**
C = Congruencia
I = Incongruencia

	A1	A2	A3
E1	C	I	C
E2	I	C	C
E3	C	C	I

LEGENDA

Atividades: demarcados pela letra "A"

Cenários: demarcados pela letra "E"

Congruência: demarcado pela letra "C"

Incongruência: demarcado pela letra "I"

Figura 20: Congruências e Incongruências entre Cenários e Atividades.

Fonte: Zárata, 2018.

A partir das 3 matrizes anteriores, conseguimos elaborar a matriz das Correspondências Sócio-simbólicas, onde relacionamos os grupos sociais e as atividades desenvolvidas de forma a identificar significações positivas (S+) ou negativas (S-), valorações positivas (V+) ou negativas (V-) e localizá-las nos respectivos cenários (E1, E2, E3 etc.)⁷⁶, conforme Figura 21. Conseguimos também elaborar a matriz das Correspondências Simbólico-físicas, onde relacionamos as significações encontradas (S) com os cenários da praça (E), de forma a identificar os grupos sociais condizentes (G), as valorações (V) e as atividades (A), conforme Figura 22. E por fim, realizamos a matriz de Congruências Sócio-físicas, onde relacionamos as atividades realizadas na praça (A) com os cenários onde essas atividades são desenvolvidas (E), de forma a identificar a relação dos grupos sociais (G), a congruência (C) ou incongruência (I) e o reconhecimento (R), a aceitação (A) e a não aceitação (NA) entre os fatores postos em questão, conforme Figura 23.

⁷⁶ A sigla para os cenários está aqui representada por "E" pois a matriz encontra-se em espanhol, no momento da elaboração das matrizes para esta pesquisa a sigla que representa os cenários será alterada para "CE".

De aquí se pueden obtener correspondencias socio-simbólicas

	G1	G2	G3
A1	Sb+ V+ E1V+		Sc- V+ E1V+ E2V-
A2		Sa+ V+ E2V+	
A3	Sa+ V+ E1V+ E3V-		

Figura 21: Correspondências Sócio-simbólicas.
Fonte: Zárate, 2018.

De aquí se pueden obtener correspondencias simbólico-físicas

	E1	E2	E3
Se1+	G3 V+ G1V- A1 V+V+	G3 V-	
Se2+		G2 V+ A2 V+	
Se3-			G1 V- A3 V+

Figura 22: Correspondências Simbólico-físicas.
Fonte: Zárate, 2018.

De aquí se pueden obtener congruencias socio-físicas y compatibilidad funcional entre actividades

	A1	A2	A3
E1	G3 G1 C R+A		G1 C
E2	G3 I	G2 C	
E3			G1 I

Figura 23: Congruências Sócio-físicas.
Fonte: Zárate, 2018.

2.1.6 Unidades Ambientais

A partir da identificação das congruências e correspondências podemos identificar as unidades ambientais da praça Rui Barbosa, que são a territorialidade dentro do espaço, ou seja as articulações chave entre os modelos físico, social e simbólico. As unidades ambientais são as autênticas inter-relações entre a sociedade e um espaço carregado de significados, que estão atrelados à uma problemática (ZÁRATE, 2014).

2.2 MODELO DE VISÃO OU CIDADE ANÁLOGA

Neste momento do método apresentamos a etapa propositiva hipotética de nossa pesquisa, ou seja, uma possível proposta de requalificação para a praça Rui Barbosa.

2.2.1 Prefiguração de Modelo Projetual

Segundo Zárte (2015d, p. 270), neste momento propomos um modelo que permite apresentar uma proposta projetual, cenários hipotéticos possíveis de serem materializados. De forma que levem à novas unidades ambientais sem que as já existentes sejam desconsideradas, criando o diálogo entre elas e solucionando as problemáticas encontradas.

Para que essa prefiguração tenha chances de ser adequada à condição atual da praça, são levadas em consideração as expectativas dos usuários, ou seja, os pedidos que a população evidenciou no momento da aplicação de nossos questionários.

2.2.2 Modelo Exemplar

A partir da proposição de novas unidades ambientais dialógicas, segundo Zárte (2015d, p. 275), conseguimos apresentar um Modelo Exemplar de como a praça Rui Barbosa deveria se comportar em todas as suas instâncias e inter-relações entre os modelos físico, social e simbólico. Para podermos comprovar a existência da dialogia em nossas diretrizes projetuais hipotéticas realizamos um Mapa de Sinergias, conforme modelo a seguir exemplificado por Zárte (Figura 24), onde apresentamos as relações dialógicas entre as unidades ambientais (existentes e novas).

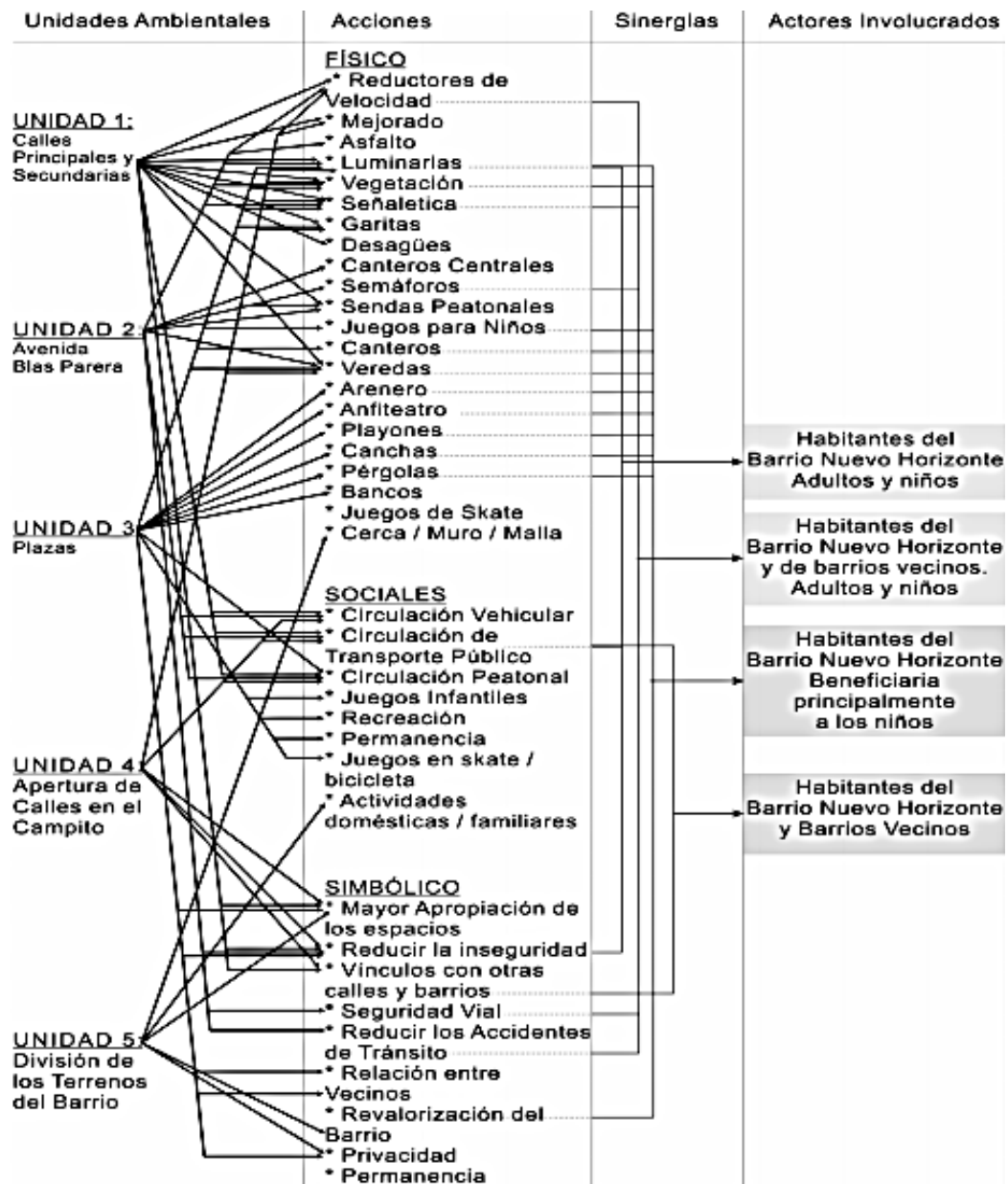


Figura 24: Mapa de Sinergias (Modelo Exemplar).
 Fuente: ZÁRATE, 2015d, p. 275.

2.2.3 Modelo de Gestão

Para finalizarmos o momento propositivo do método ainda é necessário evidenciar diretrizes para um modelo de gestão coerente, de maneira a manter o diálogo entre os diversos campos do saber técnico e também dos atores sociais envolvidos, já que são estes que usufruem dos espaços públicos urbanos.

3 CONTEXTO – ÁREA CENTRAL DE BAURU

De forma a iniciarmos o nosso estudo com a aplicação do método do Urbanismo Ambiental Hermenêutico em relação à praça Rui Barbosa (**texto** da pesquisa dialógica), precisamos inicialmente evidenciar o **contexto**. Em função da praça Rui Barbosa ser a praça matriz de Bauru, importante para a população da cidade como um todo, terá seu contexto abordado segundo os aspectos: fatos históricos relevantes; crescimento urbano de Bauru; território e população; infraestrutura urbana; social e econômico; zonamento – uso do solo e proteção ambiental; e equipamentos coletivos (saúde, educação e transporte).

Para tanto realizamos pesquisas em acervos históricos, jornais, livros, homepages referentes ao município de Bauru, documentos disponibilizados pela Secretaria de Planejamento de Bauru e também realizamos observações in loco para o conhecimento atual da área.

3.1 FATOS HISTÓRICOS RELEVANTES

O município aqui tratado, Bauru, interior de São Paulo, é uma a região que até final do século XIX, segundo Ghirardello (1992), foi considerada como sertão desconhecido, não tendo sido abarcada pelas regulamentações das sesmarias, o que a classificava como área de domínio público. Ao que afirma Ghirardello (1992, p. 38):

A intensificação da ocupação por posseiros ocorre a partir de 1850, quando o governo imperial promulga a lei nº 601, de 18 de setembro, que dá a possibilidade de registro às terras devolutas pertencentes ao Império, e ocupadas por uso capião, até aquela data, obrigando sua compra a partir daí.

Esses posseiros eram em sua grande maioria mineiros, segundo Ghirardello (1992, p. 40) dentre eles estavam Antônio Teixeira do Espírito Santo e Felicíssimo Antônio Pereira. A região ocupada por eles era conhecida como Arraial da Boca do Sertão, e o patrimônio de Bauru nasceu com a doação de terras para a Igreja em 15 de novembro de 1884 (PINTO, 1997, p. 57).

Antônio Teixeira fez a doação ao Divino Espírito Santo e a São Sebastião de Bauru, de 57 hectares e 25 ares da sua Fazenda das Flores, avaliados em cem mil réis, compreendendo uma área entre as margens do Rio Bauru e o Córrego das Flores, seguindo assim o costume da época de que as doações de terras eram feitas à Igreja, muitas vezes em troca de direitos de foro ou por graças recebidas. Assim o fariam mais tarde os descendentes de

Felicíssimo Antonio Pereira, 03/05/1893, acrescentando nova área ao patrimônio de Bauru (PINTO, 1997, p. 58).

Sobre a primeira doação de terras, em 1884, Ghirardello (1992) menciona que somente 4 anos após, em 17 de abril de 1888, é que foi indicado o arruador Vicente Ferreira de Farias para que realizasse a demarcação do traçado urbano de Bauru, segundo código de posturas municipais de Lençóis: “Supondo-se que em local tão distante não houvesse arruadores para os patrimônios da jurisdição de Lençóis só poderia significar a colaboração de cidadãos apenas com algumas noções de planialtimetria” (GHIRARDELLO, 1992, p.52).

Com isso, Ghirardello (1992, p.53) também realizou investigações acerca do primeiro traçado urbano de Bauru, ao qual constatou que “[...] supõe-se que o código vigente à época já exigiria traçado ortogonal devido a própria forma física resultante de Bauru e pelas diversas cidades de traçado ortogonal, cuja indicação de arruadores partiu da câmara de Lençóis, portanto, sob suas leis”. E afirma também:

As quadras são regulares medindo 88 x 88 metros divididas em 8 datas com dimensões de 22.00m x 44.00m, totalizando 968 m por lote.

As ruas leste-oeste mediam todas por volta de 14 metros de largura, as norte-sul mais largas, têm dimensões variáveis entre 16 a 20 metros. As primeiras, menores que o exigido pelo projeto de lei da câmara de Lençóis, o que nos faz supor que o código vigente quando do arruamento, pedia vias mais estreitas. As segundas, já dentro do espírito do futuro código de posturas que mencionava ruas com 16 metros, se localizadas em morros; mas, como não possuímos esse tipo de acidente natural no sítio inicial, supõe-se, por hipótese, que o arruador considera as ruas norte-sul como vias de aclive acentuado, devido algumas rampas, necessitando de maior largura.

Não há preocupação com pontos de interesse, eixos principais ou avenidas. Mesmo praças parecem não ter sido demarcadas [...] (GHIRARDELLO, 1992, p.54).

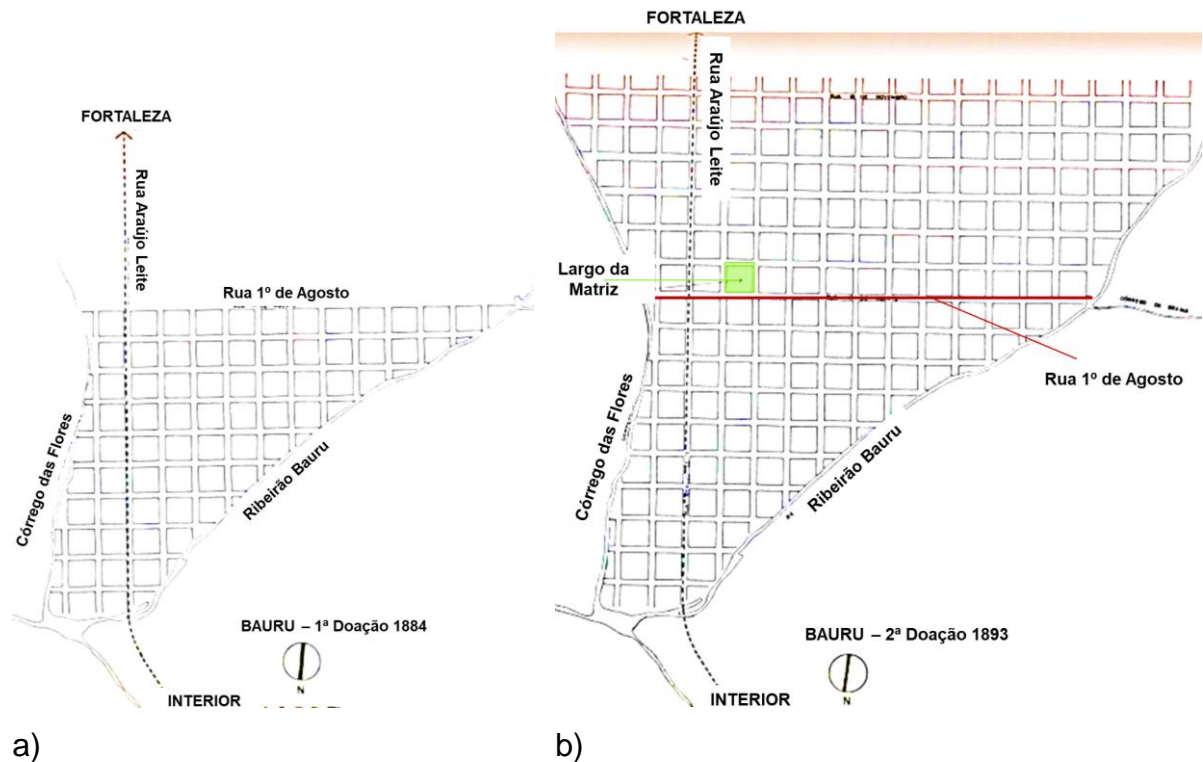


Figura 25: a) Primeira doação de Bauru, 1884; b) Segunda doação de Bauru, 1893.
 Fonte: a) GHIRARDELLO, 1992, p. 55; b) GHIRARDELLO, 1992, p. 63; editado pelo autor, 2018.

Retrocedendo um pouco para demais fatos históricos, no ano de 1886, na localidade onde posteriormente nasceu a Praça Rui Barbosa, foi a família Bastos que ao chegar em Bauru ergueu o primeiro Cruzeiro de madeira do vilarejo (PELEGRINA, 1978b), no entanto, este logo foi substituído pela primeira Capela dedicada ao Divino Espírito Santo, do então bairro Bauru⁷⁷, que iniciou-se em 1888 e teve suas obras concluídas em 1894 (PELEGRINA, 1978c). Sobre essa localidade Pelegrina comenta:

No início da cidade, em meados da década de 1890, a praça não passava de um quarteirão agreste com alguns arbustos, indicando a má qualidade do solo arenoso onde vinha surgindo a cidade. Construída a primeira igreja, em 1893, as autoridades municipais cuidaram de trazer o então largo da igreja bem capinado, o que colaborou para que a praça se tornasse num verdadeiro areial – o sahara de Bauru [...] (PELEGRINA, 1990b).

Foi então em 1893 que se criou o Distrito de Paz de Bauru, anexado ao município de Fortaleza, porém, como Bauru progrediu mais do que o município ao qual pertencia, em 1896 foi elevada à município, enquanto que Fortaleza passou a ser sua subordinada; e em 18 de dezembro de 1910 foi criada a Comarca de Bauru

⁷⁷ “Nesse mesmo ano de 1886 [...] a Lei Provincial nº 68 criava o Distrito de Fortaleza, em cujo território ficou localizada a pequena povoação de Bauru, constante de apenas uns 30 moradores, se excluirmos os inúmeros sitiantes da redondeza” (PELEGRINA, 1978b).

(PELEGRINA, 1978^a), conforme Figura 26 podemos ver o início da planta urbanística de Bauru. Sobre a lei que declara Bauru como município, Ghirardello aponta:

Assim, em 1º de agosto de 1896, o Poder Executivo decreta a lei nº 428:
 Artigo 1º - O município do Espírito Santo de Fortaleza passa a denominar-se Bauru, mudando a sua sede para esta última povoação.
 Artigo 2º - Revogam-se as disposições em contrário (GHIRARDELLO, 1992, p. 65).

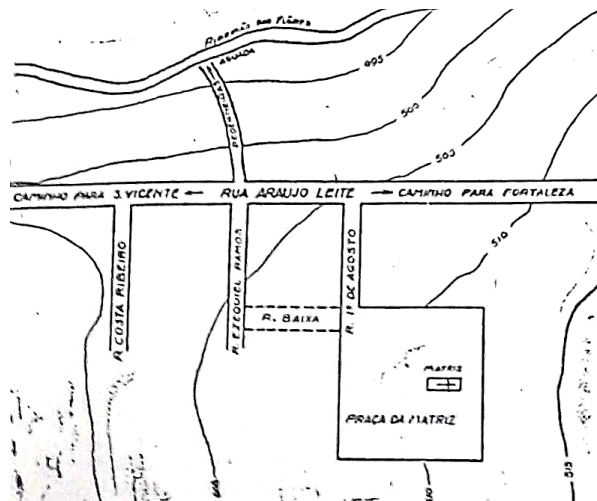


Figura 26: Planta Urbana de Bauru em 1896.
 Fonte: PELEGRINA, 1990b.

Ainda conforme explana Ghirardello (1992, p. 69 e 71), as normas urbanas municipais de Bauru muito provavelmente se basearam no Código de Posturas da antiga sede (Fortaleza), datado de 1892; o que ajuda a mostrar como era a cidade, à época, em dois de seus capítulos: Da Regularidade, Asseio e Embelezamento das Ruas, Praças e Edifícios; e Do Arruador.

A malha urbana de Bauru tem início a partir da estrada que leva o sertão à Fortaleza, sendo esta a primeira rua de Bauru, denominada Araújo Leite em 08 de janeiro de 1896. A segunda rua denominada no município foi a 1º de Agosto, em 17 de outubro de 1896 (GHIRARDELLO, 1992, p. 71 e 72).

Ghirardello (1992, p. 72) aponta também que a rua Araújo Leite foi constituída pela burguesia, comércio e poder civil (Câmara e Cadeia), tendo sido ocupada inicialmente por ser uma passagem obrigatória, e relata que “No final desta via, em direção a Fortaleza, já estava formando um grande largo ao redor da capela edificada no ano de 1894”; e salienta:

A situação da capela estava de acordo com as exigências no ponto mais alto, junto à primeira doação patrimonial, justamente na divisa de águas do

Ribeirão Bauru e Flores, à cavaleira de toda povoação. Porém, ponto fundamental, desconsiderava a malha traçada pelo arruador, cortando abruptamente uma rua que futuramente teria grande importância.

A área ao seu redor, nos moldes dos largos das igrejas coloniais, será a única 'explosão espacial' fugindo da linearidade, pouco incentivadora da convivência, existente nas ruas da cidade. Ela vai ser utilizada, principalmente, para atividades religiosas, embora se dessem no local, eventos políticos, culturais e sociais. O amplo espaço descampado, raro no povoado, permitia a aglomeração de toda população [...] (GHIRARDELLO, 1992, p. 72 e 73).

Sobre o largo, Pelegrina (1990c) diz que somente em 1897 que se deu a criação da paróquia, fazendo com que passasse a ser conhecido por Largo da Matriz; e logo em seguida, já que ainda não possuía um nome definitivo, com a construção do Paço Municipal em 1907, na Rua 1º de Agosto, o Largo passou a ser chamado de Praça Municipal (Figura 27 e 28).



Figura 27: Praça Municipal, 1910. Ao centro da foto o jornal "A Cidade de Bauru", à esquerda a farmácia "Aliança", e o próximo à esquerda a "Casa Pratojiane".
Fonte: Acervo Fotográfico NUPHIS/USC, código 00792 Av.



Figura 28: Primeira Capela de Bauru, na Praça Municipal, 1913.
Fonte: Acervo Fotográfico NUPHIS/USC, código 00766 Av.

Nesse momento a economia e a política do vilarejo dependiam dos latifundiários, os fazendeiros e suas famílias somente saíam das fazendas para eventos políticos, festas religiosas e festas civis, não fixando residências na cidade; isso acontecia, segundo Ghirardello (1992, p. 73), pois os fazendeiros temiam por prejuízos financeiros. A configuração econômica de Bauru somente se alterou quando a chegada da ferrovia em 1905, permitindo assim que investimentos imobiliários fossem vantajosos. Bauru teve três ferrovias implantadas, a Sorocabana (1905), a Noroeste (1906) e a Paulista (1910), que fizeram com que o vilarejo logo se tornasse um importante entroncamento para o escoamento do café produzido na região (GHIRARDELLO, 1992, p. 85).

O encontro de várias ferrovias colocava a cidade em contato direto com diversas regiões do Estado, privilégio apenas comparado a São Paulo. Essa

'independência' da capital, transformaria Bauru em pólo regional, de uma parte considerável, e central do Estado favorecendo o comércio, a prestação de serviços e, por consequência, seu crescimento (GHIRARDELLO, 1992, p. 85).

Com a chegada das ferrovias aconteceu também um recorte na malha ortogonal inicial de Bauru, que segundo Ghirardello (1992, p. 93) “[...] seria sistematicamente recortada para a implantação das ferrovias e criação de avenidas; as primeiras de certa forma seccionando todo setor norte e oeste, reforçando a barreira dos Vales e Ribeirão”, o que influenciou consideravelmente na ocupação e crescimento de Bauru.

Referindo-nos novamente à Praça Municipal, esta era então constituída por um grande areal, o então prefeito Manoel Bento da Cruz demonstrava pressa em construir um jardim público para a população, porém a capelinha o impedia, já que foi construída ao centro da área (PELEGRINA, 1990a).

O assunto dominante nas rodas sociais e políticas da cidade era a respeito da polêmica criada [demolição da Capela para dar lugar ao jardim]. Aliás essa briga já vinha de há muitos anos [...]

E nesse vai e vem, acabou envolvendo todas as autoridades locais, inclusive a do Judiciário e de maneira bastante surpreendente; quando indagado de que maneira deveriam agir para evitar a derrubada da igreja, o juiz respondeu: Façam uso da carabina (PELEGRINA, 1990a).

Tais desavenças entre Câmara e Igreja podem ser entendidas através das falas de Ghirardello:

Com a posterior transformação de Bauru em sede municipal e, logo depois, com a vinda das ferrovias, as áreas patrimoniais valorizavam-se e o relacionamento entre Igreja, representada pela Fábrica da Matriz do Divino Espírito Santo, proprietária do Patrimônio e Câmara se torna bastante difícil devido diversas desapropriações executadas pela Câmara para a implantação dos pátios, além de outras feitas à revelia para a construção da Câmara, do Ginásio e Cadeia (GHIRARDELLO, 1992, p. 99).

O autor também explana: “A Igreja jamais se preocupou com as várias alterações na trama urbana, ou mesmo as seguidas ocupações de seus terrenos por parte de edifícios públicos. A questão era, basicamente, o quanto seria pago pelas desapropriações” (GHIRARDELLO, 1992, p. 100).

Diante desses desacordos, Câmara prezando pela demolição da Capela para utilização da área para um Jardim Público e Igreja clamando por suas terras, Pelegrina (1990a) relata que apesar das tentativas em se permanecer com a primeira Capela, o então prefeito e a Câmara Municipal conseguiram, em 22 de julho de 1913, a aprovação de que o largo da igreja e a própria igreja fossem de utilidade pública.

Assim sendo, o prefeito teve autonomia para adquirir a área e o prédio da igreja pela quantia que fosse necessária.

Nessa data o prédio da Igreja já estava condenado à demolição, no entanto a entidade católica não se dispunha a demoli-la, diante disso, Manoel Bento da Cruz em conjunto com a Câmara Municipal deliberaram pela demolição, e decidiram realizá-la por conta própria. O que evidentemente causou mais tensão entre Igreja e poder municipal; Pelegrina discorre sobre as duas versões existentes sobre a demolição da Capela em 1913, primeiramente a versão da Igreja:

Às duas horas da madrugada, homens ímpios, por brechas praticadas nas paredes, penetraram na igreja e mãos sacrílicas, com um golpe de picareta, arrombaram o sacrário, espalhando as sagradas formas sobre o altar, e pior teriam feito se o vigário da paróquia, com o perigo da própria vida, não acudisse a tempo de recolhê-las, levando-as para casa, onde imediatamente as consumiu.

Às 11 e meia hora, apesar dos protestos pessoais da autoridade diocesana, o senhor Prefeito, acompanhado de alguns vereadores e vários operários municipais, invadiram a igreja e tiraram por sua própria conta as imagens e mobiliários e começaram a demolir o templo e, às três horas da madrugada, a igreja estava arrasada! (PELEGRINA, 1990a).

E então a versão da imprensa:

Após inúmeras negociações, ora com a Fábrica desta paróquia, ora diretamente com o bispado de Botucatu, para a desapropriação da velha igreja matriz, que, além de constituir um perigo iminente pelo seu estado de ruína que um óbice a realização de obras do jardim público da praça municipal, ficou verificado que seria inútil quaisquer tentativas de acordo nesse sentido, por parte da Câmara Municipal.

[...] tornou-se evidente que, contrariando as aspirações do povo católico de Bauru, desejoso de possuir um templo mais moderno e bem localizado e para isso empenhando todos os seus esforços, o bispado, que nunca morreu de amores por esta paróquia e a Fábrica [...] delegaram para um plano secundário os interesses espirituais dos paroquianos e tendo em vista os interesses profanos [...]

Esqueciam, a Fábrica e o Bispado – que acima desses interesses pecuniários, exclusivamente individuais, pairava outro interesse mais amplo e respeitável – o da segurança pública – ameaçada por um edifício ruinosos [...]

Pois, em virtude deste interesse geral e respeitável, visando unicamente à segurança pública, o prefeito agiu oportunamente, mandando demolir o prédio ruinoso [...] (PELEGRINA, 1990a).

Dada a demolição da Capela, Ghirardello (1992, p. 123) faz um importante apontamento: “Podemos analisar a mudança de vocação dessa fração urbana como a transposição do espaço sacro, o largo da igreja, ao espaço laico por excelência, a Praça Municipal”. Com isso, até esse momento da pesquisa nos limitamos em falar da história de Bauru somente até a demolição da primeira Capela, pois até então a atual Praça Rui Barbosa ainda não existia definitivamente, sendo a Praça Municipal

caracterizada por um grande espaço aberto que mais se assemelhava à um grande terreiro.

Deixamos então, os eventos específicos sobre o surgimento da Praça da Matriz para mais à frente; no entanto, ainda existem algumas pontuações importantes a serem feitas em relação ao crescimento de Bauru:

- A rua Araújo Leite, ao ser a primeira rua de Bauru, foi também a mais importante, localizando o comércio do vilarejo, portanto, com a vinda das ferrovias o crescimento é direcionado para o sentido oeste, surgindo então a rua Batista de Carvalho que liga as estações Sorocabana e Noroeste; o que faz com esta passe a ser o polo comercial e das melhores residências de Bauru (GHIRARDELLO, 1992, p. 123).
- De forma a conter a decadência da rua Araújo Leite, o poder público faz investimentos em arruamento, iluminação e embelezamento através da implantação de canteiros centrais com vegetação exótica; o que não é eficaz, findando então no declínio da mesma (GHIRARDELLO, 1992, p. 102).
- Diante dessas mudanças, os investimentos imobiliários passam a ser direcionados ao Largo da Igreja, já que lá encontrava-se instalada a Câmara e consolidava-se a construção de uma nova igreja Matriz (GHIRARDELLO, 1992, p. 102).
- O primeiro recenseamento realizado em Bauru foi em 1893, apresentando 5730 habitantes. Havia 62 casas, sendo distribuídas 28 na rua Araújo Leite, 3 na Praça Municipal, e o restante nas demais ruas existentes no período (PELEGRINA, 1967).
- Em decorrência da chegada das ferrovias, Bauru passa a precisar de uma infraestrutura de comunicação, tendo então a linha telefônica instalada em 1907. Os primeiros a utilizarem-se desse novo meio de comunicação foram as ferrovias, comerciantes, Câmara, cadeia e os fazendeiros da região (GHIRARDELLO, 1992, p. 104).
- Em 1908 deu-se a criação de um novo cemitério, fora dos limites urbanos, o que contribuiu para a ocupação da área próxima, formando um novo bairro (GHIRARDELLO, 1992, p. 106).

- A primeira iluminação de Bauru foi por lampiões em 1903, que já em 1911 foram substituídos pela energia elétrica provinda de roda d'água (GHIRARDELLO, 1992, p. 104).
- Ainda sobre os melhoramentos da infraestrutura bauruense, em 1912 foram instalados os sistemas de água e esgoto a partir de estudos de Silvio Saint Martin (engenheiro da ferrovia Noroeste), que ficaram restritos ao eixo central da cidade, favorecendo somente a parcela mais rica da população (GHIRARDELLO, 1992, p. 104 e 105).

De forma a se tornar mais claro entender essas tantas datas sobre o início de Bauru, apresentamos uma linha do tempo simplificada, conforme Figura 29.

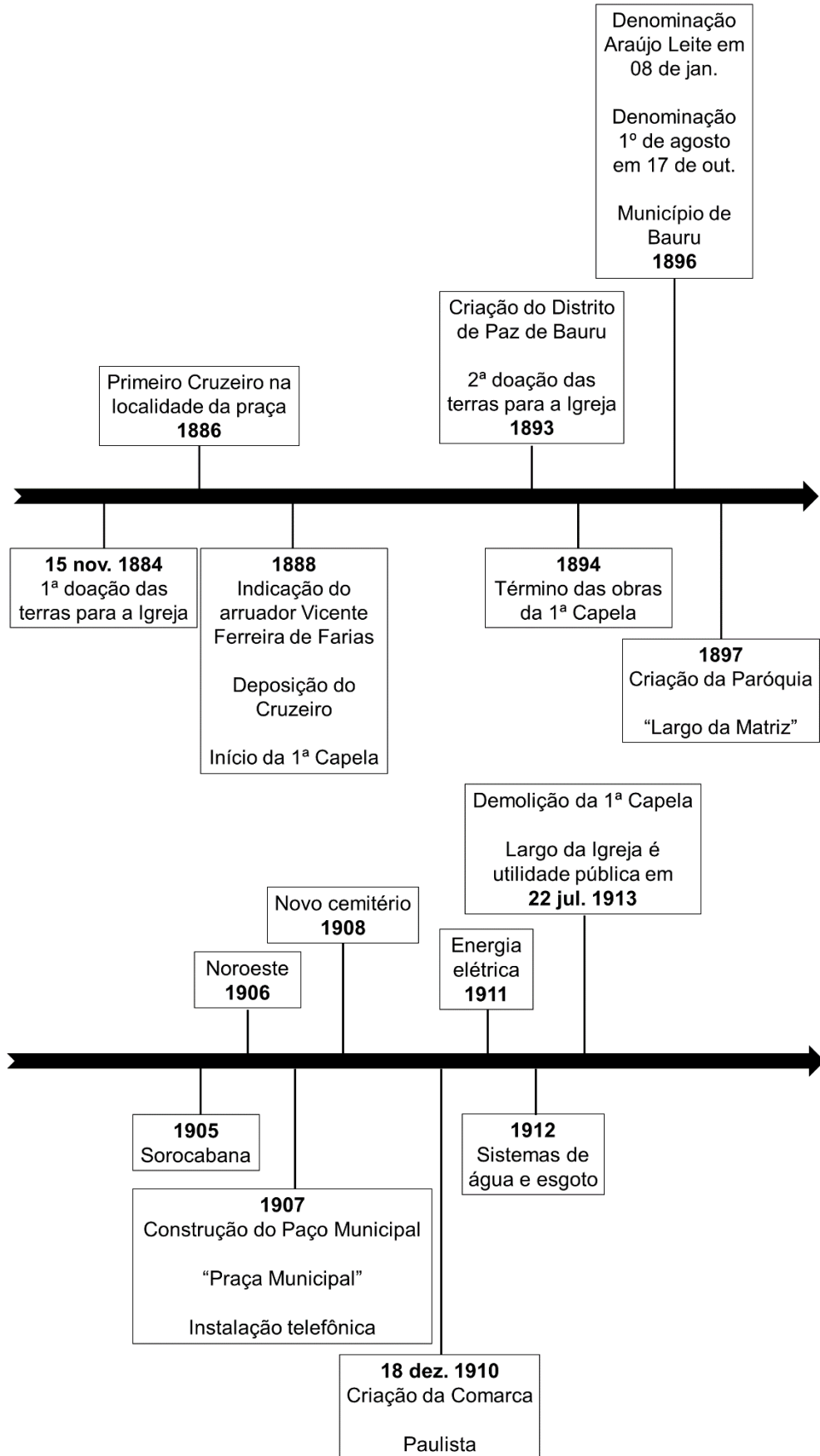


Figura 29: Linha do Tempo – primórdios de Bauru.
 Fonte: Realizado pelo autor, 2018.

3.2 CRESCIMENTO URBANO DE BAURU

A partir de 1920 o município teve um rápido crescimento e enriquecimento, que estiveram associados à alta do preço do solo urbano e ao aumento da população; segundo Ghirardello (1992, p. 138) “O poder público assist[ia] passivamente à divisão indiscriminada do solo por interesses de classe e também por certa visão acumulativa de progresso, onde a dimensão da cidade era mais importante que o nível de vida propiciada aos cidadãos”.

Essa rápida expansão onde o lucro era sempre visado ocorreu com a vigência da malha em xadrez (conforme Código de Posturas da época) para abertura de novos bairros, no entanto, não eram realizadas adequações ao traçado urbano já existente, o que acabou por acarretar problemas futuros, tendo a necessidade de desapropriações para a regularização de vias (GHIRARDELLO, 1992, p. 138). De forma a exemplificar estatisticamente esse crescimento, o mesmo autor nos apresenta as seguintes tabelas.

Tabela 2: Índices de crescimento de Bauru.

POPULAÇÃO URBANA DE BAURU		PRÉDIOS DA CIDADE DE BAURU		CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO NA CIDADE DE BAURU		
1905	600	1905	120	DATA	INDÚSTRIA	COMÉRCIO
1910	3000	1910	300	1916	103	132
1915	5000	1915	530	1928	156	250
1920	15000	1920	1000	1949	190	
1925	18500	1925	2896			
1930	22000	1930	4500			
1935	27945	1935	5000			
1940	33891	1940	7000			

Fonte: GHIRARDELLO, 1992, p. 137.

O crescimento de Bauru, além das áreas ao norte e noroeste da região central, também aconteceu na porção sul, chamada de “Altos da Cidade” devido à topografia, essa área foi caracterizada pela ocupação das classes de maior poder aquisitivo e melhoramentos realizados pela prefeitura. Segundo Ghirardello (1992, p. 140) “É ao sul que se localizarão os novos edifícios de importância, principalmente os de assistência à saúde ligados às sociedades civis locais, como a Santa Casa inaugurada em 1913, e a Beneficência Portuguesa, em 1928”.

Ghirardello (1992, p. 145) também aponta que foi na década de 1920 que a rua Araújo Leite, antes o principal centro comercial do Patrimônio de Bauru, perde tal característica para a rua Batista de Carvalho. A rua Araújo Leite passou a local “[...] o comércio considerado menos importante, destinado à população pobre ou sitiadas [...]”, enquanto que a rua Batista de Carvalho, importante por ser o eixo de ligação das estações ferroviárias até a Praça Rui Barbosa, servia “[...] como fecho e atração ao mesmo tempo [...]” localizando as lojas de maior importância comercial.

Sobre as construções existentes nesse período, Ghirardello (1992, p. 148) salienta:

Na área central, principalmente junto à Batista de Carvalho, serão construídos grandes sobrados, dos cada vez mais ricos comerciantes. Suas implantações, de caráter tradicional, dispensarão os recuos e terão o pavimento inferior destinado às lojas e o superior à moradia. O aumento das atividades comerciais exigirá o aproveitamento de todo térreo, de modo que as residências ocupem o andar superior, em contraste com as antigas e acanhadas lojas da rua Araújo Leite, onde o comércio e a moradia situavam-se em conjunto no térreo.

Ainda segundo Ghirardello (1992, p. 161-163), já no início da década de 1930 até em torno de 1935, o rápido crescimento de Bauru para devido à crise de 1929; e com a queda do cultivo de café, iniciou-se o cultivo de algodão sendo então iniciada a industrialização de Bauru através das beneficiadoras de algodão. Como as indústrias não tinham por característica apresentar uma participação positiva em relação ao meio urbano, foi em outubro de 1936 que o então prefeito João Braulio Ferraz instituiu uma lei municipal:

Criada com o número 18 tenta dar gabaritos e restringir usos do solo nas ruas 1º de Agosto, Batista de Carvalho, Av. Rodrigues Alves, Praças Rui Barbosa e Machado de Mello, ou seja, o centro nobre da cidade. [...] Também inovador enquanto proposta legislativa municipal na tentativa de zonestar espaços urbanos, isentando-os de certos usos prejudiciais ao conforto e à saúde. [...] Pela primeira vez, ainda, a Prefeitura ocupa a posição de planejadora do urbano e não mera espectadora do processo de ocupação desordenada (GHIRARDELLO, 1992, p. 163).

Ainda na década de 1930 foram implantados vetores de crescimentos urbano, sendo eles: ao norte a Escola Agrícola, ao sul o Aeroporto, a leste o Horto Florestal e a sudoeste a Estação de Tratamento D’água. Dessa forma retomou-se o crescimento urbano de Bauru, de maneira desordenada e visando a especulação imobiliária (GHIRARDELLO, 1992, p. 165-167). Nesse mesmo período também ocorreu uma grande diferenciação no centro da cidade:

O centro da cidade, especialmente as ruas Batista, 1º de Agosto e travessas vão deixando, ainda aos poucos, o uso misto comercial e residencial. O custo da terra elevado e os poucos terrenos disponíveis no 'centro nobre' expulsam, paulatinamente, as habitações residenciais potencializando o valor do terreno com a construção de edifícios. Inicialmente eles serão para uso comercial e serviços, setores onde a procura de salas aumenta em vista do número cada vez maior de profissionais liberais e escritórios de representação (GHIRARDELLO, 1992, p. 171).

Castro (2016, p. 120) salienta que nos anos decorrentes, mesmo com a extinção das ferrovias, Bauru ainda teve um grande crescimento: "Todos os bairros expandiram por entre os trilhos, uma vez que estes estavam previamente constituídos. Esse crescimento se deu de forma muito peculiar, e resultou em uma malha urbana extremamente fragmentada". A autora ainda explana que com a existência das ferrovias era possível a fácil mobilidade entre os bairros, no entanto, com a extinção das mesmas, o surgimento das rodovias e os fundos de vale existentes, o município apresenta uma "desfragmentação territorial".

Um crescimento heterogêneo, de usos diversos, como resposta a políticas nacionais de incentivo a determinados tipos de transporte, habitação e ao crescimento periférico, são marcas de um urbanismo insustentável que foi amplamente aplicado no século passado. Conforme os bairros foram crescendo, foram sendo criados os pontos possíveis de travessia sobre os trilhos, mas que não são suficientes (CASTRO, 2016, p. 121).

Na sequência podemos visualizar um mapa do crescimento urbano de Bauru entre as décadas de 1910 e 2010, apresentado por Castro (2016).

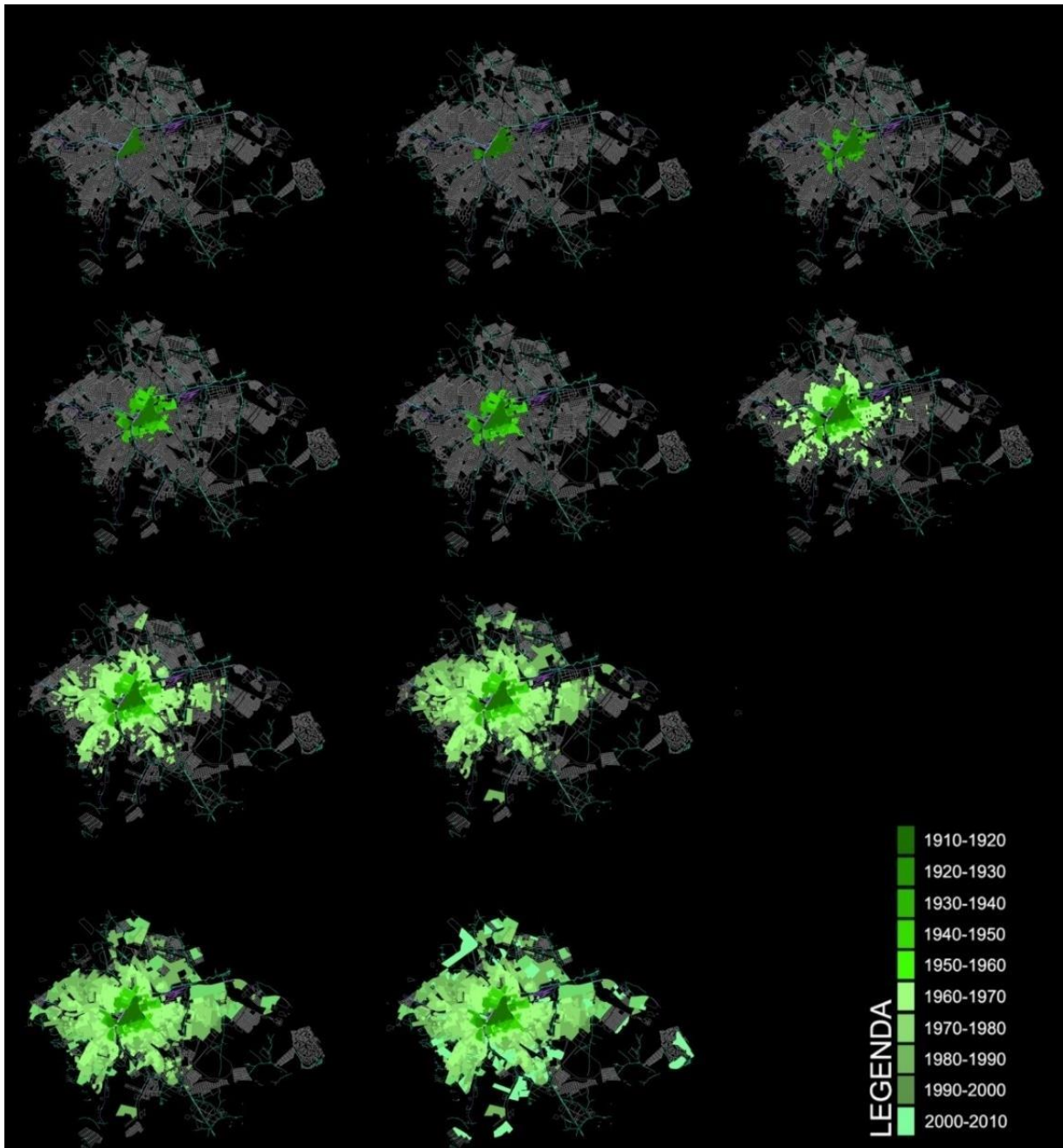


Figura 30: Crescimento Urbano de Bauru (1910 – 2010).
 Fonte: INSTITUTO SOMA apud CASTRO, 2016, p. 120.

3.3 TERRITÓRIO E POPULAÇÃO

Segundo a homepage da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), em 2018 o município de Bauru apresentava uma área de 667,68km², tendo uma população de 360.478 habitantes e uma densidade demográfica de 539,90 habitantes/km². O município também apresentou um grau de urbanização, em 2018,

de 98,33%, estando entre uma das cidades com melhor taxa do estado de São Paulo conforme Figura 31.

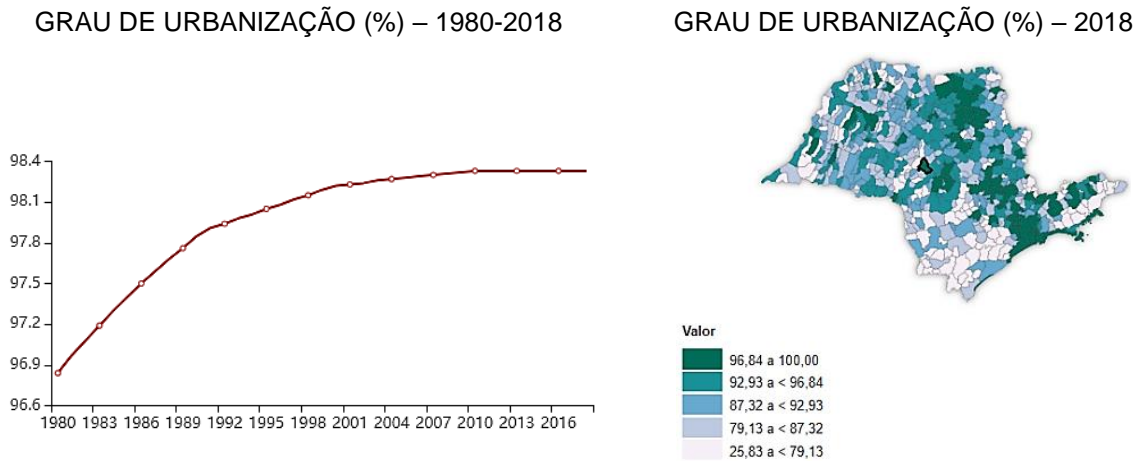


Figura 31: Grau de Urbanização de Bauru.
Fonte: SEADE.

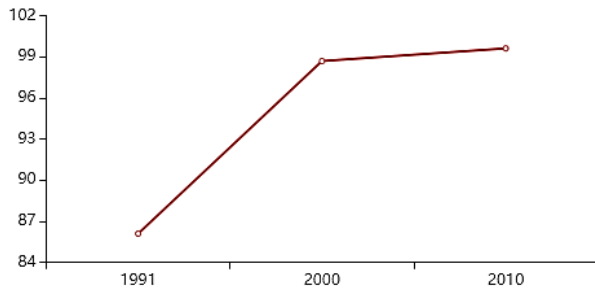
3.4 INFRAESTRUTURA URBANA

Ainda segundo dados da SEADE, o nível da coleta de lixo de acordo com o censo demográfico de 2010 foi de 99,61% em Bauru, consideravelmente baixo quando comparado com demais cidades do estado de São Paulo, porém apresentou melhoras desde a década de 1990, conforme Figura 32.

O nível de atendimento do abastecimento de água também de acordo com o censo demográfico de 2010 foi de 98,86% em Bauru, sendo uma posição mediana em relação à demais cidades do estado de São Paulo, e também tendo apresentado melhoras desde a década de 1990, apesar de ter acontecido uma queda de 0,04% no nível entre 2000 e 2010, conforme Figura 33.

O nível de atendimento do esgoto sanitário de acordo com o censo demográfico de 2010 foi de 97,19% em Bauru, estando o município quase dentre as melhores colocações do estado de São Paulo, e apresentou boas melhoras desde a década de 1990, conforme Figura 34.

NÍVEL DA COLETA DE LIXO (%) – 1991-2010



NÍVEL DA COLETA DE LIXO (%) – 2010

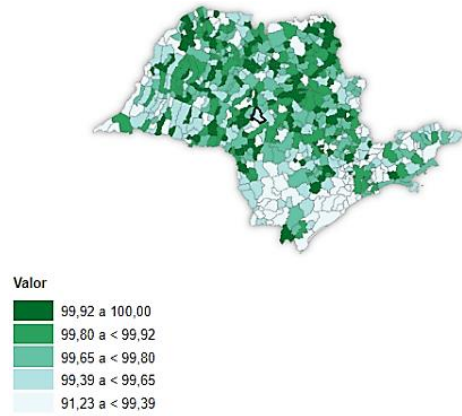
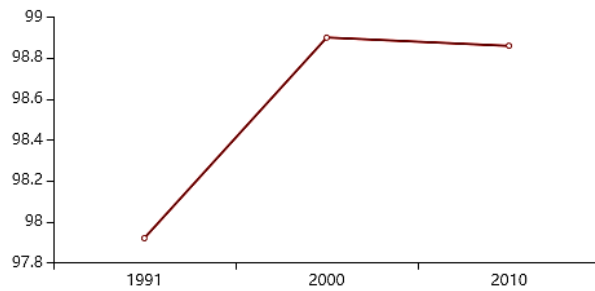


Figura 32: Nível de Coleta de Lixo de Bauru.
Fonte: SEADE.

NÍVEL DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA (%) – 1991-2010



NÍVEL DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA (%) – 2010

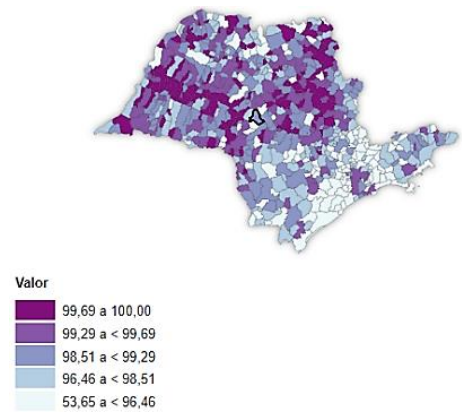
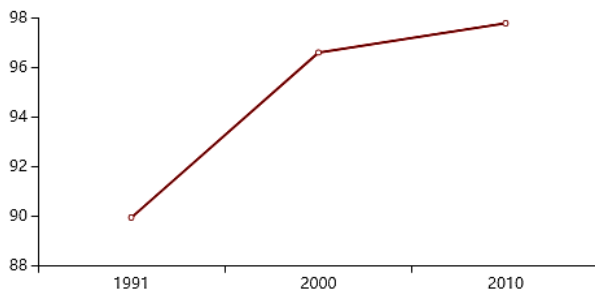


Figura 33: Nível de Abastecimento de Água de Bauru.
Fonte: SEADE.

NÍVEL DE ESGOTO SANITÁRIO (%) – 1991-2010



NÍVEL DE ESGOTO SANITÁRIO (%) – 2010

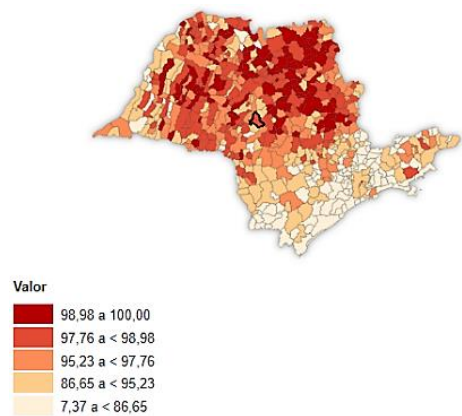


Figura 34: Nível de Esgoto Sanitário de Bauru.
Fonte: SEADE.

3.5 SOCIAL E ECONÔMICO

Um dos índices que caracterizam os municípios paulistas é o Índice Paulista de Responsabilidade Social (IPRS); tendo como indicadores a Riqueza Municipal, a Longevidade Municipal e a Escolaridade Municipal; é através desses dados estatísticos que podemos conhecer as condições sociais e econômicas da população de um determinado município. Sobre a Riqueza Municipal, a qual apresentamos aqui, é assim especificado pela SEADE:

O indicador de riqueza municipal é composto por quatro variáveis: consumo anual de energia elétrica, por ligação residencial; consumo de energia elétrica na agricultura, no comércio e nos serviços, por ligação nessas classes de consumidores; valor adicionado fiscal per capita; e remuneração média dos empregados com carteira assinada e do setor público. Com esses componentes pretendeu-se captar, simultaneamente, a riqueza municipal – por meio dos indicadores de consumo de energia elétrica na agricultura, no comércio e nos serviços e do valor adicionado fiscal per capita – e a renda familiar – a partir do consumo residencial de energia elétrica e do rendimento médio dos empregados no setor formal da economia local. Tal distinção tem importante significado do ponto de vista das políticas públicas, pois, enquanto as variáveis relativas à renda familiar são típicas de resultado, isto é, refletem iniciativas e investimentos pretéritos, aquelas referentes à riqueza municipal podem ser associadas à capacidade do município de produzir novos esforços em prol do desenvolvimento local (SEADE, 2016, p. 3 e 4)⁷⁸.

A partir da relação dos três indicadores do IPRS (citados acima), pode-se classificar o município em 5 grupos, conforme Tabela 3.

⁷⁸ Consulta à homepage SEADE. Disponível em: <<http://www.iprs.seade.gov.br/iprs2016/view/pdf/iprs/metodologia.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

Tabela 3: Critério de Formação dos Grupos do IPRS.

Grupos	Critérios	Descrição
Grupo 1	Alta riqueza, média longevidade e média escolaridade	Municípios que se caracterizam por um nível elevado de riqueza com bons níveis nos indicadores sociais
	Alta riqueza, média longevidade e alta escolaridade	
	Alta riqueza, alta longevidade e média escolaridade	
	Alta riqueza, alta longevidade e alta escolaridade	
Grupo 2	Alta riqueza, baixa longevidade e baixa escolaridade	Municípios que, embora com níveis de riqueza elevados, não são capazes de atingir bons indicadores sociais
	Alta riqueza, baixa longevidade e média escolaridade	
	Alta riqueza, baixa longevidade e alta escolaridade	
	Alta riqueza, média longevidade e baixa escolaridade	
	Alta riqueza, alta longevidade e baixa escolaridade	
Grupo 3	Baixa riqueza, média longevidade e média escolaridade	Municípios com nível de riqueza baixo, mas com bons indicadores sociais
	Baixa riqueza, média longevidade e alta escolaridade	
	Baixa riqueza, alta longevidade e média escolaridade	
	Baixa riqueza, alta longevidade e alta escolaridade	
Grupo 4	Baixa riqueza, baixa longevidade e média escolaridade	Municípios que apresentam baixos níveis de riqueza e níveis intermediários de longevidade e/ou escolaridade
	Baixa riqueza, baixa longevidade e alta escolaridade	
	Baixa riqueza, média longevidade e baixa escolaridade	
	Baixa riqueza, alta longevidade e baixa escolaridade	
Grupo 5	Baixa riqueza, baixa longevidade e baixa escolaridade	Municípios mais desfavorecidos do Estado, tanto em riqueza quanto nos indicadores sociais

Fonte: SEADE.

Dessa forma, segundo informações da SEADE apresentamos a Dimensão de Riqueza de Bauru em 2014, sendo de 44 e estando dentre os melhores índices do estado de São Paulo, conforme Figura 35.

E também, em 2014, Bauru foi classificada dentro do Grupo 2 do Critério de Formação do IPRS, conforme Figura 36.

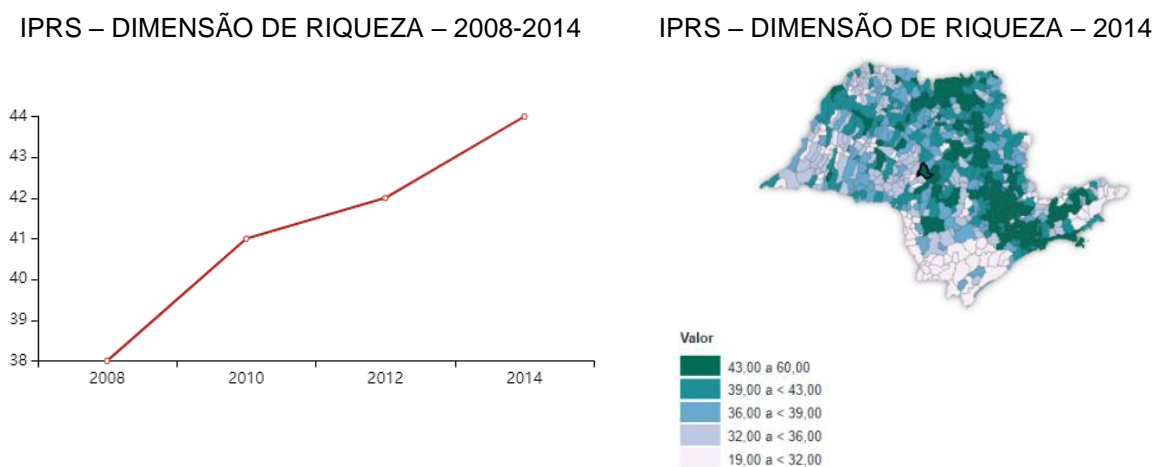


Figura 35: IPRS – Dimensão de Riqueza de Bauru.

Fonte: SEADE.

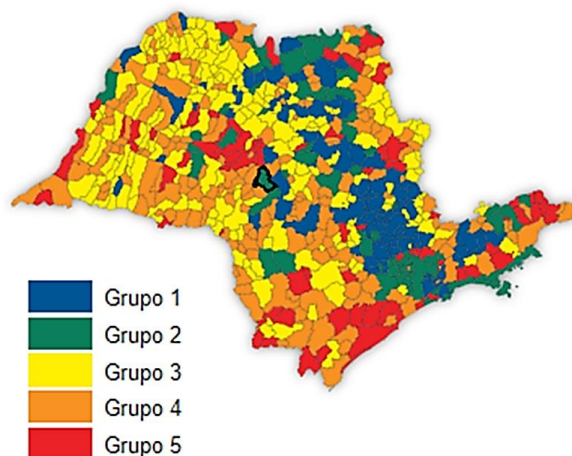


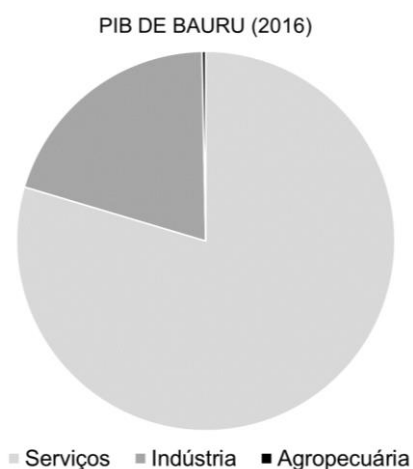
Figura 36: IPRS – 2014.
Fonte: SEADE.

O município de Bauru, segundo a SEADE, teve uma participação nas exportações do estado de São Paulo referente a 0,353305% em 2017.

E em 2016, o Produto Interno Bruto (PIB) de Bauru era composto por: 79,61% em participação de serviços; 20,10% em participação da indústria; e 0,30% em participação agropecuária (Figura 37a).

Conforme os empregos formais contabilizados em 2017, foram assim distribuídos: Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura – 0,78%; Indústria – 11,86%; Construção – 11,56%; Comércio Atacadista e Varejista e Comércio e Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas – 23,14%; Serviços – 52,66% (Figura 37b).

a)



b)

TRABALHOS FORMAIS DE BAURU (2017)

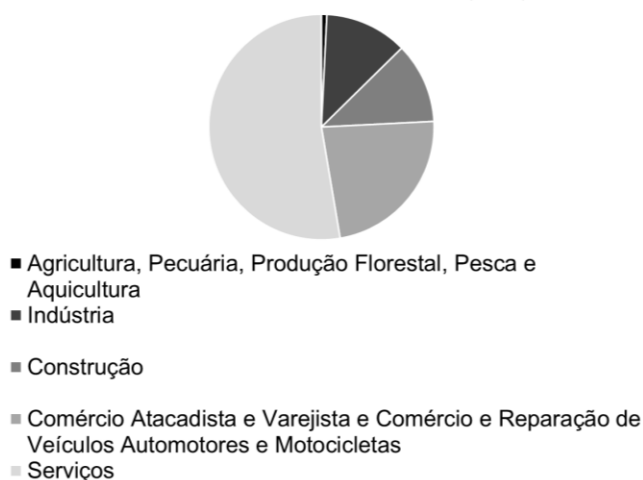


Figura 37: a) PIB de Bauru (2016); b) Trabalhos Formais de Bauru (2017).
Fonte: Realizado pelo autor com base nas informações da SEADE, 2019.

Com a observação da tabela acima podemos notar a grande porcentagem dos setores de comércio e serviço; tais índices são facilmente identificados na região central de Bauru, local onde encontra-se a praça Rui Barbosa.

3.6 ZONEAMENTO - USO DO SOLO E PROTEÇÃO AMBIENTAL

A homepage do Plano Diretor Participativo de Bauru apresenta um mapa com a delimitação do Macrozoneamento do município, conforme podemos ver na Figura 38, e também as áreas de Interesse Ambiental, conforme Figura 39.

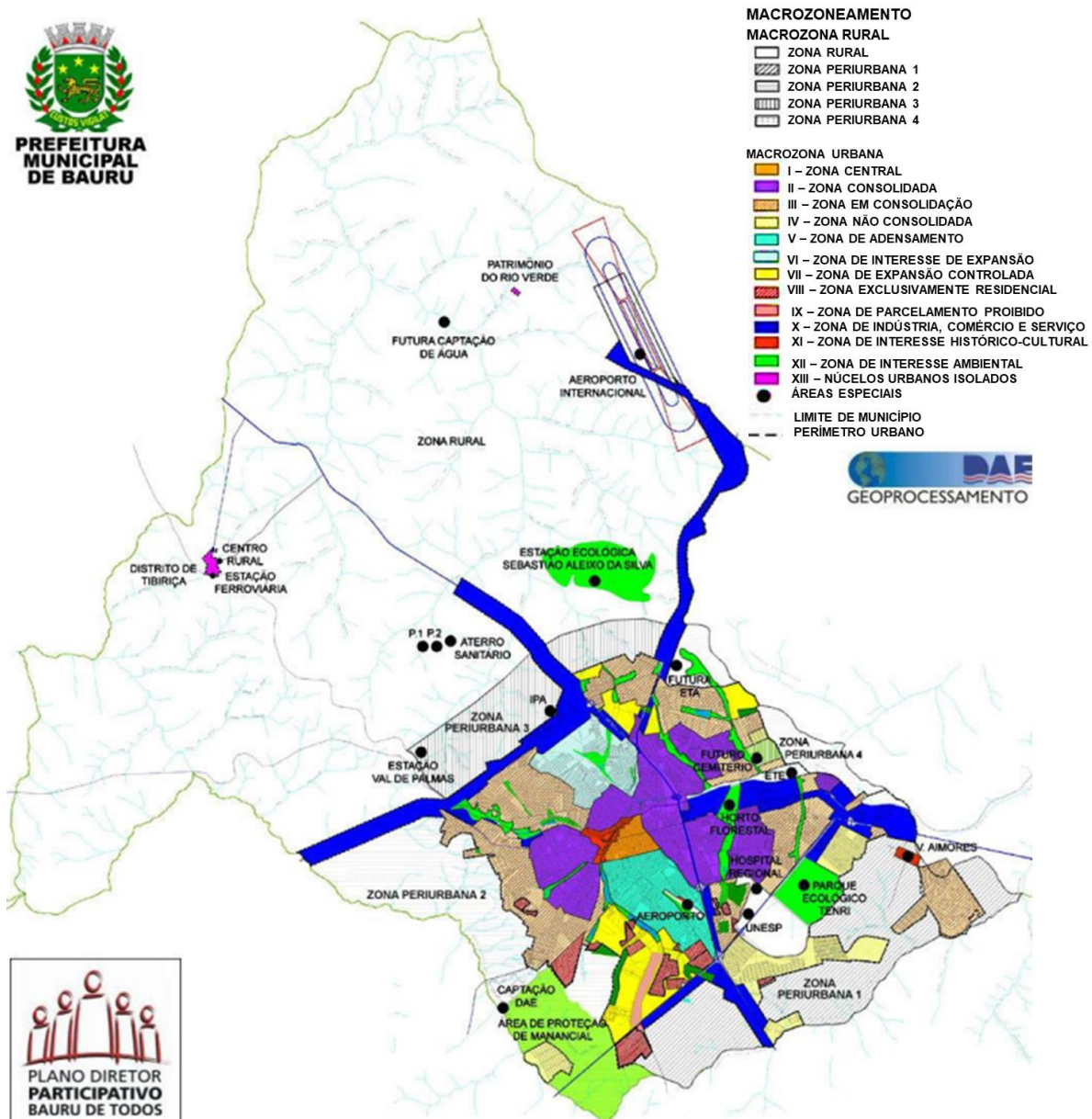


Figura 38: Macrozoneamento de Bauru.
Fonte: Homepage Plano Diretor Participativo.

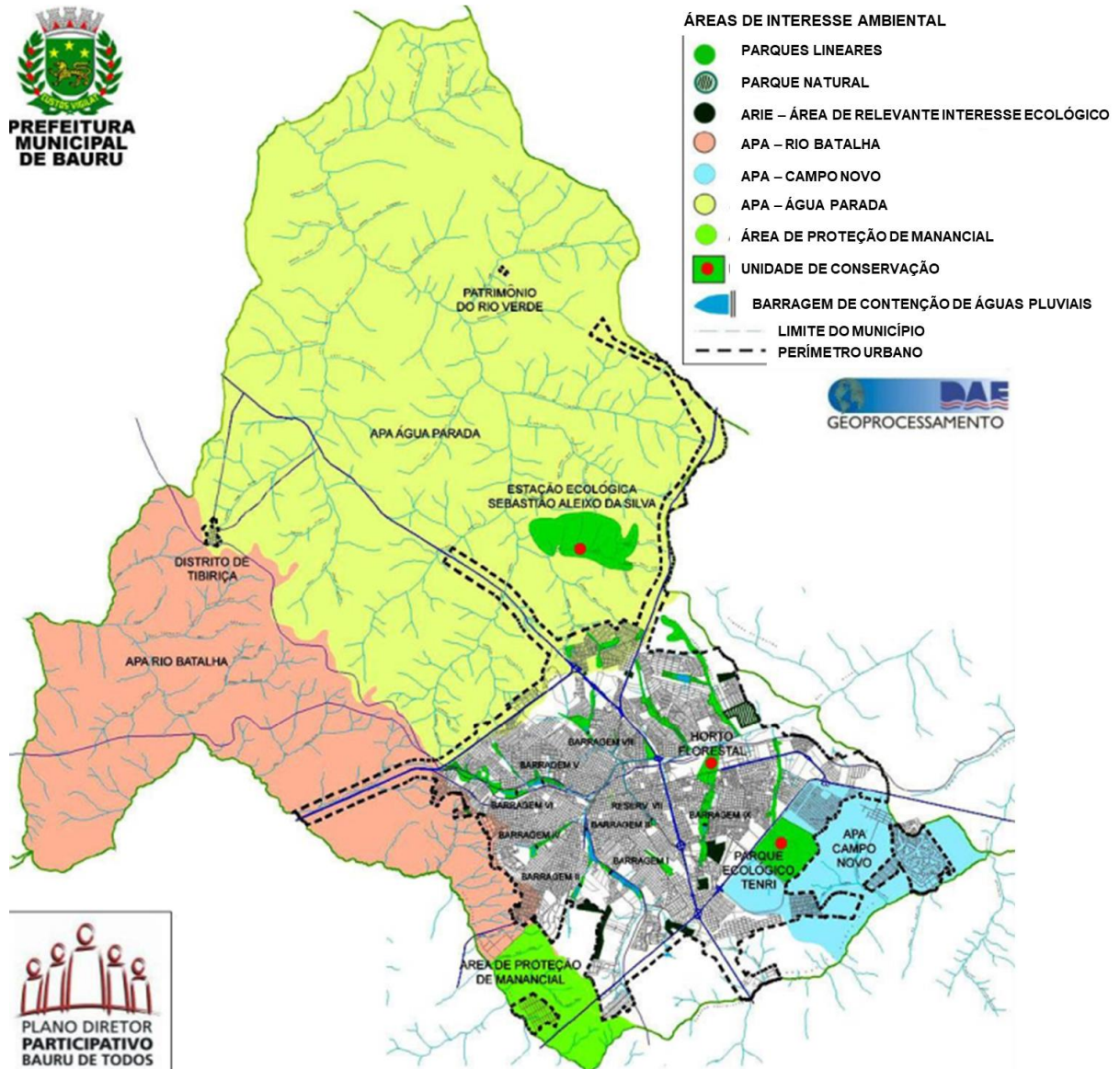


Figura 39: Áreas de Interesse Ambiental em Bauru.
Fonte: Homepage Plano Diretor Participativo.

Para nos aproximarmos um pouco mais da região central de Bauru, área de maior interesse para esta pesquisa, buscamos o mapa de zonas de uso e ocupação de Bauru, disponível na homepage da Prefeitura de Bauru; o município apresenta as seguintes zonas: ZR1 – Parque Residencial; ZR2 – Zona Estritamente Residencial; ZR3 – Zona Predominantemente Residencial; ZR4 – Zona Preferencialmente Residencial; ZM – Zona Mista; ZC1 – Zona Predominantemente Comercial; ZCC – Zona Estritamente Comercial; ZS – Zona Predominantemente de Serviço; ZI – Zona Industrial; DI – Zona do Distrito Industrial; ZE – Zona Especial; ZEXP – Zona de Expansão Urbana; ZIU – Zona de Interesse Urbano; ZRU – Zona Rural. O Centro de Bauru engloba duas dessas zonas, a ZC1 e a ZCC, conforme Figura 40.



Figura 40: Zoneamento de Bauru com detalhamento do Centro.
 Fonte: Homepage Prefeitura de Bauru; editado pelo autor, 2019.

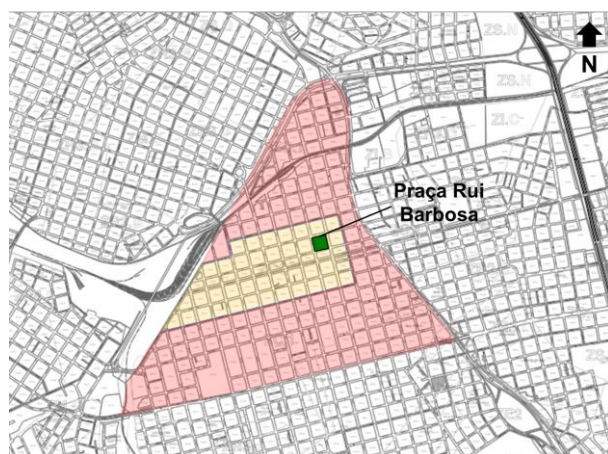


Figura 41: Localização da Praça Rui Barbosa no Centro de Bauru.
 Fonte: Homepage Prefeitura de Bauru; editado pelo autor, 2019.

De forma a conferirmos o zoneamento da área de onde localiza-se a praça Rui Barbosa, realizamos o levantamento do uso do solo urbano das imediações da mesma. Observamos, de fato, a quase inexistência de residências na localidade, além da grande existência de lotes que são usados como estacionamentos de forma a atender todo o movimento comercial e de serviço que a área apresenta.

Tais informações são de grande importância para nossa pesquisa, pois os usos de entorno da praça restringindo-se principalmente ao horário comercial (8 horas às 18 horas), é um grande intensificador da falta de visitação da praça ao fim da tarde ou início da noite como veremos mais à frente.

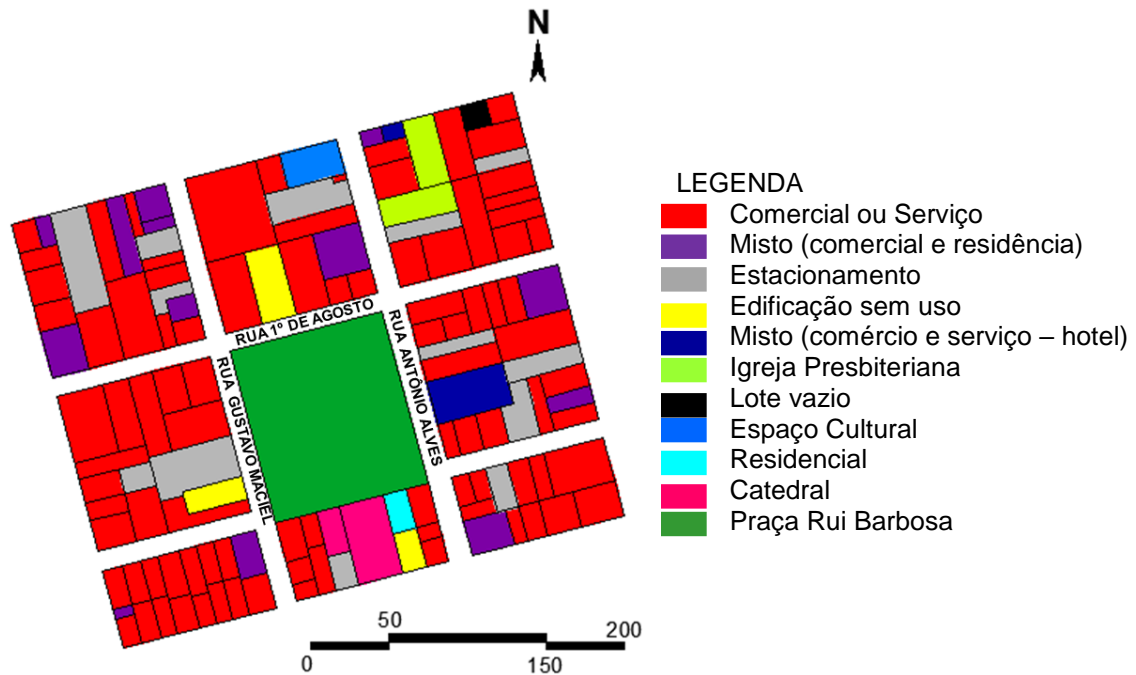


Figura 42: Uso e Ocupação do Solo do Entorno Imediato da Praça Rui Barbosa.
Fonte: Realizado pelo autor, 2018.

3.7 EQUIPAMENTOS COLETIVOS

Ao conhecermos a localização dos equipamentos coletivos de Bauru, podemos realizar um comparativo com o zoneamento acima apresentado; verificando a oportunidade (ou não) do Centro em receber usos residenciais, o que poderia ser um fator positivo para o uso em geral do bairro e principalmente por favorecer o maior uso da própria praça Rui Barbosa.

3.7.1 Saúde

Em relação à saúde coletiva de Bauru, a homepage da Prefeitura oferece uma listagem dos equipamentos disponíveis na cidade; sendo eles:

- 18 Unidades Básicas de Saúde – Núcleos de Saúde: Núcleo de Saúde Beija Flor; Núcleo de Saúde Bela Vista; Núcleo de Saúde Cardia; Núcleo de Saúde Centro; Núcleo de Saúde Dutra; Núcleo de Saúde Europa; Núcleo de Saúde Falcão; Núcleo de Saúde Gasparini; Núcleo de Saúde Geisel; Núcleo de Saúde Godoy; Núcleo de Saúde Independência; Núcleo de Saúde Jussara Celina; Núcleo de Saúde Mary Dota; Núcleo de Saúde Nova Esperança; Núcleo de Saúde

Octávio Rasi; Núcleo de Saúde Parque Vista Alegre; Núcleo de Saúde Redentor; Núcleo de Saúde Tibiriçá (zona rural). Figura 43a.

- 6 Unidades Básicas de Saúde – Saúde da Família: Unidade de Saúde da Família Nova Bauru; Unidade de Saúde da Família Nove de Julho / Fortunato Rocha Lima; Unidade de Saúde da Família Pousada da Esperança II; Unidade de Saúde da Família Santa Edwiges; Unidade de Saúde da Família Vila Dutra; Unidade de Saúde da Família Vila São Paulo. Figura 43b.
- 6 Unidades de Saúde Mental: Ambulatório Municipal de Saúde Mental – AMSM; Centro de Apoio Psicossocial I – CAPS I; Centro de Apoio Psicossocial Álcool e Drogas – CAPS AD; Centro de Apoio Psicossocial Álcool e Drogas III – CAPS AS III; Centro de Apoio Psicossocial Infantil – CAPS i; Serviço de Residência Terapêutica – SRT. Figura 43c.
- 8 Unidades de Urgência e de Pronto Atendimento: Pronto Atendimento Infantil; Pronto Socorro Central; Serviço de Atendimento Móvel de Urgência – SAMU; Serviço de Verificação de Óbito – SVO; UPA – Bela Vista; UPA – Geisel/Redentor; UPA – Ipiranga; UPA – Mary Dota. Figura 43d.
- 9 Unidades Referenciais: Apoio Social; Banco de Leite Humano – BLH; Centro de Especialidades Odontológicas – CEO; Centro de Referência em Moléstias Infecciosas – CRMI; Centro de Referência em Saúde do Trabalhador – CEREST; Centro de Testagem e Aconselhamento – CTA; Programa Municipal de Atendimento ao Idoso – PROMAI; Programa Municipal de DST/AIDS e HV; Serviço de Orientação e Prevenção do Câncer – SOPC. Figura 43e.

E na sequência, apresentamos a localização de todos os equipamentos de saúde localizados no Centro de Bauru, sendo eles: Núcleo de Saúde Centro; Ambulatório Municipal de Saúde Mental – AMSM; Centro de Apoio Psicossocial I – CAPS I; Serviço de Verificação de Óbito – SVO; Apoio Social; Centro de Especialidades Odontológicas – CEO. Conforme Figura 44.

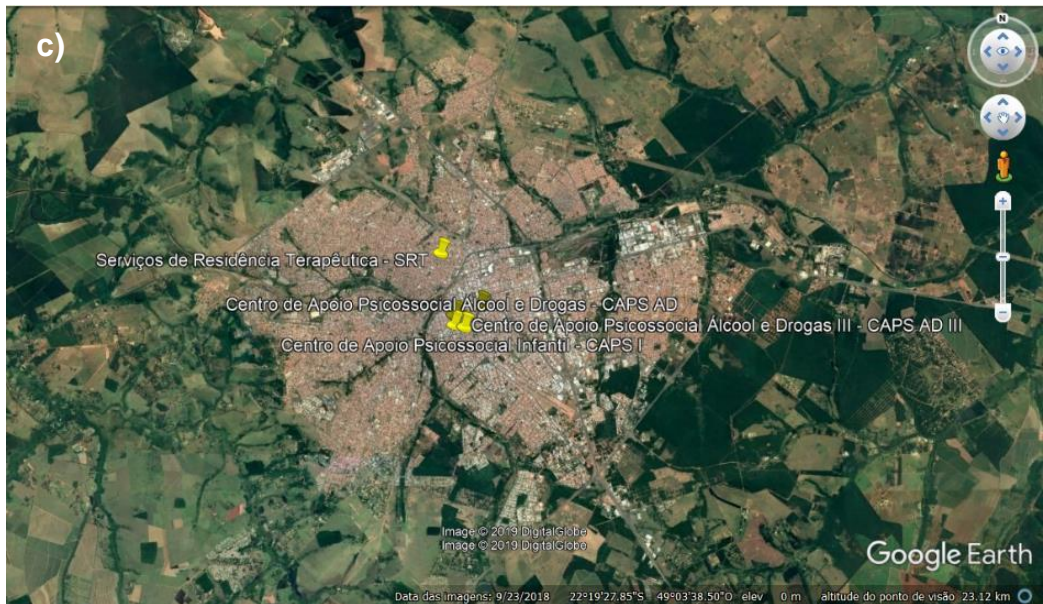
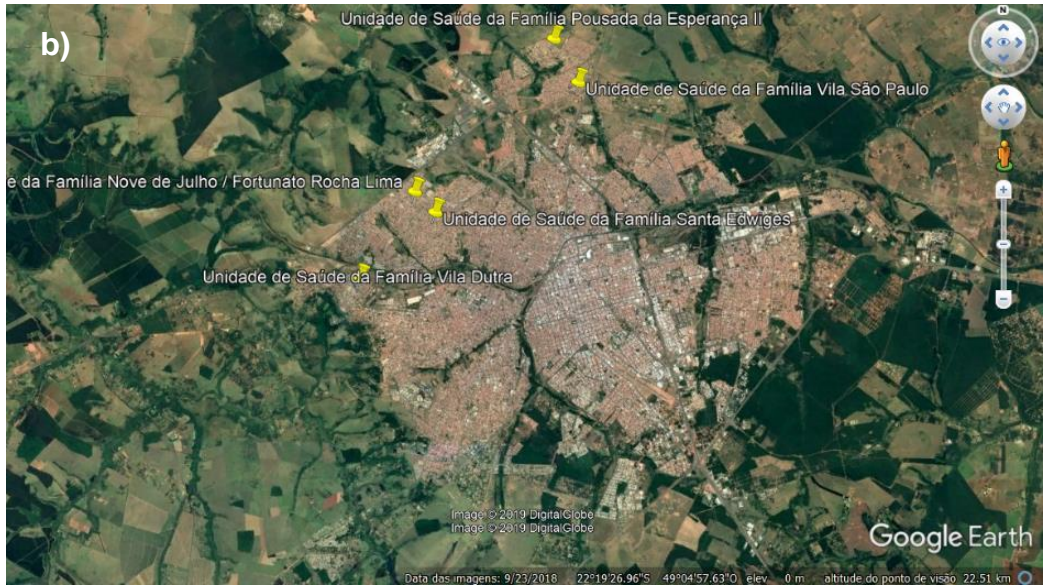
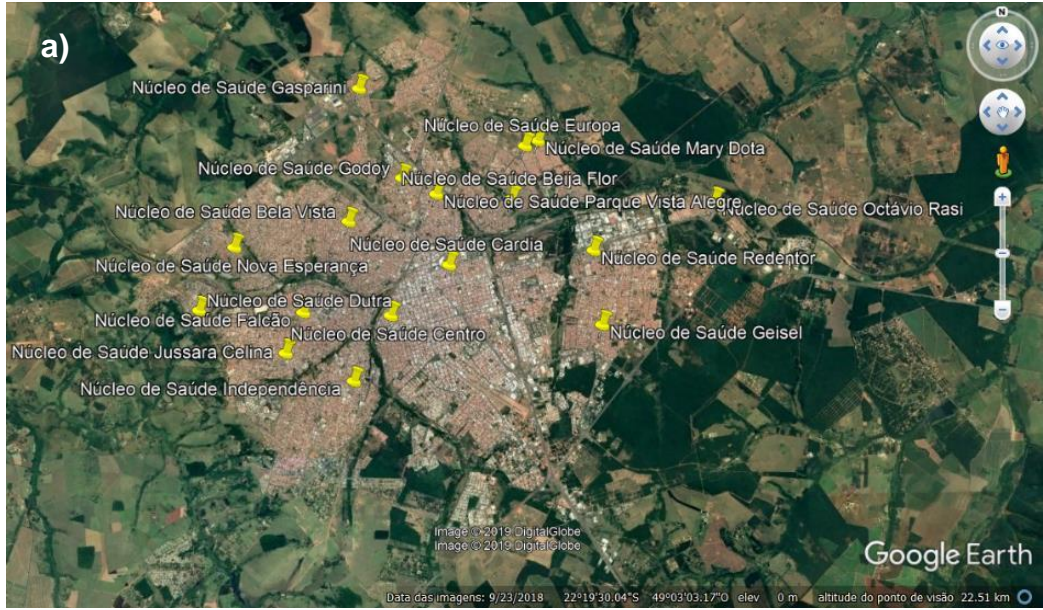




Figura 43: Localização dos Equipamentos de Saúde Coletivos.

Fonte: Homepage Prefeitura Municipal de Baurópolis e Google Earth; editado pelo autor 2019.



Figura 44: Localização Equipamentos de Saúde Coletivos existentes no Centro.
 Fonte: Homepage Prefeitura Municipal de Bauru e Google Earth; editado pelo autor 2019.

Com a apresentação dos mapas podemos perceber que o Centro quase não apresenta equipamento de saúde, principalmente no entorno da praça Rui Barbosa. A inexistência desses equipamentos nos infere a impossibilidade de a região abrigar maiores usos residenciais, uma vez que grande parcela da população bauruense precisa de transporte público para locomover-se e optam por local de moradia onde o fácil acesso à tais equipamentos seja facilitado.

3.7.2 Educação

Em relação à educação pública de Bauru, a homepage Escolas oferece uma listagem das escolas públicas e privadas do município, sendo: 78 escolas municipais, 57 escolas estaduais e 103 escolas privadas. De todas as escolas listadas nos restringiremos a localizar somente aquelas localizadas no Centro de Bauru, sendo elas: Colégio São José; Colégio Preve – Unidade I e II; Colégio Noroeste Liceu; Colégio Dinâmico; Colégio Adventista; Colégio Curumim; Colégio Múltipla Escolha; Colégio Educar; Creche e Berçário Sociedade Rodrigues de Abreu; Creche e Berçário Crescer; Instituto Técnico Ana Nery; EMEI Stelio Machado Loureiro; ETE Rodrigues de Abreu; SENAC Bauru; SENAI Bauru, conforme Figura 45.



Figura 45: Localização dos Estabelecimentos de Ensino no Centro de Bauru.
 Fonte: Homepage Escolas e Google Earth; editado pelo autor, 2019.

Em relação aos equipamentos educacionais já podemos notar uma boa distribuição deles pelo Centro, no entanto é notável a falta de lugares voltados para crianças pequenas, há somente duas creches na área. A ausência desses equipamentos também pode ser um fator decisivo para uma família na escolha do local de residência.

Ainda assim, a existência de diversas escolas nas redondezas da praça Rui Barbosa auxilia na diversidade de usos da mesma, principalmente no período da tarde, quando muitos desses estudantes, ao saírem das escolas, passam pela praça e ali permanecem por um período de tempo.

3.7.3 Transporte

E para finalizarmos as informações sobre o **contexto**, apresentamos previamente as condições de transporte coletivo da cidade; para tanto tomamos como base o Plano de Transporte Coletivo da Cidade de Bauru realizado pela Empresa Municipal de Desenvolvimento Urbano e Rural de Bauru (EMDURB) em 2014.

Segundo a EMDURB (2014, p. 8) a maior atração de viagens, ou seja, destino da viagem, é vista na região central de Bauru, localidade da praça Rui Barbosa; isso

pois esta área “[...] está associada à presença de atividades econômicas, atradoras de viagens já que a matriz analisada é a do pico manhã. Entre elas há a presença de empregos domésticos e em edifícios em razão do padrão social da região”, como podemos ver na Figura 46.

Em razão desse estudo a EMDURB estudou as possibilidades da rede estratégica de transportes e chegou na concepção dos seguintes elementos para a rede de Bauru:

- Linhas estruturais: organizam os “grandes movimentos” inter-regionais na cidade;
- Linhas de conexão: linhas para a área central, que atendem a esta região e se integram com as linhas estruturais;
- Linhas alimentadoras: realizam atendimentos periféricos em setores com baixa densidade;
- Estações de conexão: localizadas na área central, organizam o retorno das linhas de conexão e servem de local de integração preferencial na rede;
- Pontos de conexão: localizados nos limites urbanos, organizam a integração das linhas alimentadoras com as linhas estruturais (EMDURB, 2014, p. 16).

E dessa forma, foi proposta a rede estratégica para o transporte coletivo de Bauru, identificada na Figura 47, onde podemos visualizar todos os tipos de linhas existentes.

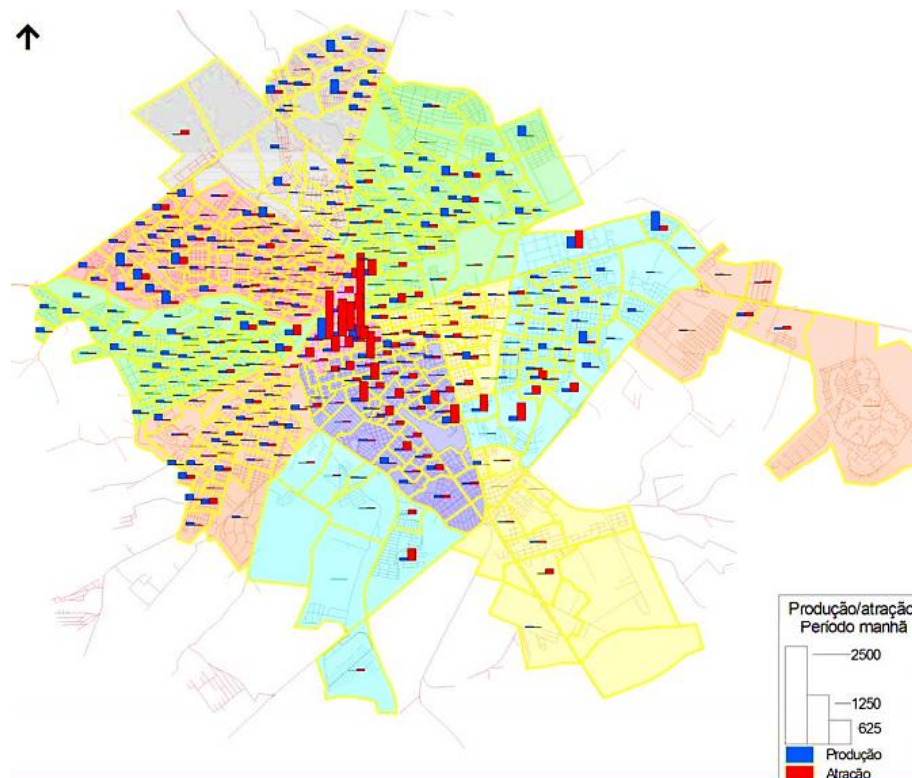


Figura 46: Produção e Atração das Viagens Coletivas em Bauru (período da manhã).
Fonte: EMDURB, 2014, p. 10.

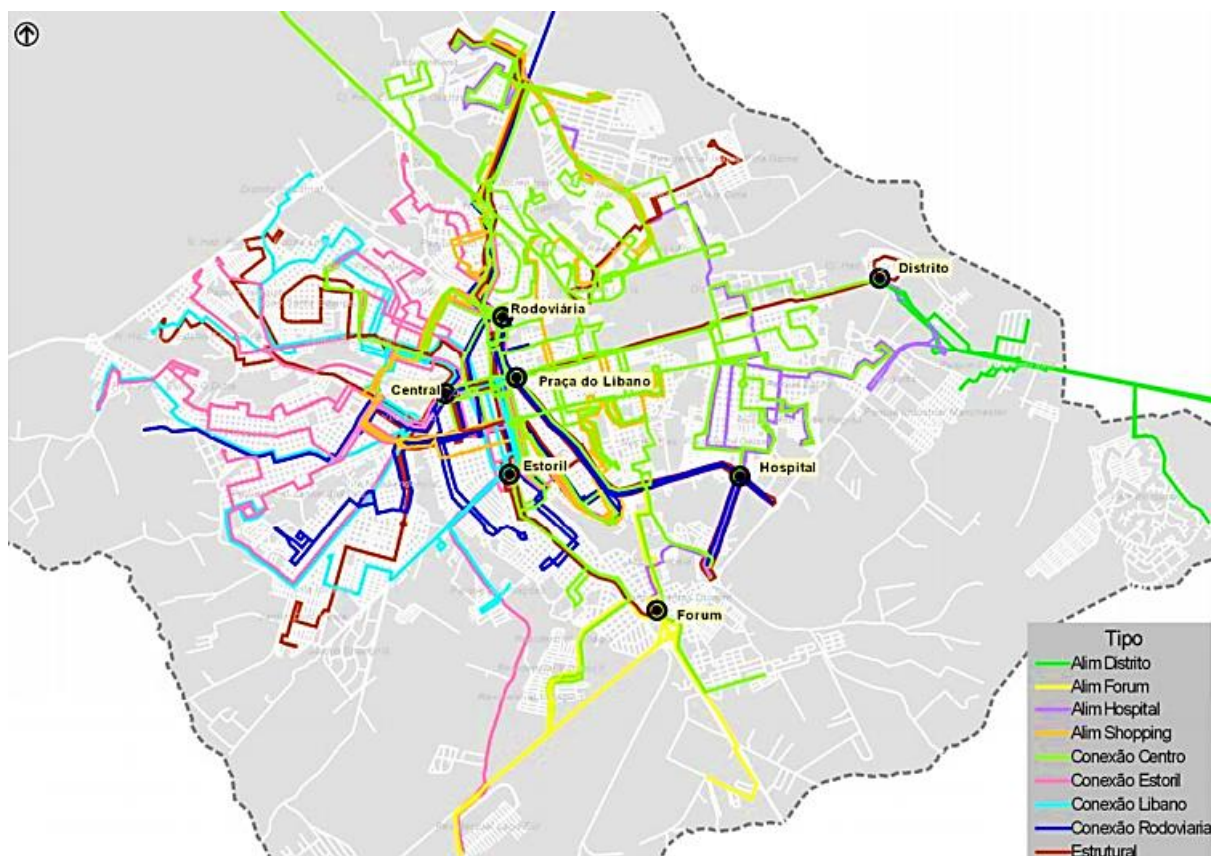


Figura 47: Mapa da Rede Proposta em 2014.
Fonte: EMDURB, 2014, p. 178.

4 PRAÇA MATRIZ DE BAURU OU PRAÇA RUI BARBOSA

A partir deste momento já focamos nosso estudo para a praça matriz, ou seja, a praça Rui Barbosa e sua paisagem cultural, como definimos no método anteriormente.

4.1 RECONHECIMENTO E CARACTERIZAÇÃO CRONOTÓPICA HISTÓRICA

Como vimos anteriormente, a praça da Matriz, atual Rui Barbosa, somente passou a existir depois de muitas discussões entre o poder público e a Igreja, e a então demolição da primeira Capela do vilarejo de Bauru. Referente ao acontecimento, Ghirardello (1992, p. 123 e 125) ressalta:

A gravidade da destruição desse espaço simbólico, a primeira capela da cidade e seu largo, só poderia ser aceito, ou ao menos absorvido pelos cidadãos mais conservadores, se a praça fosse uma grande obra, incontestável. Sob projeto e direção técnica de Heitor de Andrada Campos, engenheiro formado na Politécnica e à época prestando serviços para a Prefeitura Municipal, é criado o novo jardim considerado por muitas décadas a principal obra pública local. Valendo-se de fartos recursos econômicos e técnicos, Heitor de Andrada Campos, cria uma praça de linhas românticas e pitorescas dentro de uma linguagem típica do começo do século, aos moldes das novas áreas públicas de São Paulo e Rio. A praça colocava a cidade em sintonia com o que havia de mais moderno à época, trazia pela primeira vez ao sertão do Estado uma contemporaneidade que se destacava em toda paisagem urbana.

Após a demolição da Capela, uma nova matriz foi construída, tendo sido inaugurada em 1914; segundo Ghirardello (1992, p. 126) “Ela se enquadrará ao entorno como um dos poderes locais, como a Câmara, as moradias burguesas da oligarquia, e o comércio, mas sem qualquer destaque especial de implantação”, conforme Figura 48.

Para realizarmos a caracterização cronotópica da Praça Rui Barbosa iremos abordá-la desde sua gênese, nos ambientes físico, social e simbólico, passando por suas remodelações ou reformas, também nos três ambientes.



Figura 48: Igreja Matriz, 1947.

Fonte: Acervo Fotográfico NUPHIS/USC, código 01154 Av.

4.1.1 Primeiro Cronotopo, Gênese – 1914 até década de 1970

Consideramos a gênese da praça o período da implementação do projeto original da então Praça Municipal (1914) e seus usos decorrentes do mesmo (início da década de 1970); sendo os anos decorrentes quando se inicia o processo de degradação da praça, com alterações de usos, modificações simples na conformação original, até o momento da primeira remodelação do projeto (1991), já conformando o segundo cronotopo da praça. Segundo Pelegrina (1990d, p. 47) a praça só passa a denominar-se Rui Barbosa em 1º de março de 1923, de forma a homenagear Rui Barbosa após seu falecimento.

A Praça Municipal foi encomendada pelo então prefeito Manoel Bento da Cruz em 1913 logo após a demolição da Capela; tendo sido projetada pelo engenheiro Heitor de Andrada Campos, que participou ativamente em empreendimentos públicos de Bauru, e também foi admitido pela Prefeitura Municipal (PELEGRINA, 1991b, p. 42). Pelegrina (1990b, p. 62) afirma que para a quantidade de obras de arte a serem executadas na praça, tudo foi realizado em tempo recorde, “[...] levando-se em conta que, na época, tudo era feito à mão”.

Ghirardello (1992, p. 125) aponta que as empresas contratadas para o serviço eram de São Paulo, sendo a firma Andrade & Oliveira responsável pela execução de

um coreto, e a firma Manzo & Casadio responsável pelo paisagismo e a criação de lagos.

Assim conseguimos definir o **Cenário Físico da Gênese** da praça:

Segundo Pelegrina (1990b, p.62):

- Três lagos em formas assimétricas e curvilíneas, remetendo ao estilo romântico característico da época⁷⁹.
- Duas pontes pitorescas, com guarda-corpos que imitam troncos de árvores, feitas em concreto.
- Um coreto: com a base sextavada, em alvenaria e elevado em 2 metros, para permitir a existência de um porão (local para se guardar as ferramentas para a manutenção do jardim); guarda-corpo de grade de ferro fundido em desenhos rococós; cobertura em folhas de flandres remetendo à um circo; e beiral da cobertura rendado.
- Piso em ladrilho hidráulico na cor natural.
- Postes de iluminação elétrica em ferro fundido.

Segundo Ghirardello (1992, p. 125):

- Vegetação exótica, de origem europeia, que contrastava com as matas do entorno.
- Alamedas em pó de pedra e asfalto.

Podemos visualizar tais elementos nas figuras apresentadas na sequência (Figuras 49 e 50); sendo que a planta baixa humanizada é uma suposição do projeto original, já que não foi possível encontrá-lo, tendo sido realizada com referência nas fotos antigas encontradas nos acervos e projeto atual disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Bauru.

Um fato que julgamos importante apresentar, e que até onde pudemos apurar não surtiu grandes alterações no ambiente físico geral da gênese da praça, mas que aconteceram, foi o corte das árvores ao final da década de 1930. Pelegrina (1990e, p. 21) relata que no verão a praça Rui Barbosa recebia a presença, diariamente, de grandes revoadas de andorinhas, “Elas surgiam à tarde, voavam por toda a cidade, mas quando se aproximava o crepúsculo, aos poucos elas iam, em verdadeiros mergulhos, pousando nas frondosas árvores que lá existiam”.

⁷⁹ Apesar de Pelegrina mencionar a existência de três lagos, pudemos apurar que na verdade se tratava de somente um lago, pois todos os setores do mesmo eram interligados.

Esse acontecimento fazia com que as pessoas se aglomerassem na praça para presenciarem o espetáculo, no entanto, era necessário que estivessem protegidas debaixo de sacadas de prédios ou árvores, pois as aves liberavam seus excrementos em pleno voo. Pelegrina (1990e) menciona que decorridos uns dias, a quantidade de excrementos existentes na praça passou a incomodar a população devido ao mal cheiro que exalava; não deixando outra opção, ao então prefeito Ernesto Monte, senão a expulsão das andorinhas:

Os operários da Prefeitura experimentaram várias estratégias como: fogos de estampido ou fumaça com queima de enxofre sem que alcançassem qualquer resultado. Finalmente o prefeito, sem que houvesse qualquer tipo de oposição, determinou o corte das árvores de maior porte. As andorinhas se espalharam e desapareceram (1990e, p. 21).

Sobre o mesmo acontecimento o leitor Ulysses da Silva faz um relato ao Bauru Ilustrado (1994a), dizendo que por ocasião das andorinhas seria dada a derrubada das árvores, e que seriam substituídas por gramados, canteiros floridos, passeios, bancos e uma fonte luminosa (em um dos lagos).

Nós, os moleques, não aceitávamos a derrubada das árvores e o conseqüente despejo das andorinhas, Por isso, resolvemos, com a ajuda de alguns adultos e o jornalzinho local, impedir o trabalho dos empreiteiros. Duas vezes fracassaram. Aparentemente estávamos ganhando a parada. Um dia, porém, a praça amanheceu devastada. Os operários haviam trabalhado durante a noite e todas as velhas árvores já se encontravam no chão. Era triste a visão. Tiradas inesperadamente de seu leito, as andorinhas voavam a esmo. Muitas jaziam mortas no chão (BAURU ILUSTRADO, 1994a, p. 4).

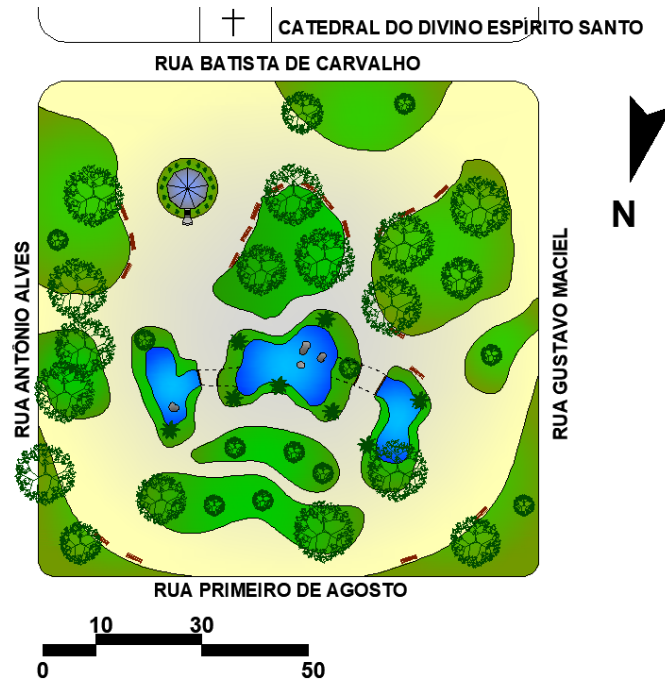


Figura 49: Redesenho da Autora - Projeto Implementado na Praça Municipal em 1914.
Fonte: Realizado pelo autor, 2018.



a) Ambiente Físico da gênese, detalhe para os canteiros orgânicos, os lagos, os postes de luz, os bancos e a vegetação, sem data.



b) Ambiente Físico da gênese, detalhe para as pontes com guarda-corpos imitando madeira, 1960.



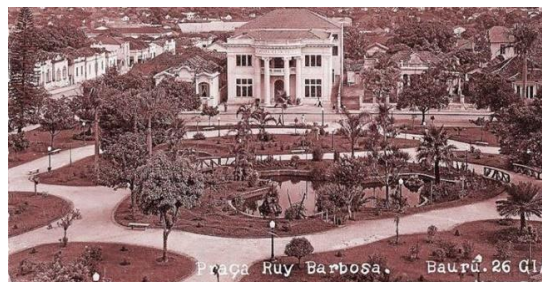
c) Ambiente Físico da gênese, detalhe para os lagos, canteiros e ao fundo o coreto, 1935.



d) Ambiente Físico da gênese, detalhe para o coreto, 1965.



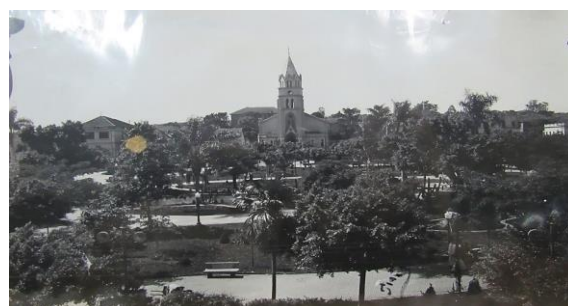
e) Ambiente Físico da gênese, vista parcial da praça podendo visualizar o Automóvel Clube ao fundo e parte do vilarejo de Bauru, 1950.



f) Ambiente Físico da gênese, detalhe para o Palácio Encantado ao fundo (atual Automóvel Clube), sem data.



g) Ambiente Físico da gênese, detalhe para a vegetação original da praça, 1920.



h) Ambiente Físico da gênese, detalhe para a vegetação após cortes de árvores, 1950.



i) Ambiente Físico da gênese, detalhe para a fonte luminosa em um dos lagos, 1950.

Figura 50: Gênese Praça Rui Barbosa – Cenário Físico.

Fonte: a) Praça Rui Barbosa valoriza a Batista, Jornal da Cidade, Bauru, ago. 2018, p. 72.

b) Acervo Fotográfico NUPHIS/USC; código: 00588 Av.

c) Acervo Fotográfico NUPHIS/USC; código: 00503 Av.

d) Acervo Fotográfico NUPHIS/USC; código: 00326 Av.

e) Acervo Fotográfico NUPHIS/USC; código: 01363 Av.

f) Homepage Facebook “A Bauru que não vivi”. Disponível em: <<https://goo.gl/DbDbTx>>
Acesso em: 21 nov. 2017.

g) Acervo Fotográfico NUPHIS/USC; código: 00788 Av.

h) Acervo Fotográfico NUPHIS/USC; código: 00167 Av.

i) Acervo Fotográfico NUPHIS/USC; código: 00488 Av.

Outros fatos, que também inferem no ambiente físico da praça, porém neste caso, indiretamente, são algumas construções importantes no entorno imediato da mesma; que conferem novo visual ao entorno da praça. Um desses acontecimentos é a construção do Palácio Encantado (atual Automóvel Club), localizado na rua 1º de Agosto; segundo o jornal Bauru Ilustrado (1987, p. 3), a inauguração da edificação aconteceu em abril de 1939, sendo uma “[...] entidade social e recreativa das mais

sofisticadas[...]”. Podemos perceber a presença imponente do Palácio Encantado, ao fundo, na Figura 50f anteriormente apresentada.

Outro desses acontecimentos bastante marcantes para o entorno da praça Rui Barbosa, foi a demolição da Matriz (Figura 48) em 1955, segundo o jornal Bauru Ilustrado (1975, p. 7), a mesma “[...] não oferecia condições adequadas para os atos comunitários da população que crescia”; e dessa forma, “Graças ao esforço de tantos bauruenses, sacerdotes e leigos foi erguido no coração da cidade a atual Catedral, de linhas modernas [...]”, que permanece até os dias atuais, conforme Figura 51.



Figura 51: Catedral de Bauru, 2018.
Fonte: Acervo do autor, 2018.

O **Ambiente Social da Gênese** da praça pode ser identificado também através de documentos antigos e pesquisas nos acervos, sendo mencionado no jornal Bauru Ilustrado (1990, p. 5) que logo que se deu a inauguração da praça “As famílias lá se reuniam, principalmente à noite, onde permaneciam várias horas, cujos filhos brincavam tranquilamente em volta do coreto etc”. O mesmo jornal, Bauru Ilustrado (1992, p. 11) diz que desde sua inauguração, a praça foi local de importantes acontecimentos, sendo muitos deles campanhas para arrecadação de fundos.

Assim, eram realizadas grandes quermesses que contavam com a participação e o prestígio da gente bauruense, em torno das diversas barracas lá instaladas, as quais ofereciam diferentes atrações. Uma dessas barracas, a italiana, era a das mais animadas e certa vez apresentou ao público um divertimento que foi uma surpresa, isto é, um *passeio de gôndola* pelo maior lago que lá existia. A iniciativa foi uma sensação, pois as crianças e adultos faziam fila para desfrutar daquele lazer (BAURU ILUSTRADO, 1992, p. 11).

Ainda conforme Bauru Ilustrado (1994b, p. 3), eram comuns passeios aos domingos, onde a população permanecia horas escutando as apresentações das bandas musicais; e também nos carnavais, era na praça onde se realizavam os festejos, com carros alegóricos que circulavam no entorno da mesma e os foliões que ficavam em seu interior. Sobre esse momento, descreve Pelegrina:

Quanta gente daquele tempo não se recorda das duas rodas de jovens, girando em sentido contrário, que aos domingos se formava nas ruas sinuosas do antigo jardim. Os moços formavam-se na roda interna e as moças na de fora. Isto tinha sentido. As donzelas, para deixarem a praça, não precisavam passar por entre os moços. Era ali que moços e moças encontravam seus pares e os primeiros flertes. Dali saíam e quando não retornavam era porque o namoro havia sido iniciado. Se voltassem a circular era porque não havia dado certo.

A banda aos domingos, alegrava o ambiente executando belas músicas, selecionadas e anunciadas previamente pela imprensa. Das 19 às 20 horas música clássica e das 20 às 21 música popular, como valsas, tangos e marchas.

[...] Mas não era só a noite que os moços gostavam de frequentar a praça, isto é, o jardim público. Aos domingos os moços aguardavam a saída da missa das 10 horas, quando as moças exibiam seus lindos trajes. Era um fino desfile de moda. Ali os jovens conversavam, até a hora do almoço, quando a praça voltava a ficar vazia (PELEGRINA, 1991c, p. 37).

Demais eventos sociais que ocorriam na praça, são relatados por Pelegrina (1991a, p. 35) como diversas quermesses, sendo algumas delas: para angariar fundos para os portadores do mal de Hansen; ou em favor da construção da igreja de Santa Terezinha; e também pela Liga de São Lázaro. Também, em 1946 aconteceu o cinquentenário de Bauru na praça Rui Barbosa. Um monumento foi inserido na praça, de forma a deixar a marca dessa data importante: “[...] inaugurou-se o marco em granito, sobre um pedestal. Na parte da frente está esculpido o brasão de armas da cidade, no verso, os nomes dos vereadores que constituíram a primeira Câmara Municipal [...]” (PELEGRINA, 1989, p. 42); nesse marco ainda foram guardados em seu interior, revistas e jornais do dia, para que pudessem ser lidos novamente na data do Centenário do município, segundo Pelegrina (1989).



a) Pessoas na entrada da Matriz, na Praça Rui Barbosa, 1940.



b) Quermesse Pró Liga de São Lázaro, 1931.



c) Quermesse Pró Liga de São Lázaro – Gôndola no Lago, 1931.



d) Quermesse Pró Liga de São Lázaro – Barraca das Andorinhas, 1931.



e) Hasteamento da bandeira para o cinquentenário de Bauru; tendo a presença do prefeito Ernesto Monte, políticos, civis, militares da guarda de honra do 4º BC, eclesiásticos e populares, 1946.



f) Marco histórico do cinquentenário de Bauru, 1946.



g) Jacarés que viviam nos lagos da praça Rui Barbosa, 1960.

Figura 52: Gênese Praça Rui Barbosa – Ambiente Social.
 Fonte: a) Acervo Fotográfico NUPHIS/USC; código: 00878 Av.
 b) Acervo Fotográfico NUPHIS/USC; código: 001282 Av.
 c) Acervo Fotográfico NUPHIS/USC; código: 001311 Av.
 d) Acervo Fotográfico NUPHIS/USC; código: 001315 Av.
 e) Acervo Fotográfico NUPHIS/USC; código: 001284 Av.
 f) Acervo Fotográfico NUPHIS/USC; código: 001300 Av.
 g) JORNAL DA CIDADE, 1 ago. 2017, p. 80.

Enfim, sobre o **Ambiente Simbólico da Gênese** da praça, não o podemos identificar diretamente, já que este condiz a épocas passadas, no entanto, foi possível que encontrássemos relatos de pessoas que viveram esse momento; aproximando-nos o máximo possível do que representou a Praça Rui Barbosa para o povo bauruense.

O primeiro relato que apresentamos é de Ruy Marques, publicado no jornal Bauru Ilustrado em 1993, quando relembra de sua infância e mocidade na praça, durante a década de 1950. Apresentamos trechos desse relato, por mais que este diga em respeito das atividades sociais da praça, pois assim podemos identificar a memória do bauruense e a relação afetiva com a praça.

Gostaria, apenas, de resgatar a memória do nosso querido 'jardim', como era carinhosamente chamado pela população em geral (lembra-se?). Aliás, seu verdadeiro nome, mesmo, muita gente nem sabia, por incrível que possa parecer!

Havia, também, o passeio dos solitários, e a presença constante de muita gente que adorava curtir, ali, as belas tardes de Bauru. O 'jardim' era tão aconchegante, que parecia atrair para si todas as pessoas que transitavam pelas imediações.

Volto ao jardim e me fixo aos domingos. De manhã, por ali transitavam aqueles que iam à missa na Matriz. À tarde, várias meninas pulavam corda, brincavam de 'pique', 'salva', esconde-esconde, etc.

Muito se tem dito em prosa e verso dos lendários 'footing' da 1º de Agosto e da Batista. Entretanto, jamais li algo com relação ao nosso jardim que, também aos domingos, possuía o seu e em escala infinitamente maior, pois

a moçada dava a volta em toda a extensão da quadra. Na parte interna havia outro, menor, que circundava um dos lagos, onde existia uma fonte luminosa.

Para complementar aquele passeio dominical do povão, havia outra grande atração: a Banda da Força Pública (hoje PM) que, devidamente instalada no antigo coreto da praça, brindava a todos com seus belíssimos acordes. [...] Pode parecer estranho eu afirmar isso hoje, mas que era muito bom ouvir a banda tocar; não tenham a menor dúvida, pois era mesmo!

Assim, por falta de opções melhores, todos consideravam aquele passeio o MÁXIMO! (BAURU ILUSTRADO, 1993, p. 3)

Como já dissemos, nada nos comprova o que a praça representou de fato para os bauruenses nesse primeiro cronotopo, no entanto, com base nas notícias de jornais encontradas, podemos perceber que foi um lugar de grande importância para o crescimento da cidade enquanto meio urbano e também para a relação social dos moradores. Tornando-se assim um lugar com grande representatividade para a população, que rememoram esses tempos passados com carinho e afeição.

Abaixo apresentamos a caracterização cronotópica da praça Rui Barbosa, expressa através de uma espiral, isso porque a mesma apresentou um início, um primeiro projeto, ou seja, a gênese ou primeiro cronotopo; fazendo com que todos os demais cronotopos do lugar praça Rui Barbosa sejam remontados à esse início, em um ciclo infinito de novas possibilidades de Ambientes Físicos, Sociais e Simbólicos.

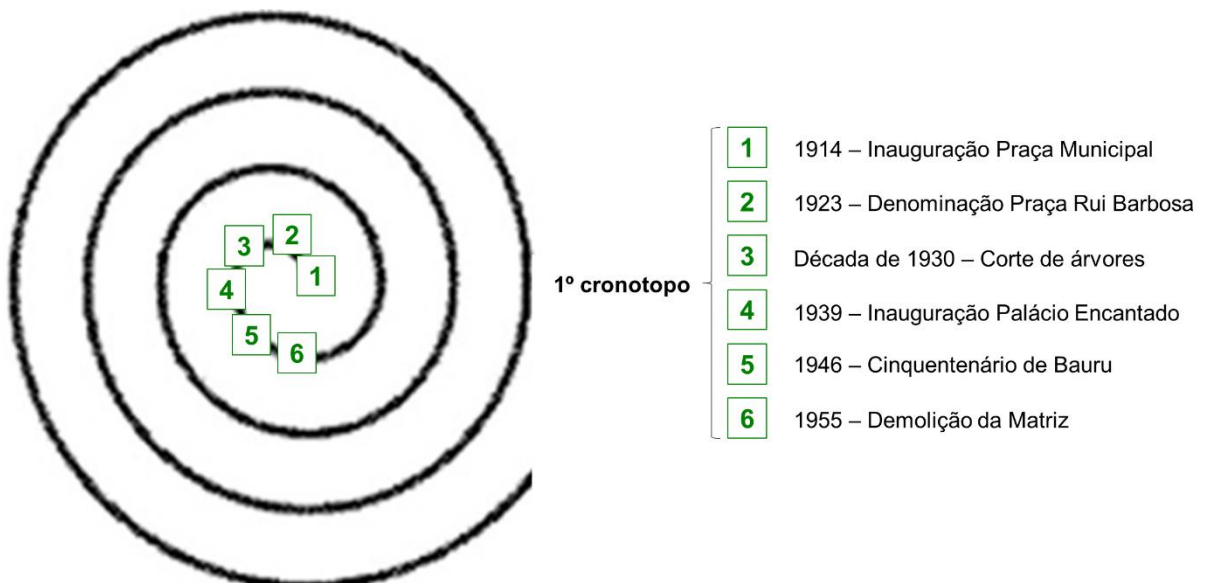


Figura 53: Primeiro Cronotopo da praça Rui Barbosa.
Fonte: Realizado pelo autor, 2018.

4.1.2 Segundo Cronotopo – década de 1980 - 1990

No momento desta pesquisa, reconhecemos a existência deste segundo cronotopo, porém os dados encontrados foram insuficientes para identificá-lo corretamente em seus Ambientes Físico, Social e Simbólico. No acervo NUPHIS, da Universidade do Sagrado Coração (USC), na pasta classificada como Miscelâneas (PASTA M02, doc. 108), há uma notícia de 24 de agosto de 1986 que relata alterações realizadas na praça.

Tal alteração aconteceu pelo trabalho conjunto do Departamento de Água e Esgoto (DAE) e da Divisão Elétrica da Secretaria de Obras, tendo como objetivo a recuperação da fonte luminosa e lagos.

Além da fonte luminosa, o lago foi totalmente restaurado através de um processo de calafetação e impermeabilização do fundo, que agora recebe nova pintura para inauguração. Ao lado do lago foi realizado um ajardinamento com grama e mudas de flores, tais como azaléia, além da construção de um mirante, circundado por ampla vegetação, **no local do prédio dos antigos sanitários.**

Na área da praça voltada para as esquinas das ruas Batista de Carvalho e Gustavo Maciel, foram feitas reformulações físicas nos canteiros, inclusive de forma a ampliá-los. As árvores foram isoladas em pequenos canteiros, que também serão ocupados por folhagens, e construiu-se mesas e bancos para os tradicionais jogos de cartas ali realizadas (NUPHIS/USC, 1986, P. M02 – doc108; grifo nosso).

Com a passagem anterior podemos identificar também que em algum período passado houve o acréscimo de sanitários na praça, porém não foi possível encontrar maiores informações sobre esse acontecimento, nem ao menos fotos relativas a esse arco temporal.

Ainda sobre essa reformulação de 1986, Pelegrina (1986) relata ao Jornal da Cidade que ao menos três coisas às quais ele julga intocáveis, não seriam alteradas; foram elas: o coreto, a perobeira plantada na ocasião do cinquentenário de Bauru, e o marco de granito também do cinquentenário de Bauru.

Apesar de não termos obtido dados sobre o Ambiente Social e Simbólico desse segundo cronotopo, podemos afirmar que a praça entrou em estágio de degradação e perda de sua função e usos originais, conforme notícia do jornal Bauru Ilustrado (1990, p. 5): “Agora, tudo é diferente. Durante o dia mal se anda pelas ruazinhas, visto que as barracas e o passeio estão malconservados. À noite, então, nem se fala. A frequência é a pior possível e desviar daquela praça é uma atitude natural dos bauruenses”.

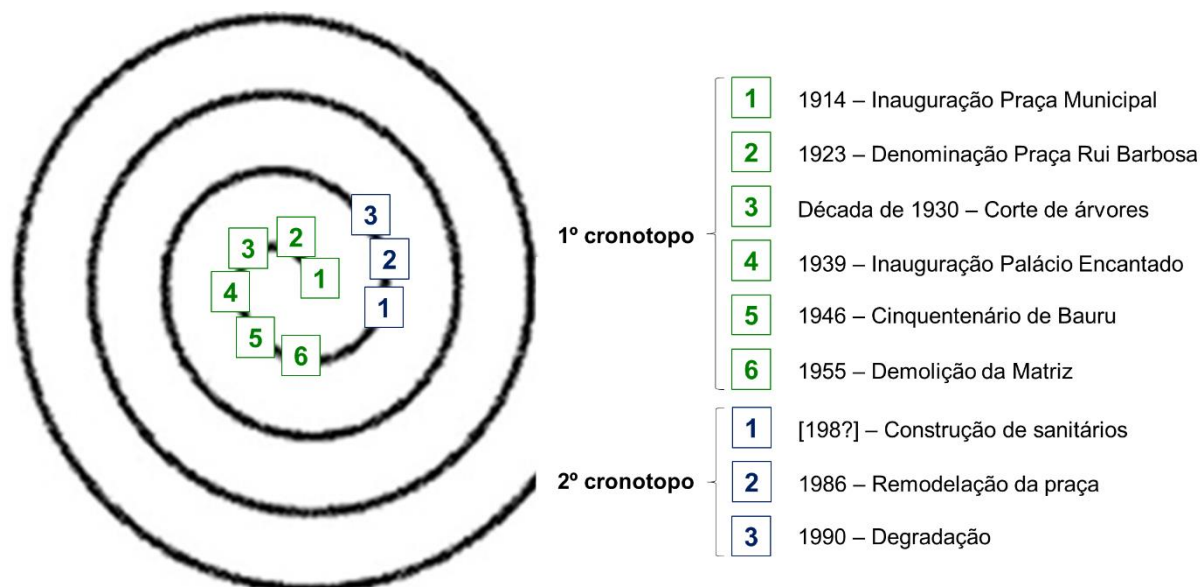


Figura 54: Segundo Cronotopo da praça Rui Barbosa.

Fonte: Realizado pelo autor, 2018.

4.1.3 Terceiro Cronotopo – década de 1990 - 2014

De forma a dar vida novamente à praça Rui Barbosa, em 1991 na gestão do então prefeito Antônio Izzo Filho, ocorreu uma reforma na mesma sob a direção do arquiteto Jurandyr Bueno Filho. Desde o anúncio dessa remodelação, segundo notícia do Jornal da Cidade (1990, p.5), houve uma preocupação geral por parte dos moradores mais antigos referente em manter-se os aspectos históricos e paisagísticos da praça; caracterizando assim o início deste terceiro cronotopo com grandes críticas ao futuro da praça Rui Barbosa.

Diante disso formou-se uma comissão para acompanhar e opinar sobre o projeto, no entanto segundo Luciano Dias Pires, editor do Jornal da Cidade, “[...] praticamente a praça foi reconstruída novamente. E a comissão só foi para cumprir uma formalidade, porque o projeto já estava pronto quando foram convidados para dar sugestões” (JORNAL DA CIDADE, 1990, p. 5). Outros moradores também participaram dessa comissão, foram eles: Isolina Bersolin, Alda Bastos Salmen, Osvado Rasi e Gabriel Ruiz Pelegrina.

A mesma notícia ainda relata a negação do prefeito e do arquiteto sob as acusações da comissão: “[...] as alterações [não] descaracterizaram a praça historicamente. Segundo eles, a lagoa não foi possível preservar porque as raízes das árvores estavam infiltrando por baixo do solo e danificando totalmente”. Ainda,

Jurandyr Bueno afirmou que o corte das árvores só aconteceu após consulta com técnicos especializados.

Como as críticas eram tamanhas, Jurandyr ainda relatou ao Jornal da Cidade: “Muitas das reclamações é de saudosismo de alguns em preservar uma ponte, porque foi ali que conheceu a primeira namorada”; e o mesmo jornal ainda afirma que “Para o arquiteto, seria inviável que primeiro acatasse as sugestões para depois confeccionar o projeto” (JORNAL DA CIDADE, 1990, p. 5).

O relatado até então é primordial para entendermos que o **Ambiente Simbólico** da população bauruense de 1990 não foi levado em consideração para o novo projeto implementado. Não temos dados mais apurados publicados em jornais ou outros meios, que confirmem a relação que as pessoas tiveram com a praça nesse momento; no entanto, por ser uma data razoavelmente recente, pudemos identificar pelos questionários aplicados uma grande insatisfação em relação à reforma instaurada em 1991; que mostraremos mais à frente em nossa pesquisa.

Como se não bastasse o descontentamento da população com a reforma, esta também foi alvo de críticas por ter custado um valor muito mais elevado do que o anunciado na Câmara Municipal, o que deveria custar 8 milhões de cruzeiros passou a custar 50 milhões de cruzeiros do caixa público de Bauru. Segundo o Jornal da Cidade (1990, p. 5) Jurandyr Bueno “[...] confirmou que calculou um valor muito baixo quando esteve na Câmara de Bauru, explicando aos vereadores quanto custaria a obra, porque não tinha o projeto totalmente pronto”.

A inauguração da nova praça era pra ter acontecido no início de janeiro de 1991, no entanto houve atrasos na entrega da obra, segundo o jornal Diário de Bauru (1990), ao que o arquiteto assim justificou:

[...] uma nova reforma na praça só será feita no próximo século, por isso diz que 15 ou 20 dias a mais não pode ser considerado um atraso.
Na concepção de Bueno Filho, a execução do projeto de reurbanização dará dignidade à praça [...]

Com tudo isso, apresentamos então o **Cenário Físico** da nova praça, que somente foi inaugurada em 6 de abril de 1991:

Segundo o Diário de Bauru (1990):

- Jardineiras altas para “facilitar o trânsito de pedestres”, segundo o arquiteto.

- Espaço mais amplo para permitir o deslocamento em todas as direções.
- Fonte luminosa com 500 esguichos de água, localizados em vários patamares e com focos de luz.
- Coreto reformulado presando pelas características originais.
- Plantio de 20 mil mudas de diversas espécies.
- Demarcado, em piso diferenciado, a localização da primeira Capela de Bauru.

Segundo Pelegrina (1991d, p. 24):

- Novos mobiliários urbanos, como: bancos, cabines telefônicas e um relógio público.
- Existência de pontos de táxis, sendo conformados por “baías específicas”.
- Arco em concreto armado na parte superior das escadarias.
- Passarela em pastilhas, que inicia na rua 1º de Agosto, passando por debaixo do arco, e terminando na entrada da Catedral.

Em notícia do Jornal da Cidade (1990) foi relatado que o arquiteto Jurandyr Bueno Filho havia realizado dois projetos para a praça Rui Barbosa; um onde faria uma restauração da praça, mantendo sua conformação original, e outro com uma reforma total. A partir de documentos existentes na Secretaria Municipal de Planejamento de Bauru (SEPLAN), podemos aferir alguns dados extras acerca desses projetos.

Abaixo apresentamos um projeto datado de agosto de 1990, estando identificado no carimbo a própria Seplan como responsável e o título “Reforma – Praça Rui Barbosa”, o que nos leva a acreditar que é um dos projetos mencionados por Jurandyr Bueno, onde seria realizada apenas uma “restauração” da praça.

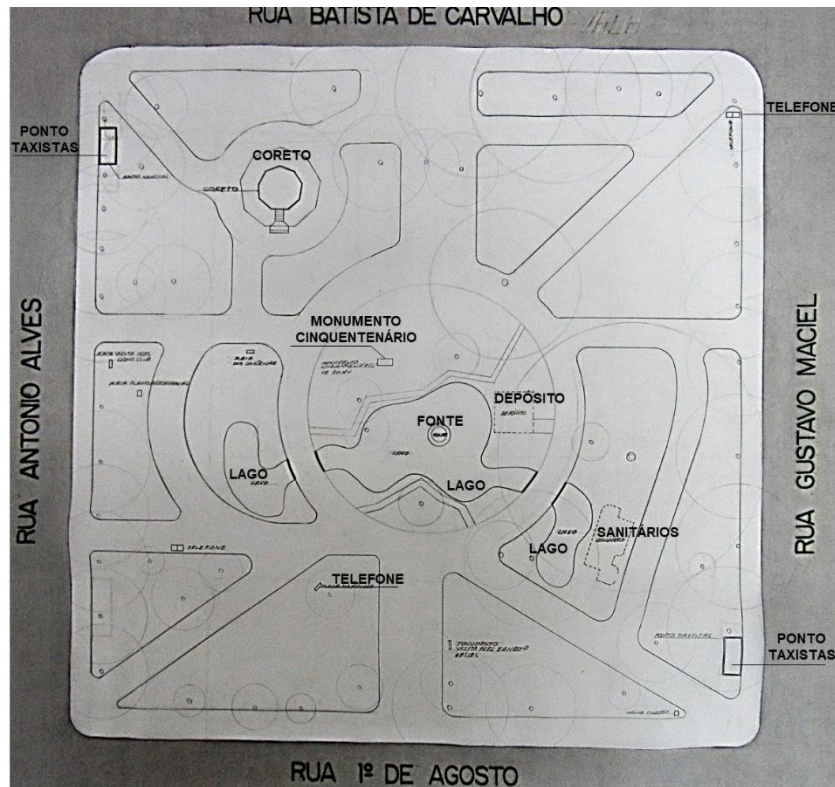


Figura 55: Possível projeto de restauração da praça Rui Barbosa, 1990.
Fonte: SEPLAN; disponibilizado em 2017.

Observando atentamente o projeto não implementado, podemos perceber que este não apresentava desníveis, como escadas ou platôs, o que provavelmente tornava o passeio mais contínuo e acessível; o que nos auxiliou a chegar nesse entendimento foi um corte existente na Seplan, datado de julho de 1990, com projeto do arquiteto Luciano Sciuli e desenho de Marcelo Michelin. Nesse corte podemos perceber o desnível da praça, com uma inclinação de 3,14% indicada na prancha, o que favorecia principalmente a acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida.

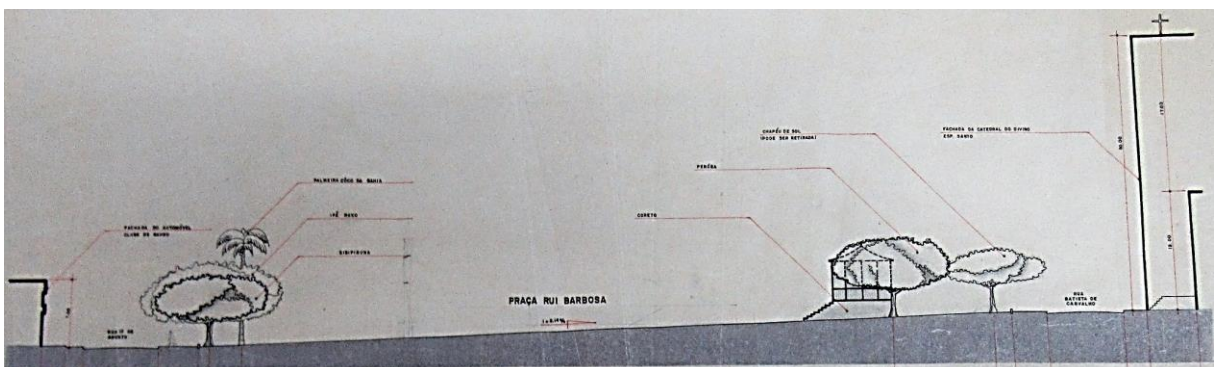


Figura 56: Corte da praça Rui Barbosa, 1990.
Fonte: SEPLAN; disponibilizado em 2017.

Também pudemos ter acesso à planta baixa original do projeto implementado por Jurandyr Bueno Filho (arquiteto responsável pelo projeto), com desenho de Marcelo Michelin, e também datado de agosto de 1990.

Já neste projeto (Figura 57), podemos observar a existência de três platôs, interligados por 2 lances de escada; a implantação dos diversos canteiros elevados, dos pontos de táxis, da fonte luminosa, do monumento do cinquentenário, do arco em concreto e da passarela; podemos perceber também a inserção do trecho da rua Batista de Carvalho na área da praça Rui Barbosa, impedindo assim o tráfego de veículos e deixando a praça conformada por apenas 3 vias. Tais indicações podem ser melhor visualizadas quando comparadas com a maquete física da praça, elaborada por Jurandyr Bueno Filho (Figura 58).

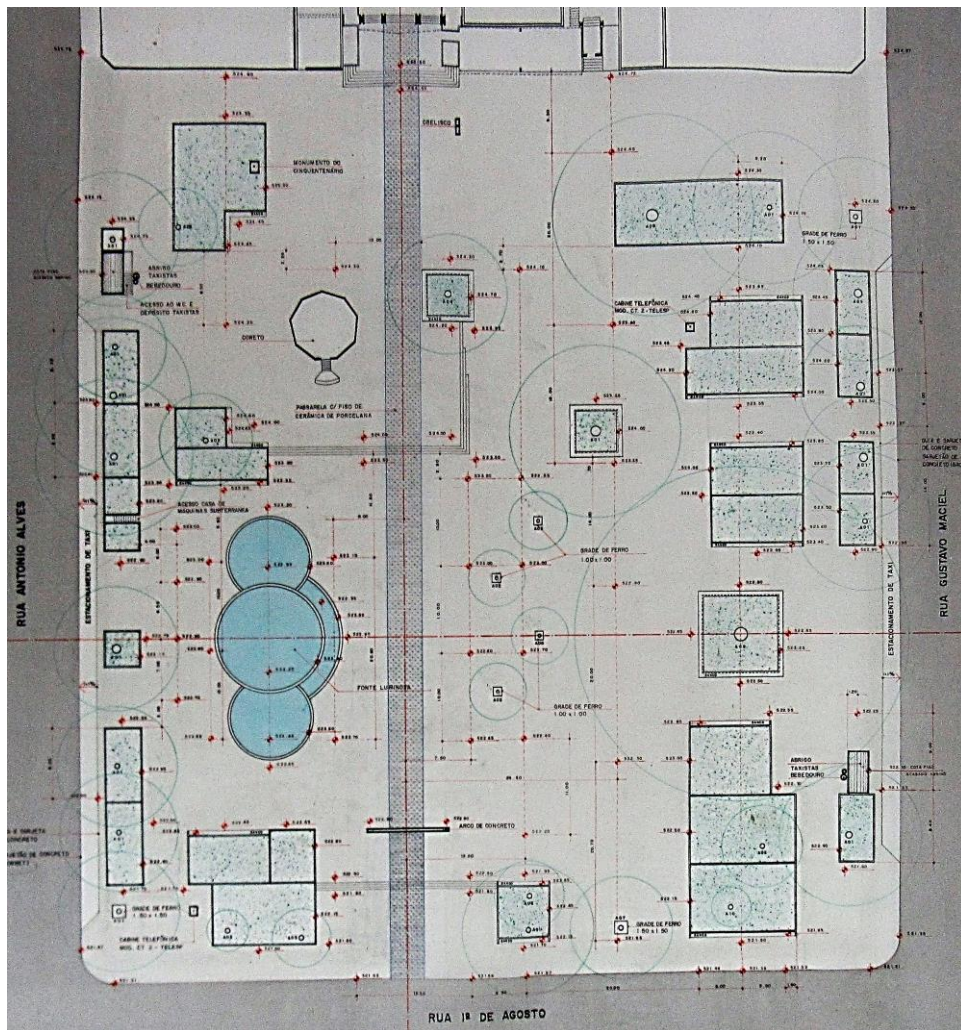


Figura 57: Planta baixa reforma da praça Rui Barbosa, 1990.
Fonte: SEPLAN; disponibilizado em 2017.

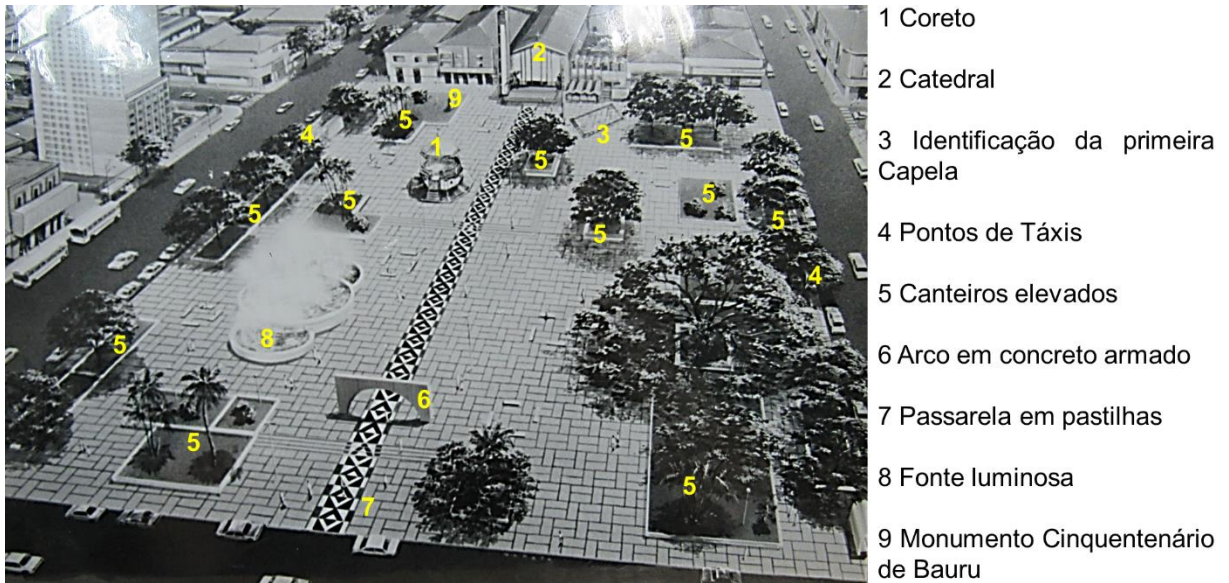


Figura 58: Maquete para a reforma de 1991.

Fonte: Acervo Fotográfico NUPHIS/USC; código: 00188 Av; editado pelo autor, 2018.

Finalizando as informações coletadas referente ao **Cenário Físico**, apresentamos também o projeto paisagístico implementado neste terceiro cronotopo. Apesar de não ser datado, acreditamos que o projeto paisagístico seja referente ao projeto do arquiteto Jurandyr Bueno devido ao uso da mesma planta baixa (porém simplificada) para a localização das espécies vegetais inseridas, conforme Figura 59. O projeto paisagístico é assinado por Gustaaf H. M. Winters e Paulo Bezerril Júnior, a seguir apresentamos as espécies plantadas (nome popular), e suas quantidades.

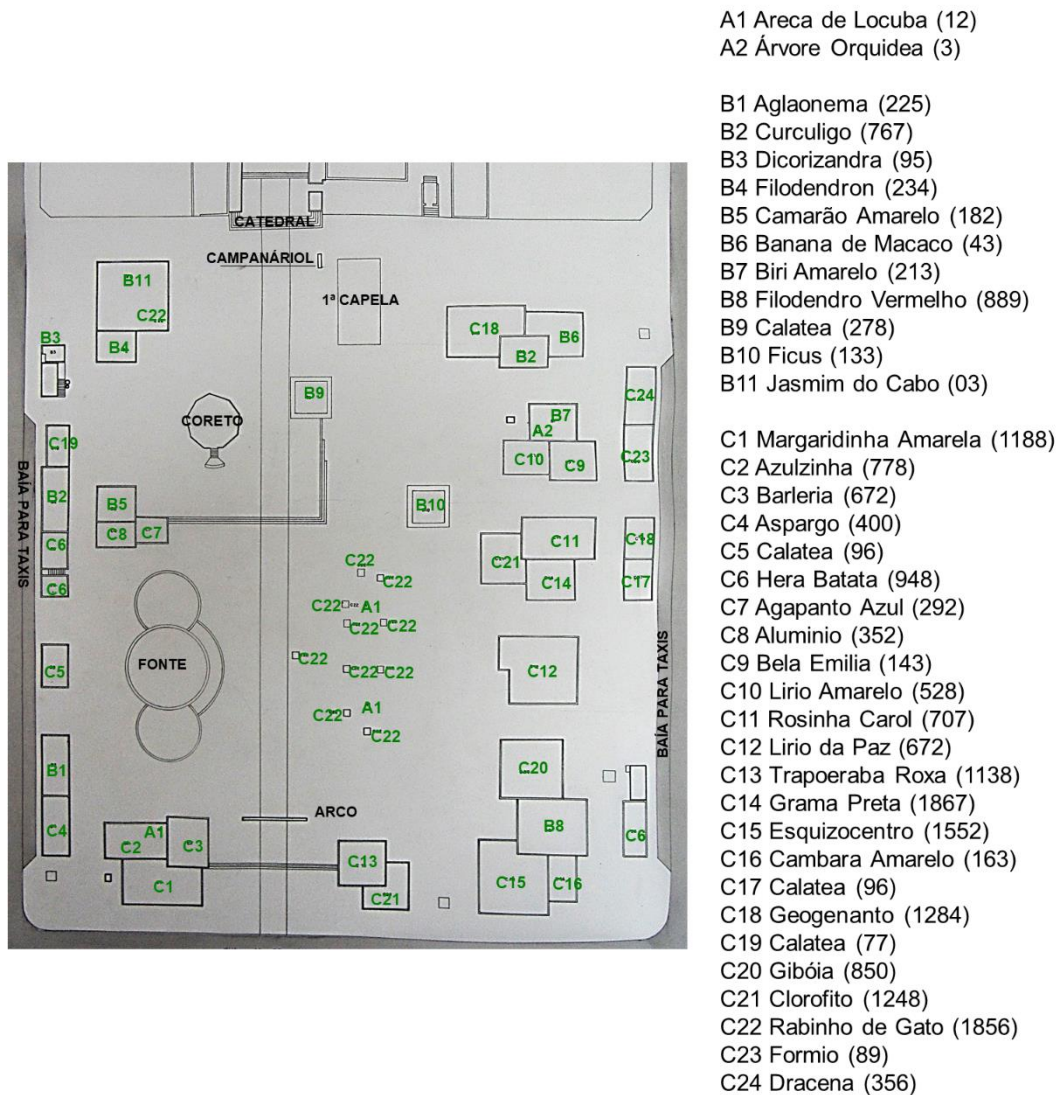


Figura 59: Projeto Paisagístico, (possivelmente 1990).

Observação: os nomes que aparecem iguais são de espécies diferentes.

Fonte: SEPLAN; disponibilizado em 2017; editado pelo autor, 2018.

Não foi possível identificar em dados publicados em jornais o **Ambiente Social** da praça referente a esse terceiro cronotopo. O mais próximo que chegamos disso é a intenção dos usos que o arquiteto Jurandyr Bueno Filho gostaria de estar favorecendo com o seu projeto, assim relatado pelo jornal Diário de Bauru (1990) desde o momento da festa de inauguração:

A festa de inauguração da praça, segundo promessa do assessor da Seplan [Jurandy Bueno Filho], será em grande estilo, 'uma festa cívica e incrivelmente bonita'. Estão sendo feitos contatos para apresentações musicais durante todo o dia, incluindo-se uma orquestra sinfônica. Uma missa deverá ser realizada no local. Pipoqueiros e vendedores de algodão doce, depois de cadastrados, voltarão ao local, para resgatar uma tradição. E até se examina a idéia de utilização do coreto nos dias comuns, para comercialização de flores – o que daria um aspecto ainda mais nobre ao local,

num visual todo integrado. Contatos com as floriculturas locais já estão sendo feitos, nesse sentido.

Retomando brevemente as observações referentes à planta baixa do projeto de 1990 (Figura 57), podemos perceber que não foram implementados sanitários na praça; porém, conforme demais projetos disponibilizados pela Seplan, podemos identificar um projeto de sanitários para a praça Rui Barbosa, com projeto da arquiteta Norma R. T. Constantino, datado de janeiro de 1994 e desenho de Renata Alexandra Petrocelli, datado de maio de 1995, o que nos leva a considerar que os sanitários foram implementados no ano de 1995. Como muitos dos documentos da Seplan já não existem mais, como nos informaram, não há dados sobre a localização de onde se deu a instalação desses sanitários, mas podemos considerar também, que a localização seja a mesma da contemporânea, como poderemos ver na sequência de nossa pesquisa.

A seguir, apresentamos este terceiro cronotopo (Figura 60), sendo de nosso conhecimento que a praça Rui Barbosa entrou em um segundo processo de degradação. Podemos fazer tal afirmação porque a praça passou por uma revitalização em 2015, com o intuito de melhorar o espaço. Trataremos esse momento, ou seja, esse quarto cronotopo, juntamente com nossos estudos contemporâneos, pois o uso social, a identidade e o simbolismo da praça identificados, condizem com esta última alteração do ambiente físico.

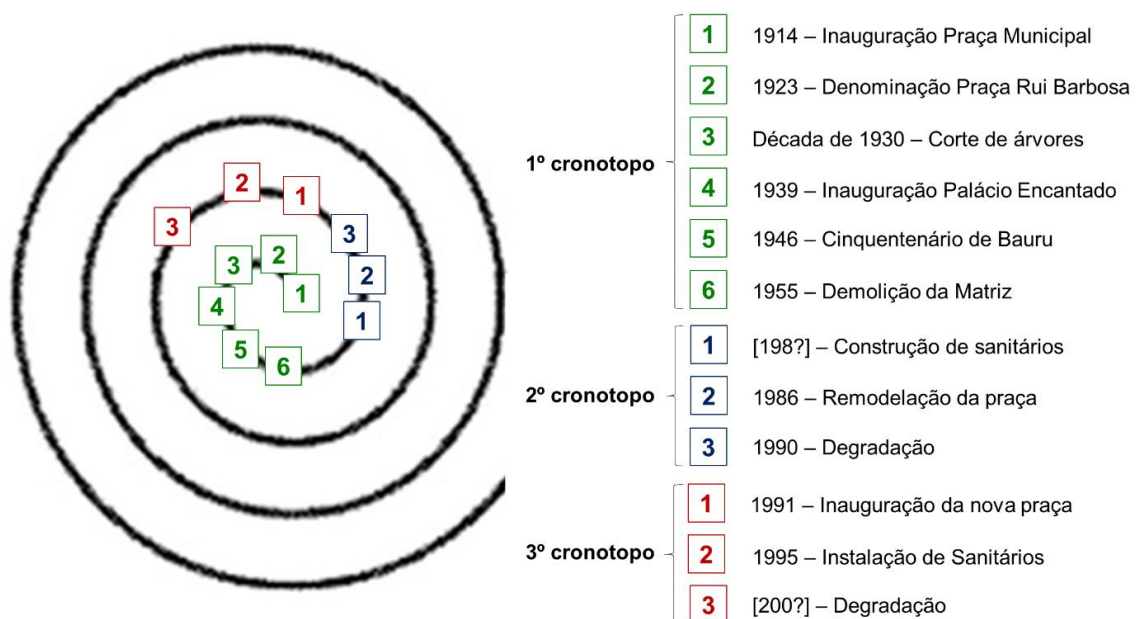


Figura 60: Terceiro Cronotopo da praça Rui Barbosa.
Fonte: Realizado pelo autor, 2018.

4.2 QUARTO CRONOTOPO – 2015 - 2019

É neste período que se dá (de maneira direta) a nossa pesquisa, referente à identificação do Ambiente Social da praça Rui Barbosa (através da observação dos usos sociais e grupos sociais existentes), e também do Ambiente Simbólico (através da aplicação dos questionários), ambos referentes ao Ambiente Físico implementado em 2015.

4.2.1 Cenário Físico Contemporâneo

Antes de falarmos exatamente como se deu a revitalização de 2015, vamos apresentar a forma como a praça Rui Barbosa se encontrava no momento em que a Seplan realizou as medições para o novo projeto. Mostraremos esse “antes” da praça, pois já é possível notar pequenas alterações desde o projeto de 1990, no entanto, não temos maiores informações de quando essas alterações aconteceram.

Na figura abaixo podemos localizar alguns itens inexistentes no projeto de 1990, como por exemplo: o mastro para as bandeiras, os bebedouros, o busto de Rui Barbosa, os sanitários e os telefones públicos.

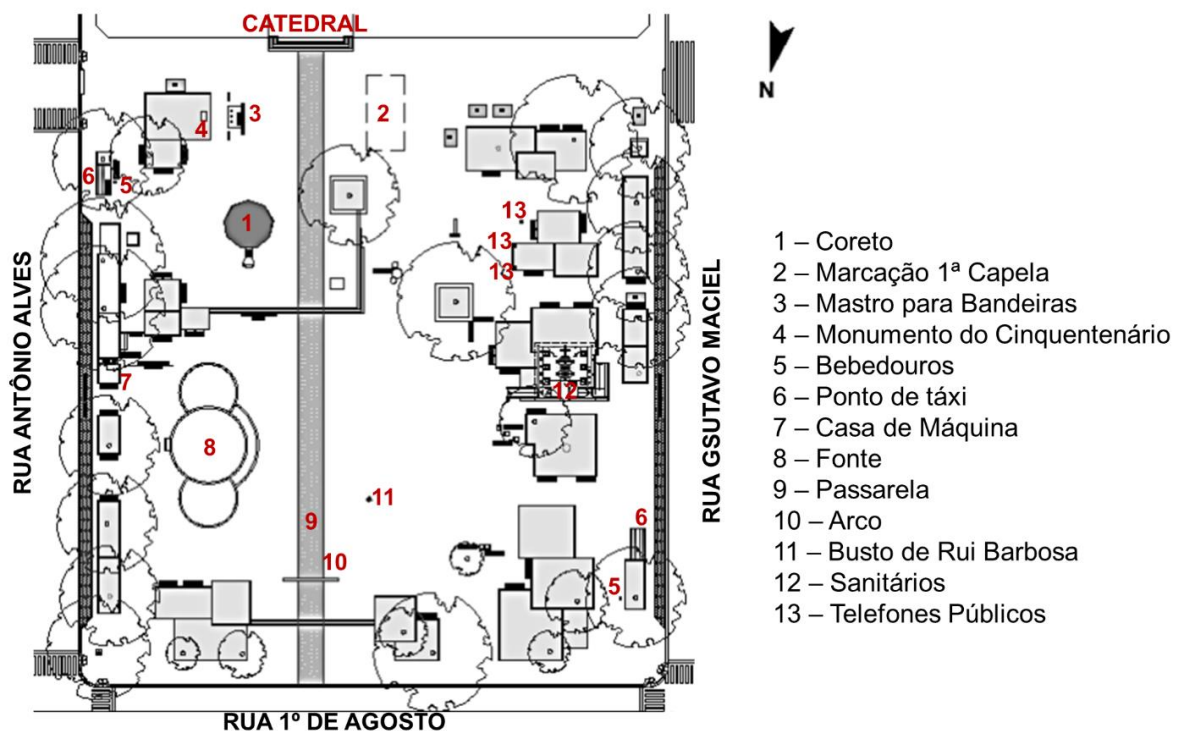


Figura 61: Praça Rui Barbosa em medição da Seplan antes da reforma de 2015.
Fonte: SEPLAN; disponibilizado em 2017; editado pelo autor, 2018.

A partir dessa conformação foi então que a Secretaria Municipal de Planejamento de Bauru propôs uma revitalização para a praça Rui Barbosa. Segundo documentos disponibilizados pela própria Seplan, a proposta foi assim composta:

- Reforma dos sanitários públicos (masculino e feminino): troca das bacias sanitárias; troca de válvulas hidra e manopla de acionamento; troca das portas; instalação de barras de apoio para pessoas com mobilidade reduzida; revisão da parte elétrica; reposição de azulejos quebrados; troca das torneiras; instalação de corrimãos segundo NBR 9050; reforma de “domos” na cobertura; limpeza e impermeabilização do piso em granilite; pintura geral; reforma de floreiras de forma a impedir que as pessoas subam na laje; instalação de frontão de granito nas bancadas; instalação de manta impermeável no jardim da laje.
- Passarela: remoção das pastilhas existentes por pastilhas cerâmicas tipo jatobá; execução dos dois lances de escada existentes em granito natural.
- Piso geral: recompor partes faltantes do piso em pedra portuguesa e miracema; limpeza geral.
- Coreto: reforma na cobertura com fixação das chapas metálicas e limpeza de calhas e buzinotes; pintura geral.
- Rampa lateral esquerda: realizar adequações segundo NBR 9050.
- Ampliação da área verde: mais área verde próxima ao coreto e aos coqueiros; relocação e reforma dos bancos (46 existentes, sendo 27 fixos e 19 a serem relocados).
- Iluminação e rede elétrica: revisão da iluminação existente; revisão e reforma dos quadros de distribuição elétrica; instalação de novas luminárias; instalação de iluminação em árvores; reforma da iluminação do arco (neon por led).
- Bicicletário: locação de 2 unidades.
- Paisagismo: realização de podas e limpeza; abertura de canteiro junto ao coreto; instalação de iluminação no chão; limpeza geral da praça.
- Piso tátil: instalação do piso cimentício de forma a ligar a rua Antônio Alves com a rua Gustavo Maciel, e também, interligando com a rampa de acesso para a Catedral.

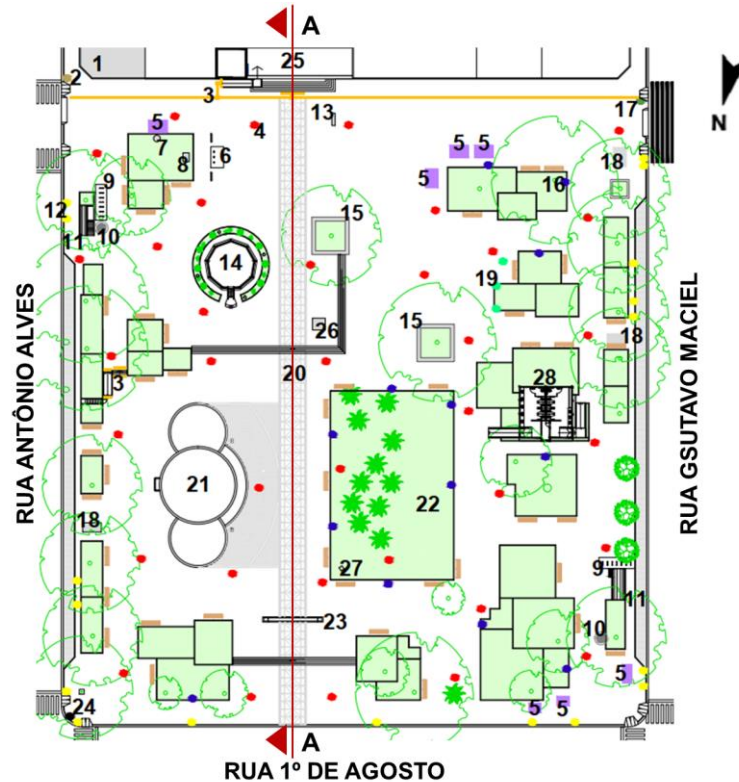
Assim, apresentamos o projeto implementado em 2015, existente até a contemporaneidade, segundo documentos da Seplan e também com as observações do pesquisador referente ao Ambiente Físico, Figura 62.

É neste momento de nossa pesquisa que utilizamos nossos anexos indicados anteriormente na descrição do método. Primeiramente apresentamos o Anexo 1, onde realizamos a identificação da praça Rui Barbosa (Tabela 4), para na sequência apresentarmos então o projeto da mesma.






Tabela 4: Identificação da praça Rui Barbosa pelo pesquisador, 2018.

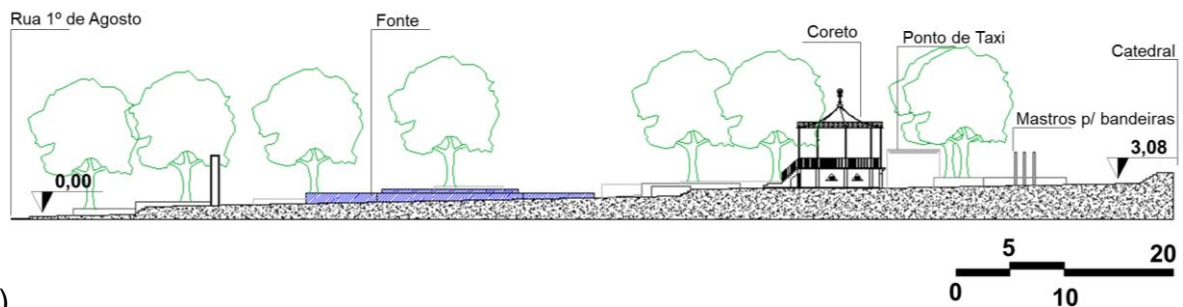
Nome da Praça: Rui Barbosa					
Cidade / Estado: Bauru / SP				Data: 07 de fevereiro de 2018	
Forma Geométrica:	Quadrangular	Circular	Retangular	Outra:	
Conformação da praça:	1 via	2 vias	3 vias	4 vias	5 vias
Topografia:	Plana	Platôs	Declive		Outra:
Traçado dos caminhos:	Linear	Curvo	Radial	Segmentado	

Fonte: Realizado pelo autor, 2018.



a)

- | | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none">  Bancos em concreto e madeira 1. Estabelecimento para alimentação (fixo) 2. Poste de rede primária com iluminação pública 3. Piso tátil 4. Postes de iluminação pública (abaixo das copas das árvores) 5. Comércio itinerante ("camelôs") 6. Haste para bandeiras 7. Monumento ao 1º centenário de Bauru 8. Monumento ao cinquentenário de Bauru 9. Bicletários 10. Bebedouros 11. Ponto para os taxistas  12. Placas de sinalização (em metal) 13. Campanário 14. Coreto | <ul style="list-style-type: none"> 15. Bancos em concreto  16. Lixeiras 17. Poste de rede primária e secundária com iluminação pública 18. Estabelecimentos para alimentação (móveis)  19. Telefones públicos 20. Passarela 21. Fonte 22. Canteiro verde 23. Arco em concreto  24. Sinaleiro 25. Catedral 26. Monumento homenagem ao poeta 27. Monumento busto de Rui Barbosa 28. Sanitários |
|---|---|



b)

Figura 62: a) Planta Baixa (2015) com informações de mobiliários urbanos da observação do pesquisador em 2018; b) Corte AA Esquemático.

Fonte: a) SEPLAN, disponibilizado em 2017; editado pelo autor, 2018.

b) Realizado pelo autor, 2019; com base em documentação da Seplan e acervo fotográfico próprio.

Como se pode notar na figura acima, estão listados e localizados todos os itens do projeto e os mobiliários urbanos existentes atualmente na praça Rui Barbosa. E ainda, referente à nossa observação e preenchimento dos anexos, podemos quantificar tais itens (Tabela 5 e 6), e também qualificá-los (Tabela 7), como podemos ver a seguir. Lembrando que a quantificação da vegetação foi realizada apenas com base na observação geral da praça, sem que fossem contadas cada espécie, sendo assim apresentada em porcentagens e faixas possíveis de quantidade.

Tabela 5: Levantamento quantitativo dos equipamentos e mobiliários da praça Rui Barbosa, 2018.

Equipamentos / Mobiliários	Quantidade
1. Bancos Material: concreto – 2 Material concreto e madeira - 46	48
2. Posteação Rede primária com poste de iluminação pública – 1 Rede primária e secundária com poste de iluminação pública - 1	2
3. Iluminação Postes com duas luminárias abaixo da copa das árvores	36
4. Lixeiras Material: plástico – 4 Material: madeira – 13 Material: metal – 1	18
5. Placas Material: ferro	17
6. Sinaleiro	1
7. Telefone Público	3
8. Bebedouros Material: concreto	2
9. Caminhos / Pisos internos Material: piso tátil (em frente à Catedral e nos acessos internos da praça) Material: pedra portuguesa (quase a totalidade do piso da praça) Material: pastilhas cerâmicas (passarela)	-
10. Coreto	1
11. Fonte	1
12. Ponto de táxi Material: concreto	2
13. Estabelecimentos para alimentação (fixos)	1
14. Estabelecimentos para alimentação (móveis – trailers e barracas)	3
15. Monumento Cinquentenário de Bauru Centenário de Bauru Homenagem ao poeta bauruense Busto de Rui Barbosa Arco em concreto Campanário	6
16. Comércio itinerante (camelôs)	7
17. Banheiros	1
18. Haste para bandeiras	3

Fonte: Realizado pelo autor, 2018.

Tabela 6: Levantamento quantitativo estimado da vegetação da praça Rui Barbosa, com base na observação geral, 2018.

VEGETAÇÃO	Inexistente	± 25%	± 50%	Totalidade
Forração		X		

VEGETAÇÃO	0-10	11-20	21-30	31 +
Pequeno porte			X	
Médio porte			X	
Grande porte				X
Palmeiras		X		

Fonte: Realizado pelo autor, 2018.

Tabela 7: Levantamento qualitativo dos equipamentos e mobiliários da praça Rui Barbosa, e também do uso da mesma, 2018.

Equipamentos / Mobiliários	Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo
Bancos				X	
Posteação				X	
Iluminação		X			
Lixeiras			X		
Placas			X		
Sinaleiro				X	
Telefone Público				X	
Bebedouros			X		
Caminhos / Pisos internos			X		
Coreto			X		
Fonte			X		
Ponto de táxi				X	
Estabelecimentos para alimentação			X		
Monumento			X		
Comércio itinerante (camelôs)			X		
Banheiros		X			
Haste para bandeiras				X	
Qualidade do Uso					
Limpeza				X	
Conforto ambiental (térmico)	X (sol)		X (sombra)		
Conforto sonoro			X		
Permeabilidade visual (barreiras físicas)		X			
Acessibilidade			X		
Segurança			X		
Vegetação			X		

Fonte: Realizado pelo autor, 2018.

Com a avaliação qualitativa podemos perceber que em uma média geral a praça encontra-se num nível regular, no entanto, nos quesitos iluminação, permeabilidade visual e conforto ambiental, o nível está entre ruim e péssimo, o que é visto por nós como algo ruim, já que são quesitos de grande importância para gerarem o bom uso do espaço.

Assim afirmamos, pois, no período noturno, quando uma localidade urbana não apresenta uma iluminação suficiente, sabemos que a população passa a evitar tal lugar, com medo da insegurança, esse medo também surge quando um espaço público urbano não apresenta uma boa permeabilidade visual, fazendo também com que as pessoas passem a evitar tais localidades. E em relação ao conforto ambiental, em uma cidade onde a predominância do clima é quente, com temperaturas máximas que ultrapassam os 35°C, a pouca ou inexistente arborização pode ser um fator definitivo para as pessoas não utilizarem o espaço.

Essas afirmativas são fundamentadas apenas com base no Cenário Físico da praça, o que faz com que sejam insuficientes para de fato entendermos a mesma e seus diversos usos; é por isso, que este estudo é realizado conforme o método do urbanismo ambiental hermenêutico, ficando claro que o físico, ou seja, projeto da praça, é apenas uma pequena parte dos motivos que geram as problemáticas referentes ao espaço urbano. Na Figura 63 apresentamos itens que compõe o cenário da praça Rui Barbosa; e na Figura 64, indicamos e apresentamos as testadas das quadras do entorno imediato da praça.



a) Placas de sinalização.



b) Em primeiro plano à esquerda: banco em concreto; ao centro a passarela; ao fundo: tipo do poste de iluminação.



c) Bebedouro.



d) Bicicletário e Ponto dos taxistas.



e) Telefones públicos.



f) Sanitário.



g) Camelôs e Estabelecimentos móveis de alimentação.



h) Piso em pedra portuguesa; fonte ao fundo; desníveis existentes na praça; bancos de concreto e madeira.



i) Canteiro implementado em 2015; no primeiro plano lixeiras em madeira.



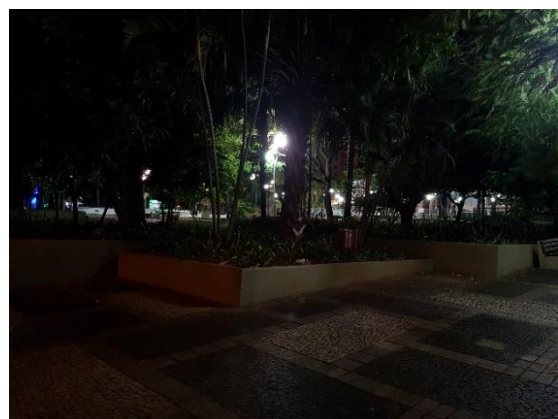
j) Acessibilidade implementada em 2015, conforme NBR 9050; canteiros elevados que bloqueiam a visão dos usuários.



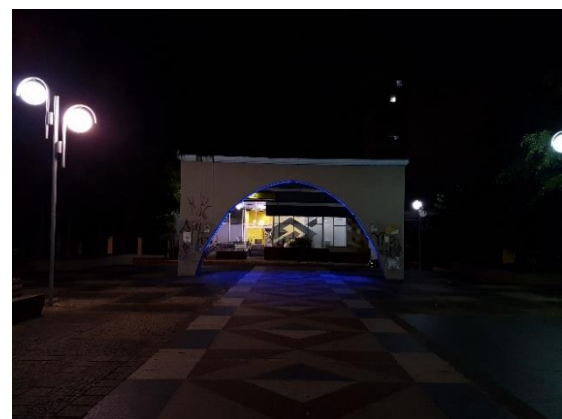
k) Ponto dos taxistas; bicicletário; bebedouro.



l) Catedral e campanário.



m) Iluminação insuficiente.



n) Arco com led.



o) Panorâmica da praça Rui Barbosa.

Figura 63: Cenário Físico da praça Rui Barbosa, 2018.
Fonte: Acervo do autor, 2018.



Figura 64: Testadas das Quadras do Entorno Imediato da Praça Rui Barbosa.

Fonte: a) Imagens do Google Earth em jul. 2018; editado pelo autor, 2018.

b) Acervo do autor; editado pelo autor, 2018.

c) Acervo do autor; editado pelo autor, 2018.

d) Acervo do autor; editado pelo autor, 2018.

e) Acervo do autor; editado pelo autor, 2018.

4.2.2 Ambiente Social Contemporâneo

Para caracterizarmos o ambiente social da praça Rui Barbosa realizamos observações durante o período da manhã, tarde e noite, de forma a preenchermos o Anexo 5, e também identificarmos os grupos sociais existentes atualmente no local.

Antes do preenchimento do Anexo 5, já pudemos ter contato com o ambiente da praça Rui Barbosa, de forma a termos nossa própria percepção do ambiente; logo em uma primeira vista já é notável a presença de alguns grupos sociais: os idosos que juntam-se debaixo das sombras das árvores para jogar cartas, os idosos que sentam-se nos bancos à sombra para olhar a paisagem, e ainda, um terceiro grupo de idosos que juntam-se para jogar cartas debaixo do ponto dos taxistas; há também os grupos jovens, daqueles que estão ali para atividades ilícitas perante à lei vigente, como por exemplo a utilização de drogas, há ainda grupos de jovens que aguardam “o momento certo” para realizarem pequenos furtos, entre os jovens, há também aqueles que encontram-se para conversar; outros grupos que são rapidamente identificados são:

o do comércio itinerante, ou seja, dos camelôs; dos policiais que sempre estão realizando rondas pela praça; dos taxistas que ficam à espera de clientes; daqueles que utilizam a praça somente como passagem, como estudantes, clientes do comércio e dos serviços, entre outros.

Ao longo da pesquisa e observação da praça pudemos perceber que esses grupos são bastante complexos, tendo mais variações do que aquelas que podemos identificar em um primeiro contato, já mencionadas acima. Tonelli (2018), em notícia ao Jornal da Cidade, nos apresenta um pouco desse Ambiente Social da praça Rui Barbosa na contemporaneidade.

Segundo Tonelli (2018, p. 1), um dos motivos para a existências de tantas pessoas, em especial idosos, que frequentam a praça em torno do horário de almoço, é o restaurante Bom Prato, “[...] que serve refeições a 1 real, a algumas quadras dali”, e assim, aproveitam para contemplar a praça ou participar das rodas de truco. Tonelli (2018) ainda identifica a existência de grupos de jovens que vão ao local no período da tarde e sentam-se nas escadarias da praça para conversar e relaxar, de forma a passar o tempo agradavelmente.

Outro grupo identificado por Tonelli (2018, p. 1) é dos religiosos, que somente passam pela praça para acessarem a Catedral do Divino Espírito Santo; esse grupo é existente durante os três períodos do dia, porém, segundo a autora é no período da noite, com o esvaziamento da praça, que se intensifica o número de pessoas do grupo religioso.

Outro grupo, não muito efetivo na praça, mas existente, são das pessoas que aguardam por ônibus que trazem mercadorias vindas de São Paulo, durante a noite; podendo ser variável entre dias de semana e fim de semana (TONELLI, 2018, p. 1). E ainda há mais um grupo que não marca muita presença na praça, por serem “nômades” na cidade, é o grupo identificado por Tonelli (2018, p. 2) como artistas, sendo os artesões, hippies e desenhistas que utilizam o espaço vendendo seus objetos de arte.

O grupo daqueles que realizam atividades ilícitas (venda de droga) também é identificado por Tonelli (2018, p. 3), que ao entrevistar pessoas sobre a segurança da praça diz que “[...] um homem de 83 anos, que pediu para não ser identificado por segurança, contou ter sido tirado de um banco da praça por outros dois homens, que teriam escondido drogas no local [...]”. Outro grupo que também faz parte das atividades ilícitas é composto por aqueles que realizam furtos com as pessoas que

utilizam o espaço da praça, sendo a própria Catedral alvo desses furtos (TONELLI, 2018).

A primeira observação que realizamos na praça foi com o objetivo de preencher a tabela do Anexo 5, onde identificamos e classificamos as atividades em necessárias, opcionais e sociais, e observamos com qual frequência elas acontecem durante os três períodos do dia: manhã, tarde e noite. Essa etapa da pesquisa foi realizada durante o mês de fevereiro de 2018.

Tabela 8: Atividades Sociais na praça Rui Barbosa durante manhã, tarde e noite, 2018.

ATIVIDADES		FREQUÊNCIA / FLUXO DE PESSOAS			
		Nenhum	Baixo	Médio	Alto
Atividades Necessárias	Trabalho	●	●	●	
	Escola	●	●	●	
	Esperar ônibus	● ● ●			
	Entrega de Mercadorias	● ●	●		
	Passagem		●	●	●
Atividades Opcionais	Caminhar	● ●	●		
	Contemplação	●	●	●	
	Passeio	●	● ●		
	Lazer		● ● ●		
	Jogos	●	●		●
	Leitura de jornais e afins	● ● ●			
	Tocar instrumento musical	● ●	●		
	Utilização de drogas ilícitas		●	●	●
	Venda de drogas ilícitas	●		●	●
Atividades Sociais	Cumprimentos entre pessoas	●	●		●
	Conversas entre conhecidos		●	●	●
	Brincadeiras infantis	● ● ●			
	Encontro de jovens		●	●	●
	Jogos de mesa	●		●	●
	Casal de namorados	●	●	●	

Legenda:

● Manhã

● Tarde

● Noite

Fonte: Realizado pelo autor, 2018.

Para ilustrarmos a frequência de permanência das pessoas na praça, realizamos um mapa (Figura 64) de forma a ficar fácil a visualização das áreas com alta e média permanência das pessoas, e também, na mesma legenda de cores para

os períodos (manhã, tarde e noite), identificamos os trajetos utilizados somente para passagem da população em intensidade baixa, média e alta.

Com isso, identificamos que a praça Rui Barbosa constitui uma alta permanência dos usuários, durante os três períodos do dia, na porção próxima ao único ponto fixo de alimentação; também apresenta uma alta permanência das pessoas, durante manhã e tarde, na porção próxima à Catedral, porém para o lado do calçadão da Batista; percebemos uma média permanência, durante os três períodos na porção próxima à fonte; e também, uma média permanência, durante tarde e noite, na porção contrária à fonte.

Em relação ao fluxo de pessoas que somente passam pela praça, identificamos que os maiores fluxos acontecem em frente à Catedral, na direção do calçadão da Batista de Carvalho, sendo um alto nível de passagem durante manhã e noite, e baixo nível durante a tarde; outro ponto que é principalmente utilizado como passagem, é o trecho da passarela, apresentando um fluxo baixo de pessoas pela manhã, e um fluxo médio durante a tarde; e por fim, outra área usada preferencialmente para a passagem é a calçada da rua 1º de Agosto, apresentando um baixo fluxo de pessoas durante a tarde e à noite, conforme Figura 65.

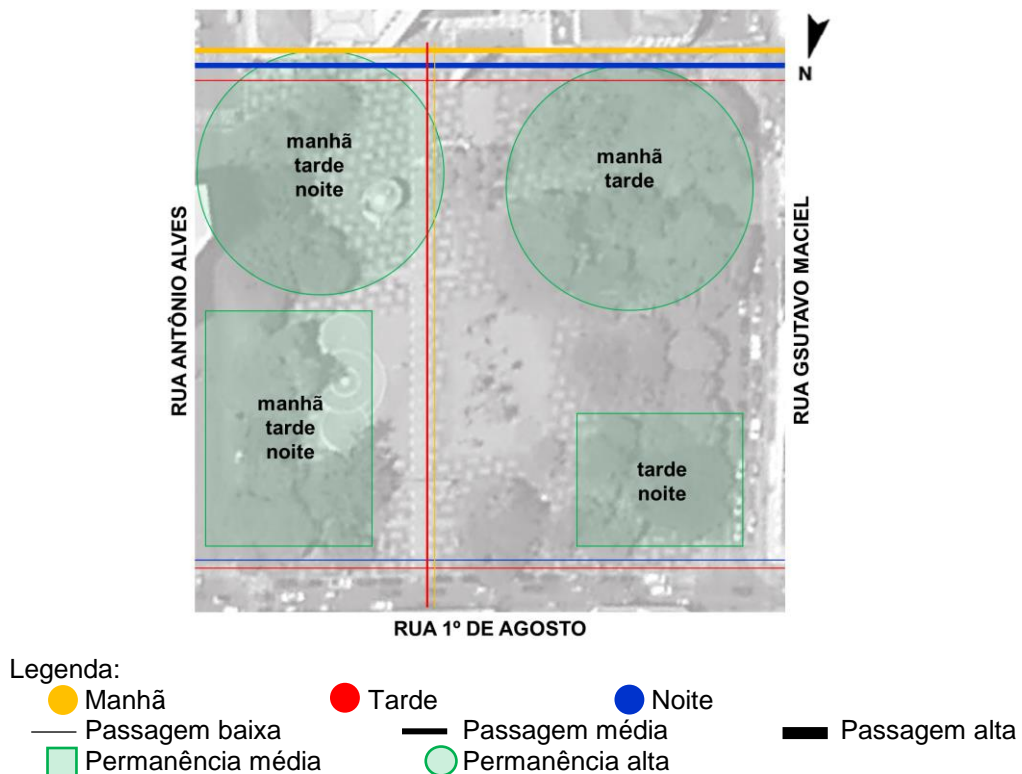


Figura 65: Nível de permanência e nível de passagem dos usuários na praça Rui Barbosa, 2018.
Fonte: Imagens do Google Earth em jul. 2018; editado pelo autor, 2018.

A partir dessas observações iniciais, passamos a conhecer melhor o espaço da praça e identificamos os grupos existentes, assim como as atividades realizadas pelos mesmos. São os grupos sociais identificados na praça:

- Idosos
- Jovens
- Jogadores de baralho
- Vendedores de drogas ilícitas
- Consumidores de drogas ilícitas
- Comerciantes (camelôs)
- Clientes do comércio
- Vendedores de artesanatos (“hippies”)
- Clientes dos artesanatos
- Bandidos
- Vendedores de alimentos
- Consumidores de alimentos
- Religiosos
- Taxistas
- Comerciantes (que aguardam por mercadorias chegadas de São Paulo)
- Polícia
- Moradores de rua
- Gestão Pública

São as atividades identificadas na praça:

- Passeio
- Contemplação
- Namorar
- Conversar
- Andar de skate
- Jogar baralho
- Vender drogas ilícitas
- Consumir drogas ilícitas
- Venda de produtos
- Compra de produtos
- Venda de artesanatos
- Compra de artesanatos
- Assaltos
- Venda de alimentos

- Compra e consumo de alimentos
- Missa
- Esperar por clientes (taxistas)
- Espera do ônibus de mercadorias vindas de São Paulo
- Ronda policial
- Tomar banho na fonte
- Dormir nos bancos

4.2.3 Ambiente Simbólico Contemporâneo

E por fim, para identificarmos o ambiente simbólico contemporâneo, realizamos a aplicação dos questionários; os mesmos foram aplicados com um total de 115 indivíduos, no período de fevereiro a abril de 2018; a faixa etária daqueles que contribuíram com a pesquisa variou entre os 18 e 80 anos, conforme Figura 66. Deixamos claro que os gráficos apresentados a seguir estão em números absolutos de respostas, podendo elas serem inferiores ou superiores ao número de participantes da pesquisa (115); isso pois as respostas eram livres e não obrigatórias, sendo que algumas pessoas não quiseram ou não puderam responder determinadas perguntas (por não saberem o que responder, por não lembrarem de nada no momento, ou até mesmo por não terem o conhecimento necessário), e quando o número de respostas ultrapassou 115, se dá pelo fato das respostas serem livres, o que proporcionou que cada participante pudesse listar várias coisas que lhes vinham à mente.

Dos entrevistados 91% residem em Bauru e os 9% restantes residem em outros municípios (conforme Figura 67); os não residentes em Bauru são identificados na Figura 68 (com a distância em quilômetros entre os municípios), e os bauruenses são identificados segundo os bairros de moradia conforme Figura 69. No gráfico “Local de Moradia dos Visitantes da Praça Rui Barbosa Atualmente” (Figura 69) indicamos o tempo médio que leva para deslocamento do bairro em questão até a praça, utilizando-se do transporte público operante em Bauru; tais informações são apanhadas pelo Google Maps.

Notamos que apesar de alguns bairros serem distantes do Centro, e por consequência terem uma maior demora para se estar na praça, as pessoas se deslocam para terem momentos na praça Rui Barbosa. Percebemos também que a

maior presença, de fato, se dá por moradores do próprio Centro, que veem a praça como um local agradável para passear e encontrar amigos.

A praça também é muito utilizada somente como passagem pelas pessoas que realizam compras no comércio das ruas Batista de Carvalho e 1º de Agosto, também na Avenida Rodrigues Alves e mais comércios e serviços da região próxima à praça. Os religiosos também somente passam pela praça com o intuito de dirigirem-se à igreja.

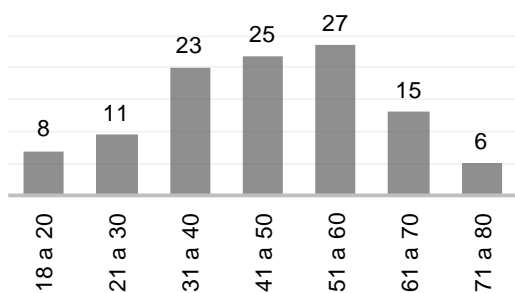


Figura 66: Faixa Etária dos Entrevistados.
Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

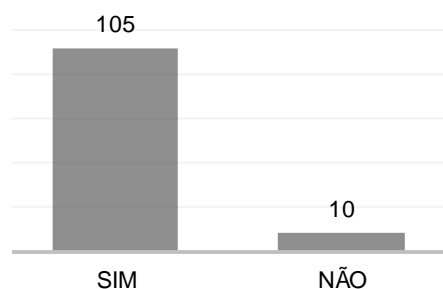


Figura 67: Residentes em Bauru.
Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

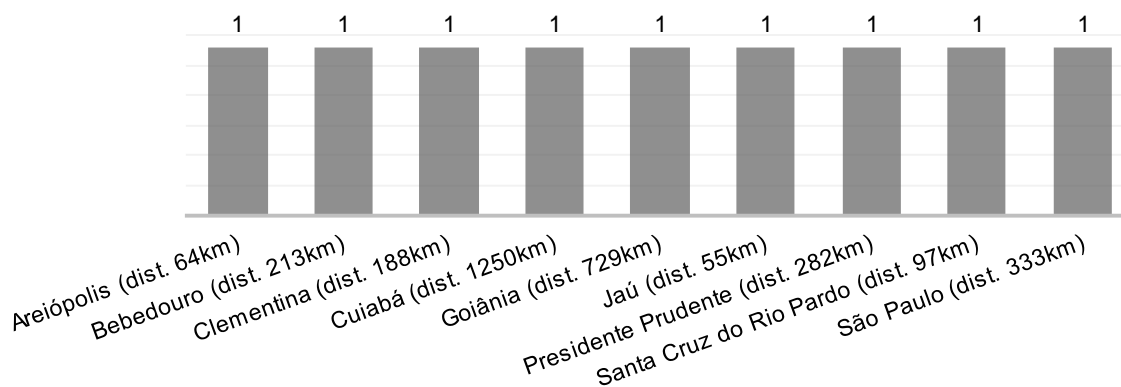


Figura 68: Cidade da Residência dos Visitantes.
Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

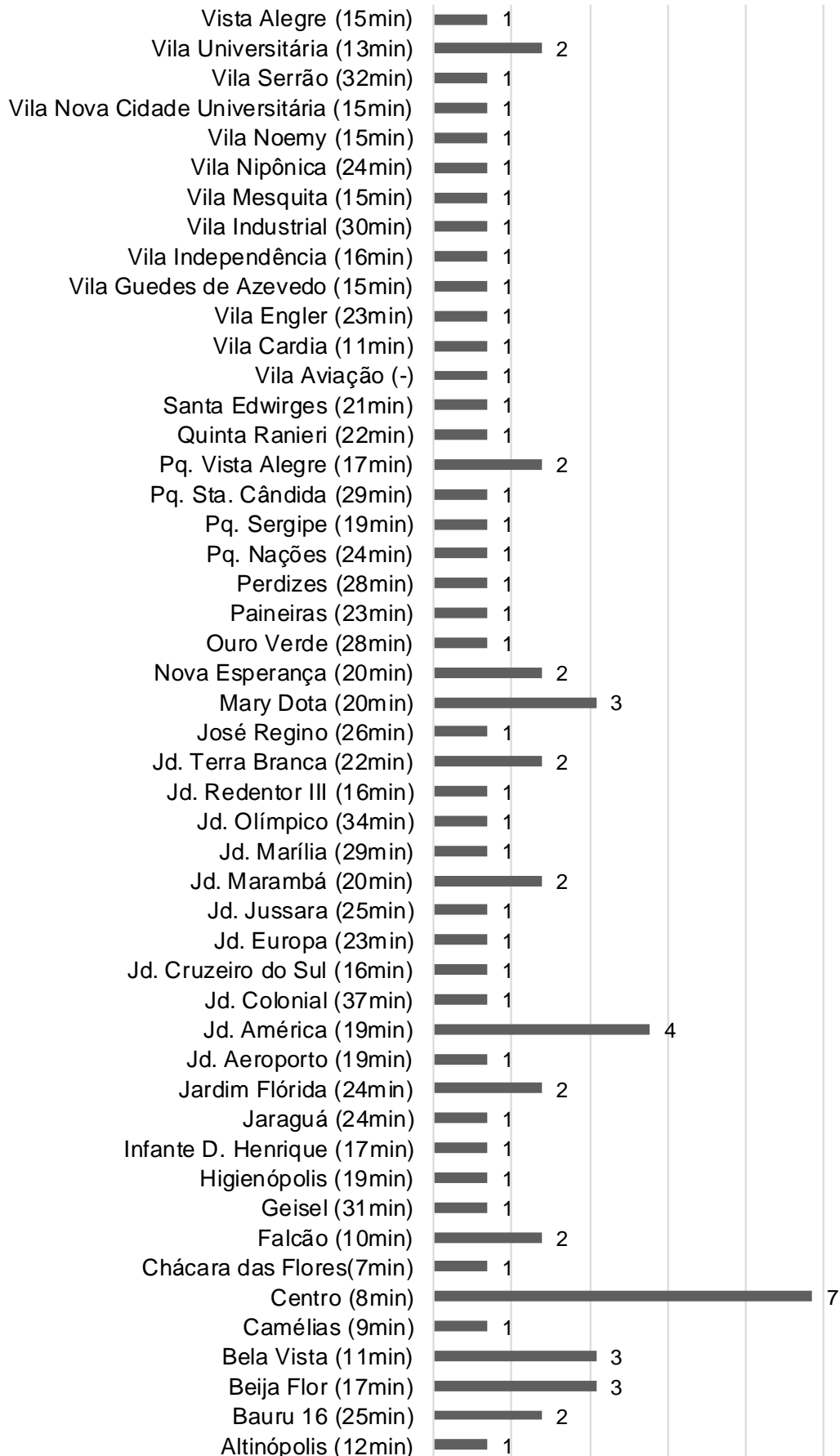


Figura 69: Local de Moradia dos Visitantes da Praça Rui Barbosa Atualmente.
Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

Em nossos questionários perguntamos sobre dois momentos da praça, atualmente e anterior à 1992; apresentamos os dados aferidos de ambos os momentos lado a lado, de forma a podermos realizar um comparativo entre os cronotopos aqui especificados.

Quando perguntamos se as pessoas frequentam a praça atualmente e se frequentavam a praça antes da reforma de 1992 (ainda com a existência dos lagos), podemos observar que a maioria dos entrevistados NÃO frequentam a praça atualmente, porém frequentavam SIM antes de 1992, conforme Figuras 70 e 71.

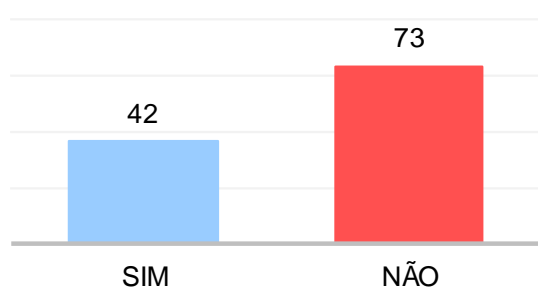


Figura 70: População que Frequenta a Praça Atualmente.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

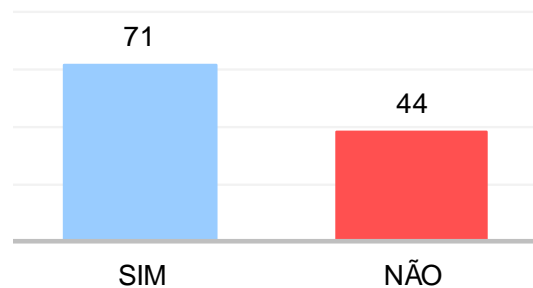


Figura 71: População que Frequentava a Praça antes de 1992.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

Buscamos os motivos pelos quais a praça não é visitada atualmente, e também não era visitada antes de 1992, Figuras 72 e 73. Em relação ao momento atual percebemos a grande porcentagem (42%) de respostas referentes à periculosidade da praça, tendo sido muito evidenciado a presença do tráfico de drogas ilícitas e também o uso das mesmas em qualquer horário do dia e na presença de pessoas que gostariam de desfrutar de um passeio. E em relação ao momento anterior a 1992, podemos perceber que a maior porcentagem (50%) em NÃO se frequentar a praça é pelo motivo de ainda não residir em Bauru e depois (27,5%) por serem pessoas que nasceram após essa data (entre 18 e 26 anos).

Ao avaliarmos os questionários chegamos a identificar os motivos em não se utilizar o espaço público da praça Rui Barbosa atualmente carrega uma conotação negativa, enquanto que o motivo da não visitação antes de 1992 se dá por algo indiferente à vontade das pessoas, então não julgamos que carreguem uma conotação negativa e nem positiva.

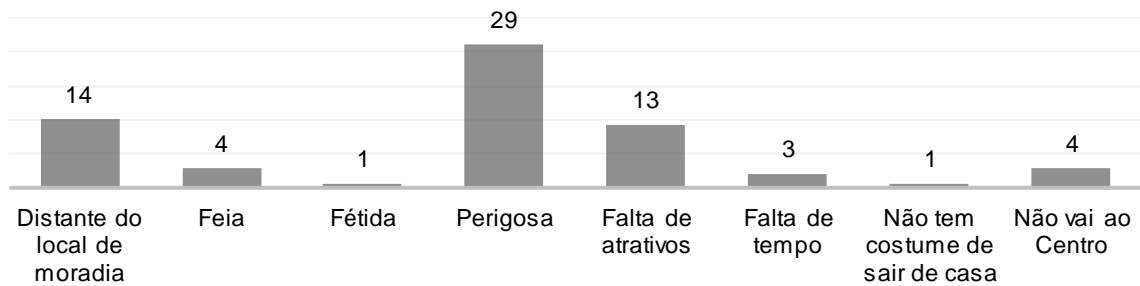


Figura 72: Motivo de NÃO Frequentar a Praça Atualmente.
Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

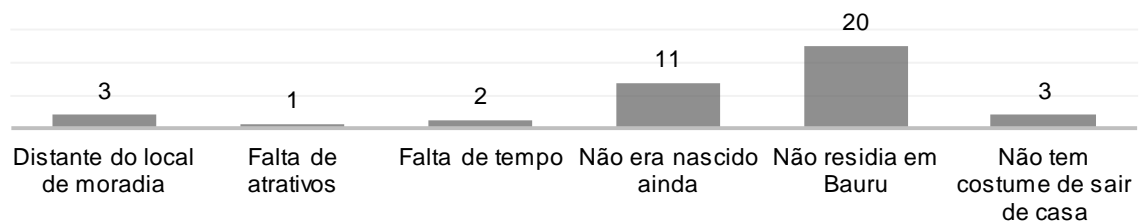


Figura 73: Motivo de NÃO Frequentar a Praça antes de 1992.
Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

Da mesma forma que identificamos os motivos referentes ao **NÃO**, identificamos os motivos referentes ao **SIM** e também as atividades desenvolvidas pelas pessoas. Em ambos os momentos (atualmente e anterior a 1992) podemos observar que o principal motivo das pessoas frequentarem a praça é para “passeio” (22% e 46%) e “lazer” (18% e 30%), Figuras 74 e 75.

A diferença está que atualmente as opções de se frequentar a praça estão mais distribuídas entre as idas ao comércio da Rua Batista de Carvalho e assim passam rapidamente pela praça; pessoas que frequentam a praça exclusivamente a trabalho, como os camelôs, artesãos e taxistas; e também pessoas que utilizam a praça somente como um meio de acesso mais rápido entre uma ou outra localidade do Centro, pois não se sentem confortáveis em parar na mesma devido à periculosidade citada anteriormente.

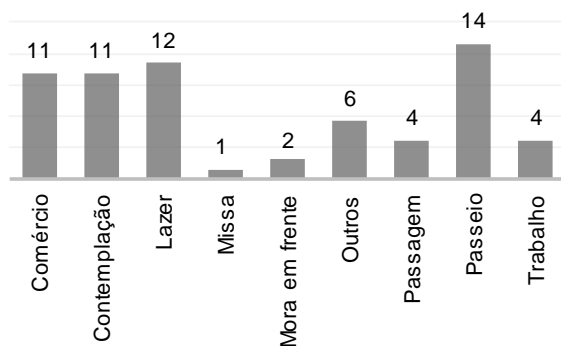


Figura 74: Motivo de Frequentar a Praça Atualmente.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

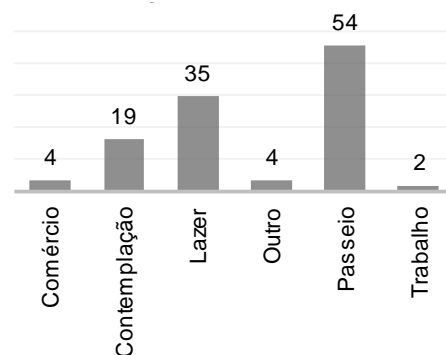


Figura 75: Motivo de Frequentar a Praça antes de 1992.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

Das atividades desenvolvidas pelos que frequentam e frequentaram a praça, podemos perceber uma grande disparidade sobre a vocação da praça atualmente e em cronotopos passados, Figuras 76 e 77.

Atualmente podemos visualizar que a principal atividade realizada na praça é a simples passagem (24%), devido ao grande medo que a população tem de permanecer no local (como pudemos constatar na avaliação dos questionários). Na sequência, percebemos que a segunda maior atividade realizada atualmente é o encontro de amigos (22%), ficando essa atividade, principalmente, à cargo dos idosos; isso porque na condição de aposentados passam o dia na praça jogando baralho ou dama, e justificam a escolha do local pelo fato de sempre ter sido a praça Rui Barbosa o coração de Bauru, ou seja, o principal ponto de encontro de toda a população.

Nos questionários aplicados as pessoas tiveram a oportunidade de responderem abertamente sobre a praça, transcrevemos alguns trechos que aqui fazem competência: “Quando vou à cidade sempre há feira de artesanato na praça, e aproveito o saudosismo do local, já que frequentei a praça quando criança”; “Contemplo a praça de minha infância e sua transformação em 65 anos”.

Já em relação aos anos antes da reforma de 1992 podemos perceber que a praça era palco de atividades mais voltadas para o convívio social, prezando principalmente pelo passeio em família e pelo aprazível jardim que era alvo de contemplação.

Tendo essas informações iniciais podemos chegar à suposição de que a vocação original da praça Rui Barbosa é o que motiva e movimenta a visitaçã de muitos idosos na contemporaneidade. E dessa forma podemos perceber quão complexo é este ambiente simbólico, que mais do que as características físicas da

praça, é ele que gera o atual uso evidenciado no ambiente social anteriormente especificado.

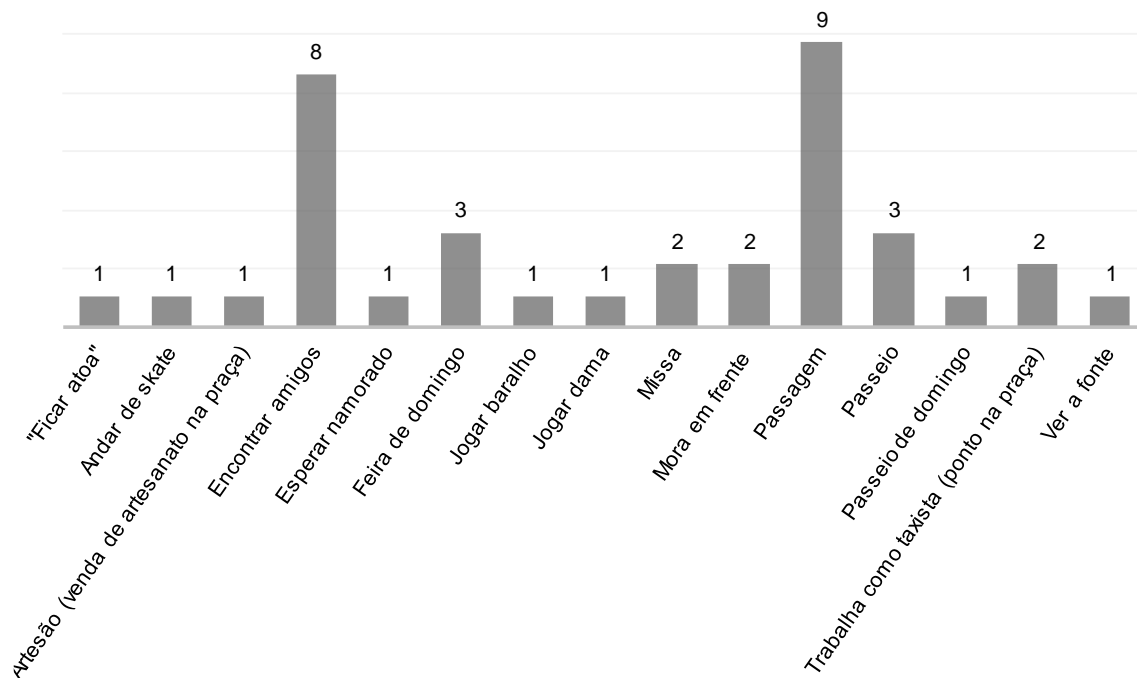


Figura 76: Atividades Realizadas na Praça Atualmente.
Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

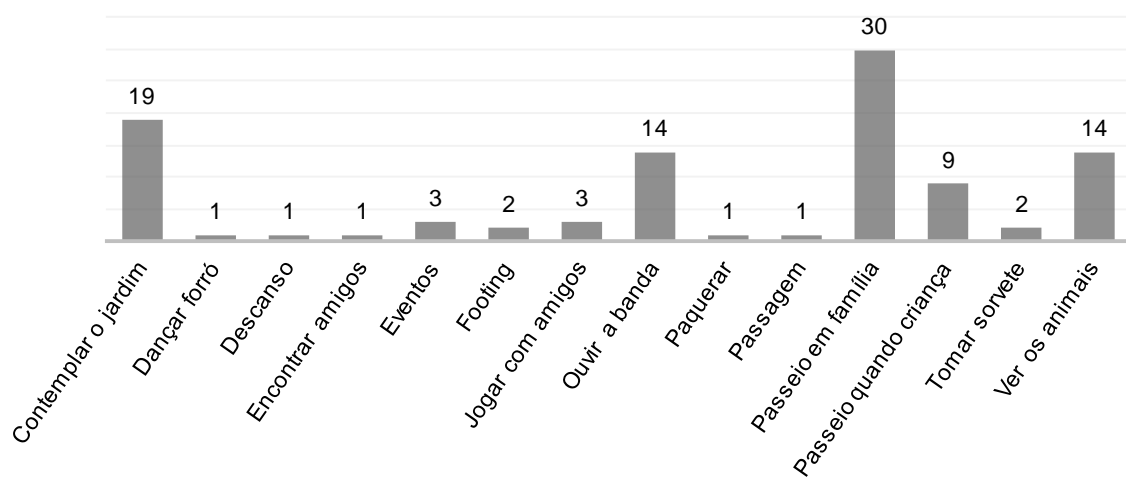


Figura 77: Atividades Realizadas na Praça antes de 1992.
Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

Nas Figuras 78 a 83, apresentamos a comparação entre os dias da semana que os bauruenses têm e tinham preferência em visitar a praça, assim como a preferência de horários e os respectivos motivos.

Em ambos os momentos podemos ver a praça tem maior visitação em finais de semana (48% e 68%), salvo que atualmente a mesma também recebe uma grande

movimentação nos demais dias da semana (24% dos entrevistados frequentam a praça de segunda a sexta-feira e 28% visitam em qualquer dia).

Ao perguntarmos sobre a preferência do período para a visitação da praça Rui Barbosa, notamos que atualmente é a manhã o horário de maior movimento⁸⁰ (52%), caindo um pouco no período da tarde (35%) e sendo bem menor durante a noite (13%) (Figura 80). E as justificativas pela escolha desses horários, conforme Figura 82, são principalmente a periculosidade que a praça apresenta principalmente no fim da tarde e a noite e por ser mais fresco durante a manhã (ambos com 29%).

Antes de 1992, podemos identificar uma inversão nos gráficos, sendo a tarde o período de maior visitação da praça (40%), seguido do período noturno (35%), conforme Figura 81; sendo a principal justificativa por ser os períodos em que se era mais agradável estar na praça (36%), sendo estes os períodos em que muitas vezes aconteciam eventos e também era o horário que as crianças podiam se encontrar para brincar, conforme Figura 83.

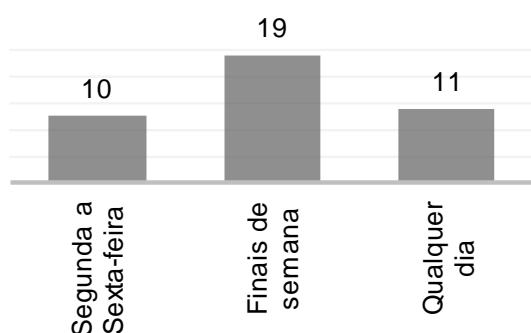


Figura 78: Dias em que a Praça é Frequentada Atualmente.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

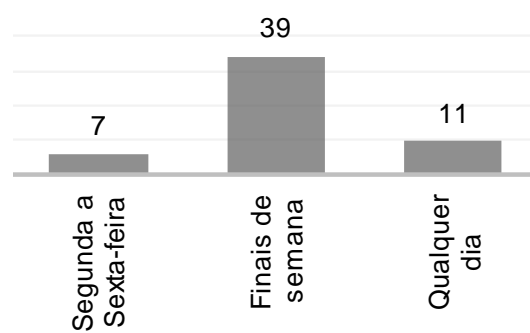


Figura 79: Dias em que a Praça era Frequentada antes de 1992.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

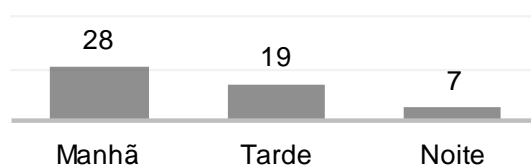


Figura 80: Período Frequentado Atualmente.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

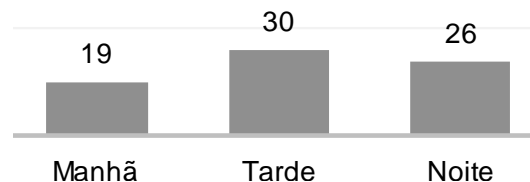


Figura 81: Período Frequentado antes de 1992.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

⁸⁰ Como pudemos aferir com a observação do pesquisador in loco, apresentada anteriormente no Ambiente Social.

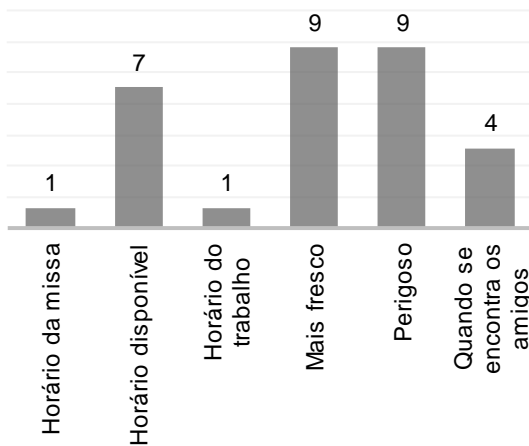


Figura 82: Motivo do Horário de Visitação Atualmente.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

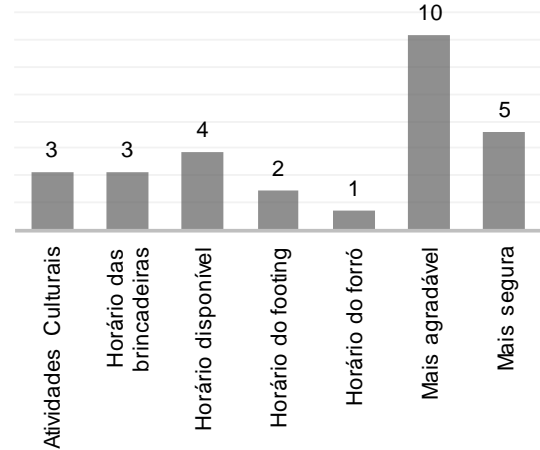


Figura 83: Motivo do Horário de Visitação antes de 1992.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

E por fim, com os questionários buscamos identificar o que as pessoas acham da praça Rui Barbosa atualmente (após a reforma de 1992) e no passado (com o projeto onde ainda existiam os lagos e uma maior arborização); qual é a memória que a praça traz para as pessoas que conhecem e utilizam esse importante espaço público de Bauru; o que a praça representa para cada um, ou seja, qual a identidade proporcionada; e as expectativas que as pessoas tem para a possibilidade de melhora do local.

Sobre o fato de a praça agradar ou não com o atual projeto implementado, podemos observar que a grande maioria responde NÃO (84%), já em relação ao projeto existente antes da reforma de 1992, a resposta unânime foi SIM, Figuras 84 e 85.

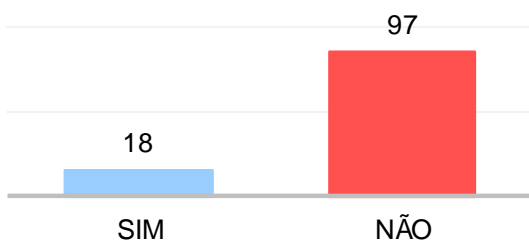


Figura 84: Atual Praça Agrada.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

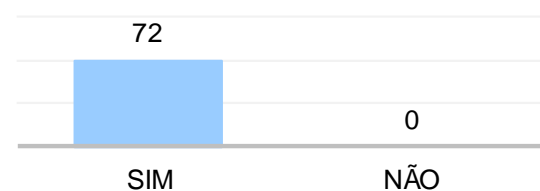


Figura 85: Antes de 1992 Praça Agradava.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

Buscando entender os motivos de porquê a praça agrada ou não atualmente, fizemos uma listagem das respostas identificadas para o SIM e para o NÃO, sendo a maior porcentagem do SIM representada pelo fato da praça atualmente ser um ponto

de encontro de amigos (18%), que se reúnem para jogar cartas e dama. E em relação ao NÃO, novamente temos a periculosidade do local como a maior porcentagem (21%), sendo procedida pela presença de usuários de drogas (13%) e a desconfiguração do projeto original (13%), conforme Figura 86.

Em relação à praça antes de 1992, a principal justificava de as pessoas gostarem do local é a existência de brincadeiras (27%), o que nos leva a perceber uma estreita relação com a memória afetiva daquelas pessoas que passaram a infância e adolescência na praça Rui Barbosa.

Conforme Figura 87, ainda é interessante observar que o segundo item de maior porcentagem é que a praça era “limpa” (16%), no entanto, ao avaliarmos as respostas dos contribuintes com esta pesquisa, levamos a crer que essa palavra não foi somente empregada no sentido literal. Havia menções de limpa no quesito das pessoas que utilizam o local atualmente; no quesito de limpeza de fato; e havia menções de limpa no quesito de mais árvores e melhor visibilidade (sem a existência dos canteiros elevados atuais) – como podemos exemplificar com uma das respostas obtidas: “Na minha concepção, praça sem árvore não é praça. Me passa a sensação de ser suja. Talvez não seja, mas é minha sensação de ver todo aquele concreto”.

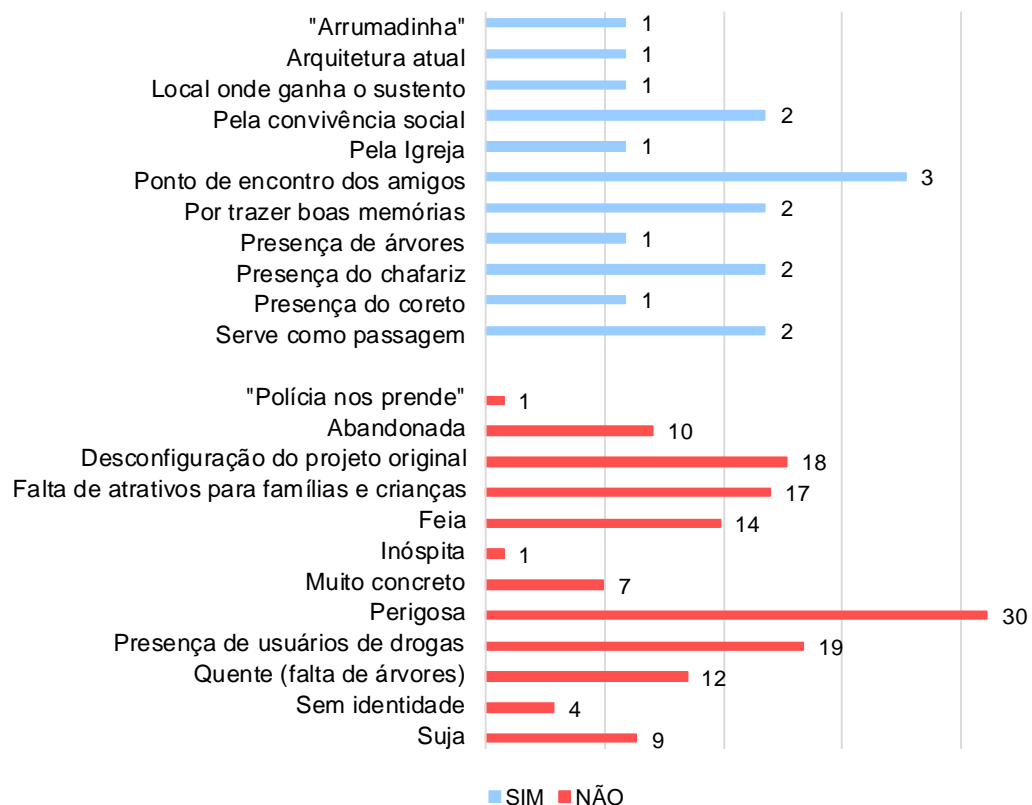


Figura 86: Motivos em Agradar (SIM) ou NÃO Atualmente.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

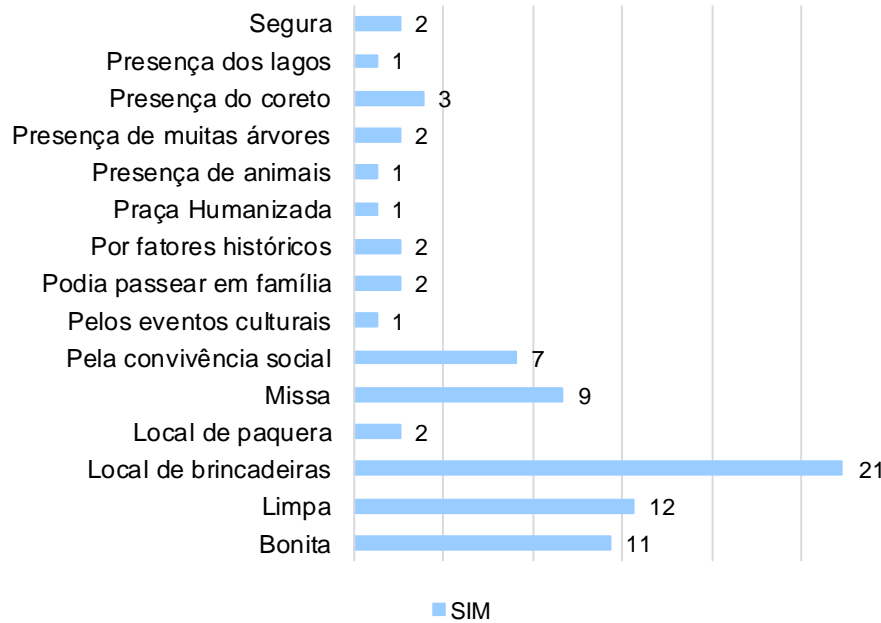


Figura 87: Motivos em Agradar antes de 1992.
Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

Sobre a memória que os entrevistados apresentaram em relação à praça Rui Barbosa, pudemos observar que algumas possuem uma conotação positiva, enquanto que outras possuem uma conotação negativa, na Figura 88 realizamos uma listagem de tudo o que foi identificado através dos questionários. Na conotação positiva temos como maior porcentagem a memória da praça ser “um local gostoso” (22%), estando na sequência a memória de ser um “lugar familiar” (10%).

E na conotação negativa, temos como maior porcentagem a memória do “calor” (21%), que muito provavelmente é atribuída ao projeto implementado em 1992, uma vez que temos o conhecimento de que anteriormente existiam mais árvores; e na sequência vemos a memória da “presença dos camelôs” (18%) como algo ruim para a população, que dizem deixar a praça feia e suja, o que nos leva a supor que provavelmente tomam como comparação a praça enquanto ainda era um jardim, antes de 1992.

Quando aferimos as memórias citadas pelas pessoas reparamos em quão interessante foi a possibilidade de aplicarmos os questionários, pois por mais que tivéssemos uma hipótese das respostas, os resultados se mostraram completamente inesperados, sendo possível entendermos que quando lidamos com esse ambiente simbólico (intangível) temos uma gama de possibilidades muito maior do que aqueles que podemos previamente supor.

Outra pontuação importante é nas memórias de conotação negativa, onde podemos perceber o descontentamento da população em itens como: “abandono”

(11%), “desrespeito” (4%) e “local que não representa a cidade” (4%). Tais informações obtidas com os questionários nos levam a entender o que gerou a degradação desse importante espaço público de Bauru, que é a praça Matriz.

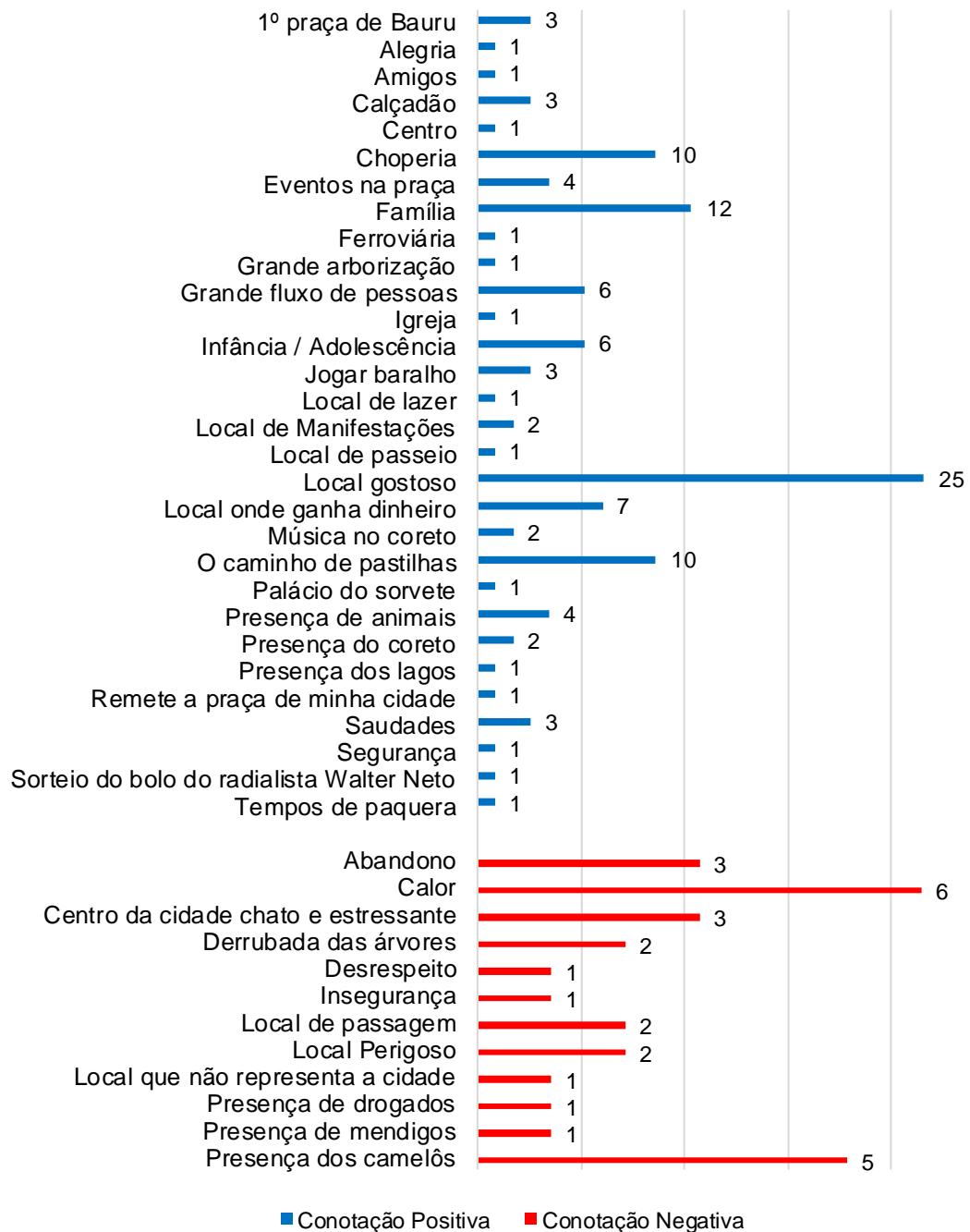


Figura 88: Memória.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

Ao identificarmos a identidade das pessoas em relação à praça, também pudemos aferir a existência de conotações positivas e negativas, e que estão em sua grande maioria relacionadas com a memória do entrevistado, uma vez que sua

lembrança era positiva, referente aos anos passados, a identidade da praça tende às mesmas características; enquanto que quando a memória do indivíduo era referente à condição atual da praça, a identidade passa até mesmo a inexistir, como podemos notar na maior porcentagem do item “não sei” (36%), conforme Figura 89.

Novamente, nos damos a liberdade em citar algumas respostas obtidas nos questionários, que são muito pertinentes a este momento da pesquisa: “Preferia a Rui Barbosa da minha infância, mais arborizada, com música no coreto e bichos. Depois da remodelação coordenada pelo arquiteto Jurandir Bueno, a praça perdeu suas características originais e ficou triste e impessoal”; “Atualmente a praça é desinteressante, não me representa como moradora de Bauru, e ainda oferece risco [...] Tudo parece sem vida e sem identidade”.

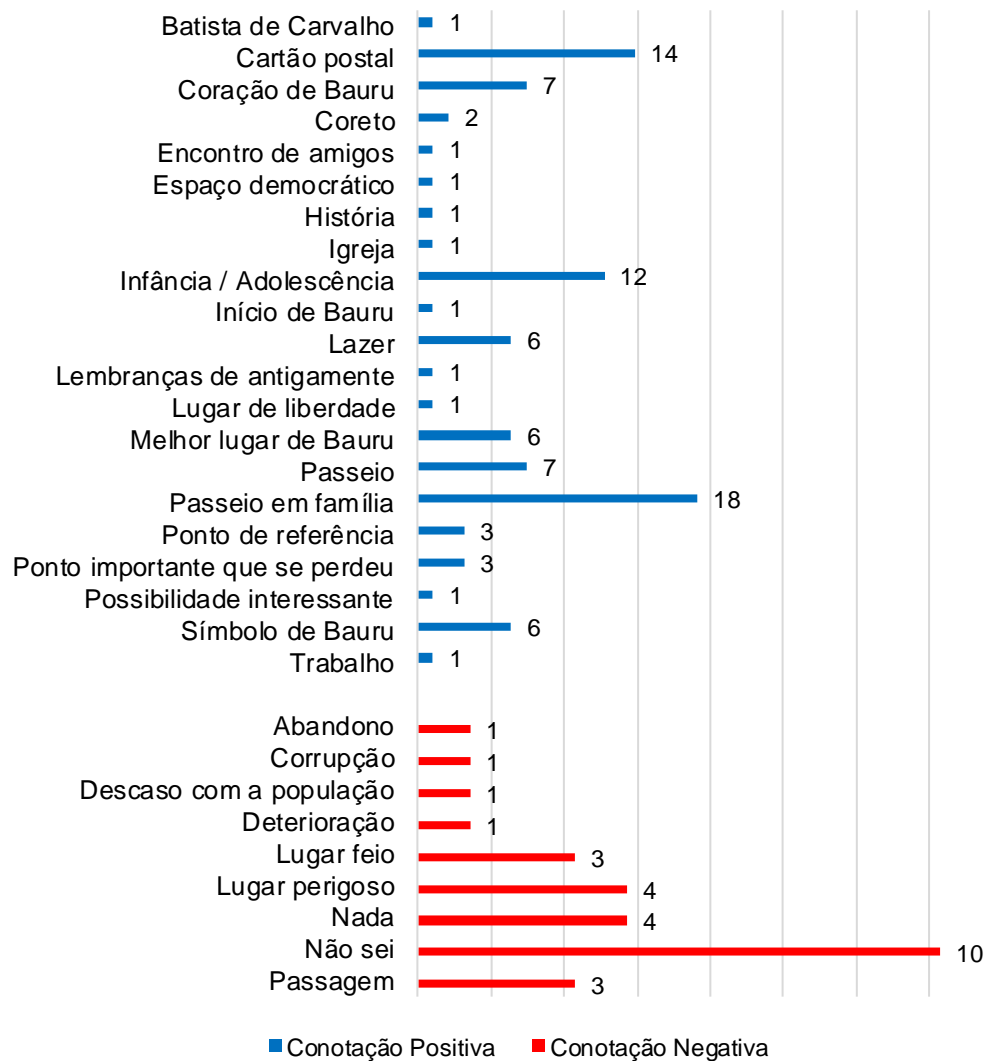


Figura 89: Identidade.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

E para finalizar questionamos a população sobre o que poderia ser feito para melhorar o espaço da praça Rui Barbosa, ou seja, a expectativa dos mesmos em relação à praça. Na Figura 90 podemos visualizar a listagem dos itens identificados nos questionários, sendo o de maior porcentagem “ter mais árvores” (20%), uma vez que notamos ser comum as pessoas associarem a palavra *praça* com a presença de muitas árvores, fato que não ocorre atualmente.

Na sequência temos os itens “mais segurança” e “revitalização histórica” (ambos com 11%), que novamente nos remete ao medo que a população tem em utilizar o espaço da praça matriz e também a grande rejeição existente com o último projeto implementado.

Outras pontuações práticas, referentes ao ambiente físico da praça, pedem por melhora na iluminação (3%) e melhor acessibilidade para aqueles com mobilidade reduzida (1%); há pedidos também referentes ao uso social atual, onde evidenciam a necessidade de retirada dos traficantes (5%), camelôs (3%) e mendigos (1%); há pedidos pela existência de mais atrativos culturais para as famílias (6%) e adolescentes (3%); e por fim temos os pedidos referentes ao passado da praça onde identificamos solicitações da volta dos lagos (1%) e ter uma restauração (3%) ou uma nova reforma (1%).

Para exemplificar algumas dessas expectativas temos dois indivíduos que assim se manifestaram: “Juntem todas as imagens que houver para que a praça possa ser restaurada da forma como era, antes dessa reforma”; “Melhorar a praça é deixar que alguém a ame e ame a história da cidade, cuide dela. Não realizar uma reforma por politicagem. Promover eventos com variados seguimentos da cidade. E melhorar a arborização”.

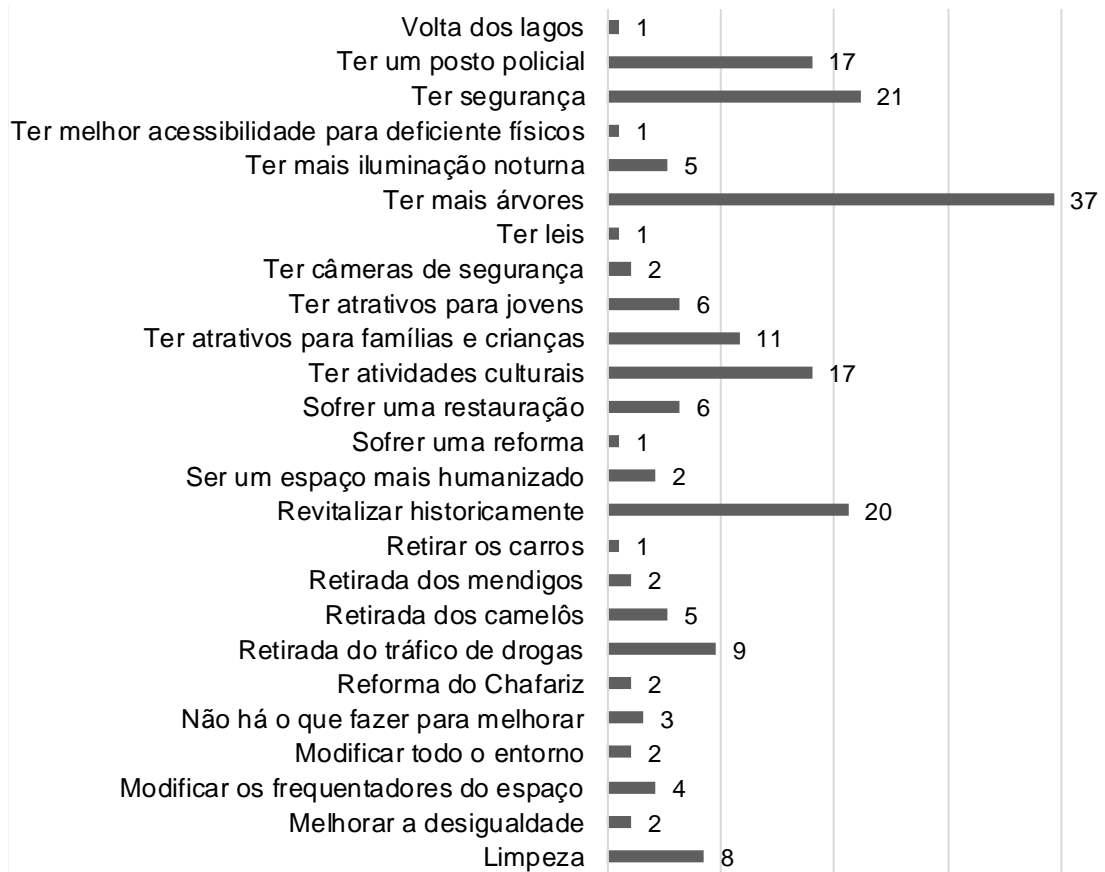


Figura 90: Expectativas.
Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

4.2.4 Mapa Heurístico

A partir desta etapa de nossa pesquisa adentramos especificamente os passos referentes ao método do Urbanismo Ambiental Hermenêutico, assim sendo, com a identificação do cenário físico, do ambiente social e do ambiente simbólico, juntamente com a localidade onde cada um dos grupos sociais desenvolve suas atividades, dividimos a praça em 8 cenários (CE), levando em consideração os tipos de atividades que ocorrem em cada localidade da mesma, conforme Figura 91.

O cenário CE1 é constituído pela área em frente a lanchonete Miranda's até o limite do Coreto e ponto de táxi da rua Antônio Alves; o cenário CE2 é constituído pela entrada da Catedral; o cenário CE3 é constituído pela área sombreada onde acontecem os jogos de cartas e também onde localizam-se os camelôs; o cenário CE4 é constituído pela porção central das jardineiras elevadas da rua Antônio Alves; o cenário CE5 é constituído pela área central da praça com a maior incidência de sol direto; o cenário CE6 é constituído pela área central da rua Gustavo Maciel, onde

localizam-se os sanitários e apresenta bastante sombreamento por árvores; o cenário CE7 é a porção da junção da rua Antônio Alves e 1º de Agosto, com a existência de jardineiras elevadas que favorecem usos ilícitos; e o cenário CE8 é a porção final da praça, desde o centro da rua 1º de Agosto até a junção com a Gustavo Maciel, também caracterizada pela existência das jardineiras elevadas, sendo a área menos utilizada da praça.

Para então, dessa forma, realizarmos o Mapa Heurístico, onde associamos os grupos sociais, as atividades desenvolvidas, os cenários existentes, os significados que cada um apresenta e a problemática emergente na praça Rui Barbosa (Figura 92).



Figura 91: Cenários da praça Rui Barbosa, 2018.
Fonte: Imagens do Google Earth em jul. 2018; editado pelo autor, 2018.

4.2.5 Relação Hologramática dos Elementos do Mapa Heurístico

Ao elaborar a matriz das relações hologramáticas, onde identificamos os fatores de cada problemática evidenciada no mapa heurístico, podemos perceber em síntese, que somente o tráfico de drogas como um fator de renda (que vem crescendo consideravelmente na sociedade brasileira) e a desconfiguração da praça originalmente a partir de fatores de interesse políticos (alteração da praça em 1992, com a junção dos interesses de modernização da praça do arquiteto responsável pelo projeto e da Prefeitura de Bauru) que são classificados como dependentes, ou seja, são fatores que aconteceram e acontecem independentemente das propostas de melhorias que podemos propor para a requalificação da praça; em outras palavras, são fatores que estão fora de nosso alcance, enquanto pesquisadores, de serem alterados.

Já quando dizemos dos fatores autônomos, ou seja, fatores que podemos inferir mudanças a partir de nossas pesquisas e proposta de requalificação da praça, podemos identificar: o local que possibilita o esconderijo de drogas ilícitas sendo caracterizado pelas jardineiras elevadas; a modernização que ocorreu na praça que tanto causou desgostos aos bauruenses; a falta de pesquisa pública com os usuários do espaço que geraram a grande diminuição do uso da praça; e a pouca incidência de iluminação noturna.

Todos os fatores são classificados em médio ou alto impacto em relação as problemáticas da praça, conforme Tabela 9 abaixo.

Tabela 9: Fatores da Problemática e sua Relação Hologramática de Dependência ou Autonomia.

PROBLEMÁTICAS	FATORES	DEPENDENTE	AUTÔNOMO	FATOR DE IMPACTO
TRÁFICO DE DROGAS	Fonte de renda (cultura)	X		A-
	Local que possibilita o "esconderijo" de drogas		X	A-
DESCONFIGURADA ORIGINALMENTE	Fatores políticos	X		M-
	Modernização da praça		X	A-
FALTA DE ATRATIVO	Falta de pesquisa pública com os usuários do espaço		X	A-
POUCAS ÁRVORES	Modernização da praça		X	A-
PERIGOSA	Tráfico de drogas	X		M-
ESCURA	Poucos postes de iluminação noturna		X	A-

LEGENDA: A- (alto negativo); M- (médio negativo).

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

4.2.6 Correspondências Sócio-simbólicas, Simbólico-físicas e Congruências Sócio-físicas

Neste momento do método aqui abordado identificamos primeiramente o simbolismo atribuído às atividades desenvolvidas na praça Rui Barbosa (Tabela 10), aos grupos usuários do mesmo espaço (Tabela 11) e aos cenários específicos do local (Tabela 12), podendo esses simbolismos serem classificados em positivos ou negativos.

Ressaltamos que os simbolismos destacados por nós nas tabelas foram obtidos a partir dos dados dos questionários com a população, e também com a observação in loco do pesquisador.

Tabela 10: Simbolismo das Atividades Realizadas na praça Rui Barbosa.

SIMBOLISMO ATIVIDADES	S1	S2	S3	S4	S5	S6	S7	S8	S9
	Memória Afetiva (+)	Convívio Social (+)	Lazer (+)	Lazer (-)	Renda (+)	Renda (-)	Fé (+)	Segurança (+)	Abandono da Praça (-)
A1 PASSEIO									
A2 CONTEMPLAÇÃO									
A3 CONVERSAR									
A4 JOGOS DE CARTAS									
A5 ESPERA DE ÔNIBUS									
A6 MISSA									
A7 VENDA DE ALIMENTOS									
A8 CONSUMO DE ALIMENTOS									
A9 VENDA DE ARTESANATO									
A10 COMPRA DE ARTESANATO									
A11 ESPERA DE CLIENTES									
A12 ANDAR DE SKATE									
A13 VENDA DE PRODUTOS									
A14 COMPRA DE PRODUTOS									
A15 NAMORAR									
A16 RONDA									
A17 VENDA DE DROGAS									
A18 CONSUMO DE DROGAS									
A19 ASSALTOS									
A20 DORMIR NOS BANCOS									
A21 BANHO NA FONTE									

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

Tabela 11: Simbolismo dos Grupos Sociais Usuários da praça Rui Barbosa.

SIMBOLISMO	S1	S2	S3	S4	S5	S6	S7	S8	S9
GRUPOS	Memória Afetiva (+)	Convívio Social (+)	Lazer (+)	Lazer (-)	Renda (+)	Renda (-)	Fé (+)	Segurança (+)	Abandono da Praça (-)
G1 RELIGIOSOS									
G2 IDOSOS									
G3 JOGADORES DE BARALHO									
G4 COMERCIANTES									
G5 TAXISTAS									
G6 VENDEDORES DE ALIMENTOS									
G7 CONSUMIDORES DE ALIMENTOS									
G8 HIPPIES									
G9 CLIENTES DOS HIPPIES									
G10 JOVENS									
G11 CAMELÔS									
G12 CLIENTES DOS CAMELÔS									
G13 POLÍCIA									
G14 BANDIDOS									
G15 TRAFICANTES									
G16 CONSUMIDORES DE DROGAS									
G17 MORADORES DE RUA									

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

Tabela 12: Simbolismo dos Cenários da praça Rui Barbosa.

SIMBOLISMO	S1	S2	S3	S4	S5	S6	S7	S8	S9
CENÁRIOS	Memória Afetiva (+)	Convívio Social (+)	Lazer (+)	Lazer (-)	Renda (+)	Renda (-)	Fé (+)	Segurança (+)	Abandono da Praça (-)
CE1									
CE2									
CE3									
CE4									
CE5									
CE6									
CE7									
CE8									

Fonte: Realizado por Fernandes, 2019.

Tabela 13: Combinação Entre Simbolismos e Valorações.

SIMBOLISMO	ATIVIDADES																	CENÁRIOS							GRUPOS SOCIAIS																																			
	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11	A12	A13	A14	A15	A16	A17	A18	A19	A20	A21	CE1	CE2	CE3	CE4	CE5	CE6	CE7	CE8	G1	G2	G3	G4	G5	G6	G7	G8	G9	G10	G11	G12	G13	G14	G15	G16	G17														
G1	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-									
G2	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-							
G3	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-						
G4	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-						
G5	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-						
G6	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-							
G7	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-							
G8	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-							
G9	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-							
G10	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-							
G11	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-						
G12	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-							
G13	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-							
G14	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+		
G15	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+		
G16	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+
G17	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V-	V-	V-	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+	V+

LEGENDA:

- G1: Religiosos
- G2: Idosos
- G3: Jogadores de Baralho
- G4: Comerciantes
- G5: Taxistas
- G6: Vendedores de Alimentos
- G7: Consumidores de Alimentos
- G8: Hippies
- G9: Clientes dos Hippies
- G10: Jovens
- G11: Camelôs
- G12: Clientes dos Camelôs
- G13: Polícia
- G14: Bandidos
- G15: Traficantes
- G16: Consumidores de Drogas
- G17: Moradores de Rua
- A1: Passeio
- A2: Contemplação
- A3: Conversar
- A4: Jogos de Cartas
- A5: Espera de Ônibus
- A6: Missa
- A7: Venda de Alimentos
- A8: Consumo de Alimentos
- A9: Venda de Artesanato
- A10: Compra de Artesanato
- A11: Espera de Clientes
- A12: Andar de Skate
- A13: Venda de Produtos
- A14: Compra de Produtos
- A15: Namorar
- A16: Ronda
- A17: Venda de Drogas
- A18: Consumo de Drogas
- A19: Assaltos
- A20: Dormir nos Bancos
- A21: Banho na Fonte

Ainda, para identificarmos as correspondências sócio-simbólicas e simbólico-físicas, e as congruências sócio-físicas, identificamos também as relações entre os grupos sociais que utilizam a praça Rui Barbosa, conforme Tabela 14. Na sequência identificamos as relações entre as atividades desenvolvidas na praça, conforme Tabela 15. E posteriormente identificamos as relações entre cenários e atividades, conforme Tabela 16.

O reconhecimento entre os grupos se dá quando diferentes grupos sociais interagem uns com os outros; a aceitação entre os grupos acontece quando grupos diferentes não interagem, porém também não se incomodam com a presença dos demais; e a não aceitação é quando um grupo não aceita a presença de outro grupo na localidade da praça Rui Barbosa, conforme Tabela 14.

Tabela 14: Relação de Aceitação entre os Grupos Sociais.

	G1	G2	G3	G4	G5	G6	G7	G8	G9	G10	G11	G12	G13	G14	G15	G16	G17
G1		R	A	A	A	A	A	NA	NA	NA	A	A	R	NA	NA	NA	NA
G2	R		R	R	R	A	A	A	A	A	A	R	R	NA	NA	NA	NA
G3	A	R		R	R	A	A	A	A	A	A	R	R	NA	NA	NA	NA
G4	A	R	R		R	R	R	R	A	R	R	A	A	NA	NA	NA	NA
G5	A	R	R	R		R	A	A	A	A	A	A	R	NA	NA	NA	NA
G6	A	A	A	R	R		R	A	R	R	A	R	R	NA	NA	NA	NA
G7	A	A	A	R	A	R		R	R	R	R	R	R	NA	NA	NA	NA
G8	NA	A	A	R	A	A	R		R	R	R	R	A	NA	NA	NA	NA
G9	NA	A	A	A	A	R	R	R		R	A	A	A	NA	NA	NA	NA
G10	NA	A	A	R	A	R	R	R	R		R	A	A	NA	NA	A	NA
G11	A	A	A	R	A	A	R	R	A	R		R	R	NA	NA	NA	NA
G12	A	R	R	A	A	R	R	R	A	A	R		A	NA	NA	NA	NA
G13	R	R	R	A	R	R	R	A	A	A	R	A		NA	NA	NA	NA
G14	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA		A	A	A
G15	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	A		A	A
G16	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	A	A		A
G17	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	A	A	A	

LEGENDA:

R: reconhecimento
A: aceitação
NA: não aceitação

G1: Religiosos
G2: Idosos
G3: Jogadores de Baralho
G4: Comerciantes
G5: Taxistas
G6: Vendedores de Alimentos
G7: Consumidores de Alimentos
G8: Hippies
G9: Clientes dos Hippies

G10: Jovens
G11: Camelôs
G12: Clientes dos Camelôs
G13: Polícia
G14: Bandidos
G15: Traficantes
G16: Consumidores de Drogas
G17: Moradores de Rua

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

A compatibilidade entre as atividades desenvolvidas na praça é quando determinada atividade acontece conjuntamente com outra, ou sem atrapalhar outra atividade que se desenvolve no mesmo cenário; e a não compatibilidade das atividades é quando uma determinada atividade não se relaciona com as demais desenvolvidas no mesmo cenário, ou até mesmo as atrapalham, conforme Tabela 15.

Tabela 15: Compatibilidade entre as Atividades Desenvolvidas.

	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11	A12	A13	A14	A15	A16	A17	A18	A19	A20	A21
A1		COM	COM	COM	NCOM	NCOM	COM	COM	NCOM	COM	NCOM	COM	NCOM	COM	COM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM
A2	COM		COM	COM	NCOM	COM	COM	COM	NCOM	COM	NCOM	COM	NCOM	COM	COM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM
A3	COM	COM		COM	COM	COM	COM	COM	COM	COM	COM	COM	COM	COM	COM	COM	COM	COM	COM	COM	COM
A4	COM	COM	COM		NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM
A5	NCOM	NCOM	COM	NCOM		NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM
A6	NCOM	COM	COM	NCOM	NCOM		NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM
A7	COM	COM	COM	NCOM	NCOM	NCOM		COM	NCOM	NCOM	COM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM
A8	COM	COM	COM	NCOM	NCOM	NCOM	COM		NCOM	NCOM	COM	NCOM	NCOM	COM	COM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM
A9	NCOM	NCOM	COM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM		COM	COM	COM	NCOM	COM	COM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM
A10	COM	COM	COM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM		COM		NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM
A11	NCOM	NCOM	COM	NCOM	NCOM	NCOM	COM	COM	COM		NCOM		NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM
A12	COM	NCOM	COM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM			NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM
A13	NCOM	NCOM	COM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	COM	NCOM	NCOM			NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM
A14	COM	COM	COM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	COM			NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM
A15	COM	COM	COM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	COM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM			NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM
A16	NCOM	NCOM	COM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM			COM	COM	COM	COM	COM
A17	NCOM	NCOM	COM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	COM			COM	COM	COM	COM
A18	NCOM	NCOM	COM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	COM	COM			COM	COM	COM
A19	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	COM	COM	COM			COM	COM
A20	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	COM	COM	COM	COM			COM
A21	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	NCOM	COM	COM	COM	COM	COM		

LEGENDA:

COM: Compatível

NCOM: Não Compatível

A1: Passeio

A2: Contemplação

A3: Conversar

A4: Jogos de Cartas

A5: Espera de Ônibus

A6: Missa

A7: Venda de Alimentos

A8: Consumo de Alimentos

A9: Venda de Artesanato

A10: Compra de Artesanato

A11: Espera de Clientes

A12: Andar de Skate

A13: Venda de Produtos

A14: Compra de Produtos

A15: Namorar

A16: Ronda

A17: Venda de Drogas

A18: Consumo de Drogas

A19: Assaltos

A20: Dormir nos Bancos

A21: Banho na Fonte

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

A incongruência entre uma determinada atividade e um determinado cenário é quando, nas atuais condições da praça, essa atividade não ocorre nesse cenário ou devido a condições de periculosidade evidenciadas pela população, ou simplesmente por não condizerem com as características físicas do cenário; já congruência entre as atividades e os cenários, é quando determinada atividade acontece em determinado cenário.

Tabela 16: Congruências e Incongruências entre Cenários e Atividades.

	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11	A12	A13	A14	A15	A16	A17	A18	A19	A20	A21
CE1	C	C	C	C	I	I	C	C	C	C	C	I	I	I	C	I	I	I	I	I	I
CE2	C	C	C	I	I	C	I	I	I	I	I	I	I	I	I	I	I	I	I	I	I
CE3	C	C	C	C	I	I	C	C	I	I	C	I	C	C	I	I	I	I	I	I	I
CE4	C	C	C	I	I	I	C	C	I	I	C	I	I	I	C	C	C	C	C	I	I
CE5	C	C	C	I	I	I	I	I	I	I	I	C	I	I	C	I	I	C	I	I	I
CE6	C	C	C	C	C	I	C	C	I	I	C	I	I	I	C	C	I	C	C	I	I
CE7	C	I	C	I	I	I	I	I	I	I	I	I	I	I	I	C	C	C	C	C	C
CE8	C	I	C	I	I	I	I	I	C	C	I	I	I	I	I	I	C	C	C	C	C

LEGENDA:

C: Congruente
I: Incongruente

CENÁRIOS:



A1: Passeio
A2: Contemplação
A3: Conversar
A4: Jogos de Cartas
A5: Espera de Ônibus
A6: Missa
A7: Venda de Alimentos
A8: Consumo de Alimentos
A9: Venda de Artesanato
A10: Compra de Artesanato
A11: Espera de Clientes

A12: Andar de Skate
A13: Venda de Produtos
A14: Compra de Produtos
A15: Namorar
A16: Ronda
A17: Venda de Drogas
A18: Consumo de Drogas
A19: Assaltos
A20: Dormir nos Bancos
A21: Banho na Fonte

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

A partir das identificações elencadas nas tabelas acima, podemos então ter as Correspondências Sócio-simbólicas (Tabela 17), onde relacionamos as atividades desenvolvidas na praça com os grupos sociais que utilizam a mesma, segundo os simbolismos, as valorações e a localidade nos cenários. As Correspondências Simbólico-físicas (Tabela 18), onde relacionamos os simbolismos existentes na praça com os cenários da mesma, segundo os grupos sociais, as valorações e as atividades desenvolvidas. E as Congruências Sócio-físicas (Tabela 19), onde relacionamos os cenários da praça e as atividades desenvolvidas na mesma, segundo os grupos sociais, a congruência ou incongruência, e as relações de reconhecimento, aceitação, e não aceitação (podendo haver nenhuma, uma ou mais dessas relações).

Tabela 17: Correspondências Sócio-simbólicas.

	G1	G2	G3	G4	G5	G6	G7	G8	G9	G10	G11	G12	G13	G14	G15	G16	G17
A1		S1 V+ CE4 e CE6	S2 e S3 V+ CE1, CE3 e CE6							S2 e S3 V+ CE1 ao CE6						S4 V. CE4 ao CE8	
A2		S1 V+ CE4 e CE6															
A3	S2 V+ CE2	S2 V+ CE1, CE3 ao CE6	S2 V+ CE1, CE3 e CE6	S2 V+ CE4	S2 V+ CE3, CE4 e CE6	S2 V+ CE3, CE4 e CE6	S2 V+ CE1	S2 V+ CE1		S2 V+ CE1 ao CE6	S2 V+ CE3				S6 V. CE7 e CE8	S2 V. CE4 ao CE8	
A4		S2 e S3 V+ CE1, CE3 e CE6	S2 e S3 V+ CE1, CE3 e CE6														
A5				S5 V+ CE6													
A6	S7 V+ CE2																
A7																	
A8						S5 V+ CE1, CE3 e CE4	S2 e S3 V+ CE1, CE3 e CE4	S5 V+ CE1 e CE4									
A9								S5 V+ CE1 e CE8									
A10								S2 e S3 V+ CE1 e CE8									
A11				S5 V+ CE1 e CE4	S5 V+ CE1 e CE4	S5 V+ CE1, CE3 e CE4	S5 V+ CE1 e CE4	S5 V+ CE1 e CE8		S5 V+ CE3	S5 V+ CE3						
A12										S2 e S3 V+ CE5							
A13					S5 V+ CE1 e CE4	S5 V+ CE1, CE3 e CE4		S5 V+ CE1 e CE8			S5 V+ CE3						
A14											S2 e S3 V+ CE1, CE3, CE4 e CE8						
A15										S2 e S3 V+ CE1, CE4 ao CE6							
A16													S8 e S9 V+ CE3, CE4, CE6 e CE7				
A17														S6 V. CE4 e CE7			
A18															S4 e S9 V. CE4 ao CE8		
A19														S6 V. CE4, CE6 ao CE8			
A20																	S9 V. CE7 e CE8
A21																	S9 V. CE7 e CE8 S9 V. CE5

LEGENDA:

- | | | | | |
|-------------------------|---------------------------|-------------------------|-------------------------------|-----------------------------|
| S1: Memória Afetiva + | A1: Passeio | A12: Andar de Skate | G1: Religiosos | G10: Jovens |
| S2: Convívio Social + | A2: Contemplação | A13: Venda de Produtos | G2: Idosos | G11: Camelôs |
| S3: Lazer + | A3: Conversar | A14: Compra de Produtos | G3: Jogadores de Baralho | G12: Clientes dos Camelôs |
| S4: Lazer - | A4: Jogos de Cartas | A15: Namorar | G4: Comerciantes | G13: Polícia |
| S5: Renda + | A5: Espera de Ônibus | A16: Ronda | G5: Taxistas | G14: Bandidos |
| S6: Renda - | A6: Missa | A17: Venda de Drogas | G6: Vendedores de Alimentos | G15: Traficantes |
| S7: Fé + | A7: Venda de Alimentos | A18: Consumo de Drogas | G7: Consumidores de Alimentos | G16: Consumidores de Drogas |
| S8: Segurança + | A8: Consumo de Alimentos | A19: Assaltos | G8: Hippies | G17: Moradores de Rua |
| S9: Abandono da Praça - | A9: Venda de Artesanato | A20: Dormir nos Bancos | G9: Clientes dos Hippies | |
| | A10: Compra de Artesanato | A21: Banho na Fonte | | |
| | A11: Espera de Clientes | | | |

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

Tabela 18: Correspondências Simbólico-físicas.

	CE1	CE2	CE3	CE4	CE5	CE6	CE7	CE8
S1				G2 V+ A1 e A2		G2 V+ A1 e A2		
S2	G2, G3, G7, G8, G9 e G10 V+ A1, A3, A4 e A8	G1 e G10 V+ A1 e A3	G2, G3, G6, G7, G10, G11 e G12 V+ A1, A3, A4 e A8	G2, G5, G6, G7 e G10 V+ G16 V- A1, A3, A8 e A15	G2 e G10 V+ G16 V- A1, A3, A12 e A15	G2, G3, G6, G7 e G10 V+ G16 V- A1, A3, A4 e A15	G16 V- A3	G16 V- A3
S3	G2 e G3 V+ A1 e A4		G2 e G3 V+ A1 e A4		G10 V+ A12	G2 e G3 V+ A1 e A4		
S4				G16 V- A1 e A18	G16 V- A1 e A18	G16 V- A1 e A18	G16 V- A1 e A18	G16 V- A1 e A18
S5	G5, G6, G8 e G9 V+ A7, A9, A10, A11 e A13		G6, G11 e G12 V+ A7, A11 e A13	G5 e G6 V+ A7, A11 e A13		G5 V+ A5		G8 e G9 V+ A9, A10, A11 e A13
S6				G14 e G15 V- A17 e A19		G14 V- A19	G14 e G15 V- A3, A17 e A19	G14 e G15 V- A3 e A19
S7		G1 V+ A6						
S8			G13 V+ A16	G13 V+ A16		G13 V+ A16	G13 V+ A16	
S9			G13 V+ A16	G13 e G16 V+ A16 e A18	G16 e G17 V- A18 e A21	G13 V+ G16 V- A16 e A18	G13 V+ G16 e G17 V- A16, A18 e A20	G16 e G17 V- A18

LEGENDA:

S1: Memória Afetiva +
S2: Convívio Social +
S3: Lazer +
S4: Lazer -
S5: Renda +
S6: Renda -
S7: Fé +
S8: Segurança +
S9: Abandono da
Praça -

A1: Passeio
A2: Contemplação
A3: Conversar
A4: Jogos de Cartas
A5: Espera de Ônibus
A6: Missa
A7: Venda de Alimentos
A8: Consumo de
Alimentos
A9: Venda de Artesanato
A10: Compra de
Artesanato
A11: Espera de Clientes

A12: Andar de Skate
A13: Venda de Produtos
A14: Compra de
Produtos
A15: Namorar
A16: Ronda
A17: Venda de Drogas
A18: Consumo de
Drogas
A19: Assaltos
A20: Dormir nos Bancos
A21: Banho na Fonte

G1: Religiosos
G2: Idosos
G3: Jogadores de
Baralho
G4: Comerciantes
G5: Taxistas
G6: Vendedores
de Alimentos
G7: Consumidores
de Alimentos
G8: Hippies
G9: Clientes dos
Hippies

G10: Jovens
G11: Camelôs
G12: Clientes dos
Camelôs
G13: Polícia
G14: Bandidos
G15: Traficantes
G16: Consumidores
de Drogas
G17: Moradores de
Rua

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

Tabela 19: Congruências Sócio-físicas.

	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11	A12	A13	A14	A15	A16	A17	A18	A19	A20	A21
CE1	G3, G10 C A		G2, G3, G8, G10 C R+A	G2, G3 C R		G6 C	G7 C	G8 C	G9 C	G5, G6, G8 C R+A		G6, G8 I A	G12 I								
CE2	G10 C		G1, G10 C NA			G1 C															
CE3	G3, G10 C A		G2, G3, G6, G7, G10, G11 C R+A	G2, G3 C R		G6 C	G7 C			G6, G11 C A		G6, G11 C A	G12 C		G13 I						
CE4	G2, G10, G16 C A+NA	G2 C	G2, G5, G6, G7, G10, G16 C R+A+NA			G6 C	G7 C			G5, G6 C R		G6 I	G12 I	G10 C	G13 C	G15 C	G16 C	G14 C			
CE5	G10, G16 C NA		G2, G10, G16 C A+NA									G10 C		G10 C			G16 C				G17 I
CE6	G2, G3, G10, G16 C R+A+NA	G2 C	G2, G3, G6, G7, G10, G16 C R+A+NA	G2, G3 C R	G4 C									G10 C	G13 C		G16 C	G14 C			
CE7	G16 C		G10, G15, G16 C NA+A												G13 C	G15 C	G16 C	G14 C	G17 C		
CE8	G16 C		G10, G15, G16 C NA+A					G8 C	G9 C	G8 I		G8 I	G12 I				G16 C	G14 C	G17 C		

LEGENDA
I: Incongruente
C: Congruente

R: Reconhecimento
A: Aceitação
NA: Não Aceitação

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

4.2.7 Unidades Ambientais

Ao chegarmos nesse ponto de nossa pesquisa, podemos então identificar as unidades ambientais da praça Rui Barbosa, sintetizando assim nossos estudos sobre o lugar nessa Fase Interpretativa. Segundo Zárte:

Las unidades ambientales que surgen de las correspondencias socio-simbólicas, no tienen una referencia territorial, ya que representan acuerdos entre aspectos que son intangibles, tales como: las significaciones asignadas a los grupos sociales y las actividades. Por el contrario, las unidades ambientales que surgen de las correspondencias simbólico-físicas, sí tienen una referencia territorial, ya que los significados hacen referencia a escenarios físicos concretos. De igual manera, las unidades ambientales que surgen de las congruencias socio-físicas, también tienen una referencia territorial porque hacen referencia a escenarios físicos concretos (ZÁRATE, 2018).⁸¹

Assim sendo, para identificarmos as unidades ambientais, ou seja, aquilo que representa a situação de maior coincidência entre os aspectos sócio-simbólicos, simbólico-físicos e sócio-físicos separamos a praça Rui Barbosa em quadrantes, de forma a identificar quais deles são nossas unidades ambientais.

- De acordo com as Correspondências Sócio-simbólicas (Tabela 17), identificamos as maiores relações entre os simbolismos, ou seja, onde encontramos mais de um simbolismo atuando em conjunto. Na Tabela 20 podemos visualizar tais relações assinaladas em amarelo; podemos perceber também a grande incidência da relação entre os simbolismos “convívio social (+)” e “lazer (+)” e também a existência da relação entre os simbolismos “segurança (+)” e “abandono da praça (-)”, e “lazer (-)” e “abandono da praça (-)”. Dessas relações identificamos os cenários que mais se repetem, sendo o CE6 visto em 7 dessas relações, o CE3 visto por 6 vezes e os CE1 e CE 4 vistos por 5 vezes.

⁸¹ As unidades ambientais que surgem das correspondências socio-simbólicas não têm um referencial territorial, já que representam acordos entre aspectos que são intangíveis, tais como: as significações assinaladas aos grupos sociais e às atividades. Pelo contrário, as unidades ambientais que surgem das correspondências simbólico-físicas, têm uma referência territorial, já que os significados fazem referência aos cenários físicos concretos. Da mesma forma, as unidades ambientais que surgem das congruências socio-físicas também têm uma referência territorial porque fazem referência aos cenários físicos concretos (ZÁRATE, 2018; tradução nossa).

Sendo então as unidades ambientais referentes às correspondências socio-simbólicas os cenários CE1, CE3, CE4 e CE6.

Tabela 20: Identificação das Maiores Relações Sócio-simbólicas.⁸²

G1	G2	G3	G4	G5	G6	G7	G8	G9	G10	G11	G12	G13	G14	G15	G16	G17
A1	S1 V+ CE4 e CE6	S2 e S3 V+ CE1, CE3 e CE6							S2 e S3 V+ CE1 ao CE6						S4 V- CE4 ao CE8	
A2	S1 V+ CE4 e CE6															
A3	S2 V+ CE1, CE3 ao CE6	S2 V+ CE1, CE3 e CE6	S2 V+ CE4	S2 V+ CE3, CE4 e CE6	S2 V+ CE3, CE4 e CE6	S2 V+ CE3, CE4 e CE6	S2 V+ CE1		S2 V+ CE1 ao CE6	S2 V+ CE3				S6 V- CE7 e CE8	S2 V- CE4 ao CE8	
A4	S2 e S3 V+ CE1, CE3 e CE6	S2 e S3 V+ CE1, CE3 e CE6														
A5			S5 V+ CE6													
A6	S7 V+ CE2															
A7					S5 V+ CE1, CE3 e CE4											
A8						S2 e S3 V+ CE1, CE3 e CE4										
A9							S5 V+ CE1 e CE8									
A10								S2 e S3 V+ CE1 e CE8								
A11				S5 V+ CE1 e CE4	S5 V+ CE1, CE3 e CE4		S5 V+ CE1 e CE8			S5 V+ CE3						
A12									S2 e S3 V+ CE5							
A13				S5 V+ CE1, CE3 e CE4	S5 V+ CE1, CE3 e CE4		S5 V+ CE1 e CE8			S5 V+ CE3	S2 e S3 V+ CE1, CE3, CE4 e CE8					
A14																
A15									S2 e S3 V+ CE1, CE4 ao CE6							
A16												S8 e S9 V+ CE3, CE4, CE6 e CE7				
A17														S6 V- CE4 e CE7		
A18															S4 e S9 V- CE4 ao CE8	
A19													S6 V- CE4, CE6 ao CE8			
A20																S9 V- CE7 e CE8
A21																S9 V- CE7 e CE8

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

⁸² A Tabela 20 é reprodução da Tabela 17, com o acréscimo das maiores relações entre os simbolismos assinaladas em amarelo.

- De acordo com as Correspondências Simbólico-físicas (Tabela 18), identificamos os simbolismos que são compartilhados pela maior quantidade de grupos diferentes usuários do espaço da praça Rui Barbosa, e também pelo maior número de atividades vinculados a eles, conforme Tabela 21; sendo o a maior relação entre os grupos para o “convívio social”, e na sequência para a “renda (+)”. Dessa forma temos as unidades ambientais: CE1, CE3, CE4, CE5 e CE6.

Tabela 21: Identificação das Maiores Relações Simbólico-físicas.⁸³

	CE1	CE2	CE3	CE4	CE5	CE6	CE7	CE8
S1				G2 V+ A1 e A2		G2 V+ A1 e A2		
S2	G2, G3, G7, G8, G9 e G10 V+ A1, A3, A4 e A8	G1 e G10 V+ A1 e A3	G2, G3, G6, G7, G10, G11 e G12 V+ A1, A3, A4 e A8	G2, G5, G6, G7 e G10 V+ G16 V- A1, A3, A8 e A15	G2 e G10 V+ G16 V- A1, A3, A12 e A15	G2, G3, G6, G7 e G10 V+ G16 V- A1, A3, A4 e A15	G16 V- A3	G16 V- A3
S3	G2 e G3 V+ A1 e A4		G2 e G3 V+ A1 e A4		G10 V+ A12	G2 e G3 V+ A1 e A4		
S4				G16 V- A1 e A18	G16 V- A1 e A18	G16 V- A1 e A18	G16 V- A1 e A18	G16 V- A1 e A18
S5	G5, G6, G8 e G9 V+ A7, A9, A10, A11 e A13		G6, G11 e G12 V+ A7, A11 e A13	G5 e G6 V+ A7, A11 e A13		G5 V+ A5		G8 e G9 V+ A9, A10, A11 e A13
S6				G14 e G15 V- A17 e A19		G14 V- A19	G14 e G15 V- A3, A17 e A19	G14 e G15 V- A3 e A19
S7		G1 V+ A6						
S8			G13 V+ A16	G13 V+ A16		G13 V+ A16	G13 V+ A16	
S9			G13 V+ A16	G13 e G16 V+ A16 e A18	G16 e G17 V- A18 e A21	G13 V+ G16 V- A16 e A18	G13 V+ G16 e G17 V- A16, A18 e A20	G16 e G17 V- A18 e A120

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

- De acordo com as congruências Sócio-físicas (Tabela 19), identificamos as atividades realizadas pela maior quantidade de grupos sociais existentes na praça Rui Barbosa, conforme Tabela 22. Sendo primeiramente identificada a atividade “conversar” realizada por 8 grupos, na sequência as atividades “passeio” e “espera por clientes” realizadas por 3 grupos. Dessa forma encontramos as unidades ambientais: CE1, CE3, CE4, CE6, CE7 e CE8.

⁸³ A Tabela 21 é reprodução da Tabela 18, com o acréscimo dos simbolismos compartilhados pela maior quantidade de grupos, assinalados em amarelo.

Tabela 22: Identificação das Maiores Relações Sócio-físicas.⁸⁴

	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11	A12	A13	A14	A15	A16	A17	A18	A19	A20	A21	
CE1	G3, G10 C A		G2, G3, G8, G10 C R + A	G2, G3 C R		G6 C	G7 C	G8 C	G9 C		G5, G6, G8 C R + A		G6, G8 I A	G12 I								
CE2	G10 C		G1, G10 C NA			G1 C																
CE3	G3, G10 C A		G2, G3, G6, G7, G10, G11 C R + A	G2, G3 C R		G6 C	G7 C				G6, G11 C A		G6, G11 C A	G12 C		G13 I						
CE4	G2, G10, G16 C A + NA	G2 C	G2, G5, G6, G7, G10, G16 C R + A + NA			G6 C	G7 C				G5, G6 C R		G6 I	G12 I	G10 C	G13 C	G15 C	G16 C	G14 C			
CE5	G10, G16 C NA		G2, G10, G16 C A + NA									G10 C			G10 C			G16 C			G17 I	
CE6	G2, G3, G10, G16 C R + A + NA	G2 C	G2, G3, G6, G7, G10, G16 C R + A + NA	G2, G3 C R	G4 C										G10 C	G13 C		G16 C	G14 C			
CE7	G16 C		G10, G15, G16 C NA + A													G13 C	G15 C	G16 C	G14 C	G17 C		
CE8	G16 C		G10, G15, G16 C NA + A					G8 C	G9 C		G8 I		G8 I	G12 I				G16 C	G14 C	G17 C		

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

Retomando o que dissemos inicialmente, as unidades ambientais são a síntese desse estudo em relação ao lugar praça Rui Barbosa, ou seja, são a síntese das relações sócio-simbólicas, simbólico-físicas e sócio físicas. Dessa forma, temos que as unidades ambientais da praça se desenvolvem nos cenários: CE1, CE3, CE4 e CE6.

Entendemos aqui que esses cenários são onde se desenvolvem o maior número das atividades, onde se encontram o maior número de grupos e também onde adquirem o maior número de significados; nos permitindo a licença poética, são nesses 4 cenários onde bate o coração da praça Rui Barbosa na atualidade, são neles onde encontramos os traços (intangíveis) de maior representatividade da vida urbana do centro de Bauru.

No entanto, como já dissemos, estes são os cenários onde estão representadas as unidades ambientais da praça, na sequência, especificamos detalhadamente cada uma delas.

⁸⁴ A Tabela 22 é reprodução da Tabela 19, com o acréscimo das atividades realizadas pela maior quantidade de grupos diferentes, assinalados em amarelo.

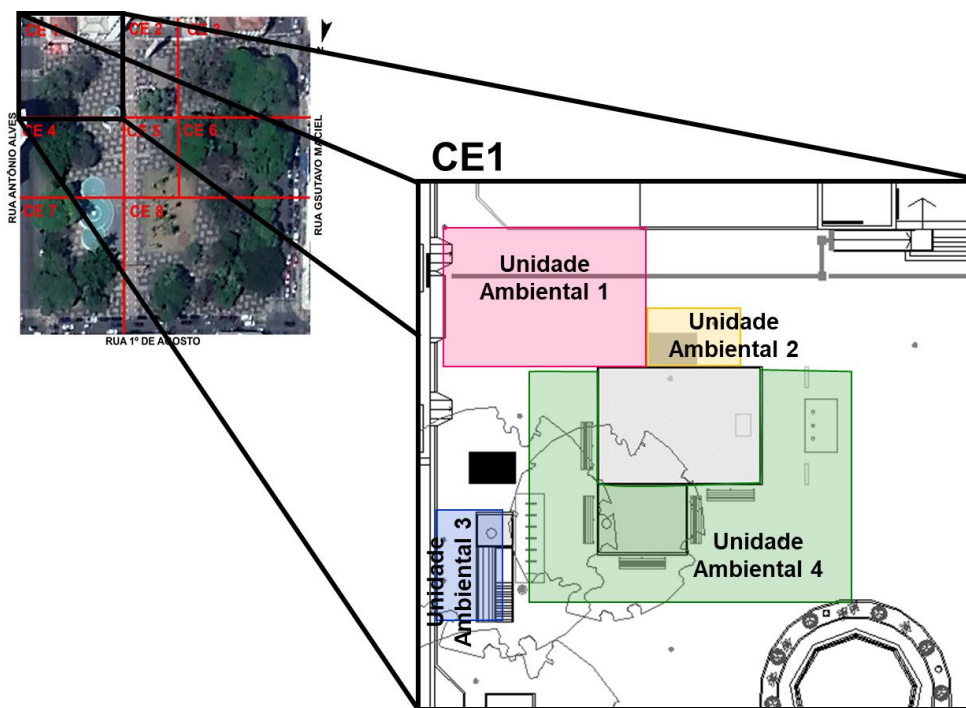


Figura 93: Unidades Ambientais do CE1.
Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

- Unidade Ambiental 1 – Mesas do Miranda's.

Tabela 23: Características Físicas, Sociais e Simbólicas do “Mesas do Miranda's”.

Aspecto Físico	Aspecto Social	Aspecto Simbólico
Mesas e cadeiras de plástico (comuns em lanchonetes)	Interação com outras pessoas / Passeio	Convívio Social / Lazer
<p>A lanchonete Miranda's é um ponto de encontro bastante movimentado na praça Rui Barbosa, muitas pessoas dirigem-se ao local ao final da tarde e início da noite à fins de alimentação e também de convívio social. É um local frequentado por pessoas de faixas etárias variadas, sendo o único local da praça onde podemos visualizar a permanência de crianças acompanhadas por adultos. É interessante observar a proximidade com a Unidade Ambiental 2, que será apresentada em seguida; tal proximidade evidencia a inter-relação entre os grupos sociais presentes em cada uma dessas unidades.</p>		



Figura 94: Mesas do Miranda's.
Fonte: Acervo do autor, 2017.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

- Unidade Ambiental 2 – Ponto dos “Hippies”.

Tabela 24: Características Físicas, Sociais e Simbólicas do “Ponto dos Hippies”.

Aspecto Físico	Aspecto Social	Aspecto Simbólico
Piso da praça com proteção para as costas pela jardineira elevada	Interação com outras pessoas / Subsistência	Renda / Convívio Social
<p>O ponto escolhido pelos “hippies” passa a ser ocupado pelos mesmos principalmente no final da tarde e início da noite; muito provavelmente por ser o horário de maior movimentação também na lanchonete Miranda’s.</p> <p>Além de estarem ali com o propósito de conseguirem ter a renda para própria subsistência, é evidente que cada artesão acaba interagindo com os demais, e também com outros grupos da praça, como por exemplo as pessoas que estão no Miranda’s e até mesmo alguns idosos que param para conversar.</p>		



Figura 95: Ponto dos “Hippies”.
Fonte: Acervo do autor, 2017.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.



Figura 96: Mesas do Miranda’s e Ponto dos Hippies.
Fonte: Acervo do autor, 2017.

- Unidade Ambiental 3 – Ponto de Taxi.



Figura 97: Ponto de Taxi.

Fonte: Acervo do autor - a) 2017; b) 2018.

Tabela 25: Características Físicas, Sociais e Simbólicas do Ponto de Taxi.

Aspecto Físico	Aspecto Social	Aspecto Simbólico
Ponto de taxi existente, com cobertura fixa em concreto	Interação com outras pessoas / Jogar baralho	Convívio Social / Lazer
O ponto de taxi não é utilizado atualmente com essa finalidade ⁸⁵ e, portanto, aqueles de maior idade, aposentados ou até mesmo aqueles que se dirigem à praça somente para o carteadado se apropriaram do local e levam mesas e cadeiras para esse abrigo da praça com o intuito de realizar longas partidas de jogos de cartas. Tais grupos passam as manhãs, tardes e início das noites realizando rodadas desses jogos.		

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

- Unidade Ambiental 4 – Bancos de madeira e concreto (1).



Figura 98: Bancos de Madeira (1).

Fonte: Acervo do autor - a) 2017; b) 2018.

Tabela 26: Características Físicas, Sociais e Simbólicas dos Bancos de Madeira (1).

Aspecto Físico	Aspecto Social	Aspecto Simbólico
Bancos de madeira e concreto	Pausas para descanso / Contemplação	Lazer
Os bancos em madeira localizados nesse ponto da praça recebem muitas pessoas, principalmente durante a manhã e à tarde, que desejam apenas ter um momento para si próprias. Encontramos muitos idosos sentados lendo jornais, observando o movimento da praça, ou até mesmo a própria praça; sem necessariamente interagir com aqueles sentados ao seu lado.		

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

⁸⁵ O ponto dos taxistas realmente utilizado atualmente fica no “Estacionamento de Taxis” delimitado no projeto da praça Rui Barbosa.

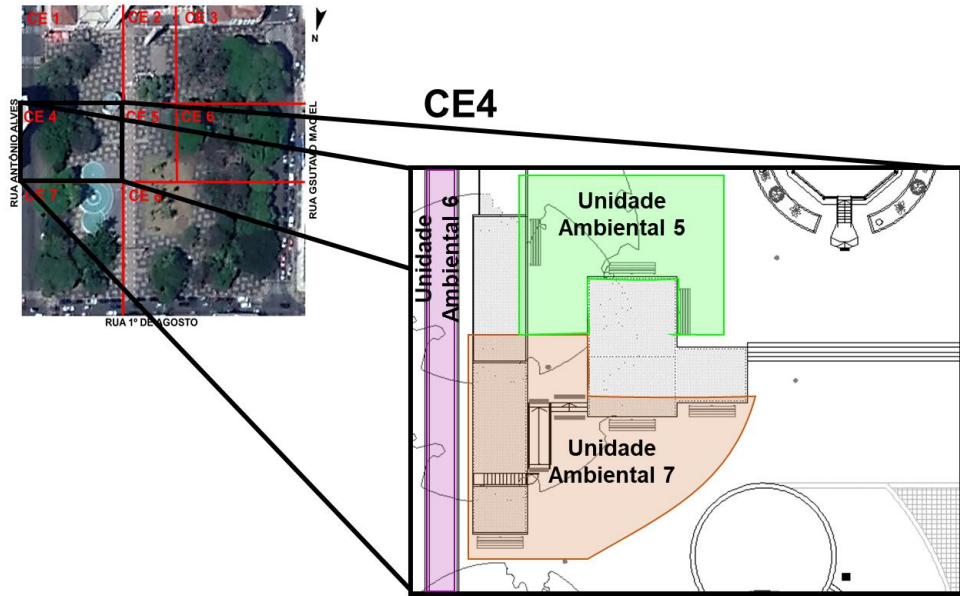


Figura 99: Unidades Ambientais do CE4.
 Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

- Unidade Ambiental 5 – Bancos de madeira e concreto (2).

Tabela 27: Características Físicas, Sociais e Simbólicas dos Bancos de Madeira (2).

Aspecto Físico	Aspecto Social	Aspecto Simbólico
Bancos de madeira e concreto	Pausas para descanso / Contemplação / Interação com outras pessoas	Lazer / Convívio Social
<p>Os bancos em madeira localizados nesse ponto da praça têm por característica a utilização por grupos diferentes, e nem sempre se reconhecem. Por ser uma área sombreada e próxima ao coreto recebe bastantes idosos que vão à praça somente para descansar e observar a paisagem da mesma e o movimento; no entanto, por também já estar muito próxima das jardineiras elevadas (locais onde os traficantes escondem suas mercadorias) há também a presença desse outro grupo, que muitas vezes acaba por incomodar os demais ou até mesmo causar medo.</p> <p>Vale ressaltar que esses grupos só utilizam esse espaço em conjunto com menor frequência pela manhã, e maior frequência pela tarde, ficando o período noturno por domínio do grupo dos traficantes e usuários de drogas.</p>		



Figura 100: Bancos de Madeira (2).
 Fonte: Acervo do autor, 2018.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

- Unidade Ambiental 6 – Ponto dos taxistas.

Tabela 28: Características Físicas, Sociais e Simbólicas do Ponto dos Taxistas.

Aspecto Físico	Aspecto Social	Aspecto Simbólico
Estacionamento exclusivo para o carro dos taxistas	Espera por clientes / Interação com outras pessoas	Renda / Convívio Social
<p>Os taxistas param no estacionamento exclusivo para eles aguardando por possíveis clientes, e durante esse período de espera, eles têm por hábito descer de seus carros e ficar encostados nas jardineiras elevadas que bordeiam a praça. A maioria dos taxistas interagem entre eles mesmos, com os grupos de idosos que passam algum tempo na praça e até mesmo com os grupos do carteado. Por estarem próximos da área onde acontece o tráfico de drogas, eles se vêm obrigados a dividir espaço com os traficantes, porém se sentem incomodados por essa atividade existente na praça atualmente. Ao fim da tarde e à noite os taxistas não trabalham mais no ponto da praça Rui Barbosa devido à periculosidade que o local apresenta; são mínimos os taxistas que trabalham no período noturno e justificam isso devido à grande necessidade de conseguir aumentar sua renda.</p>		

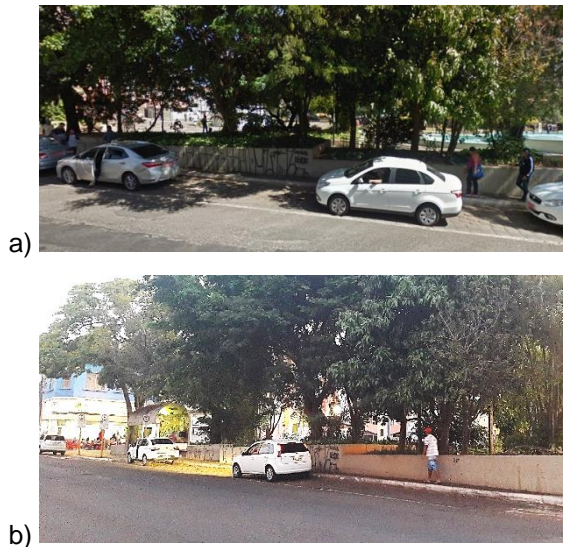


Figura 101: Ponto dos Taxistas.
 Fonte: a) Google Street View, 2017; b) Acervo do autor, 2017.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

- Unidade Ambiental 7 – Jardineiras elevadas e proximidades.

Tabela 29: Características Físicas, Sociais e Simbólicas das Jardineiras Elevadas e Proximidades.

Aspecto Físico	Aspecto Social	Aspecto Simbólico
Jardineiras elevadas, com aproximadamente 1 metro de altura, em alvenaria.	Interação com outras pessoas / Venda e Consumo de alimentos / Tráfego e Consumo de drogas ilícitas	Convívio Social / Renda / Lazer
<p>É nessa localidade da praça que acontece o maior peso de tráfico de drogas e também o consumo destas. Tendo relatos de alguns taxistas entrevistados que fazem turnos durante a madrugada, de que as drogas são escondidas nessas jardineiras elevadas para que a polícia não as encontre facilmente. Outra atividade que acontece nessa área é a venda e consumo de alimentos, ao fim da tarde, realizada por uma barraca móvel de lanches que é montada no local e ali permanece até a noite, não ficando muito além das 22 horas. Apesar dessa atividade acontecer simultaneamente ao tráfico, este vê-se um tanto limitado à essa localidade da praça no período em que a barraca de lanches se encontra ali.</p>		



Figura 102: Jardineiras Elevadas e proximidades.

Fonte: Acervo do autor, 2017.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

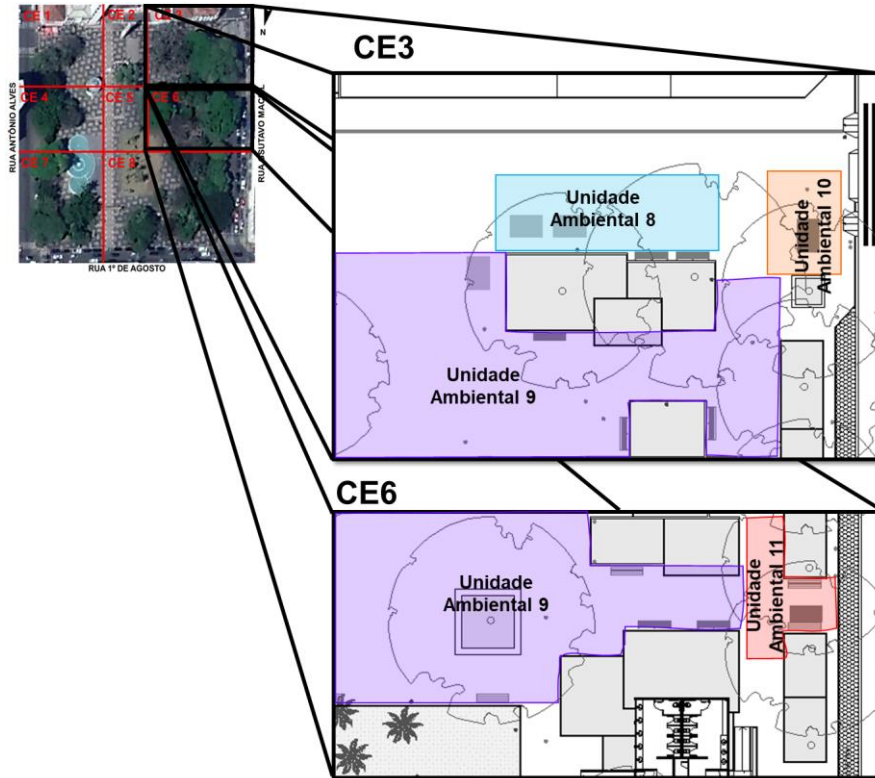


Figura 103: Unidades Ambientais dos CE3 e CE6.
 Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

- Unidade Ambiental 8 – Ponto dos Camelôs.

Tabela 30: Características Físicas, Sociais e Simbólicas do Ponto dos Camelôs.



Aspecto Físico	Aspecto Social	Aspecto Simbólico
Barracas móveis de armação de ferro e cobertura de lona.	Venda de artigos variados do comércio / Interação entre pessoas	Renda / Convívio Social
<p>Os camelôs utilizam essa área da praça durante todo o período comercial (em torno das 8h às 18h). Os vendedores além de estarem ali à trabalho, interagem tanto com os demais vendedores como os grupos de idosos e jogadores de baralho que muito utilizam essa área sombreada da praça.</p> <p>Ao término do período comercial, as barracas são desmontadas e a área começa a perder a movimentação de pessoas até que as barracas de alimentos também se retiram das imediações, ficando completamente deserta ao fim da tarde e noite.</p>		

Figura 104: Ponto dos Camelôs.
 Fonte: Acervo do autor - a) 2017; b) 2018.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

- Unidade Ambiental 9 – Ponto do carteado e passeio.

Tabela 31: Características Físicas, Sociais e Simbólicas do Ponto dos Camelôs.

Aspecto Físico	Aspecto Social	Aspecto Simbólico
Área da praça sombreada, composta por espaços para passeio, bancos em madeira e concreto banco em concreto que circundam algumas árvores e jardineiras elevadas que também são utilizadas como bancos.	Interação entre pessoas / Jogos de cartas / Descanso	Convívio Social / Lazer
<p>Esta unidade ambiental, o ponto do carteado e passeio, é área de maior movimentação da praça Rui Barbosa. Aqui os grupos sociais vêm para interagir com os demais, para jogar cartas, para contemplar a praça e o movimento do Centro de Bauru. Aqui também é comum aqueles que jogam baralho trazerem mesas e cadeiras para montarem debaixo da sombra das árvores e ali passarem o dia. Essa intensa atividade se inicia por volta das 7 horas da manhã e acontece durante todo o dia, se extinguindo quase que em conjunto com o término da jornada de trabalho dos camelôs (às 18 horas).</p>		



Figura 105: Ponto do Carteado e Passeio.
Fonte: Acervo do autor, 2018.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.



Figura 106: Panorâmica do CE3, com ênfase para os Camelôs (à esquerda) e o Ponto do Carteado e Passeio (do centro à direita da imagem).
Fonte: Acervo do autor, 2018.

- Unidade Ambiental 10 – Barraca de espetinhos.

Tabela 32: Características Físicas, Sociais e Simbólicas da Barraca de Espetinhos.

Aspecto Físico	Aspecto Social	Aspecto Simbólico
Barraca móvel de armação de ferro e cobertura de lona.	Interação entre pessoas / Venda e consumo de alimentos	Convívio Social / Lazer / Renda
<p>A barraca de espetinhos, que se localiza próxima às barracas dos camelôs, também funciona durante o período comercial. Desde as primeiras horas do dia ela já é montada e assim permanece até pouco mais das 18 horas.</p> <p>Muitas pessoas que vão à praça para passear acabam parando nesse ponto para comer e até mesmo conversar com o vendedor dos espetinhos ou com aqueles que estão consumindo os alimentos.</p>		



Figura 107: Barraca de Espetinhos.
Fonte: Acervo do autor, 2018.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

- Unidade Ambiental 11 – Barraca de lanches.

Tabela 33: Características Físicas, Sociais e Simbólicas da Barraca de Lanches.

Aspecto Físico	Aspecto Social	Aspecto Simbólico
Barraca móvel de armação de ferro e cobertura de lona.	Interação entre pessoas / Venda e consumo de alimentos	Convívio Social / Lazer / Renda
<p>Da mesma forma que a unidade ambiental anterior, a barraca de lanches também funciona durante o período comercial e permanece até pouco mais das 18 horas.</p> <p>Muitas pessoas que vão à praça para passear acabam parando nesse ponto para comer e até mesmo conversar com o vendedor dos lanches ou com aqueles que estão consumindo os alimentos.</p>		



Figura 108: Barraca de Lanches.
Fonte: Acervo do autor, 2018.

Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

5 PARÂMETROS PARA REQUALIFICAÇÃO

5.1 MODELO DE VISÃO OU CIDADE ANÁLOGA

Ao chegarmos neste ponto de nossa pesquisa, onde apresentaremos uma alternativa possível para a requalificação da praça Rui Barbosa, primeiramente se faz necessário ter o conhecimento do que a população bauruense espera que o lugar seja ou o que o lugar apresente para o futuro. Segundo Zárate:

Estos aspectos son fundamentales para orientar las acciones proyectuales sobre el lugar tendientes a generar un reequilibrio o reterritorialización, o sea, tratar de equilibrarlo, en el caso que estuviera en conflicto ambiental, o bien, preservarlo y mejorarlo en caso que estuviera en equilibrio ambiental. La opinión de los habitantes del lugar, deberá ser puesta en diálogo con el saber técnico-científico y la percepción política de los que toman decisiones a nivel de política urbana local.⁸⁶

Dessa forma retomamos as informações apresentadas anteriormente na Figura 89 (página 155 desta dissertação), onde temos as expectativas da população em relação à praça Rui Barbosa. Aqui comentamos cada uma delas, da menor porcentagem para a maior, elencando em alguns níveis: NÃO POSSÍVEIS; POSSÍVEIS, MAS HIPOTÉTICAMENTE NÃO IDEAIS; POSSÍVEIS E HIPOTÉTICAMENTE IDEAIS.

- NÃO POSSÍVEIS: Volta dos lagos; Modificar todo o entorno.

Realizar a reprodução de um projeto arquitetônico que atualmente já não existe mais, nem ao menos existe pequenos resquícios dele, seria nada mais do que uma cópia. Nos apoiando nas Cartas Patrimoniais, mais especificamente na Carta de Burra (IPHAN, 1980, p.4), em relação à reconstrução ela diz:

Artigo 18° - A reconstrução deve se limitar à colocação de elementos destinados a completar uma entidade desfalcada e não deve significar a construção da maior parte da substância de um bem.

Artigo 19° - A reconstrução deve se limitar à reprodução de substâncias cujas características são conhecidas graças aos testemunhos materiais e/ou documentais. As partes reconstruídas devem poder ser distinguidas quando examinadas de perto.

⁸⁶ Estes aspectos são fundamentais para orientar as ações projetuais sobre o lugar, tendendo a gerar um reequilíbrio ou reterritorialização, ou seja, tratando de equilibrá-lo, no caso de estar em conflito ambiental, ou preservá-lo e melhorá-lo no caso de estar em equilíbrio ambiental. A opinião dos habitantes do lugar deverá ser colocada em diálogo com o saber técnico-científico e a percepção política dos que tomam decisões a nível de política urbana local.

Com isso fica claro entender que para voltar os lagos, seria necessário retomar um projeto da praça que hoje não existe mais, e ainda, não há informações suficientes para se retomar o projeto original, fazendo com que a retomada dos lagos não passe de uma “invenção” dos profissionais responsáveis pela implementação do projeto, ou a(s) memória(s) erroneamente interpretada(s) daqueles que presenciaram a praça Rui Barbosa originalmente.

Já em relação à modificação de todo o entorno da praça Rui Barbosa, novamente nos apoiando nas Cartas Patrimoniais, dessa vez mais especificamente na Recomendação Paris Paisagens e Sítios (IPHAN, 1962), onde diz sobre os sítios urbanos:

A salvaguarda não deveria limitar-se às paisagens e aos sítios naturais, mas estender-se também às paisagens e sítios cuja formação se deve, no todo ou em parte, à obra do homem. Assim, disposições especiais deveriam ser tomadas para assegurar a salvaguarda de algumas paisagens e de determinados sítios, tais como as paisagens e sítios urbanos, que são, geralmente, os mais ameaçados, especialmente pelas obras de construção e pela especulação imobiliária. Uma proteção especial deveria ser assegurada às proximidades dos monumentos.

As medidas a serem adotadas para a salvaguarda das paisagens e dos sítios deveriam ter caráter preventivo e corretivo.

As medidas preventivas para a salvaguarda das paisagens e dos sítios deveriam visar a protegê-los dos perigos que os ameaçam. Essas medidas deveriam consistir essencialmente no controle dos trabalhos e atividades susceptíveis de causar dano às paisagens e aos sítios [...] (RECOMENDAÇÃO PARIS PAISAGENS E SÍTIOS, 1962, p. 3).

Com isso entendemos que o Centro de Bauru, apesar de ter sofrido alterações em sua configuração original, é uma obra do homem, o que faz com que mereça respeito e proteção. Como retomar a originalidade do Centro não é possível, o mesmo podemos dizer sobre modificá-lo completamente; além de que, nada nos assegura que a mudança do entorno da praça Rui Barbosa acarretaria em melhoras para a própria.

- POSSÍVEIS, MAS HIPOTÉTICAMENTE NÃO IDEAIS: Ter um posto policial; Ter câmeras de segurança; Retirar os carros; Sofrer uma restauração; Retirada dos camelôs.

Em relação a ter um posto policial, acreditamos ser uma atitude ineficaz para a melhora das atividades realizadas na praça e a sua segurança, visto que há a ronda policial diária no local e isso não é suficiente para inibir a ocorrência do tráfico de drogas, utilização dessas mesmas drogas ou até mesmo os pequenos furtos. A

inserção de um posto policial na praça poderia somente acarretar mais um desgosto de caráter estético para muitas pessoas que relembram da praça enquanto ainda era um jardim.

Da mesma forma que ter um posto policial seria ineficiente, seria a instalação de câmeras de segurança; se a própria ronda policial não coage atividades ilícitas, não será a fiscalização por câmeras que o fará. Inclusive, é passível de que ocorra a depredação das mesmas.

Sobre a retirada dos carros do entorno imediato da praça Rui Barbosa, diante de tudo o que apresentamos nesta pesquisa, nos faz pensar de que seria mais uma atitude incoerente para a melhora da praça, uma vez que não é o fluxo de automóveis que causam (ou causaram) a degradação da praça. Podemos ainda dizer hipoteticamente que a exclusão de automóveis do entorno da praça pode fazer com ela tenha um aumento dos usos que causam medo na população em geral, pois boa parte do movimento da praça se dá pelos taxistas que tem o seu ponto ali; ou até mesmo pelo fluxo de pessoas que descem ou tomam o transporte coletivo nas imediações.

A restauração é algo possível de se acontecer quando em relação ao projeto existente atualmente, ou seja, o projeto implementado em 1990; no entanto, quando a população clama por “restauração”, estão na verdade pedindo pela reconstrução do projeto original da praça, e este sim não é possível, como já vimos anteriormente.

A retirada dos camelôs não seria uma estratégia viável, pois primeiramente é um comércio que já está consolidado na localização da praça Rui Barbosa, e é devido a ele que se dá grande parte da movimentação diária existente na praça; sem o mesmo a grande diversidade de grupos sociais existentes na mesma poderia diminuir acarretando em um lugar com maior índices de periculosidade. Além de que há o “Programa de Regulação e Regularização das Atividades de Comércio Ambulante” vigente atualmente na Prefeitura Municipal de Bauru, segundo a própria homepage; que torna legal o comércio de ambulantes na praça. Assim diz do Cadastro de Ambulantes:

Este Programa tem, por objetivo, identificar os prestadores de serviço de comércio ambulante no município de Bauru, avaliar os possíveis pontos em área pública passíveis de receber o licenciamento de atividades de ambulantes, normatizar a atividade e rever a legislação aplicável. Busca-se, com isso, promover a regulação das atividades de comércio ambulante no município, dentro de parâmetros que tragam justiça social e oportunidade de inclusão e legalização das atividades de sustento familiar,

sem prejuízo às demais atividades comerciais e ao desenvolvimento urbano, econômico e social, e respeitando as restrições urbanísticas e ambientais.

O Auto Cadastramento deve ser realizado por todos os munícipes que possuem atividade de comércio ambulante já constituída no Município de Bauru, licenciadas ou não, sob pena de não obtenção de licenciamento futuro.

Informações inverídicas prestadas no Auto Cadastramento poderão acarretar na exclusão do cadastrado do Programa de Regulação e Regularização das Atividades de Comércio Ambulante.

A efetivação do Auto Cadastramento não constitui garantia de licença e permanência no atual local de trabalho, sendo a disponibilização do ponto e legalização da atividade somente confirmada com a obtenção da respectiva licença, a ser disponibilizada na etapa final do presente Programa (HOMEPAGE PREFEITURA MUNICIPAL DE BAURU).

- POSSÍVEIS E HIPOTÉTICAMENTE IDEAIS: Retirada dos mendigos; Melhorar a desigualdade; Reforma do chafariz; Ter melhor acessibilidade para portadores de deficiência física ou mobilidade reduzida; Sofrer uma reforma; Ser um espaço mais humanizado; Modificar os frequentadores do espaço; Ter leis; Ter mais iluminação noturna; Ter atrativos para jovens; Limpeza; Retirada do tráfico de drogas; Ter atrativos para famílias e crianças; Ter atividades culturais; Ter segurança; Revitalizar historicamente; Ter mais árvores.

De todas as expectativas da população bauruense em relação à praça, são estas que evidenciamos como as de maior eficácia para a melhor apreciação do espaço da Rui Barbosa e contribuições adversas.

Por exemplo, a retirada dos mendigos e a melhora da desigualdade da praça (onde identificamos exatamente a existência dessa parcela da população que vive em condições precárias), além de ser interessante para a população que quer usufruir do espaço da praça, seria ainda melhor para estes sem teto. É vigente atualmente o Plano Local de Habitação de Interesse Social (PLHIS) em Bauru, que visa como beneficiários famílias bauruenses que vivem em precariedade habitacional; uma vez estes indivíduos estando cadastrados na prefeitura, podem estar sendo devidamente instalados com boas condições de moradia.

Todas as opções que dizem respeito ao físico da praça (reforma do chafariz; melhor acessibilidade; reforma; leis; mais iluminação; atrativos para jovens, famílias e crianças; limpeza; mais árvores; atividades culturais) são bastante viáveis para uma requalificação hipoteticamente positiva para o ambiente da Rui Barbosa. Isso, pois estaria sendo atendidas especificações pontuais da própria população que utiliza o espaço, dessa forma, fazendo com que os que já frequentam possam permanecer

ainda mais. A maior permanência dos grupos já existentes na praça pode contribuir para a presença de outros grupos e ainda a realização de mais atividades.

Tais alterações causariam indiretamente alguns pedidos como: um espaço mais humanizado, modificação dos frequentadores da praça, retirada do tráfico de drogas e maior segurança. Todos os estudos aqui realizados nos levam a acreditar nisso: uma vez que a praça apresente maior diversidade de grupos sociais, realizando um maior número de atividades (socialmente aceitas em nossa contemporaneidade) irá gerar, indiretamente, uma maior segurança. Podemos até mesmo ter a hipótese de que o tráfico de drogas e o uso de drogas ilícitas poderão ser coibidos em períodos que os demais grupos estarão atuando ativamente na praça.

Deixamos, por fim, a expectativa de “revitalizar historicamente” pois consideramos ser um pedido que nos abrem grandes possibilidades para a requalificação desse espaço tão importante para a memória e identidade do povo bauruense. Além de uma prefiguração de um modelo projetual com base em pontuações específicas, como vimos acima; temos a chance de vincular tais pedidos práticos à uma releitura do que foi o jardim da praça Rui Barbosa.

Como já entendemos que a reconstrução não é aceitável, podemos recriar elementos arquitetônicos da praça original de forma a permanecer sempre viva a memória e identidade da população; levando em consideração, que daqui há algumas décadas poderemos nem ao menos ter bauruenses para nos relatar sobre a Rui Barbosa original, estando assim a memória e a identidade perdidas.

5.1.1 Prefiguração de Modelo Projetual

Retomando então o considerado anteriormente, temos os seguintes pontos para elaborarmos a prefiguração do modelo projetual hipotético da praça Rui Barbosa: reforma do chafariz; melhor acessibilidade; reforma em geral; leis; mais iluminação; atrativos para jovens, famílias e crianças; limpeza; mais árvores; atividades culturais; e revitalização histórica.

Dessa forma, partimos da ideia em propor releituras do projeto original, que ao mesmo tempo mantenham as unidades ambientais já existentes na praça e possam colaborar para que novas unidades surjam, tendo sempre o respeito pelo atual projeto existente. É importante mencionar, que quando falamos em releituras estas não se dão nos aspectos físicos da praça original, e sim, nos aspectos

simbólicos, em uma tentativa de alcançar os traços intangíveis que tanto abordamos neste trabalho. Para isso, buscamos referências de projetos já existentes com a finalidade de embasar as diretrizes de nossa proposta.

Em um primeiro momento, pensando na espacialidade da praça e nas unidades ambientais identificadas anteriormente, percebemos que a porção da praça que se encontra em maior estado de degradação é aquela nas imediações da Rua 1º de Agosto. Diante disso, nossas diretrizes são voltadas para esse setor da praça com o intuito de gerarmos as novas unidades ambientais, conforme Figura 109.

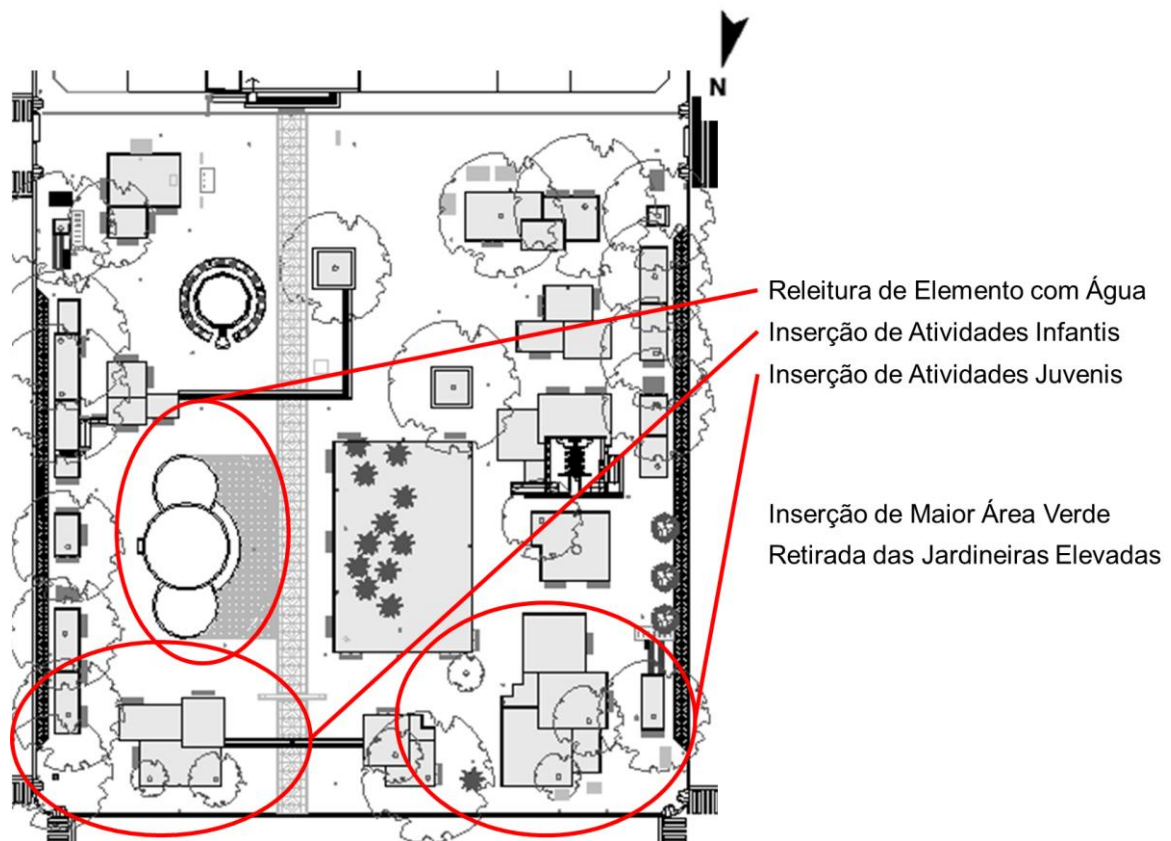


Figura 109: Primeiras Ideias para as Diretrizes de Requalificação.
Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

5.1.1.1 Mais área verde

A pedido da população para que a praça tenha mais árvores é claro devido à memória da originalidade da mesma e também pelo clima predominantemente quente de Bauru. A inserção de mais árvores, ou pelo menos, abertura de alguns verdes em meio à tanto “concreto” deve ser realizada mantendo o respeito pelo atual projeto.

Da mesma forma que a grande maioria da população apresenta descontentamento com a atual configuração da praça, há aqueles que a preferem da forma como a vemos hoje; e devemos ter atenção e cuidado para não deixarmos no esquecimento a identidade dessa pequena parcela da população bauruense. O intuito dessa proposta de requalificação é agregar mais valor positivo à praça sem perdermos o que ela já apresenta de qualidades.

Diante disso, uma boa maneira que encontramos de preservar a essência principal do projeto implementado em 1990 é preservando alguns pontos norteadores do projeto à época, como: a passarela em pastilhas que liga os extremos da praça (rua 1º de Agosto e Catedral); o arco em concreto; e (apenas) a disposição das jardineiras.

De forma a aproveitarmos a intervenção feita em 2015, onde foi inserido o grande canteiro central da praça, e também para atender às expectativas de uma maior área sombreada, utilizamos tal espaço para sugerir o plantio de árvores de maior porte e também a abertura do canteiro para dar lugar à um caminho curvilíneo, conforme Figura 110.

A escolha de um caminho curvilíneo é de forma a remeter os caminhos originais da praça, e a disposição por entre as árvores de maior porte é para rememorar seus traçados orgânicos por entre o jardim.

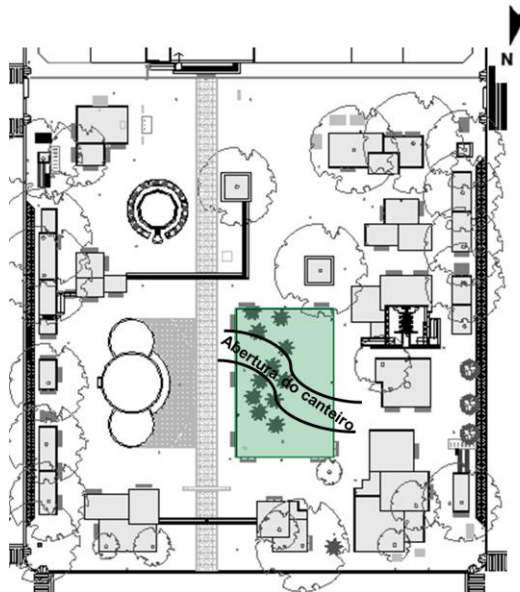


Figura 110: Indicação de Mais Área Verde.
Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

5.1.1.2 Retirada das jardineiras elevadas

Nas observações do pesquisador já pudemos previamente inferir que as jardineiras elevadas seriam uma das problemáticas da praça, principalmente por serem a causa da falta de permeabilidade visual da mesma, fator esse que gera o sentimento de insegurança para os usuários.

Com a aplicação dos questionários pudemos então concluir que tais jardineiras são itens que desagradam boa parte das pessoas que usufruem do espaço da Rui Barbosa, principalmente por facilitarem o tráfico de drogas que acontece ali. Diante disso, acreditamos que a diminuição da altura dessas jardineiras é uma diretriz bastante adequada para termos a segurança de forma indireta.

Como a praça apresenta um desnível, com caída no sentido Catedral – rua 1º de Agosto, não é possível que as jardineiras se tornem canteiros; porém elas podem ser rebaixadas ao máximo possível. De acordo com os estudos de William H. Whyte (1980) as pessoas sentam-se onde há oportunidades para se sentar, então jardineiras em alturas que ofereçam essa oportunidade é um ponto positivo a adicionarmos nesta proposta. Na Figura 111 podemos observar as jardineiras que mais prejudicam a visão das pessoas que passam no entorno da praça (fora para dentro) e também das pessoas que utilizam a praça (dentro para fora), sinalizadas em vermelho. Além dessas, há outros três pontos de jardineiras elevadas (em laranja) que também causam a impermeabilidade visual para aqueles que estão na praça.

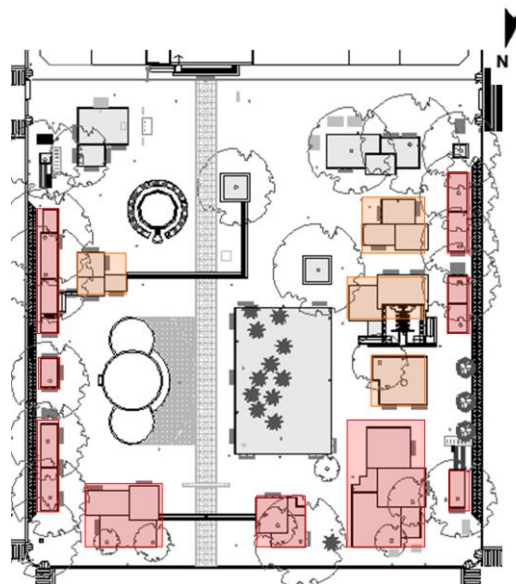


Figura 111: Indicação das Jardineiras a Serem Alteradas.
Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

5.1.1.3 *Maior acessibilidade*

Da mesma forma que a pontuação anterior, a questão da acessibilidade para pessoas portadoras de deficiência física ou com mobilidade reduzida, já havia sido notada como algo precário durante as observações do pesquisador; e pode-se confirmar com os questionários aplicados.

Atualmente a praça apresenta apenas um acesso interno por rampas, representado em amarelo na Figura 112, que foi implementado na revitalização que aconteceu em 2015. De forma a melhorar o acesso geral da praça, propomos que este acesso existente seja alargado, e que a passagem central seja realizada através de rampas (sinalizadas em vermelho na Figura 112), lembrando que o caminho de pastilhas é algo a ser mantido.

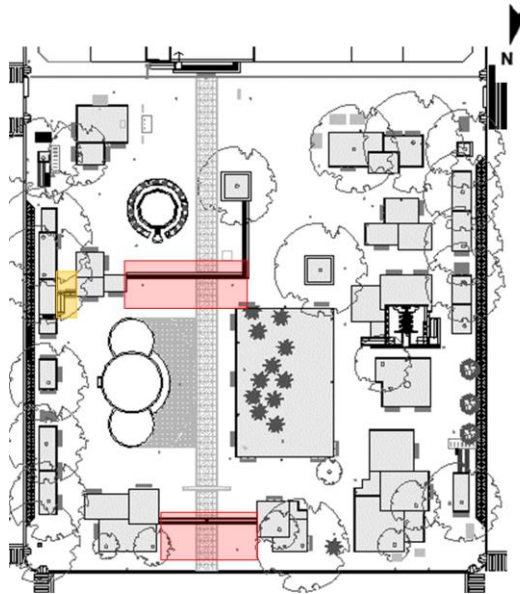


Figura 112: Indicação na Melhoria da Acessibilidade.
Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

5.1.1.4 *Fonte interativa*

Quando dissemos “releitura de elemento com água” na Figura 109, pretendemos atender os pedidos por uma reforma na fonte; uma vez que através dos questionários com a população identificamos o desgosto pela configuração da atual fonte e como não há a possibilidade de reinserirmos os lagos de outrora, tentamos identificar mais profundamente a relação entre os lagos e a população bauruense.

Com base no conhecimento adquirido ao longo deste trabalho em relação à Rui Barbosa, sabemos que a praça abrigava grandes eventos sociais, sendo os lagos palco, inclusive, de um “navio”; em outros momentos há relatos dos animais que ficavam no lago e o quanto ambos (animais e lagos) eram apreciados por todos, principalmente pelas crianças; ou até mesmo, pudemos ter conhecimento das pontes que atravessavam os lagos e que muito atraíam o passeio dos bauruenses.

Percebemos uma grande diferença da relação dos lagos com a população, e da fonte existente atualmente com a população; nos primórdios da praça havia a interação entre as pessoas e o lago, acontecimento que não acontece na atualidade, e talvez não aconteça por motivos adversos, como por exemplo: a configuração física da fonte não é de fácil acesso, principalmente para uma criança; não há atrativos nela além de esguichos de água que nem funcionam mais; e a própria falta de manutenção, estando frequentemente com a água suja.

Nos embasando ainda nos estudos de William H. Whyte (1980), têm-se o conhecimento de que o som que a água proporciona é algo agradável para as pessoas, sendo um fator positivo para gerar a permanência em determinados locais urbanos. Ainda sobre a água, Whyte diz sobre a necessidade das pessoas em se relacionar com a mesma, tocando-a, interagindo diretamente, sem que haja proibições.

Gehl (2015) diz sobre a cidade em geral, mas é extremamente coerente com o âmbito da praça, que aquelas devam apresentar instalações cotidianas que despertem a criatividade das pessoas, principalmente das crianças, “As boas cidades têm em si oportunidades para brincadeiras e para autoexpressão. Muitas vezes, as soluções mais simples são as mais convincentes” (GEHL, 2015, p. 159); o próprio autor ilustra essa ideia conforme a Figura 113.



Figura 113: A Cidade com Oportunidades para a Criatividade.
Fonte: GEHL, 2015, p. 159.

Ao refletirmos sobre tais assertivas, entendemos que a praça originalmente apresentava oportunidades para a criatividade ser desenvolvida, para que surgissem brincadeiras e passeios nos lugares menos esperados. E com isso, a proposta que enfatizamos para a fonte é a retomada dessa relação do espaço com a população.

Buscando referências de projetos interativos que visam a água como foco principal, pudemos encontrar a homepage da empresa Petro Fontes, especializada em fontes e chafarizes em geral; em seu portfólio pudemos observar a instalação de diversas Fontes Interativas no Brasil, sendo muitas delas em municípios do estado de São Paulo, como por exemplo: Salto, Lorena, Socorro, Ilha Bela, São Paulo, Araras, Campos Novos Paulista, Caraguá, Guararema, Ourinhos, São Caetano do Sul, São José dos Campos, Sorocaba, Taubaté, Jundiaí e Guarulhos.



Figura 114: Fontes Interativas da Petro Fontes.
Fonte: Homepage Petro Fontes.

Partindo dessa realidade bastante próxima do município de Bauru, acreditamos que repercussão da instalação de uma fonte interativa na praça Rui Barbosa, além de ser bastante positiva diante do calor que acomete o município, traria um uso saudável para a mesma, uso esse, que se encontra vivo na memória dos bauruenses sobre a antiga conformação da praça.

A viabilidade da instalação desse tipo de fonte também é positiva, de acordo com a Petro Fonte o consumo energético é equivalente à um chuveiro elétrico, não

apresenta riscos em relação à choques elétricos e o consumo de água é baixo, já que há o reaproveitamento da mesma através de tratamento (como em uma piscina).

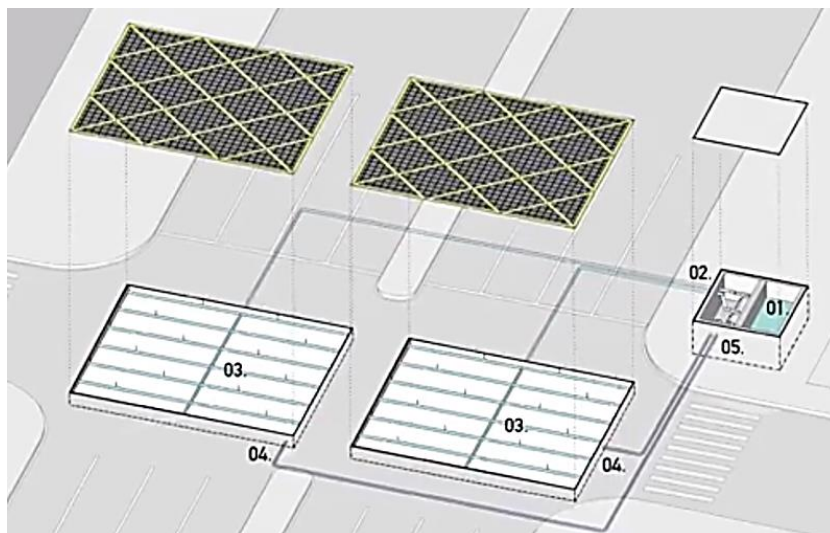
Buscando maiores informações sobre as fontes interativas, temos a homepage Catálogo de Arquitetura que diz o seguinte:

As fontes interativas funcionam através de um moderno sistema que gera um espetáculo dinâmico de jatos d'água e luz. O grande diferencial é que esse modelo de fonte permite a interação entre pessoa e a água, ou seja, você pode tocar e caminhar entre os jatos de água, alterando formas e criando um ambiente descontraído para todos os participantes. Tudo com o máximo de segurança.

Para tal, o local é coberto por um piso antiderrapante com um conjunto de reservatórios recobertos por grelhas metálicas, por onde saem os jatos de água e os focos de luz, criando efeitos e movimentos de acordo com uma sequência estabelecida de evolução sincronizada. A iluminação pode ser com luz branca ou coloridas.

Tudo é automatizado e controlado por painéis de comando equipados com temporizadores digitais, assim é possível programar os horários de funcionamento. Outro diferencial é o sistema de alerta, este que produz uma névoa em toda a área da fonte 30 segundos antes do acionamento, evitando assim qualquer tipo de imprevisto (acidentes, constrangimento).

Para entendermos um pouco mais como se dá a instalação dessas fontes, temos as explicações do escritório de arquitetura Nitsche, que está com uma proposta dessa fonte para o concurso Festival de Ideias Paulista para Todos. Na Figura 115 podemos visualizar como se dá a instalação e funcionamento da fonte; nos atentando para o reservatório de água e reutilização da mesma.



01. Armazenamento de água em reservatório 10m³
02. Bombeamento por conjunto moto-bomba
03. Distribuição da água para esguichos com bicos articulados
04. Drenagem por canaletas no piso
05. Filtragem e retorno da água ao reservatório

Figura 115: Instalação e Funcionamento da Fonte Interativa.
Fonte: Homepage Esquina.

5.1.1.5 Atrativos para a família, crianças e jovens

Com a inserção de atividades infantis e juvenis estamos atendendo às expectativas da praça em apresentar atrativos para a família (pais e crianças) e também para os jovens; levando ainda em consideração a revitalização histórica, realizamos uma releitura do que a praça representava originalmente para a população bauruense: o principal passeio da família em seus momentos de lazer. Trazendo novamente essa vida familiar e a diversidade de usos para a Rui Barbosa supomos que a identidade da mesma seja preservada e ressignificada com o passar dos anos futuros.

Tomando novamente as palavras de Gehl (2015, p. 158), “Brincadeiras de crianças sempre foram parte integrante da vida urbana. No passado, as crianças brincavam onde os adultos trabalhavam ou realizavam suas atividades”; isso nos mostra exatamente o que acontecia nos primórdios da praça Rui Barbosa, em momento algum houve a delimitação de um espaço para as crianças, simplesmente elas brincavam no lugar onde seus pais passeavam ou iam às missas. Com isso excluimos quaisquer ideias de “parquinhos tradicionais”, pois a existência dos mesmos não é a garantia do uso, visto que muitos deles encontram-se abandonados em diversas cidades do interior paulista.

Novamente retomamos os apontamentos anteriores, para a praça ter vivacidade de grupos e usos, ela precisa proporcionar a criatividade daqueles que a visitam. Da mesma forma que o rebaixamento da altura das jardineiras podem propiciar bancos improvisados, as escadarias, rampas de acesso ou até os bancos podem se tornar brincadeiras aos olhos infantis.

Partindo desse pensamento buscamos por referências de projetos lúdicos, e os encontramos no Erê Lab, segundo sua própria homepage:

O Erê Lab é uma empresa de mobiliário urbano lúdico, criação e desenvolvimento de objetos de brincar, interagir e participar. São objetos que participam do urbanismo contemporâneo através de interações no cotidiano com design brasileiro. Com foco na infância os equipamentos são projetados a partir de estudos voltados para o desenvolvimento afetivo, motor e cognitivo.

Ainda de acordo com a homepage do Erê Lab a empresa desenvolve mobiliários para as crianças do século XXI, onde buscam por alternativas criativas para que as crianças brinquem em atividades ao ar livre ao invés de passarem longas

horas em frente à uma televisão; e também, a empresa desenvolve parâmetros para que as políticas públicas relacionadas à infância sejam melhoradas.

Dos mobiliários desenvolvidos pelo Erê Lab, um em particular nos chamou maior atenção em relação à realidade da praça Rui Barbosa, o mobiliário chamado a Montanha apresenta-se como um volume híbrido; pode ser utilizado como assento, encosto e escalada, e o material é a madeira provida de distintas espécies brasileiras (podendo ficar exposto ao sol e a chuva). A empresa tem o cuidado com a sustentabilidade, utilizando somente materiais ecologicamente corretos e madeiras certificadas ou de reaproveitamento.



Figura 116: A Montanha.
Fonte: Homepage Erê Lab.

Com referência na Montanha, propomos então, como atrativo infantil, a criação de um mobiliário exclusivo para a praça Rui Barbosa, que possa trazer o uso evidenciado pela Erê Lab e também resgatar a memória da praça; tanto para os que recordam com carinho, quanto para aqueles bauruenses que não a conhecem, possam conhecer.

O mobiliário idealizado por nós terá as características de escalada, assento e apoio, como na Montanha, no entanto, a sua forma física é um pouco diferenciada.

De forma a evidenciarmos o estudo dialógico realizado neste trabalho, onde os cronotopos apresentam-se como em uma espiral (onde a praça apresenta um início e uma infinita possibilidades de novos cronotopos), o nosso mobiliário será a própria espiral.

Na espiral da Rui Barbosa a criança poderá interagir com esse mobiliário da forma como achar mais interessante, e também poderá obter informações importantes sobre a praça desde seus primórdios, conforme Figura 117. A espiral é constituída de 7 níveis, tendo cada um deles 10 centímetros de altura, e o mobiliário uma altura total de 70 centímetros de forma a ser segura para as crianças menores.

Cada um desses degraus menciona um fato histórico sobre a praça Rui Barbosa, desde o centro da espiral (gênese), até o último degrau (proposta de requalificação) onde a criança pode observar a praça como um todo sob um ângulo mais alto. O material utilizado na concepção da espiral é da mesma procedência dos utilizados pelo Erê Lab.

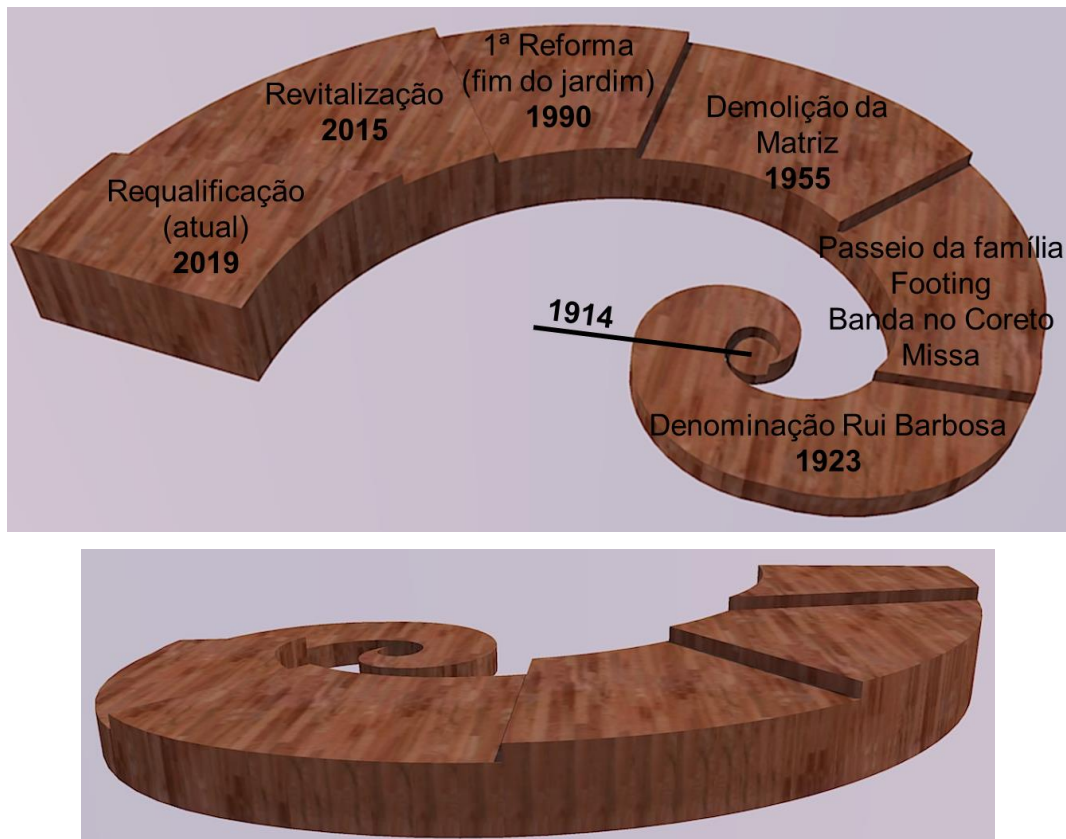


Figura 117: Espiral da Rui Barbosa.
Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

Pensando agora em atrativos para o público jovem, tomamos como referência a própria praça Rui Barbosa, na porção onde prevemos novos atrativos já existe atualmente uma grande gama de grafites, uma arte efêmera bastante interessante, que pode vir acompanhada por reivindicações contemporâneas.



Figura 118: Grafite em Árvore na praça Rui Barbosa.
Fonte: Acervo do autor, 2018.

De forma a dar espaço para os jovens bauruenses e também evidenciar essa arte contemporânea, sugerimos a implantação de murais nessa região da praça para que os jovens se sintam à vontade para seus passeios e também para se expressarem, havendo ainda a possibilidade de interação com os idosos que utilizam a praça.

Em 2018, a prefeitura de Belo Horizonte, Minas Gerais, em conjunto com grafiteiros realizou o “Mural da Gentileza”; foi um programa onde a prefeitura valorizou os idosos e a arte do grafiteiro através da produção de murais no meio urbano, conforme Figura 119. Com isso, além de propormos a existências desses murais, propomos a forma como a prefeitura de Bauru poderia direcionar esses acontecimentos.

De forma a enaltecer a arte do grafite e também a população antiga de Bauru que ainda tem muito presença na praça Rui Barbosa, a nossa proposta é que os murais abrigassem o “Mural da Gentileza” para os idosos, da mesma forma que em Belo Horizonte e o “Mural para o Grafite” onde o artista representaria aquilo de sua

escolha. Ainda de forma a ser justo com todos os artistas, seriam realizados concursos periodicamente para serem escolhidos os artistas a deixarem sua obra registrada na praça Rui Barbosa durante um período previamente estipulado.

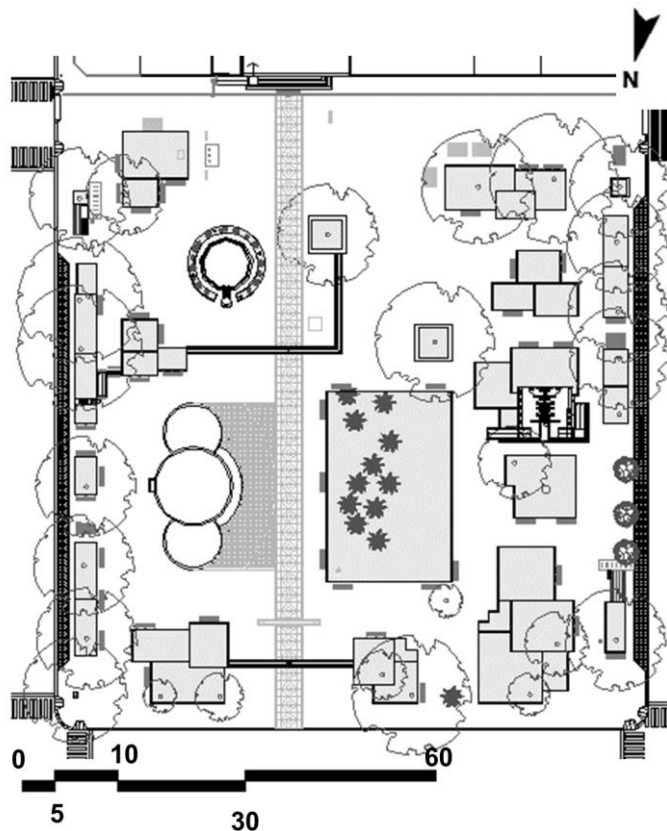


Figura 119: Mural da Gentileza em Belo Horizonte – MG.
Fonte: Homepage EM.

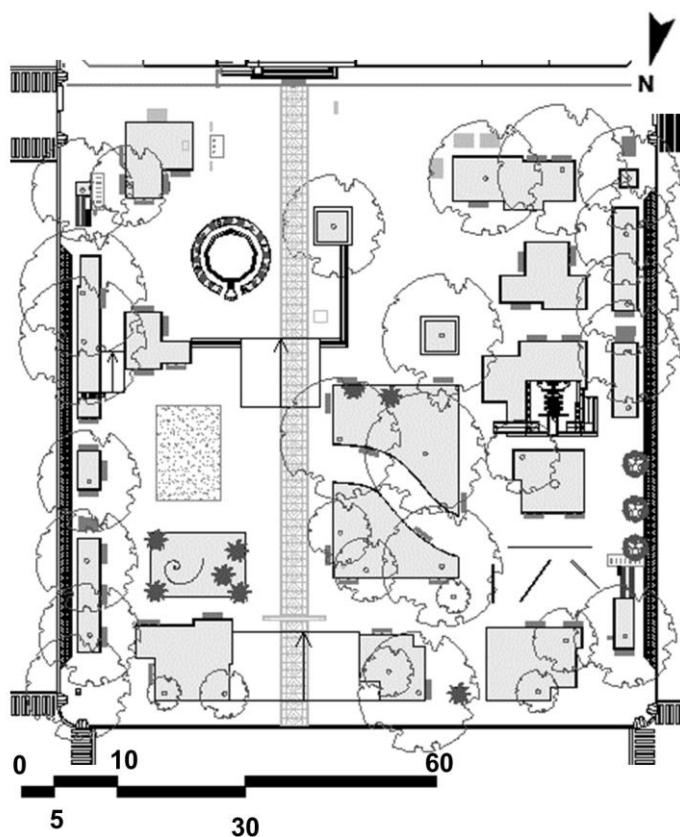
5.1.1.6 Proposta Final para a praça Rui Barbosa

Finalizando nossa proposta de prefiguração para a praça Rui Barbosa apresentamos as indicações das alterações em planta baixa, Figura 120. Ressaltamos que para a melhoria da iluminação noturna da praça os postes de iluminação pública são aumentados em quantidade, o tanto quanto necessário, levando em consideração as copas das árvores de forma que o foco de luz esteja debaixo delas de forma a não criar sombras que possam gerar medo e desconforto nos usuários.

No momento de indicarmos as propostas em planta baixa, algumas alterações não previstas anteriormente também foram necessárias, e serão melhor especificadas na Figura 121.

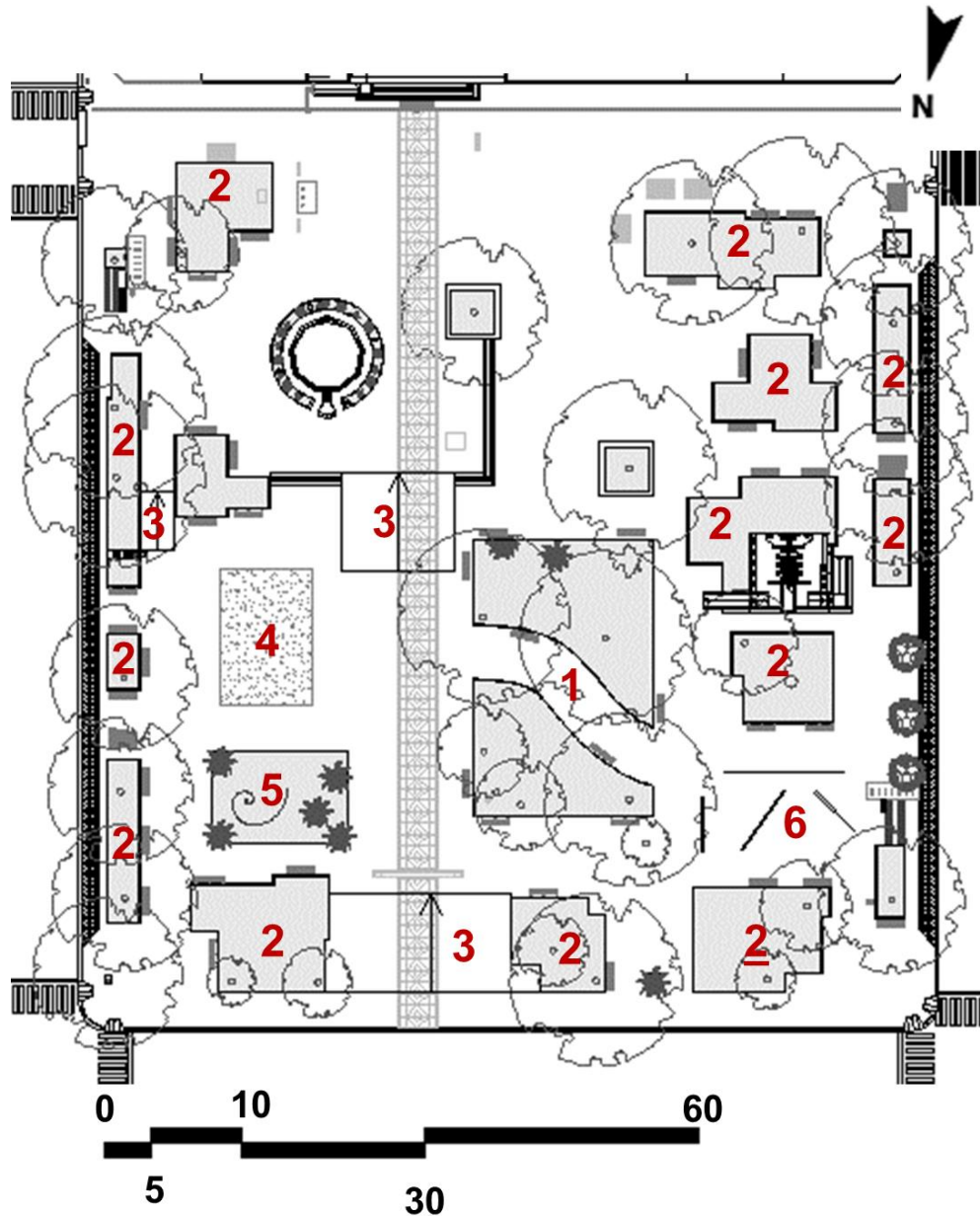


a) Praça Rui Barbosa após revitalização de 2015.



b) Praça Rui Barbosa após Proposta de Requalificação

Figura 120: Praça Rui Barbosa Atualmente (a) e Proposta de Requalificação (b).
 Fonte: a) SEPLAN, disponibilizado em 2017; b) Realizado pelo autor, 2019.



- 1 – Inserção de mais árvores e abertura do canteiro
- 2 – Rebaixamento das jardineiras elevadas: foram retiradas as divisões internas das jardineiras, de forma que o canteiro acompanha a caída do terreno, de forma a aumentar a permeabilidade visual
- 2 – Foi necessária a retirada de parte desta jardineira para dar lugar à área dos Murais para os jovens
- 3 – Foram inseridas rampas de acessibilidade, com inclinação de 8,33% (de acordo com a NBR 9050)
- 4 – Inserção da Fonte Interativa
- 5 – Inserção do mobiliário “Espiral da Rui Barbosa”: de forma a ficar mais agradável e segura para as crianças, o mobiliário em madeira foi localizado em um novo canteiro com grama e palmeiras
- 6 – Inserção dos Murais para a arte efêmera do grafite.

Figura 121: Proposta de Requalificação para a Praça Rui Barbosa.
Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

5.1.1.7 Paisagem urbana do entorno da praça

Para ainda complementarmos a nossa proposta de requalificação, além das pontuações que dizem respeito exclusivamente à praça Rui Barbosa, também indicaremos diretrizes para a paisagem urbana de entorno da praça, com base em Salcedo (2009):

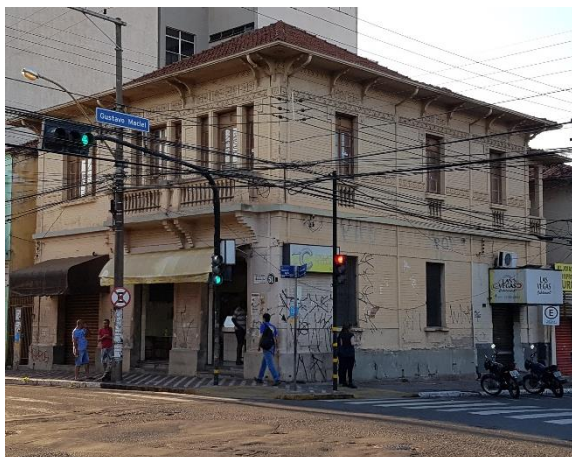
- Incentivo ao uso misto na região central de Bauru, principalmente nas imediações da praça; uma vez que a predominância dos usos é comercial, o incentivo à utilização também para residências, trará maior vivacidade a região, interferindo diretamente nos usos propostos para a praça. O incentivo ao uso misto apresenta boas chances em ser concretizado devido às características arquitetônicas já existentes na região central, onde há remanescentes de sobrados que podem abrigar comércio e serviço no térreo e residência no pavimento superior. Ressaltamos também, que muitas dessas edificações encontram-se atualmente em desuso, o que favorece ainda mais o incentivo à ocupação de uso misto. Na Figura 122 podemos visualizar alguns desses sobrados.



a) Edificação na junção das ruas Gustavo Maciel e Batista de Carvalho.



b) Edificação na rua Gustavo Maciel.



c) Edificação na junção das ruas Gustavo Maciel e 1º de Agosto.



d) Edificação na rua 1º de Agosto.



e) Edificação na junção das ruas 1º de Agosto e Antônio Alves.



f) Edificação na rua Antônio Alves.

Figura 122: Edificações nas Imedições da Praça Rui Barbosa com Potencial para Uso Misto.
Fonte: Acervo do autor, 2018.

- Permissão de comércio e serviços somente de pequeno porte, para assim “[...] satisfazer principalmente a demanda da população local e do turismo” (SALCEDO, 2009, p. 75). O comércio e serviço de pequeno porte não necessita de grandes abastecimentos realizados por meios transportes mais pesados, que podem tanto atrapalhar o fluxo do trânsito já existente na região central, como pode ser causador de desgastes nas vias e também nas edificações mais antigas.
- Proteção às edificações existentes na região central, “[...] cujas tipologias sejam significativas do ponto de vista da história, da arquitetura, da ciência, da tecnologia e da identidade” (SALCEDO, 2009, p. 77). Tal proteção é realizada pela correta conservação e restauração desses remanescentes arquitetônicos.
- Novas construções devem respeitar o contexto urbano da região central, ou seja, devem ser levadas em consideração as tipologias

existentes e os gabaritos de altura, para que as novas construções não se sobreponham as edificações já existentes, permitindo assim uma conservação da paisagem urbana central de Bauru. Sobre isso, a Recomendação de Nairóbi assim específica:

Um cuidado especial deveria ser adotado na regulamentação e no controle das novas construções para assegurar que sua arquitetura se enquadre harmoniosamente nas estruturas espaciais e na ambiência dos conjuntos históricos. Para isso, uma análise do contexto urbano deveria preceder qualquer construção nova, não só para definir o caráter geral do conjunto, como para analisar suas dominantes: harmonia das alturas, cores, materiais e formas, elementos constitutivos do agenciamento das fachadas e dos telhados, relações dos volumes construídos e dos espaços, assim como suas proporções médias e a implantação dos edifícios. Uma atenção especial deveria ser prestada à dimensão dos lotes, pois qualquer modificação poderia resultar em um efeito de massa, prejudicial à harmonia do conjunto (IPHAN, 1976, p. 9).

5.1.2 Modelo Exemplar

Neste momento de nosso trabalho apresentamos as possíveis novas unidades ambientais que podem surgir a partir de nossa proposta de requalificação, e suas interrelações, conforme Figura 123.

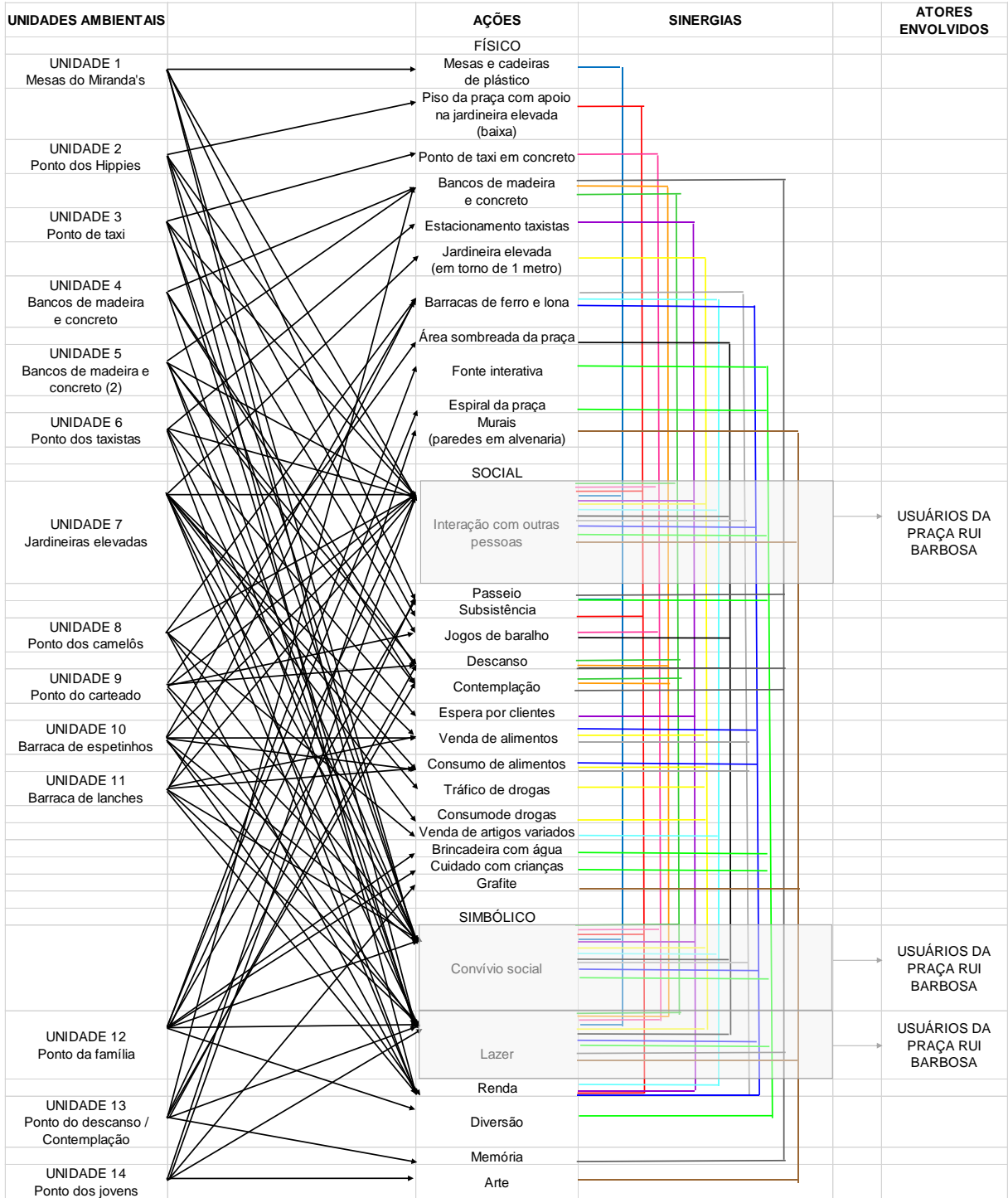


Figura 123: Mapa de Sinergias das Unidades Ambientais da Praça Rui Barbosa.
 Fonte: Realizado pelo autor, 2019.

5.1.3 Modelo de Gestão

A partir da elaboração de nossa proposta de requalificação, também realizamos um Plano de Gestão da Obra a ser seguido pela Prefeitura de Bauru, de forma a viabilizar a requalificação da praça Rui Barbosa com o menor custo possível.

5.1.3.1 *Desenvoltura com recursos captados*

Para atender a necessidade de “melhor serviço e menor preço”, no Plano de Gestão devemos orçar equipamentos e serviços de forma a atenderem as exigências da obra da melhor forma possível, dentro do menor prazo possível. Para tanto, prezamos pela reutilização de materiais o máximo possível, visando a sustentabilidade e menor desperdício. Pesquisamos minuciosamente as empresas fornecedoras de materiais, evitando que aconteça imprevistos nas entregas e consequentes atrasos; o que reflete na planilha orçamentária da obra.

5.1.3.2 *Planejamento prévio de todas as etapas da obra*

O planejamento das etapas da obra é o que norteia toda a obra de requalificação da praça Rui Barbosa, servindo de parâmetro para a elaboração de um cronograma para término de cada serviço, colaborando assim para que não haja atrasos ou eventos inesperados.

As etapas aqui previstas são:

- Eficiência na elaboração de canteiro de obras, de forma a otimizar circulação de funcionários, materiais e realização dos serviços.
- Alojamento possíveis contratados vindos de fora, de forma confortável e saudável.
- Garantir a boa relação entre todos os profissionais envolvidos na realização de um mesmo serviço.
- Garantir a segurança do bem imóvel em questão (praça Rui Barbosa), e também de todos os funcionários.
- Ater-se ao cronograma estipulado, evitando desperdício de recursos.

5.1.3.3 *Escolhas de pessoal especializado*

Caso a Prefeitura de Bauru não tenha em seu corpo de funcionários profissionais técnicos nas áreas necessárias para a requalificação da praça, a procura e contratação de bons profissionais deve ser prevista em cronograma e em planilha orçamentária.

Ao longo de toda esta pesquisa já entendemos a necessidade de se efetuar os serviços de obras com uma equipe que abranja diversas áreas de saberes. Os saberes técnicos previstos para essa requalificação em um primeiro momento são: conhecimentos em plantas e paisagismo; conhecimento em estruturas e movimentação de terra; conhecimentos sobre normas técnicas de acessibilidade e legislação sobre Bauru; conhecimento técnico específico sobre fontes interativas; conhecimento sobre marcenaria; e conhecimentos sobre construção em geral (realização de argamassa, assentamento de tijolos, aplicação de reboco, etc.).

5.1.3.4 *Ensinamentos em canteiro de obras e fiscalização constante*

Toda equipe responsável por uma obra é composta por um grande número de profissionais, estando eles categorizados do mais alto ao mais baixo grau de conhecimento sobre o próprio serviço que irá realizar. Devido ao alto custo em se contratar todos os profissionais com o mais alto nível de instrução, prevemos a contratação de pelo menos um profissional de cada setor técnico específico.

Os demais contratados são profissionais ainda em fase de aprendizados, que podem aproveitar a oportunidade de trabalho para aprender com os demais; estando a obra assim caracterizada por uma ajuda mútua, ao mesmo tempo que o orçamento fica mais baixo com profissionais com menor especialização, os mesmos têm a oportunidade de ter um trabalho e adquirir conhecimento.

5.1.3.5 *Saúde, conforto e segurança*

No Plano de Gestão da Obra visamos informar diariamente aos funcionários sobre a necessidade da limpeza do local da obra para a saúde comum dos envolvidos; os funcionários também são instruídos, no mínimo uma vez por semana, sobre a utilização dos equipamentos de proteção individuais e coletivos, sobre a manutenção

e utilização de ferramentas e demais utensílios de canteiro de obras, prezando assim pela segurança de todos.

Para os funcionários que permanecem no local da obra durante o período das refeições e descanso, prevemos a existência de área específica, sempre tendo água potável disponível, boa limpeza e localizado à sombra. Todas essas especificações decorrerão exatamente como o estipulado na Norma Regulamentadora NR-18 (Condições e Meio Ambiente de Trabalho na Indústria da Construção).

5.1.3.6 *Educação patrimonial*

Como a praça Rui Barbosa é um espaço que vivenciou o pouco respeito com suas características originais, características essas que poderiam ter a classificado como um patrimônio municipal de Bauru nos dias de hoje, aproveitamos a oportunidade para realizar ensinamentos básicos sobre a educação patrimonial para os próprios profissionais envolvidos na obra de requalificação. Nosso intuito aqui é que o zelo e respeito pelo patrimônio arquitetônico se inicie por aqueles que o detém literalmente em suas mãos.

O Plano de Gestão da Rui Barbosa ainda apresenta uma abertura para possível expansão, independente do cronograma da obra, onde a educação patrimonial é levada para a sociedade bauruense, apresentando a Rui Barbosa como um dos pontos históricos importantes para Bauru.

5.1.3.7 *Divulgação da obra*

De maneira a deixarmos a população intimamente relacionada à praça Rui Barbosa, despertando a curiosidade e sentimento de pertencimento a esse antigo patrimônio de Bauru, prevemos a ampla divulgação do projeto a ser desenvolvido na mesma e também a divulgação dos dados técnicos e fotográficos ao término de cada etapa da obra.

Também prevemos no Plano de Gestão a permissão da entrada de visitantes com datas previamente anunciadas e sob agendamento com a supervisão de quaisquer dos responsáveis técnicos; podendo estas visitas serem realizadas por entidades ou pela população interessada.

5.1.3.8 *Registros digitais e físicos*

O último ponto previsto no Plano de Gestão é a elaboração contínua de registros da obra, sendo eles digitais ou físicos, apresentando todas as informações do “antes”, “durante” e “após”.

Ressaltamos também que toda essa documentação é de utilidade pública, podendo ficar ao fácil acesso da população bauruense para futuras pesquisas ou até mesmo interesses pessoais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término de nossa pesquisa em relação à praça Rui Barbosa, em Bauru – SP temos a identificação dos ambientes físico, social e simbólico da mesma, em seus diversos cronotopos (primeiro cronotopo de 1914 a década de 1970; segundo cronotopo década de 1980 a 1990; terceiro cronotopo década de 1990 a 2014; quarto cronotopo 2015 a 2019); a realização das interrelações desses mesmos ambientes no cronotopo atual; a identificação das unidades ambientais da praça também atualmente; e por fim, as diretrizes de requalificação para mesma. Com isso, conseguimos afirmar que atendemos aos objetivos propostos no início desta pesquisa: identificar os ambientes físico, social e simbólico, e suas interrelações (conflitivas ou harmoniosas) da praça Rui Barbosa em Bauru, estado de São Paulo, na contemporaneidade, de forma a propor diretrizes projetuais para sua regeneração.

Com a escolha do método do urbanismo ambiental hermenêutico, conseguimos atender especificamente o objetivo aqui delimitado, primeiramente, com uma pesquisa em diversos acervos e leituras sobre a história e crescimento de Bauru, pudemos conhecer e entender como surgiu o município e então a própria praça Rui Barbosa. Com o conhecimento de sua gênese, em 1914, conseguimos supor o possível projeto implementado na mesma (cenário físico) através de informações de documentos escritos e fotos antigas; pudemos conhecer quais atividades sociais se desenvolviam no local nesse primeiro cronotopo (ambiente social), e por mais que não tenhamos acesso direto ao ambiente simbólico da gênese da praça, pudemos encontrar recortes de jornais com relatos de pessoas que viveram nessa época e sentem imenso carinho pelo então chamado “jardim”, o que nos revela uma forte identidade da população bauruense com a gênese da praça Rui Barbosa.

Já em relação ao segundo cronotopo da praça, temos somente informações de alterações que acometeram a praça em suas características físicas de acordo com documentos escritos, não sendo possível a identificação precisa dessas alterações em um projeto, e nem mesmo as alterações em relação aos ambientes social e simbólico. Prosseguindo, foi no terceiro cronotopo que visualizamos uma grande mudança na praça, com uma remodelação do projeto da mesma; onde foi mantido somente o coreto. Em tal remodelação (cenário físico) pudemos ver a inserção de jardineiras elevadas, a realização de platôs no desnível geral da praça, a retirada dos lagos para inserção de uma fonte, a diminuição da vegetação e aumento do

“concreto”, como dizem alguns bauruenses. Aferimos também que o ambiente simbólico da população bauruense em relação à praça, em 1990, não foi levada em consideração no momento da realização dessa remodelação, o que causou descontentamento em grande parte da população; as atividades sociais que passaram a ser desenvolvidas na praça após a implementação do novo projeto também não puderam ser encontradas em documentações.

Finalizamos a identificação dos cronotopos com o quarto deles, entre 2015 e 2019, sendo 2015 o ano em que a Prefeitura Municipal realizou uma revitalização da praça com o intuito de preservá-la, já que mobiliários e pisos já se encontravam em um estado de degradação. Aqui pudemos ter acesso ao projeto de revitalização realizado pela Seplan, onde identificamos a única alteração física sendo a inserção de um canteiro verde na área defronte à fonte, de forma a aumentar a vegetação da praça, neste momento, conseguimos realizar um levantamento detalhado em relação aos equipamentos e mobiliários e em relação à vegetação; com a avaliação qualitativa (Tabela 7) podemos perceber que em uma média geral a praça encontra-se num nível regular, no entanto, nos quesitos iluminação, permeabilidade visual e conforto ambiental, o nível está entre ruim e péssimo.

Sobre as atividades sociais que acontecem na praça atualmente, também pudemos realizar observações detalhadas nos períodos da manhã, tarde e noite, identificando os diferentes grupos sociais que utilizam o espaço e as respectivas atividades realizadas por eles. Aqui identificamos as áreas onde acontecem as maiores permanências de pessoas ao longo do dia e início da noite (Figura 65), ou seja, os lugares onde a convivência entre os diversos grupos sociais se dá de forma mais harmoniosa; e também identificamos os lugares onde a permanência de pessoas é mais restrita, gerada por uma situação conflitiva, prioritariamente causada pelos usuários de drogas e traficantes que acabam por expulsar os demais usuários da praça de determinadas localidades da mesma.

E para a identificação do ambiente simbólico, tivemos nossa pesquisa aprovada em comitê de ética para a realização de questionários com a população, com o intuito de conhecermos exatamente quais as relações da população com a praça. Nos questionários buscamos conhecer os motivos da população frequentar ou não a praça atualmente e antes da reforma inaugurada em 1992, assim como os motivos da praça agradar ou não tanto atualmente como antes de 1992. Com o questionário fica claro que a reforma desagradou grande parte da população

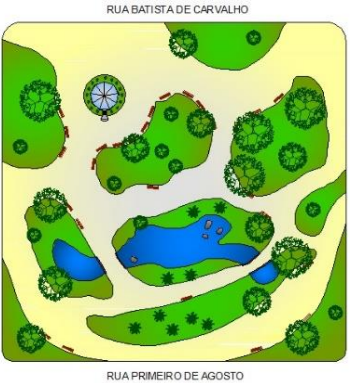
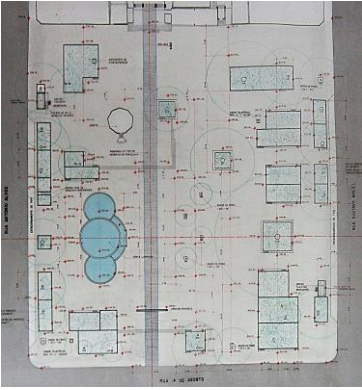
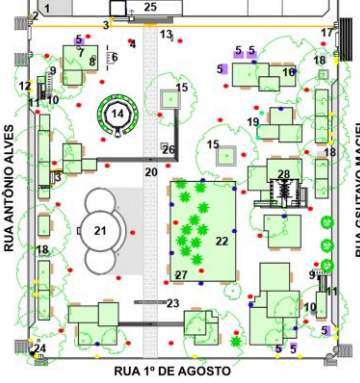



bauruense, como podemos ver através das respostas de 63% dos participantes NÃO frequentarem a praça atualmente e 62% dos participantes SIM frequentavam a praça quando ainda existiam os lagos. Os motivos em não frequentar a praça atualmente são diversos, mas o mais relevante atualmente é a periculosidade existente no local. Outra informação bastante marcante foi a pergunta sobre a agradabilidade da praça atualmente e antes de 1992, atualmente 84% dos participantes da pesquisa NÃO gostam da configuração da praça, e com a existência dos lagos, obtivemos 100% das respostas favoráveis ao cenário existente.

Com os questionários ainda buscamos pela identidade dos bauruenses em relação a praça Rui Barbosa, perguntamos o que o lugar representa para as pessoas, com isso obtivemos respostas com conotações positivas e negativas; as respostas com conotações positivas, em sua grande maioria, foram condizentes com a configuração de antigamente, enquanto que todas as respostas de conotação negativa referiram-se a configuração atual da praça. E por fim, já de maneira a nortear nossa futura proposta de requalificação da praça, buscamos as expectativas da população para a mesma, assim pudemos identificar como as respostas mais pedidas a existência de mais árvores, ter mais segurança no local e receber uma revitalização histórica.

Diante disso pudemos concluir que a nossa hipótese, delineada no início de nossa pesquisa, é verdadeira, a praça Rui Barbosa de fato perdeu seu uso e função originais em decorrência de diversas modificações que aconteceram com o passar dos anos, sem que estas fossem necessariamente condizentes com os interesses da população usuária do espaço público de Bauru, o que levou a degradação do mesmo. Na Tabela 34, retomamos os principais cronotopos da praça, de forma a relembrarmos tais modificações.

Com todas essas informações fomos capazes então de realizarmos o mapa heurístico da praça, onde apresentamos as problemáticas emergentes atualmente e as interrelações dos ambientes físico, social e simbólico neste cronotopo contemporâneo. E a partir deste mapa, damos sequência ao desenvolvimento do método proposto, com a realização de matrizes que reafirmam e detalham as interrelações dos três ambientes mencionados, que nos levam a identificação das unidades ambientais da praça Rui Barbosa.

Tabela 34: Síntese dos Cronotopos da Praça Rui Barbosa.

GÊNESE 1914	1990 – 2014	2015 – 2019
 <p>Fonte: Realizado pelo autor, 2018.</p>	 <p>Fonte: SEPLAN; disponibilizado em 2017.</p>	 <p>Fonte: SEPLAN, disponibilizado em 2017; editado por Fernandes, 2018.</p>
 <p>Fonte: Acervo Fotográfico NUPHIS/USC; código: 01363 Av.</p>	 <p>Fonte: Acervo NUPHIS/USC; código: 00188 Av.</p>	 <p>Fonte: Acervo do autor, 2017.</p>

São as unidades ambientais os “lugares” da praça que representam a situação de maior coincidência entre aspectos sócio-simbólicos, simbólico-físicos e sócio-físicos; dessa forma identificamos 11 unidades ambientais existentes atualmente na praça, devidamente detalhadas a partir de informações sobre seus aspectos físico, social e simbólico, são elas: Mesas do Miranda's; Ponto dos “hippies”; Ponto de taxi; Bancos de madeira e concreto (1); Bancos de madeira e concreto (2); Ponto dos taxistas; Jardineiras elevadas e proximidades; Ponto dos camelôs; Ponto do carteado e passeio; Barraca de espetinhos; Barraca de lanches.

Após este momento, com a nossa pesquisa apropriadamente realizada, descrita e documentada, nos direcionamos aos parâmetros de requalificação, onde apresentamos algumas propostas, identificadas como ideais, para a melhora geral da utilização da praça, sendo elas: aumento da área verde, retirada das jardineiras elevadas, melhoria na acessibilidade, permuta da fonte luminosa por fonte interativa, atrativos para a família através da inserção de mobiliário infantil, atrativo para os

jovens através da inserção de um Mural para Grafite, e diretrizes para conservação da paisagem urbana do entorno da praça.

Com isso, apresentamos uma prefiguração esquemática em planta baixa das diretrizes para a requalificação da Rui Barbosa, e na sequência, elaboramos o modelo exemplar, ou seja, onde identificamos as unidades ambientais existentes e suas interrelações (físicas, sociais e simbólicas) com a adição das possíveis novas unidades ambientais a surgirem a partir da proposta de requalificação, sendo elas: Ponto da família; Ponto do descanso / Contemplação; Ponto dos jovens.

Ainda nos tratando da proposta de requalificação da Rui Barbosa, para finalizá-la, elencamos diretrizes para um modelo de gestão da obra de requalificação a ser seguido pela Prefeitura Municipal, onde citamos: desenvoltura com recursos captados; planejamento prévio de todas as etapas da obra; escolhas de pessoal especializado; ensinamentos em canteiro de obras e fiscalização constante; saúde, conforto e segurança; educação patrimonial; divulgação da obra; registros digitais e físicos.

Sempre são de muita estima todos os estudos dentro do campo da arquitetura e urbanismo que buscam o passado de forma a compreender o presente e nortear o futuro. E não poderia ter sido de menos valia toda esta pesquisa aqui apresentada sobre a grande contribuição dos conceitos referentes à Arquitetura Dialógica e ao método desenvolvido sobre o Urbanismo Ambiental Hermenêutico. Ao longo da pesquisa, em especial com o resultado dos questionários aplicados, notificamos um grande descontentamento da população bauruense em relação às condições atuais da praça Rui Barbosa, no entanto, a praça ainda é um símbolo da história de Bauru, extremamente vivo na memória e na identidade de muitas pessoas, o que muito contribui para que ela permaneça resistindo às investidas dos processos de degradação que surgiram e surgem com o decorrer do tempo.

Acreditamos que nossa pesquisa muito tem a contribuir para o percurso futuro da praça Rui Barbosa, e também para demais localidades (de Bauru ou demais cidades) que vivenciaram os mesmos processos de degradação e desrespeito com o patrimônio arquitetônico original. Concluímos também com essa pesquisa, a complexa e importante função que o ambiente simbólico apresenta para nossas sociedades, tanto para desenvolvimentos primários de aprender a andar, falar, morar, como de se relacionar com o outro, de convivermos em meio à diversas culturas, costumes, crenças e saberes. E entendemos que este ambiente intangível é o que nos direciona

como seres humanos aos ambientes mais “palpáveis” como o físico e o social; nossa arquitetura, nossas casas, nossas cidades, nosso convívio social são reflexos de nosso mundo simbólico, de nosso mundo das ideias; todos eles envoltos e entrelaçados pela nossa cultura.

Mais profundamente ainda, nos abstendo um pouco do ponto principal desta pesquisa, concluímos como o estudo da arquitetura é multifacetado, de forma que precisamos conhecer diversas áreas do saber para entendermos um pouco mais sobre a arquitetura. Indo um pouco além, pois ainda resta a dúvida: há o conhecimento pleno da arquitetura? Acreditamos que esta resposta seja algo para uma segunda reflexão e pesquisa, porém deixamos aqui nosso questionamento.

Enfim, retomando nossas considerações finais a respeito da praça Rui Barbosa, findamos que a identificação das unidades ambientais nos revelam uma característica bastante marcante da vida que há no local, e com isso, facilmente conseguimos reconhecer algumas possíveis unidades ambientais faltantes que nortearam a nossa proposta de requalificação para a praça.

Rematando nossa pesquisa, acreditamos na viabilidade de mudanças físicas e sociais de forma que o simbolismo da Rui Barbosa seja mantido e ressignificado; com isso esperamos ter contribuído para o crescimento dos conhecimentos científicos e técnicos acerca dos estudos da arquitetura, neste caso em especial, da arquitetura de espaços públicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEX, Sun. **Projeto da Praça**: convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

ANGELIS, Bruno Luiz Domingos de; ANGELIS NETO, Generoso de. Os elementos de desenho das praças de Maringá-PR. In: Acta Scientiarum, n. 22, 200. **Periódico**. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciTechnol/article/view/3103/2230>> Acesso em: 20 jan. 2018.

ANGELIS, Bruno Luiz Domingos de; CASTRO, Rosana Miranda de; ANGELIS NETO, Generoso de. Metodologia para levantamento, cadastramento, diagnóstico e avaliação de praças no Brasil. In: Engenharia Civil – UM, n. 20, 2004. **Revista**. Disponível em: <<http://www.civil.uminho.pt/revista/artigos/Num20/Pag%2057-70.pdf>> Acesso em: 20 jan. 2018.

BAKHTIN, Mikhail. Forms of time and of the chronotope in the novel. In:_____. **The Dialogic Imagination: four essays**. Tradução Caryl Emerson e Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, [1975] 1988, p. 84-258.

_____. O espaço e o tempo. In:_____. **Estética da criação verbal**. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 243-276.

BARROS, Rejane Cristina da Silva. Sociabilidade em Espaços Públicos: um estudo de caso da Praça da República e da Praça Alencastro na cidade de Cuiabá-MT. In: XVI Encontro Nacional dos Geógrafos, 2010, Porto Alegre. **Anais**. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/245308470/Sociabilidade-Em-Espacos-Publicos>> Acesso em: 22 ago. 2018.

IPHAN (Cartas Patrimoniais). **Carta de Burra**, 1980. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Burra%201980.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

IPHAN (Cartas Patrimoniais). **Declaração do México**: conferência mundial sobre as políticas culturais, 1985. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declaracao%20do%20Mexico%201985.pdf>>. Acesso em: 10 de ago. 2018.

IPHAN (Cartas Patrimoniais). **Recomendação de Nairóbi**. nov. 1976. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20de%20Nairobi%201976.pdf>> Acesso em: 14 mar. 2019.

IPHAN (Cartas Patrimoniais). **Recomendação Europa**. 11 set. 1995. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20Europa%201995.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2018.

IPHAN (Cartas Patrimoniais). **Recomendação Paris Paisagens e Sítios**, 12 dez. 1962. Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20de%20Paris%201962.pdf>> Acesso em: 13 fev. 2019.

CARVALHO, Pompeu Figueiredo de; FRANCISCO, José; BRAGA, Roberto. Revitalização de Praças e Jardins nas Áreas Centrais de Cidades Médias Paulistas. In: II ENCONTRO ASSOCIOAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE, 2004, Indaiatuba-SP. **Anais eletrônicos**. Disponível em:
<http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT14/carvalho_et_alii.pdf>
Acesso em: 19 jun. 2017.

CASÉ, Paulo. **A Cidade Desvendada**: reflexões e polêmicas sobre o espaço urbano: seus mistérios e fascínios. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

CASTRO, Ellen Beatriz Santos Fonseca de Castro. **Genocídio Velado**: trajetória da EFNOB e perspectivas para o patrimônio industrial ferroviário. 2016. 173f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru.

CHAUI, Marilena. A memória. In: _____. **Convite à Filosofia**. 13 ed. São Paulo: Editora Ática, 2009. p. 138-142.

EMDURB, Empresa Municipal de Desenvolvimento Urbano e Rural de Bauru. **Plano de Transporte Coletivo de Bauru – PTC Bauru**: Relatório do Plano Estratégico, 2014. Disponível em:
<<https://www.emdurb.com.br/NET/coletivo/planotransporte/Plano%20Estrategico.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

ESPÓSITO-GALARCE, Fernando. La dialogía como un acto de interpretación arquitectónica. **Arquiteturarevista**, Valparaíso, vol. 9, n. 1, p. 37-47, 2013. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/arquitetura/article/view/arq.2013.91.04>>
Acesso em: 11 ago. 2018.

GEHL, Jan. **Cidades para Pessoas**. Tradução Anita Di Marco. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GHIRARDELLO, Nilson. **Aspectos do Direcionamento Urbano da Cidade de Bauru**. 1992. 187f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Escola de Engenharia, Universidade de São Paulo, São Carlos.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. Os Elementos Morfológicos do Espaço Urbano. In: _____. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014. p. 79-110.

LE GOFF, Jaques. Memória. In: _____. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 423-483. Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>>
Acesso em: 21 ago. 2018.

LING, Anthony. **Guia da gestão urbana**. São Paulo: BEI, 2017. Disponível em: <<https://caosplanejado.com/guia/>> Acesso em: 08 de out. 2018.

MAGNAGHI, Alberto. **El Proyecto Local**: hacia una conciencia del lugar. Barcelona: Edicions UPC, 2011.

MARX, Murilo. As praças. In:_____. **Cidade Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1980. p. 49-57.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História Cativa da Memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista Inst. Est. Bras.**, São Paulo, vol. 34, p. 9 – 24, 1992. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4182921/mod_resource/content/2/Meneses%2C%20Ulpiano%20Bezerra%20de-AHistoriaCativadaMemo%CC%81ria%3F.pdf> Acesso em: 12 fev. 2017.

MUNTAÑOLA, Josep. **La arquitectura como lugar**. 1995. Disponível em: <<http://home.fa.utl.pt/~al7531/pedidos/livros/Muntanola-Thornberg-La-Arquitectura-Como-Lugar.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

_____. Hacia una aproximación dialógica a la arquitectura contemporánea. **ARQUITECTONICS: arquitectura e dialogía**, Barcelona, n. 13, p. 63-76, 2006.

_____. **Tpogénesis**: fundamentos de una nueva arquitectura. Barcelona: Edicions UPC, 2009.

_____. El paisaje cultural como paisaje dialógico: una arquitectura hacia el futuro. **AE... Revista Lusófona de Arquitectura e Educação**, n.4, p. 5-19, 2010.

_____. El diálogo entre proyecto y lugar: un reto para la arquitectura del siglo XXI. **CPA_02 El lugar**, p. 33-38, 2011.

PALLASMAA, Juhani. **Os Olhos da Pele: a arquitetura e os sentidos**. Tradução Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PERTEGÀS, Sergi Valera. Identidad y significado del espacio urbano desde una perspectiva psicosocioambiental: nuevo espacio público y nuevos retos sociales. In: MUNTAÑOLA, Josep. **Arquitectonics**: Hacia un Urbanismo Alternativo. Barcelona: Edicions UPC, 2010, p. 125-136.

PINTO, Fábio Negrão Figueira. **Espaço Público – Paisagem Urbana**: a transformação do espaço público em Bauru – da cultura ferroviária para a cultura de metrópole. 1997. 169f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Poéticas Visuais) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru.

RAPOPORT, Amos. **Cultura, Arquitectura y Diseño**. Barcelona: Edicions UPC, 2013.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/SerPesDoc1_PaisagemCultural_m.pdf> Acesso em: 20 mar. 2018.

RICOEUR, Paul. Arquitectura y narrativa. **ARQUITECTONICS: arquitectura y hermenêutica**, Barcelona, n. 4, p. 9-29, 2002.

_____. **Conferência: Memória, história, esquecimento**. In: HAUNTING MEMORIES? HISTORY IN EUROPE AFTER AUTHORITARIANISM, 2003, Budapeste. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/16458142/paul-ricoeur-memoria-historia-esquecimento>> Acesso em: 16 ago. 2018.

ROBBA, Fabio; MACEDO, Silvio Soares. Formação e evolução das praças no Brasil. In: _____. **Praças Brasileiras**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003, p. 13-50.

RUSKIN, John. **A Lâmpada da Memória**. Tradução e apresentação Maria Lucia Bressan Pinheiro; revisão Beatriz e Gladys Mugayar Kühl. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2008.

SACEDO, Rosío Fernández Baca. Reflexões sobre os critérios para a reabilitação da residência como instrumento de salvaguarda dos centros históricos de Cusco e Ouro Preto. In: _____. **A reabilitação da residência nos centros históricos da América Latina: Cusco (Peru) e Ouro Preto (Brasil)**. São Paulo: Editora UNESP, 2007. p. 233-245.

_____. Recomendações para salvaguarda do patrimônio arquitetônico e urbano nos centros históricos. In: FONTES, Maria Solange Gurgel de Castro; CONSTANTINO, Norma Regina Truppel; BITTENCOURT, Luiz Cláudio. **Arquitetura e Urbanismo: novos desafios para o século XXI**. Bauru, SP: Canal 6, 2009. p. 69-82.

SALCEDO, Rosío Fernández Baca; CHAMMA, Paula Valéria Coiado; MARTINS, Juliana Cavalini; PAMPANA, Antônio. Arquitetura Dialógica no Contexto do Centro Histórico: o Método. In: PASCHOARELLI, Luiz Carlos; SALCEDO, Rosío Fernández Baca (organizadores). **Interação: panorama das pesquisas em Design, Arquitetura e Urbanismo**. Bauru, SP: Canal 6, 2015. p. 227-237.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa Howard de. Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados. In: _____. **Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados**. 2 ed. Barueri, SP: Manole, 2009. p. 1-51.

VOLPATO, Gilson; BARRETO, Rodrigo. **Elabore projetos científicos competitivos**. Botucatu: Best Writting Editora, 2014.

ZÁRATE, Marcelo. **Urbanismo Ambiental Hermenéutico**: una estrategia dialógica y sociofísica de conocimiento proyectual para un urbanismo ambiental alternativo. 2014. 190f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidad Politécnica de Cataluña, Barcelona.

_____. Culturalismo y ambientalismo: una dialogia cognoscitiva fecunda para un urbanismo ambiental alternativo. In:_____. **Urbanismo Ambiental: la construcción de una perspectiva cognoscitiva alternativa**. 1 ed. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 2015a, p. 13-73.

_____. La ciudad y sus lugares: una fragmentación holográfica de ambientes múltiples. In:_____. **Urbanismo Ambiental: la construcción de una perspectiva cognoscitiva alternativa**. 1 ed. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 2015b, p. 127-145.

_____. El lugar urbano deconstruido en correspondencias y congruencias entre mente-territorio-sociedad. In:_____. **Urbanismo Ambiental: la construcción de una perspectiva cognoscitiva alternativa**. 1 ed. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 2015c, p. 147-163.

_____. Las problemáticas urbanas desde el lugar: a) el caso de La Baulera b) el caso del barrio Nuevo Horizonte. In:_____. **Urbanismo Ambiental: la construcción de una perspectiva cognoscitiva alternativa**. 1 ed. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 2015d, p. 233-281.

_____. **Minicurso El Lugar Urbano como Estrategia de Conocimiento Proyectual en Urbanismo**, Bauru-SP: Unesp, 2018.

ACERVOS CONSULTADOS

Jornal Bauru Ilustrado

Bauru aguarda, ansiosa, o retorno do novo Automóvel Clube. **Bauru Ilustrado**, n. 129, 1987.

Vamos salvar a praça Rui Barbosa? **Bauru Ilustrado**, n. 165, 1990.

Passeios de barco na praça Rui Barbosa. **Bauru Ilustrado**, n. 194, 1992.

Volto ao jardim e me fixo nos domingos. **Bauru Ilustrado**, n. 205, 1993.

A revolta das andorinhas. **Bauru Ilustrado**, n. 212, 1994a.

Nossa Capa. **Bauru Ilustrado**, n. 213, 1994b.

Jornal da Cidade

TONELLI, Marcele. O dia e a noite na Praça Rui Barbosa. **Jornal da Cidade**, 11 mar. 2018.

Núcleo de Pesquisa e História da Universidade do Sagrado Coração (NUPHIS / USC)

Acervo Fotográfico

A partir da praça, vai ser retomado plano do “calçadão”. **Diário de Bauru**, 9 dez. 1990. Referência: PASTA M02, doc. 108.

PASTA MISCELÂNIA. Remodelação da praça será inaugurada hoje, 24 ago. 1986. Referência: PASTA M02, doc. 108.

PELEGRINA, Gabriel Ruiz. Reminiscências, 28 ago. - 3 set. 1967. Referência: GRP – 736; P. 23.

_____. Síntese cronológica de datas históricas do nosso município. **Jornal da Cidade**, Bauru, 2 abr. 1978a. Referência: GRP – 309; P. 11.

_____. A participação da Igreja nos primórdios de Bauru. **Jornal da Cidade**, Bauru, 18 jun. 1978b. Referência: GRP – 177; P. 07.

_____. Ainda nos primórdios da Igreja em nossa cidade. **Jornal da Cidade**, Bauru, 25 jun. 1978c. Referência: GRP – 178; P. 07.

_____. Os 3 pontos intocáveis da praça Rui Barbosa. **Jornal da Cidade**, Bauru, 1 ago. 1986. Referência: GRP – 607; P. 21.

_____. Exaltação de João Maringoni, no cinquentenário de Bauru. **Jornal da Cidade**, Bauru, jul. 30 jul. 1989. Referência: GRP – 28; P. 02.

_____. Manoel Bento da Cruz e a praça Rui Barbosa (III). **Jornal da Cidade**, Bauru, 11 nov. 1990a. Referência: GRP – 527; P. 18.

_____. A inauguração do Jardim da praça Rui Barbosa (VII). **Jornal da Cidade**, Bauru, 9 dez. 1990b. Referência: GRP – 531; P. 18.

_____. A Praça Rui Barbosa e seus numerosos nomes (VIII). **Jornal da Cidade**, Bauru, 16 dez. 1990c. Referência: GRP – 532; P. 18.

_____. Rui Barbosa, patrono de nossa principal praça (IX). **Jornal da Cidade**, Bauru, 23 dez. 1990d. Referência: GRP – 533; P. 18.

_____. A praça de mil e uma utilidades (X). **Jornal da Cidade**, Bauru, 30 dez. 1990e. Referência: GRP – 534; P.18.

_____. As grandes quermesses na praça XII. **Jornal da Cidade**, Bauru, 13 jan. 1991a. Referência: GRP – 536; P. 18.

_____. Heitor de Andrada Campos. **Jornal da Cidade**, Bauru, 3 mar. 1991b. Referência: GRP – 544; P. 18.

_____. O jardim dos namorados e dos amigos. **Jornal da Cidade**, Bauru, 17 mar. 1991c. Referência: GRP – 545; P.18.

_____. Finalmente, o novo jardim. **Jornal da Cidade**, Bauru, 6 abr. 1991d. Referência: GRP- 547; P. 18.

Reforma da Praça Rui Barbosa vai custar Cr\$50 mi. **Jornal da Cidade**, 6 dez. 1990. Referência: PASTA M06, doc. 142.

Secretaria Municipal de Planejamento de Bauru (SEPLAN)

HOMEPAGES ACESSADAS

CATÁLOGO DE ARQUITETURA. Apresenta informações sobre fontes interativas. Disponível em: <<http://catalogodearquitetura.com.br/petro-fontes.html>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

EM. Apresenta notícia sobre o Mural da Gentileza em Belo Horizonte. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/09/02/interna_gerais,985479/mural-da-gentileza-grafiteiros-usam-arte-para-valorizar-populacao-ido.shtml>. Acesso em: 15 fev. 2019.

ERÊ LAB. Apresenta a empresa Erê Lab e seus produtos. Disponível em: <<http://www.erelab.com.br/>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

ESCOLAS. Apresenta dados sobras escolas públicas e privadas em Bauru. Disponível em: <<http://www.escolas.inf.br/sp/bauru>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

ESQUINA. Apresenta informações de fonte interativa proposta pelo escritório de arquitetura Nitsche para a Avenida Paulista. Disponível em: <<http://www.esquina.net.br/2018/11/22/escritorio-nitsche-cria-fontes-que-saltam-sobre-o-asfalto-da-paulista/>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS – SEADE. Apresenta dados sobre o município de Bauru. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

PETRO FONTE. Apresenta a Empresa Petro Fontes. Disponível em: <<https://www.petrofontes.com.br/>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO. Apresenta o Plano Diretor Participativo de Bauru. Disponível em: <<http://sites.bauru.sp.gov.br/planodiretor/default.aspx>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

PREFEITURA DE BAURU. Apresenta dados sobre o município de Bauru. Disponível em: <<http://www2.bauru.sp.gov.br/>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

IMAGEM EM MOVIMENTO

THE SOCIAL LIFE OF SMALL URBAN SPACES. Direção de William H. Whyte, Nova Iorque, 1980. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2089178>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

ANEXOS

ANEXO 1

Tabela 35: Ficha de Identificação da praça.

Nome da Praça:					
Cidade / Estado:				Data:	
Forma Geométrica:	Quadrangular	Circular	Retangular	Outra:	
Conformação da praça:	1 via	2 vias	3 vias	4 vias	5 vias
Topografia:	Plana	Platôs	Declive	Outra:	
Traçado dos caminhos:	Linear	Curvo	Radial	Segmentado	

Fonte: Realizado pelo autor, 2018.

ANEXO 2

Tabela 36: Ficha de Identificação dos Equipamentos / Mobiliários da Praça.

Equipamentos / Mobiliários	Quantidade
1. Bancos	
2. Posteação	
3. Iluminação	
4. Lixeiras	
5. Placas	
6. Sinaleiro	
7. Telefone Público	
8. Bebedouros	
9. Caminhos / Pisos internos	
10. Palco / Coreto	
11. Obra de arte	
12. Fonte / Chafariz	
13. Estacionamento	
14. Ponto de ônibus	
15. Ponto de táxi	
16. Quadra esportiva	
17. Espaço para atividades físicas	
18. Espaço para terceira idade	
19. Mesa de jogos	
20. Parque infantil	
21. Banca de revista	
22. Estabelecimentos para alimentação (fixos)	
23. Estabelecimentos para alimentação (móveis – trailers e barracas)	
24. Edificação institucional	
25. Monumento	
26. Comércio itinerante (camelôs)	
27. Banheiros	
28. Haste para bandeiras	

Fonte: Realizado pelo autor, 2018.

ANEXO 3

Tabela 37: Identificação da Vegetação da Praça.

VEGETAÇÃO	Inexistente	± 25%	± 50%	Totalidade
Forração				

VEGETAÇÃO	0-10	11-20	21-30	31 +
Pequeno porte				
Médio porte				
Grande porte				
Palmeiras				

Fonte: Realizado pelo autor, 2018.

ANEXO 4

Tabela 38: Estado de Conservação dos Mobiliários e Equipamentos e Qualidade do Uso da Praça.

Equipamentos / Mobiliários	Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo
Bancos					
Posteação					
Iluminação					
Lixeiras					
Placas					
Sinaleiro					
Telefone Público					
Bebedouros					
Caminhos / Pisos internos					
Palco / Coreto					
Obra de arte					
Fonte / Chafariz					
Estacionamento					
Ponto de ônibus					
Ponto de táxi					
Quadra esportiva					
Espaço para atividades físicas					
Espaço para terceira idade					
Mesa de jogos					
Parque infantil					
Banca de revista					
Estabelecimentos para alimentação					
Edificação institucional					
Monumento					
Comércio itinerante (camelôs)					
Banheiros					
Haste para bandeiras					
Qualidade do Uso					
Limpeza					
Conforto ambiental (térmico)					
Conforto sonoro					
Permeabilidade visual (barreiras físicas)					
Acessibilidade					
Segurança					
Vegetação					

Fonte: Realizado pelo autor, 2018.

ANEXO 5

Tabela 39: Atividades Sociais.

ATIVIDADES		FREQUÊNCIA / FLUXO DE PESSOAS			
		Nenhum	Baixo	Médio	Alto
Atividades Necessárias	Trabalho				
	Escola				
	Esperar ônibus				
	Entrega de Mercadorias				
	Passagem				
Atividades Opcionais	Caminhar				
	Contemplação				
	Passeio				
	Lazer				
	Jogos				
	Leitura de jornais e afins				
	Tocar instrumento musical				
	Utilização de drogas ilícitas				
	Venda de drogas ilícitas				
Atividades Sociais	Cumprimentos entre pessoas				
	Conversas entre conhecidos				
	Brincadeiras infantis				
	Encontro de jovens				
	Jogos de mesa				
	Casal de namorados				

Fonte: Realizado pelo autor, 2018.

PESQUISA DE OPINIÃO SOBRE A PRAÇA

Pesquisa de Mestrado de Mariana Maia da Cruz Fernandes (aluna regular do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGARQ)

Data: _____ Gênero: _____ Idade: _____

1. Grau de escolaridade:
 - a) Ensino Fundamental
 - b) Ensino Médio
 - c) Ensino Superior
 - d) Mestrado
 - e) Doutorado
 - f) Pós doutorado
 - g) Outro: _____
2. Ocupação atual:
 - a) Estudante
 - b) Trabalhador
 - c) Desempregado
 - d) Aposentado
 - e) Outro: _____
3. Você trabalha ou estuda quantas horas **por semana**? _____
4. Reside em Bauri? SIM NÃO
5. **Se SIM**, em qual bairro? _____
E há quanto anos? _____
6. **Se NÃO**, em qual cidade? _____
7. **Atualmente**, você frequenta a Praça Rui Barbosa? SIM NÃO
8. **Se NÃO**, Por quê? _____ (Passe para a pergunta 14)
9. **Se SIM**, qual ou quais atividades você realiza na Praça?
 - a) Passeio
 - b) Lazer
 - c) Contemplação
 - d) Comércio
 - e) Trabalho
 - f) Outro: _____
 Descreva brevemente sobre as atividades: _____
10. Você normalmente frequenta a Praça em:
 - a) Dias de semana (segunda a sexta-feira)
 - b) Finais de semana

- c) Qualquer dia
11. Você tem preferência em ir à Praça durante qual ou quais períodos:
 - a) Manhã
 - b) Tarde
 - c) Noite
 Por quê? _____
12. **Antigamente, antes da reforma de 1992** (quando ainda existiam os lagos), você frequentava a Praça Rui Barbosa? SIM NÃO
13. **Se NÃO**, Por quê? _____ (Passe para a pergunta 19)
14. **Se SIM**, qual ou quais atividades você realizava na Praça?
 - g) Passeio
 - h) Lazer
 - i) Contemplação
 - j) Comércio
 - k) Trabalho
 - l) Outro: _____
 Descreva brevemente sobre as atividades: _____
15. Você normalmente frequentava a Praça em:
 - d) Dias de semana (segunda a sexta-feira)
 - e) Finais de semana
 - f) Qualquer dia
16. Você tinha preferência em ir à Praça durante qual ou quais períodos:
 - d) Manhã
 - e) Tarde
 - f) Noite
 Por quê? _____
17. **Atualmente**, a Praça Rui Barbosa lhe agrada? SIM NÃO
- Por quê? _____
18. **Antes da reforma de 1992** (com a existência dos lagos), a Praça Rui Barbosa lhe agradava? SIM NÃO
- Por quê? _____
19. O que lhe vem à memória quando pensa na Praça Rui Barbosa? _____
20. Em sua opinião, o que poderia ser feito para melhorar a Praça Rui Barbosa? _____
21. O que a **atual** Praça Rui Barbosa representa para você? _____

Figura 124: Questionário de Opinião sobre a Praça Rui Barbosa.
Fonte: Realizado pelo autor, 2017.